THEATRO COMICO
PORTUGUEZ,
OU
COLLECÇAÕ
DAS OPERAS
PORTUGUEZAS,

Que ſe repreſentaraõ na Caſa do Theatro publico do Bairro Alto de Lisboa.

Offerecidas

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por ***

Quarta Impreſſaõ.

TOMO SEGUNDO.

De Pedro Borges Pacheco

LISBOA,

Na Officina Patr. de Franc. Luiz Ameno.

M. DCC. LIX.

Com as licenças neceſſarias, e Privilegio Real.

LABYRINTHO
DE
CRETA,

Que ſe repreſentou no Theatro do Bairo Alto de Lisboa, no mez de Novembro de 1736.

ARGUMENTO.

SUccedendo matarem os Athenienſes em hum torneyo a Androgeo, filho de Minos, Rey de Creta, eſte para vingar a morte do filho, depois de reduzir a Athenas à ſua obediencia, como vencedor lhe impoz hum rigoroſo tributo, de que lhe pagaria todos os annos ſete mancebos, que ſeriaõ ſorteados, por naõ haver excepçaõ na qualidade das peſſoas, de cujo feudo ſe alimentava o Minotauro, que exiſtia no Labyrintho fabricado por Dedalo. Cahio aquelle anno a ſorte ſobre Tezeo, Principe de Athenas, que ſendo para eſſe effeito conduzido a Creta, o intentaraõ com induſtrias libertar Fedra, e Ariadna, filhas do meſmo Minos. Até a ſabida

de Creta logrou Ariadna as primeiras estimações em Tezeo, ainda que ao depois preferisse a Fedra, deixando a Ariadna em huma deserta Ilha; porém como só tratamos nesta Obra dos successos de Tezeo em Creta, por essa razaõ se manifesta a Tezeo mais amante de Ariadna, que de Fedra.

O motivo, que se toma para o entrecho da presente Obra, he o considerarse a Tezeo já devorado pelo Minotauro, e sendo reputado por morto, manterse este engano até o fim, triunfando do furor do Minotauro, do enleyo do Labyrintho, e das iras de Minos.

INTERLOCUTORES.

Tezeo,	*Principe de Athenas, amante de Adriadna.*
Minos,	*Rey de Creta.*
Lidoro,	*Principe de Epiro, amante de Ariadna.*
Tebandro,	*Principe de Chypre, amante de Fedra.*
Dedalo,	*Barbas.*
Licas,	*Embaixador de Athenas.*
Ariadna, / *Fedra,*	*Filhas delRey Minos.*

Ta-

Taramella, *Criada de Ariadna.*
Sanguixuga, *Velha*, *criada de Fedra.*
Esfuziote, *Graciofo*, *criado de Tezeo.*
Soldados.

A Scena ſe figura em Creta.

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Boſque*, *e Marinha.*
II. T*emplo de Venus*, *e Cupido.*
III. *Camera.*
IV. *Gabinete.*
V. *Sala Regia.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Camera.*
II. *Labyrintho.*
III. *Sala.*
IV. *Gabinete com eſpelho.*
V. *Sala de columnata.*
VI. *Labyrintho.*
VII. *Boſque*, *e Marinha.*

PAR-

PARTE I.

SCENA I.

Bosque, e Marinha, e haverá no lado do Theatro huma gruta, e depois de se ver no mar huma armada fluctuando com tempestade, sahiraõ por junto da marinha Tezeo, e Esfuziote, tropeçando, e cahindo em terra sem ver hum ao outro.

Tezeo. VAlha-me o Ceo! *Cahe.*
Esfuz. Valha-me a terra! *Cahe.*
Tezeo. Haverá, como eu, homem mais infeliz?
Esfuz. Haverá infeliz mais homem, do que eu?
Tezeo. Pois parece, que conjurados os Deoses, os fados, e os elementos contra mim, nem nos Deoses acho piedade, nem nos fados fortuna, nem nos elementos abrigo.
Esfuz. Pois a pezar dos ventos, das ondas, e Tubarões me vejo saõ, e salvo, nesta praya.
Tezeo. Mas ay, infelices companheiros meus, se naufragantes nesse golfo tives-

tes urna cryſtallina, mais liquido monumento nas minhas lagrimas erijo a voſſas memorias, para que lea a poſteridade nos Cenotafios de meus ſuſpiros a voſſa lembrança, e o meu agradecimento.

Esfuz. Ora bom he contar da tormenta, que melhor he eſtar pingando neſta ribeira feito chafariz da praya, do que ſer fonte da pipa em vaza barrís.

Tezeo. A eſta deſerta praya me conduzirаõ as minhas infelicidades, adonde até para o alivio me falta a communicaçaõ dos viventes. Mas que vejo? Tu naõ es Esfuziote?

Esfuz. E vós, Senhor, naõ ſois Tezeo?

Tezeo. Tal eſtou, que naõ ſey quem ſou; mas dize-me, como indo a pique o noſſo navio te pudeſte ſalvar?

Esfuz. Porque ſempre fiz boas obras.

Tezeo. Já te julgava morto entre as ondas.

Esfuz. Senhor, a minha fortuna eſteve em achar huma ancora, a que me agarrey, e ſobre ella vim boyando, até dar comigo neſta praya, onde tenho a fortuna de te ver, pois tambem entendi eſtarias a eſtas horas cuberto de limos, e caramujos.

Tezeo. Para que, ſoberanas Deidades, defendeſtes a vida de hum infeliz? Para

que propicias me livraſtes deſſe ſalóbre marinho monſtro das aguas, ſe quando me redemis da morte, he ſó para perder a vida?

Esfuz. Eis-aqui o que eu naõ aturo: de ſorte, Senhor que quando te vias na tempeſtade, tudo eraõ votos, lagrimas, e promeſſas, e agora ingrato contra o Ceo, depois que te vês em terra firme, accuſas a piedade dos Deoſes, que te livraraõ? Ora, Senhor Tezeo, ponhamonos de joelhos, e com a boca na arêa eſcrevamos com a lingua louvores a Bacho, que nos livrou de bebermos agua ſalgada.

Tezeo. Deixa-me, Esfuziote, precipitarme outra vez neſſas ondas, para que com eſte arrojo emmende o erro dos fados.

Esfuz. Iſſo he fallar.

Tezeo. Pois tu ignoras o meu valor? Naõ ſabes, que ſou Tezeo?

Esfuz. Eu bem ſey, que he o valeroſo Tezeo, Principe de Athenas, cujas façanhudas obras fizeraõ, com que a fama deixaſſe o clarim, para ficar com a boca aberta: item ſey, que he aquelle Tezeo companheiro de Hercules, que tem morto mais gente, do que eu piolhos; porém *ſalva pace*, ainda me naõ conſta, que

que algum dia fizesses a heroica acçaõ de te lançares ao mar, e morrer affogado.

Tezeo. Pois para que o vejas, e contes ao Mundo, que Tezeo, como valente, e Estoico, antes que ignominiosamente perca a vida, procura sepultar-se nesse monumento de crystal. *Faz que se lança ao mar.*

Esfuz. Tenha maõ, Senhor; veja que aquillo naõ he crystal, saõ aguas vivas, que mataõ a gente: ora persuado-me, que na tormenta fizeste algum voto de morrer affogado.

Tezeo. Deixa-me, Esfuziote, ser piedoso esta vez comigo.

Esfuz. He boa obra pia querer matarse a si mesmo!

Tezeo. Para que quero eu viver?

Esfuz. Para viver; e he taõ pouco? Pois em quanto o páo vay, e vem, folgaõ as costas.

Tezeo. Ay misero de mim!

Dent. Dedal. Ay infeliz!

Tezeo. Naõ ouviste, Esfuziote, huma funesta voz?

Esfuz. Eu bem a naõ quizera ter ouvido, nem ouvidos nesta hora: ay Senhor, que será isto?

Dentr. Ao bosque, à selva.

Dentr. Ariad. Adonde te efconderás, cerdodofo bruto, do accelerado furor das minhas fettas?

Tezeo. Venatorias vozes faõ as que agora ouvi!

Esfuz. Aqui valerá mais a caça groffa do que a fina.

Tezeo. Em que Paiz eftaremos?

Esfuz. Pois fempre cuidey, que eftavamos em alguma deferta praya, em que fómente reina o birbigaõ com a ajuda las ameijoadas.

Canta-fe dentro o feguinte Coro.

Chegay, moradores de Creta, chegay,
Offerecey, dedicay
A victima pura de huma alma rendida
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Tezeo. Efpera: naõ ouves ao longe fonoras vozes de feftivos hymnos?

Esfuz. Já que fuppões, que eu fou furdo, quero tambem imaginar, que es cego: naõ vês defcer por aquelle monte huma formofa tropa de balhadeiras?

Tezeo. Que variedade de affectos ao mefmo tempo admiro nefta, que julguey barbara, e tofca montanha! Que te parece ifto?

Esfuz. Se o noffo navio aportaffe em Creta, para donde levava direito o rumo,

mo, differa, Senhor, que eſtavamos em o Labyrintho de Creta.

Tezeo. Oh naõ me falles em Creta, que naõ foy pequena fortuna o naõ eſtarmos nella; mas affirmo-te, que naõ poſſo penetrar o motivo de taõ differentes, e diſcordes vozes; pois quando da cavernoſa boca daquelle rochedo ouvi o funeſto *ecco*, que dizia. . . .

Dentr. Dedal. Ay miſero de mim! Ay infeliz!

Tezeo. E ao meſmo tempo eſcutar o vago eſtrepito de venatorias vozes, proferindo confuzas. . . .

Dentr. Ao monte, à ſelva, tó, tó.

Tezeo. E iſto acompanhado da ſonora melodia de acordes accentos articulando alegres.

Canta o Coro.

Chegay, moradores de Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Esfuz. Senhor, façamos aqui ponto de admiraçaõ, que as Ninfas já ſe vem apropinquando.

Tezeo. Pois occultemo-nos neſta gruta, ſó por ver iſto no que pára.

Esfuz. Vá feito; mas a meu ver, iſto naõ pára aqui.

Eſcondem-ſe na boca da gruta, e ſahiráõ hu-

humas Ninfas dançando ao som do Coro, e sabem Sanguixuga, Taramella, e Fedra, e canta o Coro.

Chegay, moradores de Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, é Amor.

Sang. Anda, rapariga, naõ te tresmalhes, e te percas por esses montes.

Taram. Ay tia, que já vou muy cansada!

Esfuz. Se quizer descançar, e fazer penitencia comigo nesta cova, naõ faça ceremonia, entre cá para dentro.

Taram. Ay minha tia, que me fallaraõ daquella cova! *Vai-se.*

Sang. Foge, Taramella, que será algum Satyro salvage. *Vai-se.*

Esfuz. Senhor, naõ sabe, que travessos olhos saõ os daquella boginica!

Tezeo. Attende, e naõ falles.

Sahe Fedra.

Fedra. Naõ cessem, Ninfas, os reverentes cultos, que em armoniosos hymnos dedica o nosso affecto às Deidades de Venús, e Cupido, por ver se com a nossa melodía se applaca o seu furor.

Teezo. Viste mais peregrina formosura?

Esfuz. Attenda, e naõ falle.

Fedra. Prosegui o acorde sacrificio de nossas vozes, dizendo:

Sahe Tebandro.

Teband. Galharda Fedra, para que te fatigas em ſubir a eſſe elevado Templo de Venus, e Amor, ſe aqui neſte lugar acharás as Deidades, que procuras?

Fedra. Principe, naõ vos entendo.

Teband. Naõ buſcas a Venus, e Amor?

Fedra. Eſſe he o meu reverente intento.

Teband. Pois ſe buſcas a Venus, outra mais bella ſe admira em tua formoſura; e ſe queres amor, procura-o em meu peito, que nelle o acharás.

Fedra. Naõ he eſſe o amor, a quem eu ſacrifico.

Teband. Talvez que foſſe bem empregada a victima deſſe affecto nas aras deſte amor, que ſem a impropriedade de cego, tem mais olhos do que Argos, para admirarte, e mais chammas, que o Veſuvio para abrazarme; admitte, pois. . . . .

Fedra. Baſta, Tebandro, baſta Principe de Chypre; ſe me julgais Deidade, naõ queirais ſacrilego ultrajar o meu decoro com taõ improprios ſacrificios, que mais offendem, do que applacaõ.

Tezeo. Hirey impedirlhe naõ paſſe a mais o ſeu atrevimento; pois antes de ter amor, já ſinto zelos.

Esfuz. Uy Senhor, voſſa mercê he o guarda

da damas ? Deixe à gente fazer o ſeu amor; *Quod tibi non vis, alteri non facias.*

T*eband.* Senhora, ſe atrevido o meu rendimento chegou. . . . . .

Fedra. Naõ mais, Principe, naõ mais: mas ay de mim, que já as Ninfas do Coro vaõ muy diſtantes! Vou-me em ſeu ſeguimento. *Vai-ſe*

T*eband.* Ay de mim, que Fedra cruel contra o meu amor accelerada ſe auſentou! Porém ſe te apartas, tyranna, por naõ ouvir as minhas vozes, o meſmo vento, que te deu azas para a fuga, te levara os eccos dos meus ſuſpiros.

Canta Tebandro a ſeguinte.

A R I A.

Se foges, tyranna,
De ouvir meus ſuſpiros,
Suſpende os retiros;
Porque de meus eccos
Naõ pódes fugir.
 Oh quanto te enganas
No mal, com que abrazas,
Se amor, que tem azas
Te ſabe ſeguir! *Vai-ſe*

Sahem Tezeo, e Esfuziote da gruta

Tezeo. Oh quanto me arrependo, Esfuziote, de naõ haver ſahido da gruta, para admirar de mais perto aquella ſoberana

bel-

belleza, e caſtigar a temeridade daquelle atrevido Faetonte, que intentou dominar as luzes de tanto Sol!

Esfuz. Tudo quanto os Deoſes fazem, he por melhor.

Dentr. A' ſelva, ao boſque.

Dentr. Ariadn. Deoſes, valei-me; quem me ſoccorre!

Tezeo. Daquelle viſinho boſque naõ ouviſte ſentidas, e afflictas vozes de huma mulher?

Esfuz. Senhor, eu naõ ſey, que nas vozes haja macho, e femea.

Dentr. Ariad. Deoſes, valeime!

Tezeo. De mulher he a voz, naõ ha duvida; em que me detenho, que naõ vou a ſoccorrella? *Quer irſe.*

Dentr. Dedal. Ay miſero de mim!

Dedal. e *Ariad.* Ay infeliz!

Tezeo. De huma meſma cauſa parece naſcem taõ differentes vozes: a qual das duas acodirey primeiro?

Esfuz. Eu, Senhor, aqui naõ tenho voz activa, nem paſſiva.

Dentr. Ariad. Naõ ha quem me ſoccorra?

Tezeo. Sim ha. *Vai-ſe.*

Esfuz. Ah Senhor, eſpere, naõ me deixe aqui ſó em poder deſt'outra voz, que ſou capaz de ficar ſem falla.

Sahe Tezeo com Ariadna desmayada.

Tezeo. Que estranho successo ! Que ven-
turoso acaso ! Pois a naõ ser eu , seri
esta infeliz belleza despojo da ferocida-
de de huma féra !

Esfuz. He féra desgraça ! He féra belleza
He féro desmayo!

Tezeo. Bellissima Deidade , cesse o violent
eclypse de teus rayos , que os Astros de
pendentes das tuas luzes naõ pódem bri-
lhar , quando defaleceis.

Ariad. Monstro feroz , e indomito : ma
ay de mim , que vejo !

Tezeo. Socegay , Senhora , que eu naõ sou
a féra , que vos quiz offender.

Esfuz. Nem eu taõ pouco.

Tezeo. Que extasis vos suspende os alentos
Ainda naõ credes , que sou quem vos de-
fende , e naõ quem vos offende ?

Ariad. Como ignoro o modo de agradece
taõ generosa acçaõ , que muito me fal-
tem as vozes , e me sobrem as admira-
çóes ?

Tezeo. Huma casualidade naõ he digna d
agradecimento ; mas já que o destino m
conciliou a fortuua de ser eu o ditoso
instrumento da vossa vida , quizera vo
compadecesseis da minha , que em paro-
cismos já quasi falece às mãos de huma
doce violencia. *Ariad.*

Ariad. Eu vos prometto defender a vossa vida, já que tanto me encareceis o seu perigo; e assim dizei-me, qual he o delicto, que vos obriga a viver foragido entre essas brenhas? Que gentil pre en-ça! *à parte.*

Tezeo. Senhora, sendo vós a culpada, eu he que sou o delinquente.

Ariad. Naõ entendo esse novo modo de criminar.

Tezeo. Dai-me licença, que me explique?

Ariad. Dizey.

Esfuz. Eilo-ahi meu amo namorado! Estamos bem aviados! *à part.*

Tezeo. Essa animada esféra de belleza, que em atractivos incendios, sendo luminoso iman de meu peito, foy luzida remora de meu alvedrio, que perdendo este a natureza de livre, se considera prezo, para augmentar os despojos no carro do amor.

Ariad. Que he amor? Estais louco? Adverti, que o ignorares quem eu sou, e o achar-se obrigada a minha vida ao vosso braço, faz com que reprima o castigo dessa temeridade. Oh dura ley do decoro; pois me hey de offender do mesmo, que me agrada! *à part.*

Esfuz. Toma lá esse piaõ na unha; ainda

bem, quanto folgo! *à part*

Tezeo. Notavel he o voſſo rigor!

Ariad. Mayor he o voſſo atrevimento. Oh que eſpirito digno de animar o peito de hum Principe! *à part.*

Tezeo. Já que a voſſa tyrannia he igual à voſſa belleza, permitti ao menos, que vos ame cá dentro em meu peito, para que os fumos da victima naõ eſcureçaõ as luzes da voſſa Divindade.

Ariad. Para iſſo naõ he neceſſario licença minha, que naõ poſſo impedir os effeitos do alvedrio.

Tezeo. Viſto iſſo, poderey, amando comigo, eſperar ſer ditoſo algum dia?

Ariad. Bem podeis eſperar; porém ſem eſperança. Valha-me amor, ou naõ me valha, pois me quer precipitar! *à part*

Tezeo. Deſenganai-me, Senhora; para que ou com a eſperança ſe alente o meu amor, ou acabe a minha vida na deſeſperaçaõ.

Ariad. Naõ ſey o que vos diga. Vou-me, antes que a lingua obedeça aos impulſos do coraçaõ. *Quer irſe.* *à part*

Tezeo. Sem darme repoſta, naõ he razaõ que vos vades; já que abateſtes os voos ao meu amor, deixay ao menos voar a minha eſperança.

Esfuz. Senhor, olha que te deitas a per-

de

der no que pedes; pois ſe queres, que voe a tua eſperança, ficarás ſem ella.

Tezeo. Deixa-me, louco. Dizei-me, Senhora, ſerey feliz?

Ariad. Eu volo digo.

Canta Ariadna a ſeguinte.

ARIA.

Dous finos affectos
Neſta alma conſervo:
Hum delles reſervo.
Se he amor, ou piedade,
Dizello naõ ſey.
    Porém ſe no extremo
Porfias conſtante,
Affecto de amante
Que ſeja, farey. *Vai-ſe*

Tezeo. Eſpera, eſquiva Deidade; ſe queres correr mais ligeira, deixa o alvedrio que me levas, e leva as penas que me deixaſte.

Esfuz. Entendo, que ſe agora viera outra Ninfa, terceira vez te namoravas?

Tezeo. Ay, Esfuziote, que me ſinto abrazar em vivo fogo.

Esfuz. Pois lança-te agora aó mar, que he boa occaſiaõ. Mas dize-me, Senhor, quando viſte a Fedra, naõ querias matar ao Principe de Chypre com zelos della? Pois como taõ depreſſa te queres

matar a ti pelo amor desta Senhora caçadora?

Tezeo. Naõ injuría ao Sol quem, antes de o ver, adorou huma Estrella; porém depois de visto o seu resplandor, seria aggravo de suas luzes, naõ preferillas a todos os astros.

Esfuz. Vês, Senhor? Se eu te deixara lançar ao mar, como querias, naõ tiveras visto agora tanta formosura; naõ te arrebataras; naõ te namoraras; naõ te abrazaras, e.....

Tezeo. E naõ te matara tambem; pois se me naõ impediras lançarme a essas aguas, naõ sentira agora esta violenta chamma de amor; e pois tu es a causa desta violencia, sentirás parte do estrago, que me arruina. *Dá-lhe.*

Esfuz. Ay Senhor, para que me dá agora esse Esfuziote? Deixe por ora esses namoricamentos, lembre-se, que o espera devorante goella de hum Minotauro.

Tezeo. Ainda por isso duplícas mais a tua culpa, pois com o precipicio do mar escuzara sentir as furias destes monstros de amor, e Minotauro. Ay tyranno Esfuziote, que me privaste do mayor bem, que era o morrer!

Esfuz. Uy Senhor, naõ seja essa a duvida, se

ſe ſó por huma cauſa te querias matar, agora que tens duas, toma duas mortes.

Dentr. Dedal. Acabem-ſe já por huma vez tantos pezares; rebente a mina, unica idéa do meu deſafogo.

Esfuz. Ay Senhor, que alli ha mina? Vamo-nos a ella; ay! Mina temos? Grande fortuna me eſpera.

Ao irſe chegando Esfuziote para dentro da gruta, rebenta eſta com eſtrondo, e labareda, e ficará Esfuziote ſubmergido debaixo das ruinas, das quaes ſahirà Dedalo.

Esfuz. Ay quem me acode, que dey à coſta na mina!

Tezeo. Que horrendo eſtampido! Parece que a terra preſaga da minha ruina em eſtragos publíca a minha deſgraça.

Sahe Dedalo.

Dedal. Valha-me o Ceo!

Tezeo. Que foy iſto, Esfuziote? Levanta-te. Mas que novo eſpectaculo ſe offerece à minha admiraçaõ! Quem es eſpantoſo aborto deſſa penha?

Dedal. Sou hum miſero infeliz, e taõ deſgraçado, que a terra ſendo mãy commua para todos, a mim de ſi me arroja, como madraſta.

Esfuz. Senhor Tezeo, reſuſcite-me deſta eſpelunca, adonde eſtou enterrado.

Tezeo.

Tezeo. Eſperay, naõ vos vades, em quanto vou acodir a eſte pobre criado, qu jaz opprimido debaixo da ruina daquella gruta.

Esfuz. Ande depreſſa, Senhor, que eſta pedras me naõ edificaõ muito.

Tezeo. Ergue-te, anda; he bem feito para caſtigo da tua ambiçaõ: quem te mandou ir ver a mina?

Esfuz. Porque, taõ fraca he a minha ambiçaõ, que tiveſſe pavor de chegar a eſſa mina? Mas ay de mim, que eſtou minado de dores, e tomara alguma contramina, que me ſaraſſe os oſſos!

Tezeo. Homem, quem quer que es, communica-me a cauſa das tuas penas, pois ſegundo o arrojo, que intentaſte, parece naſcida de algum extraordinario motivo.

Dedal. Se ſuppoens extraordinaria a cauſa deſte exceſſo, como poſſo fiar de ti a narraçaõ de meus ſucceſſos, ſem ſaber com quem fallo, pois no ſilencio conſervo a minha vida? E aſſim ſabendo primeiro quem tu es, entaõ ſaberás quem eu ſou.

Esfuz. Eſte ſem duvida he aquelle Senhor da voz groſſa, que nos metia medo.

Tezeo. Para que vejas, que a minha curioſidade

ſidade he ſincéra, quero dizerte quem ſou, para que da minha peſſoa poſſas inferir, que ſou capaz de ſer inſtrumento da tua felicidade. Depois, que os Athenienſes barbara, e aleivoſamente em hum torneyo mataraõ ao Principe Androgeo, filho de Minos, Rey de Creta, eſte juſtamente indignado contra os Athenienſes, fazendo huma liga offenſiva com os Principes do Archipelago, ſe lançaraõ ſobre Athenas, para reſuſcitar com o eſtrepito das armas o marcial eſpirito de Androgeo. Tres annos eſteve Athenas cercada, e reduzida à ultima miſeria; até que para ſalvar os proſtrados fragmentos de tantas vidas, que inermes pereciaõ a violencias da fome, e da corrupçaõ, levantando-ſe o povo tumultuariamente, capitularaõ com ElRey Minos, offerecendo-ſe à ſua diſcriçaõ.

Esfuz. Tudo aquillo me contava minha Avó.

Tezeo. O barbaro Rey, vendo que de huma vez naõ podia beber o ſangue dos Athenienſes, impoz o rigoroſo tributo, de que todos os annos pagaſſe Athenas ſete mancebos para alimento de hum monſtro, que chamaõ Minotauro, que dizem habita dentro em hum Labyrintho.

Dedal. Ay de mim!

Tezeo. Que? Sufpiras?

Dedal. Profegui, que os meus fufpiros naõ faõ fem fundamento.

Tezeo. Era pois a fórma defte tributo fem excepçaõ de peffoa alguma por mais foberana, que foffe; para o que todos em huma urna lançavaõ os feus nomes, e por fórte fe tiravaõ fete mancebos, que fe enviavaõ para Creta a ferem combuftivo feudo do Minotauro.

Esfuz. Se ifto naõ eftivera em letra redonda, haviaõ de dizer, que era mentira.

Tezeo. Efte anno (ay infeliz!) entre os fete do tributo fuy eu hum delles, que nem o nafcer filho delRey de Athenas, e fer o valerofo Tezeo, bem conhecido no Mundo pelo meu valor, foy baftante para ifentarme defte tributo; para o que, preparada huma armada, vinhamos para Creta, em cuja viagem os ventos, naõ fey fe propicios, ou indignados, depois de fer ludibrio das ondas, defpedaçando o noffo baxel, fem duvida perecera, fe huma taboa delle naõ fora o delfim de minha vida, que piedofo me conduzio a eftas prayas, fem faber aonde eftou. E pois já te tenho fatisfeito, fia agora de mim os teus fuccessos,

cessos, para que aches em minha generosidade o favor, que as tuas miserias estaõ conciliando.

Esfuz. Vejamos agora, o com que se descarta este barbado.

Dedal. Quando eu me considerava o mais desgraçado de todos os homens, acho que ha outros, que nasceraõ com mais infeliz estrella.

Tezeo. Explica-te, naõ me tenhas suspenso.

Esfuz. Vamos, Senhor, diga alguma cousa, ainda que seja huma fabula.

Dedal. Eu sou, generoso Principe, o infeliz Dedalo, aquelle, que por suas extraordinarias maquinas, e sublimes invenções se tem feito conhecido por todo o Mundo.

Tezeo. Basta que sois aquelle celebre Dedalo, cujas artificiosas idéas tem merecido os elogios do Orbe? Naõ sabeis quanto me alegro ver hum homem taõ grande.

Esfuz. Basta que vossa mercê he o Senhor Dedalo, padre mestre das minas a pezar do meu corpo? Ay, espere; vossa mercê naõ he o pay do Senhor Icaro?

Dedal. Tu conheceste a Icaro, meu filho?

Esfuz. Eu naõ, Senhor, mas lembra-me de o ver pintado com humas azas, que

cahin-

cahindo em hum rio, ſe foy como hum paſſarinho.

Tezeo. Calate, neſcio; proſegui, Dedalo.

Dedal. Proſigo: Vivendo eu na Corte del-Rey Minos de Creta, com a eſtimaçaõ, que mereciaõ as minhas raras idéas, ſuccedeo, que Venus indignada contra o Sol, que em certa occaſiaõ patenteou as ſuas torpezas, naõ podendo vingarſe em ſuas luzes, pedio a ſeu filho Cupido, que contra a Rainha Pazife fulminaſſe o ſeu rigor, fazendo Cupido a inſtancias de Venus, que Pazife ſe namoraſſe de hum Touro.

Esfuz. De hum Touro? Teve muito bom goſto a Senhora Patife.

Dedal. Pazife combatida de taõ torpe, e nefando amor, pedio-me, que lhe deſſe remedio a taõ louco incendio, em que ſe abrazava, fazendo com alguma maquina minha, com que ella pudeſſe lograr o ſeu intento, antes que a ſua cegueira produziſſe olhos, que viſſem publicamente eſta nunca viſta temeridade de Cupido; eu em fim por eſcuſar mayor eſcandalo, me reſolvi a fabricar huma Vaca, com tanto artificio, que apenas ſe diſtinguia das outras viventes; pois no movimento, e aſpecto, parece quiz

eſta

esta vez competir a arte com a natureza.

Esfuz. E essa Vaca havia de ser deleite para Pazife.

Dedal. Fabricada assim a Vaca, por huma escotilha, que nella fiz, se introduzio Pazife, em cuja figura artificiosamente transformada foy facil enganar ao Touro, a quem amava; o demais calla-o, silencio, porque se naõ offenda a modestia.

Esfuz. Sim, bem entendo; sim, Senhor; o Touro, e a Vaca, &c.

Dedal. Deste nefando amor nasceo hum monstro de duas especies, pois era meyo homem, e meyo Touro, por cuja causa o chamaraõ Minotauro.

Esfuz. Desses monstros ha muitos no Mundo.

Tezeo. Ay Dedalo, que tu foste a occasiaõ da minha desgraça!

Dedal. E tambem da minha: ora attende: vendo Minos naquelle monstro a sua perpetua infamia, me ordenou, que para morada delle fabricasse hum estupendo, e grande Palacio, com taõ equivocas entradas, e sahidas, que quem nelle se introduzisse, naõ pudesse atinar com a porta, para sahir, ficando prezo na sua mesma liberdade; que por este enredado artificio se chamou o Labyrintho de Creta.

Tezeo.

Tezeo. Segunda vez te confidero artifice de minhas infelicidades.

Esfuz. Que direy eu, que tenho o corpo efparramado?

Dedal. Em fim, como naõ ha coufa, que fe naõ faiba; quiz a minha defventura, que chegaffe à noticia delRey Minos, que eu tinha cooperado para o nafcimento do Minotauro, por cuja caufa me mandou encerrar no mefmo Labyrintho, que eu fabriquey, na parte mais inferior delle, adonde a minha induftria, e defefperaçaõ, fez com que minando com ardentes materiaes as entranhas da terra, fahiffe defta gruta, como vifte.

Tezeo. Vifto iffo, eftamos em Creta, e às portas do Labyrintho?

Esfuz. E às portas da morte: Ora o certo he, Senhor, que donde has de ir, naõ has de mentir; por iffo, tanto que eu puz os narrizes em terra, logo me cheirou a Labyrintho.

Tezeo. Ninguem póde ifentarfe da violencia dos fados.

Dedal. Principe, já que nefte bofque de ninguem foftes vifto, efcondei-vos nefta mefma mina, até que tenhais occafiaõ de fugir da morte, que vos efpera.

Tezeo. Que quer dizer fugir? He acçaõ, que

que nunca exercitey. Que dirá o Mundo, ſe ſe diſſer, que Tezeo fugio da morte, e que o acovardou hum monſtro, quando tantos tenho vencido?

Esfuz. Naõ tem, que ſe canſar, que eſte Senhor anda morto por ſe matar.

Dedal. Como vos naõ quereis eſconder, e certamente haveis de ir parar ao Labyrintho, eu por acompanharvos nelle, me reſolvo a ſer outra vez habitador da ſua confuſaõ, para que ao menos com a minha induſtria poſſais vencer eſſe monſtro, e vingarmo-nos deſſe tyranno Rey, que à voſſa Patria, e a mim tanto offende.

Tezeo. O' Dedalo, eu te prometto, que ſe entro em Athenas triunfante, ſerás em minha Corte premiado, como merece taõ generoſa acçaõ.

Dedal. Pois a Deos, Principe, que lá te eſpero. *Torna a irſe pela gruta.*

Esfuz. A Deos, Senhor Dedalo, voſſa mercê faça muito boa jornada.

Tezeo. Adverte, Esfuziote, que ſe revelares o que ouviſte, ſerás caſtigado por ElRey meu pay, pois o braço de hum Rey chega a toda a parte; e ſe fores fiel, e eu tiver a fortuna de vencer eſte monſtro, te prometto hum premio igual à tua lealdade.

Esfuz.

Esfuz. Senhor, nem todos os criados haõ de ſer lambareiros; peça a Deos, que me tenha maõ na linga, que eu da minha parte farey o que puder, ainda que me custe.

Sahe Licas Embaixador.

Licas. Ay Tezeo, que infeliz ventura foy a minha! Pois quando te julguey naufragante neſſas ondas pela tormenta, em que tantos baixeis da noſſa armada pereceraõ, aqui te venho a encontrar, depois de procurarte por toda eſſa marinha, para ſeres alimento do Minotauro: Oh que deſgraça!

Tezeo. Licas amigo, muito me alegro de verte; e pois que em Creta vives com o caracter de Embaixador de Athenas, para fazeres a funeſta entrega dos ſete infelices tributarios do Minotauro; vem a apreſentarme a eſſe tyranno Rey, para que ſacîe em noſſo ſangue a ſede de ſua impiedade.

Licas. Oh quem naõ tivera tal incumbencia!

Esfuz. Ah Senhor Embaixador, ſaiba Voſſa Senhoria, que eu naõ morri na tormenta.

Licas. Eſtimo a tua fortuna, Esfuziote; vamos Tezeo.

Tezeo.

Tezeo. Dizei-me primeiro quem era huma Ninfa, que ſeguida de outras em hum feſtivo coro por aqui paſſou, chamada Fedra?

Licas. He huma Infanta, filha mais velha delRey, que com a bella comitiva hiaõ para o Templo de Venus, e Cupido, a quem ſacrificaõ todos os annos, para que ſe applaque o ſeu rigor, fazendo com que ceſſe a infame injuria do Minotauro.

Tezeo. E naõ era mais facil matar o Minotauro, para que ceſſe a ſua affronta?

Licas. Naõ, que eſte monſtro, como conſagrado a Venus, e Cupido, corre por conta deſtas Deidades a ſua conſervaçaõ.

Esfuz. E diga-me, Senhor Embaixador, quem era huma femininfa, chamada Taramella, que tambem hia neſſa turba multa raparigã; e por final, que quando andava, levantava os pés do chaõ?

Tezeo. Naõ te callarás?

Esfuz. Uy Senhor, cadaqual pergunta pelo que lhe pertence.

Tezeo. E quem era outra Ninfa, que no exercicio da caça a livrey da ferocidade de huma féra?

Licas. Seria ſem duvida a Infanta Ariadna, filha tambem delRey Minos, que mais adora a Diana nos boſques, do que a Venus nos templos.

Tezeo.

Tezeo. Ay Licas, que essa Ariadna......

Licas. Senhor, vamos; naõ cuides por ora nisso.

Tezeo. Foy a homicida. . . .

Esfuz. Senhor, lembre-se da sua alma, e deixe Ariadna.

Tezeo. Da minha vida primeiro, que o Minotauro. . . . .

Licas. Vamos, Senhor. *Vai-se.*

Tezeo. Vamos, Licas: ay Ariadna! *Vai-se.*

Esfuz. Ay Minotauro! *Vai-se.*

SCENA II.

Templo com as Estatuas de Venus, e Cupido, e huma pyra ardendo. Sahe Lidoro, e canta-se o seguinte.

CORO.

Chegay, moradores de Creta, chegay
Ao Templo divino de Venus, e Amor.

Lidoro. QUiz anticiparme neste Templo de Venus, e Cupido, por ver se nelle encontro a bella Ariadna, e mostrarlhe a semrazaõ de sua tyrannia, e o justo motivo do meu incendio; pois sem que me valha o ser Principe de Epyro, e ter deixado a minha Corte, por vir

a esta

a esta de Creta, só a pertender o seu ditoso Hymenêo, com tudo o seu rigor sempre implacavel se mostra às minhas finezas. O' Deidades soberanas de Venus, e Amor, em cujas aras arde a victima de meu coraçaõ, fazey que seja ditoso, quem sabe ser amante.

Ariad. Que violenta vinha algum dia a este Templo de Venus, e Amor! Porém, depois que no bosque vi aquelle. . . . . Mas quem está aqui?

Lidor. Quem ha de ser, senaõ huma sombra inseparavel do vosso Sol, que por influxo desse mesmo Astro se considera Clicie de vosso resplandor?

Ariad. Bem podéreis, Lidoro, deixar essa loucura de vosso amor; naõ tem bastado tantos desenganos, para despersuadirvos, que mais facil será, que o Sol naõ allumie, que a escuridade resplandeça, e que o fogo esfrie, quc no meu peito possa haver amor, com que corresponder-vos?

Lidor. Em fim, Senhora, esse he o ultimo desengano da vossa tyrannia?

Ariad. Admiro-me, que tenhais este desengano pelo ultimo, quando podéreis fazer esse conceito do primeiro.

Lidor. Assim premiais as minhas finezas?

Ariad. Para que as obraſtes ſem minha licença, ſabendo, que niſſo me offendieis?

Lidor. Pois para que naõ vos offenda quem ſó vos deſeja agradar, eu me retiro dos voſſos olhos, que ſó por darvos eſſe prazer, ſerey cruel para comigo. *Quer irſe.*

Sahe o Rey, Fedra, e Tebandro.

Rey. Lidoro, que he iſſo? Quando todos vimos a eſte annual ſacrificio, que em oblaçaõ reverente conſagra o noſſo rendimento nas aras deſſas Deidades de Venus, e Amor, te retiras?

Lidor. Senhor, a procurarte hia, vendo, que tardavas.

Rey. Fedra, Ariadna, naõ ceſſem as voſſas rogativas, para que eſſas Deidades menos indignadas nos livrem da perpetua infamia deſſe Minotauro, como labéo affrontoſo da noſſa regia eſtirpe. Ay Pazife fragil, ſeja a tua memoria abominavel nos ſeculos futuros!

Teband. Senhor, temo, que eſſa melancolia te acabe a vida; lembra-te, que es ElRey Minos, para que com a tua conſtancia toléres os golpes do pezar.

Fedra. Senhor, Voſſa Mageſtade deve buſcar algum meyo efficaz, para que ceſſe a ſua mágoa, e a noſſa affronta.

Lidor. Tudo poderá ter remedio, excep-

to

to o meu tormento. *à part.*

Ariad. Senhor, ſe eſtamos neſte Templo de Venus, e Amor, porque naõ conſultas o ſeu Oraculo, para que nos declare, quando terá fim a vida do Minotauro?

Rey. Ariadna, eſſe conſelho he filho do teu ſubtil engenho; pois attençaõ, que neſta fórma conſulto o ſeu Oraculo. Venus ſoberana, compadecida a noſſos gemidos, e grata a noſſos votos, declaranos, quando terá fim a vida do Minotauro, cuja exiſtencia aviva a noſſa ignorancia.

Canta o Oraculo o ſeguinte.

Quando deſſe biforme monſtro horrendo
Vires ſer alimento combuſtivo
Hum vivo morto, e hum morto vivo.

Rey. Enigmatica, e prodigioſa he a repoſta; pois diz, que terá fim a vida do Minotauro, quando lhe ſervir de alimento hum vivo morto, e hum morto vivo. Quem vio mayor confuſaõ!

Lidor. He eſtylo dos Oraculos reſponderem por enigmas.

Fedra. Que prodigio!

Lidor. Ainda em mayor duvida ficamos; pois como poderá ſervir de alimento

hum morto vivo, e hum vivo morto?

Todos. Quem ſerá eſte morto vivo?

Dentr. Licas. Tezeo, entra.

Rey. Tezeo diſſeraõ alli; parece myſterio, o que ſeria caſualidade.

Teband. Caſualidade he; pois quem poderá ſer morto, e vivo, ao meſmo tempo?

Sahem Tezeo, Licas, e Esfuziote.

Tezeo. Eu; eu ſou, ò Rey Minos, o Principe Tezeo, hum dos ſete infelices, que Athenas envia para o feudo do Minotauro.

Licas. Tezeo, Principe de Athenas, foy ſobre quem eſte anno cahio à infeliz ſórte do tributo; taõ rigoroſo he o eſcrutinio, que nem a ſua regia peſſoa ſe póde iſentar.

Rey. Tudo o que vejo ſaõ prodigios! Vem, Tezeo, a meus braços.

Tezeo. Senhor, a teus pés ſe offerece, quem já nem he ſenhor da ſua vida para dedicarta; porém eſtes breves inſtantes, que o alento ſe me dilata, deſejara diminuillos, para que mais depreſſa ſe ſatisfaça a tua vontade. *ajoelha.*

Rey. Levantai-vos, eſclarecido Tezeo, que ſuppoſto vos conduziſſe a fortuna a taõ infeliz eſtado, ſereis entre tanto reſpeitado como Principe, e naõ como réo.

Esfuz.

Esfuz. He muito boa consolaçaõ! Aquillo he o mesmo, que engordar para matar.

Ariad. Ay de mim, que Tezeo, foy quem me livrou daquella féra no bosque! *à p.*

Fedra. Oh quem pudera livrar a Tezeo, de taõ funesta morte, pois a sua presença conciliou em meu peito, naõ sey se amor, ou compaixaõ! *à part.*

Tezeo. Principe, sinto com a minha vida naõ poder remediar a vossa; porém o vosso valor será o lenitivo dessa infelicidade.

Lidor. Tezeo, os que nascemos Principes isentos da jurisdicçaõ humana, naõ nos podemos eximir da violencia dos astros, que influem rigorosos; e assim naõ he necessario lembrarvos de quem sois, para infundir alentos ao vosso espirito.

Tezeo. O meu agradecimento, e as vossas piedades nesta occasiaõ saõ inuteis.

Esfuz. Que esteja meu amo recebendo em sua vida os pezames da sua morte! He boa paxorra!

Tezeo. Esfuziote, aquella naõ he a Ninfa, que eu tive em meus braços desmàyada?

Esfuz. Sim, Senhor, ella he a mesma; e vejaõ o que tem crescido! Ah Senhor, e tambem a outra he aquelloutra.

Rey. Dizey-me, Embaixador: E todos os ſete mancebos do tributo vem com o Principe Tezeo?

Licas. Como houve, Senhor, huma grande tempeſtade, em que o baixel naufragou, muita parte da gente pereceo, e dos tributarios ſó ſe achaõ ſeis com o Principe.

Rey. Eu naõ hey de receber menos numero, que o de ſete; pois nem ainda todo eſſe ſangue he baſtante, para illidir as manchas de voſſas aleivoſias.

Esfuz. Eſte Rey ſerá amigo de ſarapatel? *à part.*

Tezeo. Senhor, ſendo eu Principe, parece, que valho por dous.

Licas. E quando naõ, aqui eſtá eſte criado, que completará o numero dos ſete.

Esfuz. Irra: Ah Senhor Embaixador, façame mercê de ſe naõ meter com as vidas alheas; he boa graça!

Licas. Naõ vês, que ElRey eſtá teimoſo, em que ſejaõ ſete, e naõ ha ſenaõ ſeis; e como tu eſtás aqui, por força has de ſer hum delles?

Esfuz. Senhor Minotauro, requeiro a Voſſa Mageſtade. . . . .

Tezeo. Adverte, que ElRey chama-ſe Minos, e naõ Minotauro.

Esfuz.

Esfuz. De Minos a Minotauro pouco vay.

Licas. Senhor, Vossa Magestade saiba, que este homem he hum tonto.

Esfuz. Sim, Senhor, sou taõ tonto, que desse monstro naõ quero ser comido por concomitancia; e logo requeiro a Vossa Magestade, que o Minotauro menaõ póde comer.

Rey. Porque?

Esfuz. Porque he meu inimigo capital.

Rey. Porisso mesmo te comerá.

Esfuz. Naõ, Senhor, que quem me quer mal, me naõ póde tragar.

Lidor. O homem he divertido, quero apurallo: homem, o Minotauro naõ sabe fazer differença de amigos, e inimigos.

Esfuz. Ainda essa he peyor! Pois, Senhor, eu desengano, que se o Minotauro me come, bem lhe póde abrir a cova, que morre sem falta.

Lidor. Porque?

Esfuz. Porque sou hum veneno.

Lidor. Tambem o Minotauro he venenoso, e hum veneno naõ mata outro veneno.

Esfuz. Para que se cansaõ, Senhores? Saibaõ, que eu para alimento sou muito indigesto.

Rey. Seja como for, elles haõ de ser sete mancebos os do tributo.

Esfuz.

Esfuz. Aque de Voſſa Mageſtade; Senhor, por força haõ de ſer ſete mancebos?

Rey. Aſſim foy a capitulaçaõ.

Esfuz. Pois eu naõ poſſo ſervir para iſſo.

Lidor. Porque naõ?

Esfuz. Porque naõ; porque eu naõ ſou ſete mancebos, ſou hum ſó; e ainda eſſe ſabe Deos o que vay por cá.

Lidor. O Minotauro naõ ha de engolir os ſete mancebos juntos por huma vez, ſenaõ hum a hum.

Esfuz. Uy, Senhor, que tem o Minotauro, que ſe amancebar com a minha vida?

Lidor. Senhor, o criado convem conſervallo, que he galante.

Rey. Andar cuidaremos niſſo: o Embaixador hoſpéde a Tezeo; Lidoro, vem comigo. *Vai-ſe*

Lidor. Ainda ſem eſſe preceito iria, ſó por naõ ver a huma ingrata, que tanto tyranniza os meus extremos. *Vai-ſe.*

Fedra. Toda a minha alma occupa a peſſoa de Tezeo: verey ſe acho algum meyo de redimir a ſua vida. *à part. e Vai-ſe.*

Teband. Vamos, coraçaõ, a experimentar novas tyrannias em Fedra. *à p. e Vai-ſe.*

Licas. Tezeo, vem. *Vai-ſe.*

Tezeo. Vay, que eu te ſigo.

Esfuz. Vá-ſe cos diabos Embaixador de

huma

huma figa, que eu lha pregarey.

Tezeo. Bellissima Ariadna, que venturosa seria a minha morte, se eu levara a certeza de que ao menos na tua memoria vivia conservado este extremo de meu amor! Lembra-te, bella homicida, naõ de me isentares da morte, que me espera, mas sim deste amoroso tormento, que me afflige.

Ariad. Tezeo, quando no bosque vos considerey forasteiro, reprehendi o vosso atrevimento, e agora que vos reconheço Principe, estranho muito o vosso delicto; e pois quando me déstes a vida, prometti defender a vossa, estou prompta a cumprir a minha palavra. Ay amor, quem pudera declararse! *à part.*

Tezeo. Naõ peço recompensa de huma acçaõ, que ao principio naõ foy executada a vosso respeito, por ser casual aquelle arrojo do meu valor, e natural obrigaçaõ de hum generoso peito: só desejara, que naõ desprezasseis este bem nascido affecto de meu amor.

Ariad. Principe, aceitay por ora a minha recompensa, que quem vos ampara a vida, talvez que a faça venturosa.

Esfuz. Aceita, Senhor, que ao máo pagador, em farellos.

Tezeo.

Tezeo. E quem me aſſegura eſſa eſperança?

Ariad. Se naõ vos ſatisfazeis da minha palavra, ſolemnemente o jurarey neſſa immortal pyra de Venus, e Amor.

Tezeo. Pois eu tambem para revalidar o meu voto, neſſa chamma de amor, ſerey Fenix da minha fineza, para que das cinzas dos teus eſtragos renaſçaõ os extremos dos meus ardores.

Cantaõ Ariadna, e Tezeo o ſeguinte.

Tezeo. O' tu candida filha do ſalſo elemento.

Ariad. O' tu cega Deidade, que as almas dominas,

Tezeo. Sabey, que eu amante,

Ariad. Sabey, que eu conſtante,

Tezeo. Prometto abrazarme de amor nos incendios,

Ariad. Prometto guardar do Principe a vida,

Tezeo. Com fé inviolavel,

Ariad. Com voto ſagrado,

Ambos. Da morte, e da vida no ultimo eſtado. *Vaõ-ſe.*

Esfuz. Naõ me póde eſquecer alcovitarme o Senhor Embaixador, para que eu foſſe paſtinho do Minotauro! Mas pelo ſim, pelo naõ, já que me acho recolhido no ſagrado deſte templo, daqui naõ ſahirey, ainda que me deitem a páos: mas

mas ay, que ahy vem aquella moça chamada Taramella, que eu ví no boſque! Eu me eſcondo atrás deſta Eſtatua, para que me naõ veja, e obſervarey o que faz.

Poem-ſe Esfuziote a traz da Eſtatua, e ſahe Taramella com huma vaſſoira na maõ.

Taram. Graças a Cupido, que já todos ſe foraõ, e poderey ſem impecilhos exercitar o voto, que tenho feito de varrer todos os dias eſte Templo de Venus, para que me caſe com hum moço frança, deſtes de paſta na cabelleira, e relogio de pendurucalhos!

Esfuz. Ay que Taramella quer que Venus a caſe! E ella o fará! Valha-me agora a induſtria de amor.

Varrendo o Templo Taramella, canta o ſeguinte.

Taram. Ay amor, ſe me dás hum marido,
Vaſſoira vivente do Templo ſerey.

Esfuz. Quero fingir, que ſou Venus.

Canta Esfuziote o ſeguinte em falſete.

Taramella, ſe queres marido
Aqui meſmo no Templo, no Templo o darey.

Taram. Ay que Venus me reſponde favoravel à minha petiçaõ! O' minha Deoſa, dizei-me outra vez quem ſerá o meu ditoſo marido?

Can-

Canta Esfuziote o ſeguinte Recitado em falſete.

Teu marido ſerá em teu conforto
Hum morto vivo, e hum vivo morto.

Taram. Que galante repoſta! Entendo, que nunca caſarey; pois como póde ſer meu marido hum vivo morto?

Sabe Esfuziote.

Esfuz. Agora eu: Sapientiſſima Taramella, hum naufragante peregrino, combatido das ondas, mareado dos mares, açoitado dos ventos, e enjoado das mareſias, vem hoje a offerecer o traquete do ſeu amor aos joanetes de teus pés, para que dependurado no templo de tua formoſura ſe oſtente troféo da tua galhardia.

Taram. Que galante couſa! Explique-ſe, que eu ainda naõ ſey o que voſſa mercê me diſſe.

Esfuz. Saõ effeitos do crepitante incendio, que o bolcaõ de meu peito tranſpira pelos meatos do idioma.

Taram. Senhor Eſtrangeiro, eu naõ entendo palavra.

Esfuz. Já que naõ entendes de eſtylos creſpos, te fallarey em frazes eſtiradas: Eu, Senhora Taramella, ſou hum Soldado da fortuna, que a venho buſcar mais dito-

ditoſa no conjugio de voſſa mercê.

Taram. Tire-ſe para lá, naõ venha zombar da gente; ande, vá-ſe, deixe-me acabar de varrer, para que entre o lixo do Templo encôntre o marido, que a Deoſa me promette.

Esfuz. Suſpende, galharda Ninfa, eſſa vaſſoira dos ſentidos, eſſa eſcova das almas, eſſe baſculho do coraçaõ, eſſe eſpanador das potencias, e eſſe esfulinhador dos affectos; pois já por ti me conſidero louco varrido.

Taram. Ay Senhor, naõ me falle niſſo, que eu ſou muito ſizudinha, e huma moça donzella, que eſtou aqui para honra, e caſamento.

Esfuz. Se eſtás aqui para honra, e caſamento, tudo achaſte em mim.

Taram. E de que ſórte?

Esfuz. Eu te digo: ſe eſtás para caſamento, aqui tens marido, e ſe para honra, honra terás ſe caſares comigo; e naõ digo o mais, pois ſem ſaber ſe me queres, naõ te direy quem ſou.

Taram. Pois ſó ſaberey querer, quando ſouber quem voſſa mercê he.

Esfuz. Pois, Taramella, promettes pôr o teu nome na boca?

Taram. Sou taõ callada, que naõ como, por naõ abrir a boca.

Esfuz. Já que es taõ ſecreta, ſaberás, que eu ſou o Principe Tezeo, ſobre quem cahio a ſórte, (ou o azar, para melhor dizer) de ſer alimento do Minotauro: eu para eſcapar deſta comichaõ, me ajuſtey por huma grande ſomma de dinheiro com hum criado meu, chamado Eſfuziote, para que diſſeſſe, que era eu, e déſſe a vida por mim; e como o criado me queria bem, naõ foy difficil o morrer por mim.

Taram. E ha homens, que ſe mataõ por dinheiro?

Esfuz. Filha, todos morrem por dinheiro. Em fim trocámos os veſtidos, e os nomes; pois elle morre com o nome de Tezeo, e eu vivo com o de Esfuziote.

Taram. Ay Senhor, Voſſa Alteza, ſendo quem he, quer caſar com huma raſcoa, podendo empregarſe em huma Princeza? *Ajoelha.*

Esfuz. Levantai-vos: prometti a Venus em huma tempeſtade, que tive, caſar com a primeira mulher, que viſſe em terra, que foſte tu, ſe acaſo te lembra hum beliſcaõ, que te dey hoje, vindo tu dançando por eſſes boſques.

Taram. Ay, he verdade; baſta, que foy V. Alteza? *Esfuz.*

Esfuz. Fuy eu, que te quiz marcar com a unha, para a todo o tempo te conhecer; pois que dizes? Eſtá juſto o teu amor, ou ainda pecca em alguma deſconfiança?

Taram. Senhor, tudo eſtá muito bem; mas Venus me diſſe, que havia ſer meu marido hum vivo morto, e Voſſa Alteza naõ he morto vivo.

Esfuz. Iſſo he o que te parece; queres ver como eu ſou eſſe, que te diſſe a Deoſa? Ora attende.

SONETO.

Eu ſou, ò Taramella, o vivo morto,
Que por ti me imagino morto, e vivo;
Mas naõ cuides, que vivo, porque vivo,
Pois ainda quc vivo, vivo morto:
Na cova de hum deſdem me enterras morto,
No aceno de hum favor me alentas vivo,
Se me affagas, deſperto como vivo,
Se te agaſtas, esfrio como morto:
Neſta batalha, pois, de morto, e vivo,
Na vida de hum favor me alentas morto,
Na morte de hum deſdem me matas vivo:
Sou em fim, morto vivo, e vivo morto,
Se qual Fenix nas cinzas, quando vivo,
Mariposa nas chammas, quando morto.

Taram. Já ſey, que Voſſa Alteza he o vivo,

vo, e morto, que me diſſe a Deoſa; mas como caſa por voto, e naõ por amor, ſerá o ſeu matrimonio mais por força, que por vontade.

Esfuz. Taramella, no amor toda a vontade he forçada; pois quem por ſeu goſto ha de appetecer os ſopapos de Cupido, e os pontapés de Venus, que para adorno do ſeu rigor fazem galla da tyrannia, e gallacé do martyrio?

Taram. Para que ſocegue a minha deſconfiancia, e acredite o ſeu amor, meta Voſſa Alteza a maõ naquelle fogo de Amor, no qual ſe experimenta dos amantes a conſtancia; ſe a chamma o naõ abrazar, conhecerey, que me quer bem, e quando naõ, he certo, que quem ſe queima, alhos come, que eſſa he a virtude eſpecial daquelle fogo.

Esfuz. E que tem o amor com os alhos?

Taram. Naõ vê, que o alho deſtroe a virtude do Iman, que he o ſymbolo do amor?

Esfuz. Iſſo he couſa de Poetas; mas ſe queres, que pelo meu amor meta a maõ neſſe fogo, eu o farey, que ſe elle naõ abraza a quem ama, ſeguro eſtou de offenderme o ſeu incendio.

Taram. Ora vá, e naõ trema.

Can-

Cantaõ Esfuziote, e Taramella a seguinte.

ARIA A DUO

Taram. Meta a maõ na chamma ardente,
E verey o seu amor.
Esfuz. Tu verás como valente
Naõ me abraza o seu ardor;
Mas ay, que me abrazo! *Mete a maõ.*
Mas ay, que me queimo!
Taram. Assopra.
Esfuz. Eu assopro.
Taram. Vá-se dahi,
Já sey me naõ ama.
Esfuz. Se vês, que me inflammo,
Porisso te amo.
Ambos. E se acaso inda o duvidas,
Este *fogo* to dirá.
Taram. Já tenho entendido,
Esfuz. Já tenho alcançado,
Taram. Que o cego Cupido,
Esfuz. Que o monstro vendado,
Ambos. *Ahi* naõ está.

Esfuz. quãdo falla em fogo *aponta para o seu peito, e Taram. para a pyra.*

Na palavra ahi *aponta Taram. para o peito de Esfuz. e este para a pyra.*

Sahe Sanguixuga.

Sang. Tambem este murro to dirá, desavergonhada, louca, furada do miollo; tu aqui cantando só hum Duo com hum machacaz? Ay mofinos sessenta e tres annos!

Taram. Minha tia, naõ se agaste, que mal sabe o que vay.

Sang. Que vay, nem que vem? Que fazias ahi dando à taramella com esse magano?

Taram. Ay que blasfemia! Naõ diga tal, que mal sabe quem alli está.

Esfuz. Sempre hey de encontrar com velhas! He bom fadario!

Sang. Pois dize-me, que homem he esse?

Taram. He hum homem grande; nós fallaremos mais devagar.

Sang. Homem grande he besta de páo, e tu es besta em carne, que te deixas enganar de semelhantes velhacos.

Esfuz. Que he isso, Taramella?

Taram. Senhor, he minha tia, que se vem pôr aos pés de Vossa Alteza. Tia, faça o que lhe digo, que naõ sabe a fortuna, que nos espera. *à part.*

Sang. Senhor, Vossa Alteza dê-me os seus pés.

Esfuz. Se vos der os meus pés, ficareis com quatro.

Sang. Senhor, Vossa Alteza releve a minha desattençaõ, que eu o naõ conhecia.

Esfuz. Naõ vos culpo o naõ conhecerme, que nós os Principes naõ temos sobrescrito; e ainda que o tivera, como naõ sabeis ler, naõ podieis soletrar no alfa-

beto

beto de minha peſſoa os caracteres de minha nobreza: levantai-vos; como vos chamais?

Sang. Sanguixuga, meu Senhor.

Esfuz. Sanguixuga? Naõ vos peze, que em certa parte valereis muito.

Sang. Iſſo ſaõ favores, que Voſſa Alteza me faz.

Esfuz. Pois ficaivos embora, e dizey a voſſa ſobrinha, que vos participe o bem, que lhe eſpera: guarday ſegredo, que a vós tambem vos caſarey com o meu Embaixador, para que a voſſa deſeendencia ſaya à luz.

Sang. Ay Senhor, eu já ſou quinquagenaria, e naõ ſey ſe poderey caſar.

Esfuz. A'gora; ainda eſtais capaz de romper humas ſólas; e no caſo que vos ſeja neceſſaria menos idade, eu vos mandarey paſſar huma proviſaõ, para que tenhais ſómente quinze annos. *Vai-ſe.*

Sang. Rapariga, que diabo he iſto? Conta-me, que eſtou confuſa.

Taram. Senhora, aqui naõ he lugar diſſo; vamos para caſa, que lá ſaberá couſas nunca viſtas. *Vaõ-ſe.*

SCENA III.

Camera. Sahe Fedra.

Fedra. DEpois que no templo vi ao Principe Tezeo, naõ ſey, que doce attractivo ſe scculta em ſua peſſoa, que por mais que o deſvie do penſamenso, me penetra o coraçaõ! Oh ninguem eſtranhe os precipicios de amor, que do mais iſento peito ſabe triunfar! E pois me conſidero amante, bem he, que defenda a ſua vida.

Sahe Lidoro.

Lidor. Já que as incriveis finezas de meu extremo lamentaõ os deſprezos de Ariadna, recorrerey ao ultimo artificio de amor, que he abrandar o ſeu deſdém com outro deſdém; para o que me quero declarar amante de Fedra. Mas ella aqui eſtá.

Fedra. Lidoro, que profunda triſteza vos penaliza? Por ventura minha irmã naõ merece jubilos em voſſo coraçaõ?

Lidor. Bem he verdade, Senhora, que quando cheguey a eſta Corte de Creta a pretender eſpoſa na Regia eſtirpe de Minos, voſſo pay, por achar ao Principe de Chipre pretendendo a voſſa belleza,

leza, foy preciſo por naõ deſgoſtar ao Principe no ſeu empenho, ſervir eu a Ariadna; porém como eſte rendimento era mais hypocriſia da politica, que rendimento de hum verdadeiro culto, ſempre ardeo impura a victima, e violento o ſacrificio; porque o meſmo ſuſpiro, que o incendia, era parociſmo, que o aniquilava; e aſſim, galharda Fedra, ſe até aqui viveo opprimida a minha inclinaçaõ a violencias de hum reſpeito, agora que impaciente a minha dôr rompe o reverente ſilencio, deſejara, naõ que premiaſſeis a minha fineza, mas ſim que recebeſſeis o tributo de minhas adorações.

Fedra. Cuido, Lidoro, que o voſſo amor degenerou em loucura.

Sabe Ariadna ao baſtidor.

Ariad. Verey ſe encontro a Tezeo. Mas aqui eſtá Fedra com Lidoro: eſperarey, que ſe vaõ.

Lidor. Só a vós, galharda Fedra, conſagro os finos ardores de meu peito.

Fedra. Ainda que me fora licito acreditar eſſa fineza, como toda a Corte ſabe, que publicamente ſervis a Ariadna, ſeria indecente deſattençaõ correſponder eu a hum amante de minha irmã.

Ariad.

Ariad. Que ouco! Lidoro pretende a Fedra? Se eu lhe tivera amor, motivo havia para ter zelos.

Lidor. O mostrarme algum dia amante de Ariadna pode-se emendar com algum pretexto de razaõ de estado, que nos Principes he licito o variar de intentos; pois sempre se doura a desattençaõ com o interesse da Monarquia. Mas cuido, que ahi veyo Ariadna; eu me retiro, Senhora, para que vejais, que só na vossa vista me elevo.

Esconde-se Lidoro junto ao bastidor, e sahe Ariadna.

Ariad. Agora verá Lidoro, se sey vingar os meus desprezos.

Sahe Tebandro ao bastidor.

Teband. Vou receber de Fedra o ultimo desengano. Mas com Ariadna está; eu me retiro.

Ariad. Como na monarquia do amor o interesse sabe dourar desattenções, por esse motivo me animo a dizerte, que como sey desdenhas ao Principe Tebandro, e eu tambem por natural antipatía aborreço a Lidoro, que troquemos os amantes, para que na mudança dos sujeitos mude tambem o coraçaõ de affectos.

Lidor. Ah tyranna inimiga, naõ sem causa craõ os teus desvios! *Te-*

Teband. Ariadna me favorece, naõ ferá defacerto vingarme de Fedra.

Ariad. Só deffa fórte ferá ditofo o noffo hymenêo. Fedra, que dizes?

Fedra. Eu naõ troco a quem adoro por nenhum outro amante; pois vivo taõ fatisfeita com o meu amor, que naõ acho outro equivalente, que o poffa recompenfar. Ay Tezeo, fó a ti fe dirigem os mudos fufpiros de meu peito. *à part.*

Teband. Alma, refpiremos.

Lidor. Quem vira o feu amor taõ premiado!

Ariad. Se fey defprezas a Tebandro, para que affectas effe carinho, fó para que naõ tenha a fortuna de verme querida delle? Olha, que em Lidoro acharás melhores finezas.

Fedra. Porque defprezas a quem te fabe amar?

Ariad. Porque naõ fey amar a quem aborreço.

Lidor. Já me falta o foffrimento; vou-me, antes que me acabe a defefperaçaõ.

Vai-fe.

Fedra. Se tu naõ pódes amar a quem aborreces, eu naõ poffo aborrecer a quem amo.

Canta.

Canta Fedra a ſeguinte

ARIA.

Querendo a quem amo,
Naõ buſco mais gloria,
Naõ quero outro amor.
No bem, que me inflammo
Conſegue a memoria
Triunfo mayor. *Quer irſe.*

Sahe Tebandro.

Teband. Eſpera, conſtante Fedra; deixa, que rendido ao bello ſimulacro de tua Deidade, conſagre adorações quem ſe acha favorecido dos teus agrados.

Fedra. Naõ ſey; que cauſa vos motiva a eſſe rendimento?

Teband. O ver correſpondida a minha fineza.

Fedra. Que quer dizer correſpondida a voſſa fineza? Se eu entendera, que o meu coraçaõ era capaz deſſe ſentimento, o arrancara de meu peito.

Teband. Parece improprio eſſe deſdem à viſta da confiſſaõ, que agora fizeſtes.

Fedra. Quando as vozes ſe encontraõ com os affectos, melhor he crer a eſtes, do que àquellas. *Vai-ſe.*

Sahe Lidoro ao baſtidor.

Licas. Impaciente em nenhuma parte ſocego. Mas que vejo! Tebandro com Ariad-

Ariadna? Obſervarey o ſeu intento.

Teband. Quem vio, Ariadna, o ſeu amor em mayor confuſaõ? Já naõ quero amar a huma ingrata, que me offende; e pois ſey, que para o teu agrado prefere à minha fortuna a de Lidoro, quero ſeguir as luzes de teu eſplendor, já que propicios allumiaõ a esféra de meu peito, e aſſim.....

Ariad. Muito me offendeis neſſe vil conceito, que de mim formais; pois a ſer poſſivel, que a chamma do amor ardeſſe em meu peito, naõ ſerieis vós a cauſa deſſe incendio; pois naquelle, que me idolatra, ſobraõ motivos para o meu rendimento. Ay Tezeo, ſó a tua fineza ſerá premiada. *à part.*

Lidor. Coraçaõ, torna a reviver.

Teband. Pois vós meſma naõ diſſeſtes a Fedra, que na mudanca dos ſujeitos mudaria o coraçaõ de affectos?

Ariad. Se vedes agora contrarios eſſes affectos, crede aos olhos, e naõ aos ouvidos.

Teband. Já ſey, que deſenganado, ſó amarey a minha morte. Oh louco amor, que neſcio he, quem ſe fia das tuas inconſtancias! *Vai-ſe.*

Sabe

Sahe Lidoro.

Lidor. Já ſey, Ariadna, que naõ ſou taõ infeliz, como imaginava; e ſuppoſto me conſidere ſem meritos, para alcançar teus ſoberanos favores, a tua piedade, compadecida do meu tormento, já me coroa triunfante dos teus repudios.

Ariad. Lidoro, como enfermais de amante, ſem duvida eſſa idéa ſerá delirio da fantaſia.

Lidor. Parece imcompativel eſſe deſvio, e aquella expreſſaõ; pois affirmaſtes, que naquelle, que vos adorava, (que já ſe vê, que ſou eu) ſobravaõ motivos para o voſſo rendimento.

Ariad. Naõ ha duvida, que o meu amor confeſſa rendimentos, e por iſſo como rendido vive priſioneiro de hum deſdém, que he o que ſó triunfa na batalha da voſſa porfia.

Lidor. Ah tyranna, cruel, inimiga, naõ era melhor deixar, que a contingencia da fortuna mudaſſe o teu rigor, e naõ com o deſengano ſepultar a viva conſtancia da minha fé?

Ariad. Naõ, que a voſſa porfia ſó ſe deſvanece com hum total deſengano.

Lidor. Já que deſenganado morro às vio-
lencias

lencias desse nunca visto rigor, naõ estranheis os delirios da minha magoa nos ultimos periodos da minha vida.

Canta Lidoro a seguinte.

ARIA.

Já que eu morro, ò fera Hircana,
Sem remedio a teus rigores
Impaciente, louco, amante,
Delirante,
Com gemidos, e clamores,
De ti aos Ceos me hey de queixar.
A minha alma, vaga, errante,
Naõ te assustes, quando a vires,
Que por mais que te retires,
Te ha de sempre acompanhar. *Vai-se.*

Ariad. Ninguem pretenda violentar a vontade, quando vive ligada às violencias de outro amor. Ay Tezeo, que as nossas vidas ambas se consideraõ tributarias, se a tua ao Minotauro, a minha ao amor!

Sahe Esfuziote com hum papel na maõ, e ajoelha.

Esfuz. Deos vá comigo: Senhora, hum requerente da sua vida vem hoje a pretender no Tribunal de vossa piedade a renovaçaõ de mais vidas em hum prazo foreiro à morte, que o querem julgar por devoluto ao Minotauro, que intenta

ta ſer o direito Senhorio deſta vida; e ſe Voſſa Alteza, Senhora, me alcança a ſupervivencia, eu lhe pagarey o foro da conſciencia com o laudemio de mil louvores.

Ariad. Levantaivos; que he o que quereis?

Esfuz. Eſte murmurial o dirá.

Ariad. Lede-o vós meſmo.

Esfuz. Pois já que eu ſou o pio leitor, ſeja Voſſa Alteza a piedoſa ouvinte.

DECIMA.

Diz hum pobre Esfuziote,
Condemnado a naõ ter vida,
Que certa morte atrevida
Lhe quer pregar hum calóte:
Que pois naõ he D. Quixote
Para acções deſta relé,
Pede humildemente que,
Antes que morra em taes damnos,
Lhe dem de vida cem annos,
E receberá mercê.

Ariad. Supponho que ſois a quem o Embaixador de Athenas offereceo a ElRey meu pay para completares o numero dos ſete do tributo.

Esfuz. Sim, Senhora, eu ſou o proprio, a quem impropriamente o Embaixador, que

que o diabo o leve, me malsinou a Sua Mageſtade, que Deos guarde.

Ariad. O Embaixador naõ andou bem.

Esfuz. Como havia de andar bem, ſe elle he zambro; pois naõ ſendo eu nenhum dos ſete, ſobre quem cahio a ſórte, como quer deſta ſórte trocar a minha ſórte; pois iſto ſe naõ deve fazer de nenhuma ſórte?

Ariad. E vós a que vieſtes a Creta?

Esfuz. Vim acompanhando ao Principe Tezeo.

Ariad. Sois ſeu criado?

Esfuz. Algo mas, ſou ſeu gentilhomem, e às vezes em caſo de neceſſidade ſirvo de camareiro.

Ariad. Na verdade que ſinto muito a deſgraça de Tezeo.

Esfuz. Mais a ſente elle; porém parece que elle naõ ſente tanto a morte, como outra couſa, que diz tem atraveſſada na garganta como eſpinha de caçaõ.

Ariad. Que couſa póde haver, que ſinta mais, que o morrer?

Esfuz. Segundo o que lhe ouvi dizer hum dia, parece, que hum menino cego, e e nú, peſpegoulhe com huma ſetta no coraçaõ, que o partio de meyo a meyo; e eſte golpe, por lhe ter chegado ao vivo, o tem quaſi morto. *Ariad.*

Ariad. Pelo que dizes, Tezeo padece o mal de amor.

Esfuz. Naõ, Senhora; eu cuido, que he mal de Ariadna, pois ſempre o ouvi queixar: ay Ariadna, que me mataſte; ay Ariadna, que me fizeſte, e aconteceſte; com que Ariadna he o ſeu mal, e naõ o Amor.

Ariad. Pois dizey a Tezeo, que eſſa Ariadna. . . . . *Vay andando.*

Esfuz. O que hey de dizer, Senhora?

Ariad. Mas naõ, naõ lhe digais nada.

Esfuz. Sim, Senhora, eu lhe direy iſſo; porém, Senhora, terá deſpacho o meu memorial?

Ariad. Baſta ſeres criado de Tezeo, para vos apadrinhar.

Esfuz. Ora naõ ſe eſqueça de ſer minha madrinha neſte negocio.

Ariad. Ouves tu, dize a Tezeo, que naõ he elle ſó, o que . . . . mas naõ, naõ digas nada. Louco amor, naõ me precipites. *à part.* *Vai-ſe.*

Esfuz. Que caſta de recado he eſte: Dize a Tezeo, naõ digas nada a Tezeo; a mim me mellem ſe o nada deſta Infanta naõ he alguma couſa, e ſenaõ, quem viver, verá.

Sabem

Sahem Taramella, e Sanguixuga.

Taram. Senhor Tezeo.

Esfuz. Tá, tá, Taramella, naõ me chames Tezeo tanto às claras, que no Paço até as paredes tem ouvidos; trata-me por Esfuziote, em ordem a mayor disfarce.

Sang. Meu Senhor, esta rapariga tem o miollo muito leve, por isso naõ peza o que diz; e Vossa Alteza (perdoe-me) fez muito mal em communicarlhe segredo de tanta supposiçaõ.

Esfuz. Olhe, tia.

Sang. Ay Senhor, eu tia de Vossa Alteza! Quem sou eu para tanta dignidade?

Esfuz. Naõ posso tirarlhe o gráo, que por affinidade lhe pertence

Sang. Serey o que Vossa Alteza for servido.

Esfuz. Mas, tia, como hia dizendo, naõ pude deixar de communicar a Taramella a minha regia prosapia; que quem ama de véras, naõ sabe mentir.

Taram. Pois, Senhor, he possivel, que eu de criada hey de passar a Princeza?

Esfuz. E naõ he peyor passar de Princeza a criada? Pois sabe, que dessas monstrosidades se achaõ nas historias; mas com tua licença havemos mudar esse nome

de

de Taramella, que naõ he decente para huma Princeza de Athenas, pois taramella he couſa que anda por portas, e naõ por thronos.

Sang. Tudo ſe fará: mas diga-me, Senhor: já Voſſa Alteza diſſe ao Embaixador, que eu havia de caſar com elle?

Esfuz. Sim, ſim, já lho inſinuey, e o Embaixador, vendo que era goſto meu eſte ſanguixugal matrimonio, diſſe, que eſtava prompto; com que em o vendo, falle-lhe na materia.

Sang. Uy Senhor, pois eu, ſendo mulher, hey de fallar primeiro a hum homem em caſar? Appello eu por mim!

Esfuz. Naõ ſe lhe dê diſſo, que o tal Embaixador he meſmo acanhado de ſi; curto dos nós, e vergonhoſo. Ao menos naõ ſe livrará o Embaixador do Minotauro deſta velha. *à part.*

Taram. Tornando ao noſſo intento, digo, Senhor, que já me tomara ver neſſas limpezas, para ver ſe Fedra, e Ariadna ſaõ melhores do que eu.

Esfuz. E talvez, que entaõ tu as naõ queiras por tuas criadas.

Taram. Eſſa meſma grandeza me faz deſconfiar da ſua palavra.

Sang. Uy tolla, tu chegas a dizer, que deſ-

deſconfias da palavra de hum Principe? Senhor, releve, que ſaõ raparigas, que cuidaõ que o meſmo ſaõ alhos, que bugalhos.

Esfuz. Já he coſtume nas ſenhoras mulheres cuidarem, que os homens ſempre as enganaõ; pois para que vejas, que mais depreſſa faltará agua no mar, do que amor em meu peito, quero praguejarme, que he o verdadeiro juramento dos amantes.

Canta Esfuziote a ſeguinte

ARIA.

Se cuidas, menina,
Que eu ſeja perjuro,
Pois olha, eu te juro,
Hum rayo me parta,
Me abraze hum coriſco,
O diabo me leve,
Se eu falſo te for.
Mas ay, Taramella,
Se es linda, ſe es bella
Terás em meu peito
Seguro o amor. *Vai-ſe.*

Sahe Licas Embaixador.

icas. Viſte a Tezeo por aqui?

ang. Ainda agora daqui ſe vay.... Naõ he deſpiciendo o meu futuro noivo. *à p.*

icas. Vou a fallarlhe, que importa.

Taram. Eſpere, Senhor, que minha tia tem que lhe dizer couſa de importancia: falle, tia.

Sang. Ay rapariga, deixa-me tomar o folgo, que eſtou embaçada.

Licas. Diga depreſſa, que naõ tenho muito vagar.

Sang. De ſórte, Senhor, que eu bem ſey, que naõ ſou capaz de ſer ſua criada.

Licas. Que mais?

Sang. Que mais hey de dizer? Voſſa Senhoria naõ me entende já o que quero dizer?

Taram. Ora Senhor, naõ ſeja acanhado, que iſſo he naõ ſer homem.

Licas. Que dizem, que as naõ entendo?

Sang. Naõ ſe faça agora moquenco, já ſabemos que he curto dos nós.

Taram. Naõ disfarce o negocio; naõ ſeja vergonhoſo.

Licas. Eſtá galante hiſtoria! Que he o que querem de mim?

Sang. O matrimonio.

Licas. Que matrimonio? Que he iſſo?

Sang. Faça-ſe agora de novas.

Licas. Deixem-me, doidas, que diabo querem?

Sang. Taram. O matrimonio.

Licas. Eſtas mulheres eſtaõ loucas; vaõ-ſe já,

já, naõ me perſigaõ. *Vai-ſe.*

Sang. Taram. O matrimonio, Senhor Embaixador, o matrimonio. *Vaõ-ſe.*

SCENA IV.

Gabinete. Sahe Tezeo.

Tezeo. AGora acabo de conhecer, que he o amor mais valente, do que a morte, pois quando por inſtantes me eſpera a furia do Minotauro, vence na minha memoria mais a tyrannia do amor, que o imaginado eſtrago da ſua crueldade. May ay, ſoberana Ariadna, quanto ſinto, que a cruel Parca corte o vital alento da minha vida, pois quizera eternizar a minha fineza a pezar da meſma morte!

Sahe Fedra.

Fedra. Invicto, e ſempre eſclarecido Tezeo, cujo valor, depois de ſer adorado ſuſto do Orbe, paſſou a dominar as furias do Cocito; commovida a minha piedade de que taõ generoſo alento ſeja infeliz deſpojo deſſa féra, intenta ſalvar a voſſa vida.

Tezeo. Galharda Fedra, ſe eu nas infelicidades ſou taõ venturoſo, devo eſtimar a minha deſgraça.

Sahe Ariadna aa bastidor.

Ariad. Aqui Fedra, e Tezeo? Ay de mim, que já o coraçaõ começa a temer!

Fedra. Para triunfardes pois desse invencivel monstro, darvos-hey huma certa confeiçaõ composta de taõ activo veneno, que ao minino contacto do Minotauro fique prostrada a sua furia, sem que vos possa offender o seu furor.

Ariad. Aquella fineza he mais que piedade: zelos, naõ vos declareis, que ainda me naõ convem mostrarme amante.

Tezeo. Que recompensa poderey achar em mim, que possa ser igual à vossa generosidade? Esta vida, Senhora, de cujos alentos sois tutelar divindade, vereis que como milagre do agradecimento a dedicarey nas aras da vossa belleza.

Ariad. Ah falso amante, naõ te quizera agradecido.

Fedra. Naõ quero outra recompensa mais, que vos lembreis de naõ ser ingrato a quem expoem a sua vida, por redemir a vossa. *Vai-se.*

Tezeo. Quem vira este amor em Ariadna, ou a sua belleza em Fedra!

Sahe Ariadna.

Ariad. Principe, como para a isençaõ da morte naõ basta só vencer o Minotauro,

ro, pois ſempre ficareis prezo no enleyo do Labyrintho, e para que com a fuga completeis eſſa fortuna, quero prevenir o remedio da voſſa liberdade.

Tezeo. Ariadna ſem duvida ſabe o intento de Fedra. *à part.* Senhora, ſe Fedra compaſſiva da minha deſgraça.....

Ariad. Para que me contais, o que eu ſey?

Tezeo. Foy preciſo, que agradecido.....

Ariad. Já ſey, que agradecido vos moſtraſtes à ſua fineza.

Tezeo. Porém, Senhora, nunca o meu amor.......

Ariad. Naõ tendes, que ſatisfazerme; naõ ſabeis quanto me agrada ſaber, que ſois agradecido, nem em voſſa peſſoa cabiaõ deſattençóes; e para que tambem eu o ſeja na vida, que me déſtes, quero darvos a liberdade; para o que atareis na porta do Labyrintho hum fio, que ſendo farol naquelle pelago de confusóes, vos conduzirá à liberdade, e com ella podereis tornar para Athenas voſſa Patria.

Tezeo. Se cuidais que com a liberdade hey de perdervos dos meus olhos, nunca ſahirey do Labyrintho, que ao menos em Créta naõ vivo deſterrado da voſſa viſta.

Ariad. Pois eu acaſo habito no Labyrintho,

tho, para que nelle me poſſais ver?

Tezeo. Se vos naõ encontrar no Labyrintho de Créta, ſempre vos acharey no labyrintho do amor.

Ariad. Muito tendes adiantado o voſſo penſamento; naõ cuideis, que como amante vos proponho a induſtria do fio para a voſſa liberdade; pois ſó o faço obrigada ao juramento, que dey, de ſalvar a voſſa vida, agradecida à que me déſtes.

Tezeo. Pois, Ariadna, ſe o intento de redimirme he ſó como agradecida, e naõ como amante, proteſto às ſupremas Deidades deſſe ſoberano Empyrêo, que já naõ quero meyos de ſalvar a vida, e a liberdade; pois ſem a certeza da voſſa correſpondencia, nem liberdade, nem vida quero.

Canta Tezeo a ſeguinte

ARIA.

Na magoa, que ſinto,
No mal, que padeço,
A vida aborreço;
Que afflicto, e confuſo,
Mayor labyrintho
Encontro no amor.

Naõ temo eſſe monſtro,
Que horrivel me eſpera;
Só temo eſſa féra

Cruel tyrannia
De tanto rigor. *Vai-ſe.*

Ariad. Eſpera, Tezeo, que ſe o meu rigor te precipita, a minha fineza te livrará. *Vai-ſe.*

SCENA V.

Sala Regia. Sahe ElRey.

Rey. AGora ſim, reſpire alegre o meu coraçaõ, pois que hum Principe de Athenas he hoje o tributo do Minotauro: ſinta Athenas a pena de Taliaõ, que ſe aleivoſamente conſpirou contra a vida de meu filho Androgeo, bem he que Creta ſe arme vingativa contra Tezeo.

Dentro. Peguém nelle, peguem nelle.

Sahe Esfuziote.

Esfuz. Senhor, Voſſa Mageſtade me valha.

Rey. Que tens? que te ſuccedeo? e de quem foges?

Esfuz. Fujo de Voſſa Mageſtade.

Rey. Se foges de mim, como vens para mim?

Esfuz. Porque fujo de Voſſa Mageſtade juſticeira para Voſſa Mageſtade commiſerante; fujo da juſtiça para refugiarme na miſericordia.

Rey. Que te ſuccedeo?

Esfuz. Que ha de ſer? Deraõ em dizer, que eu era hum dos ſete peccados mortaes, que vinha para o inferno do Labyrintho a ſer comido do diabo do Minotauro, e ſem que me valeſſe o ſagrado de palacio, quizeraõ levarme à força, *& invito domino*, quando ſey que Voſſa Mageſtade naõ quer que ſe force ninguem.

Rey. Ainda que ſegundo o pactеado com Athenas naõ devera receber menos numero, que o de ſete mancebos; com tudo eſta vez quero diſpenſar na ley para comtigo a inſtancias de minha filha Ariadna, a quem hoje deves a vida.

Esfuz. Naõ ſabe quanto folgo com eſſa noticia; naõ por mim, que naõ temo a morte, por naõ eſtar muito contente da minha vida; ſenaõ por quebrar a caſtanha na boca a muita gente.

Rey. Porém entendaõ os Athenienſes, que para o anno haõ de ſer oito os do tributo.

Esfuz. Sim, Senhor, e fará Voſſa Mageſtade muito bem; porém Voſſa Mageſtade ſem eſperar para o anno que vem, póde agora meſmo completar o numero dos ſete.

Rey.

Rey. De que ſórte?

Esfuz. Mandando Voſſa Mageſtade, que o Embaixador ſuppra eſta falta, que como tem grande cabeça, e muita carne no cachaço, terá o monſtro que roer.

Rey. Os Embaixadores pelo direito das gentes gozaõ de inviolavel immunidade.

Esfuz. Pois Senhor, em minha conſciencia acho, que ſó o Embaixador era capaz de deſempenhar aquelle lugar, que pelo ſeu bom modo até com a morte havia de ter bons termos.

Rey. E tu, ſe naõ quizeres ir para Athenas, poderás ficar em Creta ſervindome em palacio.

Esfuz. Aceito o favor de Voſſa Mageſtade; e já que em palacio fico, tomara ter algum emprego, que cá ſe me caſaſſe com o genio, que quando a occupaçaõ he forçada, até o palacio he galé.

Rey. Elege tu a occupaçaõ, que queres, igual à tua esféra.

Esfuz. Como ſou reſpondaõ, quizera ſer repoſteiro.

Tocaõ caixas deſtemperadas.

Rey. Mas que triſte, e confuſo ſom, rompe a vaga raridade dos ventos?

Esfuz. He hum moço, que eſtá aprendendo a tambor.

Sahem

Sahem Lidoro, e Tebandro.

Rey. Lidoro, Tebandro, que he isto?

Lidor. He chegada a occasiaõ de ser o Principe Tezeo conduzido ao Labyrintho.

Teband. E certamente, que o Principe naõ he merecedor de semelhante infortunio.

Rey. Naõ vos compadeçais de Tezeo, que al fim he Atheniense.

Esfuz. Ay pobre Tezeo, tomaras tu ser Esfuziote nesta hora.

Sahe Fedra.

Fedra. Como a Tezeo já entreguey o remedio de sua vida, naõ quero perder os instantes de vello. *à part.*

Sahe Ariadna.

Ariad. Como Tezeo já tem o fio, com o qual se ha de livrar do Labyrintho, venho sem susto notar a affliçaõ do seu sentimento.

Sahe Licas, e da porta diz o que se segue.

Licas. Entre só Tezeo, e fiquem os mais esperando até a ultima resoluçaõ delRey.

Rey. Estaõ promptos esses infelices, para serem conduzidos ao Labyrintho?

Licas. Sim, Senhor, que nunca foy remissa a nossa obediencia.

Sahe Tezeo.

Tezeo. Sinto, ò inclyto Rey Minos de Creta, que esta acçaõ, que parece precisa

ley

ley do tributo, naõ ſeja voluntario feudo do meu affecto, para que mais do que a morte na vida, tenha imperio a vontade na obediencia.

Esfuz. Aquillo he fazer da neceſſidade virtude. *à part.*

Rey. Sempre os Athenienſes foraõ mais loquazes, que fieis. Tezeo, o ſangue de Androgeo em purpureas linguas eſtá pedindo vingança contra as voſſas aleivoſias, e aſſim naõ eſpereis remedio na voſſa deſgraça.

Lidor. Senhor, Voſſa Mageſtade ſe compadeça de Tezeo, que al fim o alenta o regio eſplendor de Principe.

Teband. Adverte, Senhor, que he indigna da Mageſtade a tyrannia, e aſſim perdoa a Tezeo.

Rey. Aqui naõ obro como Rey, ſenaõ como Juiz.

Esfuz. Eu bem ſey, que ſe pediſſe a El-Rey por Tezeo, que o havia de perdoar, mas naõ quero darlhe eſſa confiança. *à p.*

Fedra. Ainda ſendo fingida aquella humildade em Tezeo, he em mim verdadeiro o pezar. *à part.*

Ariad. Parece realidade o ſeu fingimento. *à part.*

Licas. Rey, e Senhor, ſe o motivo deſſe impla-

implacavel rigor he o eſparsîdo ſangue de Androgeo, vede, que o naõ reſuſcitais com a morte de Tezeo, e mais quando a clemencia nos Principes he attributo inſeparavel da ſua grandeza; perdoa, Senhor, a Tezeo, que tambem o perdaõ he hum generoſo modo de caſtigar.

Rey. Inutil he o voſſo requerimento.

Tezeo. He definitiva eſſa ſentença?

Rey. E naõ ha mais para onde apellar: ò lá, levay a Tezeo, e a eſſes miſeros companheiros ao Labyrintho, para ſerem deſpojos do Minotauro.

Licas. Pois ſabe, tyranno Rey, que Athenas tomará cruel vingança da tua crueldade, reduzindo a Creta à ultima ruina. *Vai-ſe.*

Rey. A mim com ameaços? Se naõ foras Embaixador, pagarias com a vida eſſe atrevimento.

Esfuz. Era bem feito, que ElRey o mandaſſe eſquartejar. *à part.*

Lidor. O Embaixrdor fallou com inſolencia.

Teband. Sinto, Senhor, ver ultrajado o teu reſpeito.

Rey. Por iſſo meſmo ſerá Tezeo conduzido ao Labyrintho, para o Minotauro o devorar.

Tezeo.

Tezeo. Naõ cuides, tyranno Monarca, que has de ultrajar o meu decoro, por me confiderares reduzido a efta miferia, pois em qualquer eftado fempre fou Tezeo, que faberey vingar a minha injuria.

Rey. Naõ fabes, que es meu prizioneiro? Pois como me tratas com tanta foberba, fabendo que te poffo caftigar?

Tezeo. E naõ fabes, que no meu braço confifte a tua ruina, e a minha felicidade?

Esfuz. Máo, máo, ifto me vay cheirando a carolo; queira Jupiter que Tezeo naõ faça das fuas! *à part.*

Ariad. Temo, que Tezeo padeça mayor infortunio. *à part.*

Fedra. Ay de mim, que Tezeo quer defvanecer o remedio de fua vida! *à part.*

Lidor. Se atéqui me compadeci de vós, agora crimino a voffa foberba.

Teband. A naõ eftares taõ perto da morte, eu defpicaria a defattençaõ da Mageftade.

Rey. Bafta que o Minotauro me vingue, levai-o. *Vai-fe.*

Esfuz. Eu tambem me vou, antes que me levem por erro. *Vai-fe.*

Tezeo. Ay Ariadna, que por ti reprimo o furor de meu peito! *à part.*

Can-

Canta Tezeo o ſeguinte Recitado, e depois cantaõ as duas Damas, e os dous Principes com Tezeo a Aria.

RECITADO.

Barbaro Rey, eu vou ao Labyrintho,
Mas ſabe, que naõ ſinto
Eſſa tyranna morte, que me eſpera,
Que a ſer poſſivel, deſcerey à esfera
Deſſe ſulfureo, e rapido Cocyto
E do trifauce monſtro a furia incito,
Porque vejaõ, que nada me intimída
Perder a cara vida;
De outro monſtro, (ay amor!) ſó temo a ira,
Que tyranno conſpira
Hum veneno taõ forte,
Que ainda por favor concede a morte;
Pois com doce influencia
Faz ſeja ſympatia o que he violencia;
Eſte monſtro de amor, eſta chimera
Me horroriza, me aſſuſta, e deſeſpera.

ARIA A 5.

Tezeo. Naõ me acovarda a morte,
Porque he vida
Eſte modo de morrer.

Lidor. Como intentas deſſa ſórte.
Sem reſpeito
Hum decóro aſſim perder?

Fed.

Fed.Ariad. Que ardor activo, e forte
Em meu peito
Chega amor hoje a incender!
Teband. Se nem da Parca o golpe
Te intimida,
Nada deves de temer.
Tezeo. A morte naõ temo.
Lid.Teb. A morte naõ temes?
Tezeo. Naõ, porque he vida
Eſte modo de morrer.
Fed.Ariad. A vida deſprezas?
Tezeo. Sim, porque he vida
Eſte modo de morrer.
Todos. Que morte ditoſa! Que doce
morrer!
Teband. Seu peito arrogante
Lidor. No brio, que oſtenta,
Fedra. Se a morte o alenta,
Ariad. Se vive na morte,
Tezeo. Quem morre de amante,
Todos. Eterno ha de ſer.

PAR-

PARTE II.

SCENA I.

Camera. Sahe Sanguixuga, e Taramella.

Sang. TAramella, vai-te enſayando para Princeza, toma bem a liçaõ, aprende de Ariadna a ſeveridade, e de Fedra o carinho; que temperar a aſpereza com affagos he a verdadeira maxima do reinar.

Taram. Bofé, tia, que me naõ canſarey com iſſo; porque ſendo Princeza, quer ſeja azeda, quer doce, aſſim me haõ de tragar; porém ſe tal for, que diraõ de mim os murmuradores? Olem a ranhoſa, ha dous dias mixella, e hoje Senhora de maõ beijada!

Sang. E logo te haõ de deſcozer a geraçaõ; e ao ſom do villaõ tambem eu hey de vir à bailha, pois naõ faltará quem diga: que ſeja poſſivel, que a ſobrinha de huma criſtalleira nos falle já por vidraças! Hontem em chichellos, e hoje em berlinda!

Taram.

Taram. Olhe, tia, por amor desses rayos naõ quero thronos.

Sang. Ay filha, naõ se te dê disso, que tambem os Reys tem costas; tomara eu casar com o Embaixador, porque sendo eu Embaixatriz, direy ao mar que ronque, e ao rio que murmure.

Sahem ao bastidor cada huma pela sua parte, Ariadna, e Fedra, e cada huma com huma banda na maõ.

Ariad. Amor me descubra meyos para o meu intento. Mas alli estaõ Taramella, e Sanguixuga; tomara, que me naõ vissem, por me naõ observarem os passos.

Fedra. Que importuno encontro! Sanguixuga, e Taramella se me vem com a banda, que levo, poderáõ penetrar o meu designio; esperarey, que se vaõ.

Sang. E que dizes tu, cuidarem todos em palacio, que o Principe Tezeo he morto, naõ o sendo? E na verdade que quando às vezes ouço fallar na morte de Tezeo, naõ posso soster o rizo.

Taram. A industria toda via naõ foy má.

Ariad. Ay de mim, que já se sabe, que Tezeo he vivo!

Fedra. Ay infeliz, que sabendo-se já, que Tezeo naõ he morto, algum damno experimentarey!

Taram. Porém naõ nos dilatemos mais, qu
as Infantas pódem procurar por nós.

Sang. Pois, rapariga, naõ te descuides d
bater o mato; tu bem me entendes.
Vai-se

Vai-se Sanguixuga pela parte donde está Fedra e esta a segue, depois que disser o seguinte.

Fedra. Vou a declalarme com Sanguixu-
ga para que me guarde segredo. *Vai-se*
Sahe Ariadna.

Ariad. Já que Taramella sabe, que Tezeo
está vivo, naõ ha mais remedio, que fa-
zer do ladraõ fiel.

Taram. Que terá Ariadna estes dias, que
anda suspensa? *à part.*

Ariad. Taramella, como sey o muito, que
me amas, quero fiar de ti hum particu-
lar de meu peito, pois só tu pódes re-
mediar o meu mal.

Taram. Esse conceito merece a lealdade,
com que te sirvo.

Ariad. Desde que vi a Tezeo, infeliz Prin-
cipe de Athenas, communicando-me
amor pela vista o seu veneno, foy facil
me cegasse o seu precipicio; e assim co-
mo amante preveni industrias, que o po-
dessem livrar do Minotauro.

Taram. Quero fazerme ignorante do caso.
à part. *Ariad.*

Ariad. E como ElRey vanglorioſo de ver vingado o ſangue de Androgeo, meu irmaõ, com a morte de Tezeo, para oſtentaçaõ de ſeu deſafogo tem preparado hoje hum ſaráõ, em que havemos de dançar com os Principes, para o que quero, que tambem Tezeo venha a palacio; pois com o disfarce da maſcara naõ poderá ſer conhecido; e para que ſó eu o conheça, darlhe-has eſta banda azul para diviſa. *Dá-lhe a banda.*
Taram. Ah tyrannos zelos, que me deixais com a alma a huma banda! *à part.*
Ariad. E como tu, pela continuaçaõ, que tens em ir ao Labyrintho comigo, já ſabes os caminhos, vai-te ao centro delle, e leva a banda a Tezeo, para que venha ao ſaráo eſta noite, e ſaberey agradecerte como merecê a tua lealdade. *Vai-ſe.*
Taram. Haverá no mundo mulher mais deſgraçada! Quando eu cuidey, que ſó ſabia, que Tezeo era vivo, tambem Ariadna o naõ ignora; e de mais a mais namorada delle! Ay como temo, que me tire a fortuna! E ſobre tudo fazerme alcoviteira do meu meſmo amante! Que farey neſte caſo? Se naõ levo o recado, e a banda, encontro as iras de Ariadna; e ſe a levo, atiço mais o ſeu amor; naõ

ſey de que banda me vire. Eu bem pu
dera com a raiva dos zelos romper a ban
da em fanicos; Mas naõ quero ſenaõ ca
ra a cara darlhe com a ſua falſidade no
narizes.

Sahe Fedra com huma banda branca na maõ
e Sanguixuga.

Sang. Vai-te daqui, Taramella; que a
depois temos muito que fallar.

Taram. Tambem eu: vou huma vibora
à part. Vai-ſ

Fedra. Como tenho dito, libertey a Te
zeo da morte; e para que venha ao ſa
ráo eſta noite, levalhe eſta banda bran
ca, (*Dalhe a banda.*) para que ſaiba, qu
he o alvo de minhas finezas, e por eſſ
diviſa o poſſa conhecer. Bem vês, qu
te conſtituo ſecretaria de meu peito; e
pero, que naõ deſmereças o conceito
que faço da tua prudencia. Já que o ſa
be, ao menos tenha preceito para o na
dizer. *à part. Vai-ſ*

Sang. E para dizerme huma couſa, que e
já ſabia, eſteve fazendo mil eſcarcéos
tomando-me duzentos juramentos. Po
rém que farey eu agora deſta banda, po
ſe a levo a Tezeo, dou armas contra mi
nha ſobrinha Taramella? Ay, naõ per
mitta Deos, que eu ſeja traidora ao me
ſan

ſangue, que primeiro eſtaõ parentes, do que dentes.

Sabe Tebandro.

Teband. Sanguixuga, naõ me dirás, porque motivo deſpreza Fedra taõ repetidos extremos do meu amor? Por ventura naõ ſey amar naõ ſó as ſuas perfeições, mas ainda os ſeus rigores? Deſengana-me já ſe aquelle deſdém inventa a ſua tyrannia, para apurar a minha fineza, ou para deſenganar a minha conſtancia.

Sang. Senhor Tebandro, naõ ſabe que huma futura noiva ſempre affecta repudios, deſdenha carinhos, inculca crueldades, e atropella finezas, e no cabo eſtá deſejando, que já chegue a hora de ſe ver nos braços de ſeu eſpoſo?

Teband. Aquelle deſdém naõ póde ſer apparente; e ſe me naõ dás outra certeza de ſeu amor, hirey ſentir os ſeus deſvios em Chipre; para que lá ſó ſinta a memoria, e naõ aqui todas as potencias.

Sang. Que me dará Voſſa Alteza, ſe lhe der huma certeza do ſeu amor? Mas eu naõ ſou intereſſeira; agora matarey com hum cajado dous coelhos. *à part.*

Teband. Naõ faças ludibrio de hum deſgraçado.

Sang.

Sang. He taõ verdadeiro o amor de Fedra que te envia eſta banda, para que entre os maſcaras te poſſa conhecer à noite no ſaráo. *Da-lhe a banda.*

Teband. Que dizes? Eu mereço os agrados de Fedra?

Sang. Sabe Deos o que me tem cuſtado polla em termos de dar a conhecer a ſua inclinaçaõ: mas Voſſa Alteza tudo merece.

Teband. Aceita por ora eſta joya, como principio do meu agradecimento.

Sang. Dadivas de Principe naõ ſe rejeitaõ: ora já tenho prenda, que dar ao Embaixador, quando caſarmos; porém Fedra enganada, e o Principe deſvanecido tudo he hum. *à part. e Vai-ſe.*

Teband. Ainda naõ poſſo acreditar a minha ventura, pois quando a téa ardente do Hymenêo já quaſi ſe extinguia aos aſſopros de hum deſengano, vejo que torna a incenderſe com os alentos de hum ſuſpiro. Oh ditoſo eu, que depois dos pezares, alcanço prazeres!

Canta Tebandro a ſeguinte

ARIA.

O navegante,
Que combatido
De huma tormenta

Lo-

Logo experimenta
Quieto o vento
Tranquillo o mar.
Como eu, nem tanto
Se alegra, vendo,
Que vay crescendo
Minha ventura,
E vay cessando
De meu gemido
O suspirar.

SCENA II.

Labyrintho. Sahe Tezeo.

Tezeo. ESta he a ultima estancia deste intrincado Labyrintho, aonde Dedalo fixou a méta a seus artificios. Atarey o fio de Ariadna a esta columna, para que me sirva de Norte em o pelago de tanto enleyo. Que admiravel edificio! Que variedade de arquitecturas! Que porticos! Que marmores! Que columnas! Aqui toda a confusaõ alegra; e toda a alegria se confunde; pois, equivoco o horror, e a belleza, horrorisa o bello, e deleita o horror, que neste quadro de luzes, e sombras, brilhaõ as sombras, e assombraõ as luzes. Porém Dedalo,

dalo, que ficou de eſperar por mim neſ-
te lugar, ſem duvida arrependido d
palavra, ſe quiz aproveitar da mina
que abrio.

Sabe Dedalo da eſcotilha, que eſtará na boca do Theatro.

Dedal. Tezeo, Dedalo naõ falta ao que
promette, pois eſcondido te eſperava na
boca deſta mina, que vay dar às ribeiras
do mar, de donde me viſte ſahir, quan-
do te encontrey.

Tezeo. Vem a meus braços, fiel amigo, e
releva-me o errado conceito, que de ti
formey: mas quizera ſaber como eſtan-
do eu no centro do Labyrintho, naõ
encontro ao Minotauro?

Dedal. Ainda o naõ ſoltariaõ tal vez, por-
que o tal monſtro vive encerrado em hum
funeſto carcere, e quando ha victima
humana de ſua tyrannia, o ſoltaõ, pa-
ra que enfurecido venha por dirigido
conducto a eſte lugar, que he o campo
da batalha do ſeu furor.

Tezeo. Deſejo, que já eſſe monſtro feroz
venha a accometterme, que a pezar da
ſua voracidade, me verás triunfador.

Dedal. Eu eſtou prompto para ajudarte
neſta empreza, e vê ſe queres, que diſ-
corramos em alguma induſtrioſa maqui-
na,

na, para o venceres, ſem que perigue a tua vida.

Tezeo. Se eu o quizera vencer a meu ſalvo, remedio trago comigo adminiſtrado por huma Deidade, com o qual ſeguramente poſſo triunfar deſſe monſtro; mas naõ intento valerme de extraordinarios remedios, quando no meu braço tenho a defeza da minha vida.

Dedal. Ay, quanto temo, que eſta temeridade ſeja a cauſa de tua ruina!

Tezeo. Naõ temas, que ſempre a fortuna foy companheira da temeridade.

Esfuziote dentro diz o ſeguinte.

Esfuz. Em boa eſtou metido! Ay, que naõ atino com a porta! Vamos por aqui: peyor? Vamos por alli: repeyor! Ay miſero Esfuziote, que eſtás quando nada metido nas profundas do Labyrintho, e a cada paſſo me parece, que encontro o Minotauro!

Tezeo. Alli cuido, que diſſeraõ Minotauro.

Dedal. E paſſos tambem ouvi: ſem duvida já o ſoltariaõ. Tezeo, outra vez te requeiro, te naõ exponhas a taõ evidente perigo; e ſe para o vencer tens o favor deſſa Deidade, (já que te naõ queres valer do meu) naõ pereças como teme-

rario;

rario ; guarda o teu valor , para mai
heroica façanha.

Tezeo. Mais val morrer valente , que vi-
ver cobarde : retira-te tu , que eu com
ſubito furor ſem mais armas , que os
meus braços , vencerey eſſa féra.

Sahe Esfuziote.

Esfuz. Vamos por aqui , ſaya o que ſa-
hir.

Eſconde-ſe Dedalo : poem-ſe Tezeo a traz do baſtidor , por donde ſahirà Esfuziote com a cara para o povo ; e ao ſahir , Tezeo o inveſte repentinamente , e luta com elle.

Tezeo. Morrerás , ò monſtro , deſpedaça-
do em meus braços.

Esfuz. Ay de mim , que cahi nas garras
do Minotauro ! Quem me acode !

Tezeo. Eſte he Esfuziote : ora muy effi-
caz he huma fantaſia ! *à part.*

Esfuz. Ay de mim , que me meteo a gar-
ra em cheyo pelo vazio ; eu me ſinto
molhado , naõ ſey ſe he ſangue , ſuor,
ou outra couſa mais inferior.

Larga Tezeo a Esfuziote ; e eſte eſtarà com as mãos no roſto.

Tezeo. Esfuziote , naõ te aſſuſtes.

Esfuz. Ay , que o Minotauro já me ſabe o
nome !

Tezeo. Naõ me reſpondes? Olha para mim.
Esfuz. De burro, que eu tal olhe, quando nem pintado o quero ver.
Tezeo. Que tens, que ficaſte immovel?
Esfuz. Eu bem ſey o que tenho. Só a voz que elle tem me faz amedrentar. *à part.*
Tezeo. Deixa loucuras: dize-me, quem te trouxe ao Labyrintho?
Esfuz. Os meus peccados veniaes, que agora ſaõ mortaes.
Tezeo. Falla, ſenaõ te deſpedaço aqui.
Esfuz. Senhor, voſſa monſtroſidade naõ me faça perguntas, que eſtou com a lingua pegada ao ceo da boca; deixe-me ir embora em corteſia, antes que o medo deſtempére em alguma deſcorteſia; pois naõ he razaõ, que depois de comer hum Principe, queira encher o ſeu bandulho com a carne dura, e magra pelhancra de hum lacayo.
Tezeo. Quem cuidas tu, que ſou eu?
Esfuz. Eu bem o ſey.
Tezeo. Pois ſábe, que naõ ſou, quem tu cuidas.
Esfuz. Pois quem he? Quem he?
Tezeo. Olha, e verás.
Esfuz. Senhor medo, com licença, deixe-me abrir piſcamente os olhos. Ah que delRey, que he a alma de Tezeo! Ay que

que eſtou feito hum tremedario ! *Tira a maõ dos olhos.*

T*ezeo.* Neſcio, que alaridos ſaõ eſſes?

Esfuz. Fantaſma, chiméra, ſombra, illuzaõ, coco, e papaõ, que he o que me queres?

T*ezeo.* Olha, que ſou Tezeo.

Esfuz. T*anto fortius*; naõ te chegues a mim, alma vádia, errante, e vagabunda.

T*ezeo.* Vem cá, naõ fujas.

Sahe Dedalo.

Dedal. Esfuziote, eu aqui eſtou tambem, naõ cuides que Tezeo morreo.

T*ezeo.* Graças aos Deoſes, que ainda eſtou vivo.

Esfuz. Eu bem ſey, que as almas nunca morrem.

T*ezeo.* Baſta, que cuidaſte, que eu era morto? Certamente que o teu medo te allucinou.

Esfuz. Eu, Senhor, vendo que te chegavas para mim, que havia ſuppôr, ſenaõ que eras couſa má; porque couſa boa nunca para mim ſe chegou?

T*ezeo.* Como te atreveſte a penetrar até o centro do Labyrintho? Naõ cuidey, que tinhas valor para tanto.

Esfuz. Se eu fora liſonjeiro, bem te podia dizer, que quiz vir acompanharte

nas

nas tuas penas, para ajudarte a mataro Minotauro; porém, Senhor, a minha fraqueza he tal, que me naõ póde deixar mentir; e foy o caso: Depois que te trouxeraõ para o Labyrintho, como o boy solto lambe-se todo, naõ me pezou o pé huma onça, e como tal de hum pullo entrey por huma porta, sahi pela outra, andey, desandey, corri, descorri, para dentro, para fóra, daqui para alli, até que dey comtigo neste lugar, neste Labyrintho, neste diabo, que bem escusado era, que o Senhor Dedalo fabricasse estes enredos; mas por donde cada hum pecca, por ahi paga.

Dedal. Já por meu mal me naõ posso eximir dessa censura.

Tezeo. Ainda te naõ sey encarecer a artificiosa maquina deste portento!

Esfuz. Tambem o filho da puta, que tal fez, merecia as mãos cortadas.

Tezeo. E que novas me dás de Ariadna? Sente muito a minha ausencia?

Esfuz. Muito, e com tanto extremo, que esta noite fazem hum saráo por exequias de tua morte.

Tezeo. Cruel he a sua condiçaõ! Pois naõ te fallou em mim?

Esfuz. Nem fallar nisso he bom, e mais

agora

agora que anda hum rum rum em palacio, que Lidoro caſa com Ariadna.

Tezeo. Ay infeliz, que ſe eu hey de ter vida para ver a Ariadna em poder de Lidoro, naõ reſiſtirey ao Minotauro; que antes quero que a ſua furia me devore, do que os zelos me deſpedacem!

Esfuz. Pois ainda o Minotauro eſtá vivo?

Tezeo. Ainda; e de ſeu furor me naõ hey de eximir.

Esfuz. Bem aviados eſtamos! O Minotauro vivo, e eu aqui? Pois com licença, que eu me naõ quero minotaurear agora, nem eſperar pela morte aqui a pé quedo; pois eu cuidava, que eſtavas vivo, por teres morto ao Minotauro.

Tezeo. Aonde has de hir, que o pódes encontrar? Naõ te acobardes, eſtando comigo.

Esfuz. Por ventura Voſſa Alteza he alguma coura danta, ou ſaya de malha, que me faça impenetravel aos dentes Minotaurinos? E quando aſſim ſeja, ſe quizermos furtarlhe a volta, e fugir, como nos havemos eſcafeder da qui fóra, ſe em cada paſſo encontramos mil barafundas, e circumloquios?

Dedal. Mais facil ſerá matar ao Minotauro,

ro, que atinar com os caminhos intrincados do Labyrintho.

Tezeo. De hum, e outro, me verás victorioso.

Esfuz. A mim tambem naõ me cheira.

Tezeo. Para que o saibas, attende.

Canta Tezeo a seguinte Aria, e

RECITADO.

Nunca piedoso o Ceo a hum desgraçado
Negou favores de hum ditoso auspicio,
Pois com anticipadas influencias,
Antidotos prevenío a meus pezares,
Dando-me Fedra a industria peregrina
Do triunfo do horrendo Minotauro;
Quando Ariadna com subtil idéa
O fio me administra,
Que tecido farol nestes horrores
Me guia o passo em tanto Labyrintho.
Mas ay, bella Ariadna! Se piedosa
Me dás a liberdade,
Inuteis considero os teus favores;
Porque em tanta aspereza,
Mais cativo me tem essa belleza.

ARIA.

Vem, ò monstro, a lacerarme,
Vem, cruel, a devorarme;
Porém naõ offendas
Com furia inhumana
A bella Ariadna,

Que

Que dentro em meu peito
Se oſtenta feliz.
Se morto me vires,
Só quero, que entendas,
Que tu me naõ matas,
Amor iſſo ſim.

Esfuz. Ainda que mo diga cantando, ou chorando, eu vou-me, que naõ quero eſtar aqui hum minuto por amor do Minotauro. *Vay andando.*

Ao irſe Esfuziote, ſahe o Minotauro, e o atropella, e luta com Tezeo.

Esfuz. Mas ay, que elle he comigo! Senhor Minotauro, olhe, que eu naõ ſou dos ſete do tributo. Ay, ay, ay.

Tezeo. O' tu vivo ſepulchro de Athenienſes, hoje pagarás com a vida os males, que tens cauſado.

Dedal. Aqui me tens em tua defenſa.

Tezeo. Retira-te, Dedalo, que eu ſó dominarey o furor deſte monſtro.

Esfuz. Iſſo, iſſo; com elle, e naõ comigo.

Tezeo. Por mais que empenhes a tua furia, hey de triunfar de tua crueldade, apertando-te em meus braços, até que exhales o alento.

Cahe o Minotauro na mina com bramidos.

Dedal. O' ſempre eſclarecido Tezeo, agora

ra vejo, que ainda o teu valor he mayor, que a tua fama.

Esfuz. O' ſempre tremebundo Esfuziote, agora vejo, que o teu pavor ainda he mayor, que o Minotauro.

Tezeo. Releva-me, Fedra, deſprezar para a morte do Minotauro o piedoſo remedio, que me adminiſtraſte; que ſeria injuria do meu valor buſcar fóra de mim induſtrias para vencer; porém ſempre no meu agradecimento fica recompenſada a tua generoſidade.

Esfuz. Diga-me, Senhor: darſeha caſo, que a bichinha naõ ficaſſe bem morta, e que poſſa reſurgir daquella buraca?

Tezeo. Com tal vigor o apertey em meus braços, que nelles expellio o ſeu vital alento.

Esfuz. Quém me dera ter hum abraço deſſes, para dar ao meu amigo Embaixador.

Tezeo. Esfuziote, já que os aſtros te deſtinaraõ para companheiro de meus infortunios, quero valerme de ti para outra empreza mayor, que a do Minotauro.

Esfuz. Senhor, ſe eu naõ pude com a menor, como hey de poder com a mayor?

Tezeo. Para communicarme com Ariadna, parece, que amor te conduzio a eſte Labyrintho. *Ruido.*

 Dedal.

Dedal. Pizadas ouço, parece que vem gente.

Esfuz. Senhor, naõ ſerá licito, que te vejaõ, pois todos te julgaõ morto.

Tezeo. Dizes bem; Dedalo, aonde nos eſconderemos?

Dedal. No concavo deſta diafana columna ha hum pequeno, e limitado gabinete, donde muito apenas cabem duas peſſoas, no qual nos poderemos eſconder.

Tezeo. Pois vamos depreſſa, que o rumor ja vem perto.

Esfuz. Eſcondaõ-ſe cobardes, que eu ſó reſiſtirey aos Minotauros.

Eſcondem-ſe Dedalo, *e Tezeo atraz da columna, que ha no meyo do Labyrintho, e ſahe Taramella com huma banda azul na maõ.*

Taram. Quero obedecer a Ariadna, ſó para inveſtigar os meus zelos; mas entre tanto enleyo aonde acharey a Tezeo?

Esfuz. Ay que he Taramella em carne, que me vem buſcar em oſſo de correr; e ſem duvida que a induſtria de fazerme Principe a tem feito andar numa dobadoura.

Taram. Mas elle ahi eſtá: ah fementido Principe, já vejo, que he certa a tua falſidade.

Esfuz.

Esfuz. Taramella, já ſey, que o Labyrintho da tua ſaudade te trouxe por teu pé a eſte, aonde por ti duas vezes me conſidero perdido.

Taram. Para que he liſongeiro? Logo me pareceo, que o ſeu amor era fingido. Se adora a Ariadna, para que me engana? E ſe ella o buſca, para que me perſegue?

Tezeo. Que he o que ouço? *à part.*

Esfuz. Menina, iſſo ſaõ tramoyas de tua tia, por ver ſe nellas eſcorrega o arlequim de meu amor.

Taram. Ainda ſe atreve a negar, que adora a Ariadna?

Esfuz. Eu a Ariadna? Appello eu! He mulher, que nunca me cahio em graça.

Taram. Sim, que Ariadna havia de fazer exceſſos por quem a naõ requeſtaſſe primeiro muito bem.

Esfuz. Se ella para quererme achou motivos na minha gentilomeza, que culpa tenho eu?

Tezeo. Que enigma ſerá eſte de Esfuziote com eſta moça? *à part.*

Taram. Bem ſey, que ella he huma Princeza, e eu huma criada; mas tenho a conſolaçaõ, que eu o naõ roguey, para que me quizeſſe.

Esfuz. Taramella, naõ venhas a arengar: tanto ſe me dá a mim de Ariadnas, como da lama da rua. Tu cuidas, que eu faço caſo de Princezas? He engano; pois mais me regala huma fregona deſenxovalhada, que os melindres, e filetarias de huma Princeza.

Taram. Nada diſſo me entra cá, pois eu conheço o genio de Ariadna, e ſey, que ſem a requeſtar, lhe naõ havia mandar eſta banda, para com ella ir ao ſaráo, que ſe faz em Palacio eſta noite.

Dá a banda.

Tezeo. Tomara já ſaber, que banda ſerá eſta de Ariadna? *à part.*

Esfuz. Pois Ariadna manda-me eſta banda? Darſe-ha caſo, que me namore, ſem eu o ſaber?

Taram. Naõ ſe faça de novas; e para que veja, que a mim me naõ engana, vá, vá ao ſaráo, caze com Ariadna, que eu me vingarey em pedir juſtiça ao Ceo contra hum falſo enganador. Juſtiça! juſtiça! *Vai-ſe.*

Esfuz. Eſpera, Taramella, naõ feches a porta à minha innocencia.

Sahem Tezeo, e Dedalo.

Tezeo. Larga eſſa banda, inſolente.

Esfuz. Por todas as bandas me vejo combati-

batido : ahi eſtá a banda. *Dá a banda.*

Tezeo. Que dizia de Ariadna eſſa mulher?

Esfuz. Foy galante caſo! Supponho, que entendeo, que eu era Tezeo pelo circunſpecto da minha perſonagem, e da parte da Senhora Ariadna deu-me eſta banda, para que com ella foſſe ao ſaráo, que ſe faz eſta noite em palacio.

Tezeo. Aſſim ſerá; porém ſe cuidava, que tu eras Tezeo, como te dava ciumes, e indignada contra ti foy pedindo juſtiça?

Esfuz. Iſſo meſmo eſtava eu para te perguntar agora. Darſe-ha caſo, Senhor, que Voſſa Alteza algum dia bichancreaſſe eſta criada?

Tezeo. Eſtás louco? Mas tu para que lhe davas ſatisfações?

Esfuz. Porque entendendo, que Voſſa Alteza tinha tinha de amor com eſta rabujenta criada, naõ quiz deixaſſes de comer pōr mal cozinhado; e aſſim lhe fuy reſpondendo a troxe moxe.

Tezeo. Naõ te quero apurar mais por ora; e pois eſta he a primeira fortuna, que amor me facilita, vamos, Dedalo, a procurar maſcara, que quero ir ao ſaráo, que com ella de ninguem ſerey conhecido, e ſó de Ariadna pela diviſa deſta banda.

Esfuz.

Esfuz. Giribanda me parece iſto : oh queira Jupiter, que neſſa dança naõ haja algum contratempo da fortuna.

Tezeo. Vamos, naõ nos dilatemos.

Dedal. Sempre ficarey temendo naõ ſe te quebre o fio, e te percas no Labyrintho.

Tezeo. Quem com favores me alenta, tambem com cautelas me defende deſſe cuidado. *Vai-ſe.*

SCENA III.

Sala, e huma cadeira. Sahe Tebandro com maſcara cahida, e Lidoro ſem ella, e depois poem Tebandro a maſcara; e no fim ſe correrá a corrediça do meyo, e apparecerá toda a Sala, em que haverá huma meſa compoſta em fórma de banquete.

Teband. Lidoro, vós ſem maſcara, quando todos já vimos caminhando a eſte lugar do ſarác?

Lidor. Deixa-me, Tebandro, voar nas azas das minhas penas aos incultos deſertos da Lybia, aonde naõ hajaõ memorias deſte infeliz

Teband. Naõ deſprezeis eſta occaſiaõ, em que as Infantas tambem dançaõ, para

que

que no contacto de tanta neve poſſais mitigar os incendios do voſſo ardor.

Lidor. Naõ quero merecer ao rebuço da maſcara, o que ſem ella naõ alcanço.

Teband. Tambem eu vivia na meſma deſeſperaçaõ; porém Fedra compadecida dos golpes, que a ſetta de amor fulminou em meu coraçaõ, para ligar as feridas me enviou eſta banda.

Lidor. Goza tu, ò Tebandro, eſſa fortuna, pois foſte mais feliz no teu amor; que eu deſenganado, por naõ morrer muitas vezes, irey morrer huma ſó.

Vai-ſe.

Vaõ ſahindo Ariadna, Fedra, Sanguixuga, e Taramella com maſcarilhas; poem Tebandro a ſua; ſahe ElRey ſem ella, que ſe aſſentarà, e em quanto vaõ ſahindo, cantarſe-ha o ſeguinte.

CORO.

Num-a alma inflammada
De amor abrazada
Cruel Labyrintho
Fabríca o Amor.
Porém quem eſpera
O bem de huma féra,
Acertos de hum cego,
De hum monſtro favor?

Rey. He tal o prazer, que tenho de ver
vin-

vingada a morte de Androgeo com a de Tezeo, que naõ cabendo em meu coraçaõ, o intonto publicar nesta exterior alegria.

Fedra. Já alli diviso a Tezeo pela senha da banda branca; desejara me tirasse a dançar. *à part.*

Ariad. Ainda naõ vejo a Tezeo aqui; sem duvida se quebraria o fio no Labyrintho. Oh quantos sustos padece quem ama! *à part.*

Sang. Quem pudera conhecer ao Embaixador, que o havia de sacar a passeyo. *à part.*

Taram. Se Tezeo me fosse amante leal, para bem naõ havia de vir ao saráo. *à p.*

Sabe Tezeo com mascara.

Tezeo. A bom tempo chego: quem pudera conhecer a Ariadna! *à part.*

Ariad. Alli vejo Tezeo; já descançará o meu coraçaõ. *à part.*

Taram. Aquelle da banda azul he Tezeo, que sem ella o naõ conhecera; e pois taõ galhardamente se soube disfarçar, certos saõ os meus males. *à part.*

Sabe Esfuziote com mascara muito horrenda.

Esfuz. Só agora que tapo o rosto, he que tenho cara de apparecer. Queira Deos me naõ perca nas voltas de Andreza.

Sang.

Sang. Ay que galante mafcara entrou agora!

Rey. Dê principio ao faráo a canora armonia dos inftrumentos.

Teband. Seja eu o primeiro, que na ordem do amor devo preferir a todos. Aquella fem duvida he Fedra; dançarey com ella.

Fedra. Fortuna foy o conhecerme Tezeo. *à part.*

Teband. Galharda Ninfa, a permittida faculdade defta occafiaõ feja o indulto defte atrevimento.

Fedra. Se a occafiaõ o permitte, naõ póde a vontade deixar de obedecer.

Dançaõ, e cantaõ os dous o feguinte.

MINUETE.

Teband. Inda naõ creyo
O bem, que gozo:
Serey ditofo,
No meu amar?

Fedra. Eftas a voltas
Saõ da fortuna:
Sórte opportuna
Amor te dá

Teband. Serás amante?

Fedra. Serás conftante?

Ambos Efta conftancia
Firme ferá

Fedra. A' manhã à noite te efpero na fala

dos

dos enganos do Labyrintho. *à p. para Teb.*

Teband. Amor, tanta fortuna junta, temo me mate o gosto de possuillas. *à part.*

Rey. Quem dançou com Fedra, sem duvida foy Tebandro, e o fez galhardamente. *à part.*

Faz Ariadna acenos para Tezeo.

Tezeo. Aquella por acenos me diz a tire a dançar; sem duvida he Ariadna, que me conheceo pela banda. Oh que vagarosos saõ os passos de hum acelerado desejo! Formosa Ninfa, para que me naõ perca no Labyrintho da dança, permitti, que o norte de vossas luzes seja o indice de meus acertos. *à p. para Ariad.*

Ariad. Bem he, que aprendais acertos neste Labyrintho, para que no de amor naõ vos percais. *à part. para Tezeo.*

Dançaõ, *e cantaõ os dous o seguinte*

MINUETE.

Tezeo. Na pura neve
De teus candores
Os meus ardores
Se ateaõ mais.
Se essa ventura
Feliz alcanças,
Nessas mudanças
Temo o meu mal.

Tezeo. Serás amante?

Ariad. Serás conſtante?
Amdos. Eſta conſtancia
Firme ſerá.

Ariad. Na Sala dos enganos eſpera-me à manhã a eſtas horas. *à parte para Tezeo.*

Tezeo. Ao meu deſejo, e ao teu preceito obedecerey.

Rey. O que dançou agora com Ariadna, ſeria Lidoro. Quem me dera ver já concluidas eſtas ditoſas nupcias. *à part.*

Esfuz. Aquella das ancas roliças he Taramella, e ainda que o naõ ſeja, como *imaginatio facit cauſam*, ſupponho, que he ella; e já que he menina do açafate, dançarey com ella huma giga. Senhora maſcarada, aqui todos ſomos huns, erga o rabete, e vamos dançando.

Taram. Bem condizem as palavras com o geſto; tenho entendido, que em tudo he ridiculo.

Esfuz. Ella he ſem duvida, que agora a conheço melhor pelo falſo metal da voz: ora entiricemonos em fórma dançatriz.

ARIA A DUO

Em fórma de Minuete.

Esfuz. Inda que gaſte
Duzentas ſolas,
Mil cabriolas

Por

Por ti farey.

Taram. Ay que bichancro!
Que horrenda cara!
Quem lhe cafcara
Hum cambapé. *Faz Esf. que tropeça.*

Esfuz. Dame effa maõ,
Para me erguer.

Taram. Va-fe dahi,
Quem he voffé?

Esfuz. Sou quem por ti
Mil cabriolas
Juntas farey,
Quercs tu ver?
Ora la vay,
Huma,duas,e tres, e quatro, e cinco,
e feis. *Em pulos.*

Amb. Muy buliçofo
Tens effe pé!

Rey. Bafta, demos por acabado o faráo. Olá, preparem-fe as mefas, pois quero banquetear efta noite aos Principes.

Taram. Vamo-nos, tia, que os Principes querem cear. Ah falfo Tezeo, eu me vingarey de ti. *à part. vai-fe.*

Sang. E que fe paffaffe a noite, fem haver hum Embaixador, que comigo dançaffe, para moftrar minhas habilidades! Paciencia, vamos a codear. *à part. vaife.*

Cor-

Corre-ſe a corrediça do meyo, apparece huma meſa, e tiraõ todos as maſcaras, excepto Tezeo, *e* Tebandro.

Rey. Principes, tiray as maſcaras, que naõ haveis de comer com ellas.

Tezeo. Eſtou perdido, ſe ElRey teima, em que nos deſcubramos, pois já me naõ poſſo retirar, ſem que me veja, e ſe me for à ſua viſta, tal vez que mo naõ conſinta. Quem já mais ſe vio em taõ apertado lance! *à part.*

Fedra. Ay de mim, que ſe Tezeo tira a maſcara, ElRey o conhece! Naõ tires a maſcara, que niſſo eſtá a tua vida. *à parte para Teband.*

Teband. A minha vida? Naõ entendo a Fedra. *à part.*

Ariad. Que ſerá de Tezeo, ſe ElRey porfiar em que tire a maſcara? Tezeo, naõ tires a maſcara, que primeiro eſtá a tua conſervaçaõ. *à parte para Tezeo.*

Tezeo. Bem ſey, mas que hey de fazer?

Rey. Que he iſſo Lidoro? Que he iſſo Tebandro? naõ tirais as maſcaras? Recuſais o meu convite?

Esfuz. Eu por mim, Senhor, ſem preceito de Voſſa Mageſtade já tirey a maſcarilha, ſe bem que para taes funções ainda com maſcara maſcára.

Teband.

Teband. Fedra me diz, que naõ tire a maf cara, e ElRey ordena o contrario, co mo ha de iſto ſer? *à part*

Tezeo. Hoje ſerá a minha total ruina. *à p*

Esfuz. Naõ te diſſe eu, Senhor, que te mia neſta dança algum contra tempo. *à parte para Tezeo*

Rey. Eſſa deſobediencia he ludibrio do meu decóro. Que receyo tendes em vos deſ cobrires? Alguma traiçaõ indica eſſ recato, e eſſe rebuço. Olá da minha guarda.

Fedra. Ay infeliz Tezeo, eu me vou, antes que os meus olhos vejaõ tal deſgraça. Quem nunca te mandara chamar! *à part. e vai-ſe.*

Ariad. Que infelicidade! *à part.*

Esfuz. Eis-aqui os bailes! Couſa de pés ſempre dá na cabeça. *à part.*

Tanto que ElRey chama a guarda, viraõ dous Soldados, e com elles o Principe Lidoro com maſcara, pela parte donde eſtá Tezeo, e eſte ſe irá logo, e ElRey eſtará virado com as coſtas para elle, e Tebandro tira a maſcara.

Tezeo. Agora neſte tropel, e confuſaõ, me irey. *Vai-ſe.*

Lidor. Naõ pude acabar comigo deixar de vir ao ſaráo; mas cuido, que já venho tarde. *à part.* *Ariad.*

Ariad. Já ſe foy Tezeo : já reſpiro com ſocego. *à part.*
Rey. Agora fará o rigor, o que naõ póde o reſpeito.
Teband. Aqui naõ ha mais, que obedecer. Senhor, Voſſa Mageſtade naõ accuſe de remiſſa a minha obediencia, pois eu.. eu.... *Tira a maſcara.*
Rey. Eſtá bem, Tebandro. E vós Lidoro nem o exemplo de Tebandro, nem o meu preceito he baſtante, para que acabeis de tirar a maſcara? Porém naõ deveis de ſer Lidoro, que a ſer, ſerieis mais attento; e neſſa ſuppoſiçaõ : Olá, tiray a maſcara a eſſe homem, para que depois de conhecido, pague com a vida o ſeu atrevimento.
Lidor. Senhor, que diz Voſſa Mageſtade, ſe eu ainda agora entro, ſem que em nenhum tempo foſſe inobediente a teu preceito? *Tira a maſcara.*
Rey. He boa deſculpa eſta, Lidoro, querer contradizer huma ocular evidencia.
Lidor. Hum Principe de Epyro naõ ſabe mentir; e para que me acredites, pergunta-o a eſſes Soldados, que comigo vieraõ.
Sold. Aſſim he, Senhor, que o Principe Lidoro comnoſco entrou.

Esfuz.

Esfuz. Iſſo eſtá muito bem, mas o cald[o]
eſtará de neve. *à part[e]*

Ariad. Eſtimo, que foſſe Lidoro lo culpa
do. *à part[e]*

Rey. Lidoro, eu creyo o que me dizeis;
porém deixay que creya tambem ao[s]
meus olhos, que viraõ hum maſcara dan-
çar com Ariadna, a quem mandey ſe deſ-
cobriſſe, cuja deſobediencia foy tal, qu[e]
para ſeu caſtigo me obrigou a chama[r]
a eſtes Soldados de minha guarda.

Lidor. Pois, Senhor, eu naõ dancey com
Ariadna, que a minha fortuna ſempr[e]
adverſa me privou deſſe bem, por naõ
querer conſeguir favores no disfarce d[e]
quem na realidade me deſpreza; e aſſim
peço-te, Senhor, me dès licença par[a]
retirarme à minha Corte, que como h[a]
em palacio quem dance com Ariadna,
e ha nella repudios, que me deſenganaõ,
baſtante motivo, parece, que abona o
meu retiro. *Quer irſe.*

Rey. Naõ vos auſenteis, Lidoro, levand[o]
hum eſcrupulo taõ indecente ao meu de-
coro. Eu vos prometto averiguar quem
foy o que dançou com Ariadna, para o
que empenho a minha Real palavra.

Esfuz. Iſſo aſſim ſerá; porém a ſopa *eſ-
friata eſt.*

Ariad.

Ariad. Lidoro, ſe pelos meus deſvios vós auſentais, digo, que tendes razaõ; porém ſempre andaſtes deſcomedido em dizer, que ha em palacio quem dance comigo, quando naõ póde haver taõ atrevido penſamento, que intentaſſe com o diſſimulo do disfarce aproveitarſe do contacto da minha maõ; pois ſó com a permittida faculdade delRey cometterias, com eſſe indulto, eſſe delicto.

Lidor. De taõ ditoſo crime deſejara ſer o culpado.

Esfuz. Senhores, guardem iſſo para ſobre meſa, pois naquella babilonia de payos naõ faltaõ linguas, para deslindar eſſe novo caſo da conſciencia.

Rey. Eu confeſſo, que eſtou perplexo, é ainda naõ poſſo crer, que naõ dançaſtes com Ariadna.

Lidor. Nem ao menos pelo veſtido pudeſtes diſtinguir, ſe me parecia eu com eſſe maſcara, que dançou?

Rey. Como já os annos me vaõ privando da perſpicacia do melhor ſentido, naõ fiz apprehenſaõ no veſtido; diga-o Ariadna, e Tebandro.

Teband. Naõ ha duvida, que o veſtido era differente a eſte de Lidoro.

Ariad. Pois a meu ver nenhuma differen-

ça tinha; e para que Lidoro ſe naõ atre-
va em minha preſença a proferir taõ
inauditas offenſas, Voſſa Mageſtade me
permitta licença, pois que naõ poſſo
caſtigar o ſeu atrevimento, ao menos
me retire de ouvir taõ loucas palavras.
Vai-ſe.

Esfuz. Ora iſto já ſe naõ póde aturar; eu
naõ hey de ſer Tantalo, ainda que eſte-
ja no Inferno; valhaõ-me as minhas ra-
pantes habilidades, que com a diſputa-
ſinha em nada reparaõ a eſtas horas.

*Eſconde-ſe Esfuziote debaixo da meſa, e de
quando em quando deita a maõ em hum pra-
to.*

Rey. O caſo eſtá duvidoſo.

Esfuz. Por iſſo vou commentando.
Deita a maõ.

Rey. Lidoro, deſcançay, que vos promet-
to averiguar, quem foy, o que dançou
com Ariadna; pois a naõ ſeres vós, co-
mo dizeis, e naõ vermos retirarſe o ou-
tro, que ſe ſuppoem, naõ ſey quem
poſſa ſer, ſalvo ſe for o vivo morto,
que o Oraculo prediſſe para total extin-
çaõ do Minoutaro. *Vai-ſe.*

Esfuz. Iſſo dizem todos à boca cheya.
Comendo.

Teband. Vou confuſo, ſem ſaber, porque
cau-

causa me diria Fedra, que me naõ descobrisse. *à part. e vai-se.*

Lidor. Quem vio mayor confusaõ!

Esfuz. Pergunte-mo a mim, que eu porey isto em pratos limpos. *à part.*

Lidor. Que enleyo será este? Tudo em Creta saõ Labyrinthos, e enigmas! Pois affirmar ElRey, que eu dancey com Ariadna, quando vinha para esse effeito, e o que mais he, naõ apparecer, nem saberse quem com ella dançou, naõ sey o que presumo!

Esfuz. O supino de presumo he presunto, e este que naõ he máo! *à part.*

Lidor. Presumir em Ariadna, que admitte outro amante, he desacerto, por naõ haver em Creta, quem a mereça: eu, vacilante no Oceano tempestuoso de tanta confusaõ, naõ sey discernir o que será isso.

Esfuz. He chouriço, que sabe como gaitas. *à part.*

Lidor. Oh nunca caprichara em naõ vir ao baile, que se a tempo chegasse, nunca haveria quem tanta fortuna conseguira! Oh que tormento me penetra o intimo do coraçaõ, pois em tanta duvida naõ posso descifrar a causa de minhas penas!

Esfuz. Na verdade, que isto he hum bo
cado, que se naõ póde tragar: valha c
diabo ao cosinheiro, que deixou o gal
lo com esporões.

Repete Lidoro o seguinte

SONETO.

Se este mal, que padeço, hey de mostrallo
Perifrazis naõ acho à definillo;
Pois quando dentro d'alma sey sentillo
Balbuciente he o gemido a declarallo:
Por mais que intento em vozes descifrallo
Me soffoca o pezar ao proferillo,
Pois contém este mal hum tal sigillo,
Que parece he delicto o publicallo:
Se o tormento, que n'alma se resume
Reside inexplicavel cá no interno
Do peito, donde sinto hum vivo lume
Sómente caberá seu mal eterno,
Ou na lingua do fogo do ciume,
Ou na boca voraz do mesmo Inferno.

Esfuz. Já que deu o mote, cá vay a glo-
sa. *Comendo.*

Sahe Taramella.

Taram. Já que o falso Tezeo corresponde a
Ariadna, pois com a banda, que lh
dey em seu nome, veyo ao sarão, e
com ella dançou com notorio desprezo
de minha pessoa, que espero, que me
naõ

naõ vingo eſtorvando os intentos do ſeu amor?

Esfuz. Lá vem Taramella, ſe me naõ engano; e como vem comeſinha!

Taram. Senhor Lidoro, taõ ſó por aqui a eſtas horas? Já me naõ pergunta por Ariadna?

Lidor. Já ſe acabou eſſe cuidado, que como Ariadna tem, quem dance com ella, naõ he muito, que encontre mudanças na minha fortuna.

Taram. Tem muita razaõ Voſſa Alteza, e muito mais dançando com quem dançou.

Esfuz. Temos o caldo entornado, que a moça he capaz, como eu aqui faço, de dar com a lingua nos dentes. *à part.*

Lidor. Pois, Taramella, tu ſabes quem dançou com Ariadna?

Taram. Se guardas ſegredo, eu to direy. Zelos, he tempo de derramar já tanto veneno. *à part.*

Esfuz. Vejaõ lá, ſe aſſim como me deu a banda no Labyrintho, ſe a déſſe a Tezeo, que tal ſeria?

Lidor. Dize-mo, Taramella; e para que vejas o meu agradecimento, ahi tens neſta joya o anticipado premio do meu affecto. *Dá a joya.*

Taram. Ay Senhor, para mim naõ ha mais

joya,

joya, que o ſeu bom modo, e cortezia;
que o modo, com que ſe dá, augmenta o valor da dadiva.

Esfuz. Porém ſempre lambendo. *à part.*

Lidor. Dize, naõ tenhas pejo.

Esfuz. Eu cuido, que ella eſtá pejada, pois a vejo em termos de vomitar. *à p.*

Taram. Vigie naõ venha Ariadna, que ſe me acha fallando com Voſſa Alteza ſó por ſó, me matará certamente; pois diz, que nem couſa ſua quer que com Voſſa Alteza falle.

Lidor. Pódes dizer, que ella naõ vem agora.

Taram. Pois, Senhor, ſaberá, que quem dançou com Ariadna..... ay Senhor, veja por ſua vida naõ venha ella.

Lidor. Dize, que naõ vem; pois quem foy?

Taram. Foy Tezeo.

Lidor. Tezeo? Que dizes? Como póde ſer, ſe elle morreo no Labyrintho? Vaite, e deixa-me com eſſas quimeras.

Esfuz. A mulher he capaz de deſenterrar mortos.

Taram. Senhor Lidoro, Tezeo naõ morreo; Ariadna ſe correſponde com elle, e veyo ao baile, e por ſinal.....

Lidor. Eſpera, que ahi vem Ariadna por aquella Sala.

Taram.

Taram. Ay deſgraçada de mim, ſe aqui me vê! Eſconda-me em algures.

Esfuz. Bem haja Ariadna, que veyo; nunca to pé dôa. *à part.*

Lidor. Em quanto ella paſſa, eſconde-te debaixo daquella meſa, que de outra ſórte naõ pódes ir, ſem que te veja.

Taram. Pois eu me eſcondo, e avize-me, quando ſe vay.

Esfuz. Anda para cá, que eu te perguntarey. *à part.*

Eſconde-ſe Taramella debaixo da meſa, donde eſtá Esfuziote, e brigaõ de ſórte, que virá a meſa ao chaõ.

Taram. Ainda eſtou ſem pinga de ſangue no corpo.

Esfuz. Aqui ſe pagaõ ellas, velhaca, embuſteira.

Taram. Ay, que naõ ſey, quem aqui eſtá!

Esfuz. Cal-te, marafona.

Taram. Aque delRey, acuda-me Senhor Lidoro; acuda-me Voſſa Alteza. *Vai-ſe.*

Cahe a meſa.

Esfuz. Antes que te vejaõ, Esfuziote, vay-te esfuziando. *Vai-ſe.*

Lidor. Quem vay ahi? Quem he, Taramella?

Taram. Elle ahi vay, veja ſe eu fallo verdade?

Lidor. Irey em ſeu ſeguimento. *Quer irſe. Sahe Ariadna.*

Ariad. Em ſeguimento de quem? Que foy iſto, Taramella? Que diſturbio he eſte?

Taram. Vindó levantar a meſa, eſtava hum caõ roendo hum oſſo; foy elle, que me queira levar a carne da perna por amor do oſſo, que para ambos foy de correr; eu para fugir, e o caõ para morderme; e com o medo tropecey na meſa, e veyo tudo ao chaõ.

Lidor. Que naõ pudeſſe diſtinguir, quem era o que fugio! Mas quem havia de ſer, ſenaõ quem diſſe Taramella; que talvez por eſſe reſpeito vieſſe Ariadna a eſte lugar, eſtorvando-me o ſeguillo? *à part.*

Ariad. Vay chamar quem levante a meſa. Ouves, dirás a Tezeo, que ſe por acaſo me naõ ouvio no baile, que o eſpero na Sala dos enganos à manhã à noite. *à p.*

Taram. Eu vou, Senhora. Olhe o negro caõ o ſuſto que me meteo!

Lidor. Cuido, Senhora, quê já vindes tarde; mas quem he vivo ſempre apparece.

Ariad. Naõ entendo eſſa nova fraze de fallarme.

Lidor.

Lidor. Naõ ſem cauſa eraõ os teus deſvios, ingrata; pois deſprezando a viva conſtancia, com que te adoro, idolatras a hum morto na apparencia, que vive em teu coraçaõ na realidade.

Ariad. Ay deſgraçada! Que he o que ouço? *à part.*

Lidor. Agora morrerey com mais ſuavidade, conhecendo a cauſa de teus deſvios; mas naõ deſeſperado na incerteza da cauſa de teu deſdem.

Ariad. Como deſattento a meu decóro fabricais em voſſo penſamento eſſes temerarios conceitos, indignos de minha ſoberania?

Lidor. Que offenſa faço em dizer, que amas a Tezeo, e que foy quem comtigo dançou disfarçado? E ſe hum Principe como Tezeo he o teu emprego, em que ſe póde offender o teu decoro?

Ariad. Que mais claro o ha de dizer? Louco Principe, bem ſe vê, que todas as maquinas, que fabrícas, ſaõ fundadas em aereas deſconfianças; pois ainda que Tezeo podeſſe reſuſcitar agora, nem vós, nem elle, nem ninguem, podia contraſtar a minha iſençaõ: ide-vos, idevos, barbaro, temerario, que eſſas fingidas idéas naõ pódem eſcurecer as purezas do Sol.

Lidor.

Lidor. Adverti, que o Sol com ser puro, naõ deixou de amar a Daphne.

Ariad. Ide-vos, tenho dito.

Lidor. Eu me vou; porém naõ sey, se me tornarás a ver; que os zelos, em que me abrazo, naõ cabendo dentro do coraçaõ, talvez façaõ mayor estrago, do que imaginas. *Vai-se.*

Ariad. Ay de mim, que Lidoro zeloso, sabendo que Tezeo he vivo, o irá communicay a ElRey! Que farey? Amor, influe acertos a meus intentos, para que Tezeo naõ fique opprimido a violencias de hum cego ciume.

Canta Ariadna a seguinte

ARIA.

Confusa, e perdida,
Sem alma, e sem vida,
Alivio em meus males
Aonde acharey?
  Se a infiel tyrannia
De hum cego me guia,
Em tantos enleyos
Que acertos terey? *Vai-se.*

SCE-

SCENA IV.

Gabinete, e espelho no fim delle. Sahem Tezeo, e Dedalo.

Dedal. NOtavel foy a traça, com que te sahiste do sarão! E pois então lograste essa fortuna, não he justo entendas, que sempre terás os fados propicios.

Tezeo. Nunca me vi em tão evidente perigo; porém por mayor, que seja, nunca deixarey de ver a Ariadna; que hum espiririto armado de amor não teme as as iras de Marte.

Dedal. Essas palavras são effeitos de hum juvenil ardor; algum dia reputarás ignorancia o mesmo, que agora julgas discrição; diga-o eu, quando fabriquey este Labyrintho, especialmente este gabinete, no qual empenhey com particularidade a minha sciencia; porém o que naquelle tempo foy vangloria da idéa, hoje vejo, que foy erro da fantasia.

Tezeo. Em todos os quartos do Labyrintho admiro tanto artificio, que não sey discernir qual he o melhor; este não ha duvida que admira; mas não excede.

Dedal.

Dedal. Se tu, Senhor, ſouberas a virtude, que tem aquelle eſpelho, verias o quanto eſte gabinete he digno de eſtimaçaõ.

Tezeo. Naõ me dilates o goſto de ſabello.

Dedal. Aquelle eſpelho, que alli vês, fica fronteiro àquella janella, da qual, ainda que muito diſtante, ſe vém os jardins de palacio; e ſem embargo da ſua diſtancia, he tal o artificio, com que fabriquey eſſe eſpelho, que aquelle objecto remoto o aviſinha tanto aos olhos, que nelle ſe diſtingue a minima flor daquelle jardim: repara, e vê.

Tezeo. Naõ ha duvida: que ameno penſil! Mas que muito, ſe Ariadna oſtentando-ſe Flora deſſe jardim, véſte de purpuras as roſas, e de candores as aſſucenas.

Dedal. Conheces quem he aquelle, que lá vem?

Tezeo. Já vejo, que he Lidoro, e taõ diſtinctamente, como ſe eſtiveſſe aqui comnoſco.

Por detraz do eſpelho apparece Lidoro.

Lidor. Ainda me naõ poſſo capacitar, que Tezeo he vivo, ſó pelo leve informe de Taramella; he neceſſario mayor averiguaçaõ, para que com mais certeza o com-

communique a ElRey em vingança dos meus zelos: bem ſey, que as conjecturas ſaõ efficazes; porque haver quem com Ariadna dançaſſe, ſem que ſe viſſe, quem foy, e logo ſahir hum homem debaixo da meſa com arrebatada fuga; iſto argúe huma quaſi veroſimilidade, de que Tezeo he vivo; porém para condemnar naõ baſtaõ indicios.

Ded*al.* Muy triſte, e penſativo eſtá Lidoro!

Tezeo. Sem duvida os deſvios de Aridna, ſaõ a cauſa de ſeus pezares.

D*edal.* Lá vem Ariadna; vê que mais queres!

Apparece Ariadna por detraz do eſpelho.

Tezeo. E como vem galharda! Ay Dedalo, que conſidero naquelle eſpelho as propriedades de Uſtorio; pois na esféra de ſeus rayos me abrazo Salamandra de ſuas luzes, ſe já naõ he Teleſcopio, em que diviſo a bella grandeza daquelle aſtro.

Ariad. Aqui eſtá Lidoro; quanto temo, que dos ſeus zelos a furia ſinta Tezeo! Quero deſvanecellos, moſtrando-me amante; que nas guerras de amor, vencer com enganos he o melhor ſyſtema. *à p.*

Lidor. Voſſa Alteza, Senhora, taõ ſó por eſte

este jardim, podendo estar acompanhada no Labyrintho?

Ariad. Lidoro, ainda se vos naõ desvaneceo essa fantasia? Pois sabey, que a ser possivel viver Tezeo, e eu capaz de amar, nunca por Tezeo vos desprezara.

Tezeo. Quem me dera poder ouvir, o que fallaõ Ariadna, e Lidoro!

Dedal. A tanto naõ póde chegar a sciencia Optica.

Tezeo. Pois para que me facilitaste o ver, se me havias negar o ouvir?

Lidor. Se até aqui, cruel, me matavas com desenganos, agora com enganos me queres tyrannizar? Naõ me desvaneças com possiveis carinhos a isençaõ do teu peito, que bem informado estou, que adoras a Tezeo vivo, ou ao menos as memorias de Tezeo morto; pois de toda a sórte sey, que o amas.

Ariad. Para desvanecer esse errado projecto do teu ciume, quero, violentando a minha natural isençaõ, obedecer a teu rogo: vay, Lidoro, dize a ElRey meu pay, que abrevie os nossos desposorios, para que vejas, que o meu desvio naõ se origina de occultos affectos. Perdoa, Tezeo, estas fingidas vozes de minha cautella, que todas saõ dirigidas à tua liberdade. *à p.*

Tezeo.

Tezeo. Que eſtará Ariadna dizendo a Lidoro com tanta efficacia?

Lidor. Beliſſima Ariadna, agora conheço a temeridade de meus ciumes. Porém quando naõ foraõ indiſcretos os zelos? E pois com tantos favores premeyas os meus delictos, deixa que, proſtrado, novamente a minha liberdade te ſacrifique.

Poem-ſe Lidoro de joelhos, e Ariadna o levanta.

Tezeo. Que he o que vejo? Ay de mim, Dedalo! Que importa eſtar aqui ocioſo o ouvido, ſe os olhos como teſtemunhas de viſta me informaõ dos meus zelos? Naõ viſte a Lidoro rendido aos pés de Ariadna; e ella com alegres carinhos recebendo a victima de ſuas adorações?

Dedal. Póde ſer, que naõ ſeja de amor o motivo deſſe rendimento, mayormente quando naõ pódes ouvir, o que dizem.

Tezeo. Hum impaciente amante, como Lidoro, que aſſumpto podia ter para as ſuas vozes, ſenaõ expreſsões de ſeu amor? Ay infeliz, que como baſiliſco dos zelos a mim meſmo me mato, quando os vejo no diafano daquelle eſpelho!

Lidor.

Lidor. Porém já que o ſuave eſpirito d[e] tua fineza communica novos alentos [à] minha eſperança, permite-me algum ſi-nal externo de tua conſtancia.

Ariad. Creſça o engano; augmente-ſe [a] induſtria. Suppoſto que o abono de mi-nha palavra para me acreditares baſta-va, com tudo, eſte retrato meu ſerá [o] fiador, para que creas mais à copia, que ao original. *Dá-lhe o retrato.*

Lidor. Com o favor deſte retrato alentas ao meu coraçaõ de vivas cores.

Tezeo. Que dizes, Dedalo? Póde agora enganarſe a viſta? Naõ viſte dar Ariad-na hum retrato ſeu, que no peito tra-zia, a Lidoro? Que mais clara eviden-cia de ſua falſidade? Ah ingrata! Ah falſa Ariadna! Eſſas eraõ as tuas iſen-ções? Porém ſe es mulher, que muito ſejas mudavel!

Dedal. Oh quem nunca trouxera a Tezeo a eſte lugar!

Lidor. Para que me poſſa vangloriar de ditoſo, ſó falta, que hum favor me concedas.

Ariad. Dize.

Lidor. Attende.

Can-

Cantaõ Lidoro, *Ariadna*, *e Tezoo a ſeguinte*

ARIA.

Lidor. Se oſtentas no pintado
Conſtante o teu agrado,
Oh peço-te naõ ſeja
Pintado o teu favor.

Ariad. S o vario deſſas cores
Adoras por favores,
Nas ſombras da pintura
Mitiga o teu ardor.

Tezeo. Falſa, cruel, avára,
Na duvida repara,
Verás neſſe retrato
Copiada a minha dor.

Lidor. Dize, ſerás conſtante?

Ariad. A mim naõ mo perguntes,
O tempo to dirá.

Tezeo. Tyranna, eu deſeſpero,
Eu me abrazo, eu enloqueço.
Quem vio tormento igual!

Lidor. A copia, que me anima,

Ariad. A gloria, que me alenta,

Tezeo. A dor, que me atormenta,

Todos. Se intenta eternizar.

Lidor. Mas ay, que eſſa fortuna
Naõ poſſo acreditar!

Ariad. Mas ay, que a tua idéa
Se póde allucinar!

Tezeo. Mas ay, que o meu ciume

Me quer precipitar!

Lidor. *Ar.* Pois que ouço,

Tezeo. Pois que vejo,

Todos. Que nada no Orbe constante será.

Vaõ-se Lidoro, e Ariadna.

Dedal. Principe, naõ te entregues todo ao sentimento, deixa loucuras de amor.

Tezeo. Nada me digas; deixa-me seguir a huma inimiga, que na fragancia daquelle jardim se ostenta Venus daquelle Adonis; porém o meu mavorcio furor em sanguinolenta metamorfose escreverá nas folhas das brancas rosas as rubricas de minha vingança. *Quebra o espelho.*

Dedal. Que he o que intentas?

Tezeo. Arrancar aquella traidora dos braços de seu amante.

Dedal. Que culpa teve o crystal, para experimentar o teu rigor, quando nelle só por reflexo viste a causa de tuas penas?

Tezeo. Ainda que errey o tiro, sempre acertey o golpe; porque espelho, que foy theatro dos meus zelos, he bem que em atomos desfalleça, para que no estrago de seus crystaes se represente melhor a tragedia de meu amor; já que o furor, que me abraza, naõ sabe liquidar no espelho de meus olhos o crystal de meu pranto.

Dedal. Em hum inſtante deſvaneceſte o trabalho de tantos annos.

Tezeo. Dedalo, guiame à Sala dos enganos, aonde me diſſe Ariadna a eſperaſſe eſta noite; pois já o Delio Planeta em mal diſtinctas luzes quaſi toca a diafana méta do ultimo horizonte.

Dedal. Para que procuras a Ariadna, ſe a viſte ſeguir a Lidoro?

Tezeo. Por iſſo meſmo, para que na Sala dos enganos encontre o ultimo deſengano. Ay Dedalo, que ha no Mundo mais Labyrinthos, do que cuidas!

Dedal. Naõ ſey, que atéqui haja outro, fóra deſte.

Tezeo. Pois ſabe, que dentro deſte Labyrintho exiſte outro Labyrintho.

Dedal. Naõ entendo.

Tezeo. Para que me entendas, attende, e verás.

SONETO.

byrintho mayor, mais intrincado,
Tem amor em meu peito conſtruido;
De quem ſe oſtéta aos golpes do gemido,
Sinzel a magoa, artifice o cuidado:
memoria ſe vê delineado.
O tormento de hum goſto amortecido,
Na confuſaõ da dor o bem perdido

Nunca se encõtra, ainda quando achad
A' maquina mental desta estructura
Adornaõ, em funestos parallelos,
Lamina o susto, sombras a pintura;
Columnas saõ os miseros desvélos
Estatua o desengano se affigura,
Fio a esperança he, monstros os zelos.
Vai-

Dedal. Quem duvída, que amor he
mayor Labyrintho? *Vai-*

SCENA V.

Sala de columnas, que a seu tempo cahiraõ ficará tudo em outra vista, e no fim da Sa haverá huma Vaca.

Sahe Esfuziote.

Esfuz. AGora que a boca da noite v engolindo o manjar branco dia: naõ digo bem; agora, que a ling do Sol se vay encolhendo na boca noite, a quem o cadeado do silencio l fura os beiços da escuridade, venho gunda vez ao Labyrintho; que se a p meira vim, porque nella me perdí, ag ra venho, porque fóra delle me quer deitar a perder. Fiai-vos lá em mulh res, que em tendo zelos saõ peyor
q

que caens damnado ! Tomara perguntar a Taramella, para que foy dizer a Lidoro pá pé, tudo quanto lhe disse, e por hum triz, que me naõ apanha com o rabo na ratoeira : naõ lhe perdoo o máo cozimento, que me causou com os sustos ; porém para me livrar delles, e della, irey buscar a Tezeo ; que antes quero viver no Labyrintho, que morrer em palacio ; que póde ser, que se lhes meta em cabeça, que eu sou Tezeo de verdade, e me torçaõ o pescoço, assim como quem naõ quer a cousa ; pois çafaõ daqui fóra. Oh, esta sem duvida he a Vaca, que disse Dedalo fabricara para Pazife ! Cá está a escotilha, por onde a tal Rainha vio os touros de palanque ! Mas eu, se me naõ engano, aqui vem gente ; seja quem for, escotilha aberta, justo pecca ; eu me escondo dentro da Vaquinha feito Rainho, até que passe quem quer que he.

Esconde-se Esfuziote na Vaca, e sahe Taramella.

Taram. Outro recado temos de Ariadna para Tezeo. He para ver se se namoraõ à chucha callada ! Bem fiz eu em dizello a Lidoro. Esta he a Sala dos enganos para onde hey de dizer a Tezeo, que

que venha : mas isto he quasi noit
para ir ao centro do Labyrintho, e ten
que me anoiteça no caminho ; o melh
será irme embora , que assim como a
sim já naõ tenho mais, que saber , q
certos saõ os touros.

Esfuz. Mais certa he a vaca : esta he T
ramella ; naõ sey se lhe falle, pois qua
do a sua falsidade me esconde, a sua be
leza me escancarea?

Taram. Ay ! Ainda aqui está esta negra V
ca? Naõ sey como se consente este tra
te em ser !

Esfuz. Bom traste es tu.

Taram. Só de a ver me tremem as carnes.

Esfuz. A rapariga tem tremendas carn
ças.

Taram. Oh maldito seja Dedalo , que t
fez para occasiaõ de tanta ruina !

Esfuz. Oh maldita sejas tu, que taõ lam
bareira és !

Taram. Ella sem duvida parece cousa viv

Esfuz. Ora viva quem se chega.

Taram. Para que mais , até a pelle tem ca
bellos.

Esfuz. A occasiaõ pelos cabellos. Espera
cabelluda Deidade, que hoje o pente d
meu carinho te tirará as lendeas de tu
desconfiança. *Sahe da Vac*

Taran

Taram. Ay! Quem me acode, que a Vaca ſabe fallar?

Esfuz. Ha couſa mais eloquente em hum banquete, que huma lingua de vaca? Mas a tua com tua licença merecia ſal, e pimenta.

Taram. Uy! Voſſa Alteza cá eſtá na Sala dos enganos? Naõ quiz deixar de obedecer a ſeus amores? Fez muito bem, que ella tudo merece.

Esfuz. Quem he eſſa ella, Taramella?

Taram. Já lhe eſquece? He aquella, com quem dançou a noite paſſada.

Esfuz. A noite paſſada dancey comtigo.

Taram. Naõ me queira deſeſperar; eu naõ o vi dançar com Ariadna com a meſma banda azul, que lhe levey ao Labyrintho, e por ſinal que dançou melhor, que ninguem?

Esfuz. A'gora, já eſtou muy pezado; iſto he chaõ, que já foy vinha.

Taram. Logo naõ nega, que dançou com Ariadna?

Esfuz. Naõ, filha, que eu naõ podia dançar bem, ſenaõ comtigo.

Taram. E a banda azul?

Esfuz. Azul he ciumes; quem os tem, anda cego; quem anda cego, naõ vê; e quem naõ vê, naõ póde julgar de cores.

Taram.

Taram. Ora, Senhor, tenho entendido que Vossa Alteza faz zombaria de mim

Esfuz. Já te disse, que me naõ altezees que o amor, e a Magestade, sempre se assentaraõ em iguaes tripeças.

Taram. Senhor, com que estamos? Vossa Alteza póde negar, que eu lhe trouxe huma banda azul ao Labyrintho em nome de Ariadna?

Esfuz. Assim foy, que a verdade manda Deos, que se diga.

Taram. Póde negar, que agora o acho aqui nesta Sala dos enganos, na qual me disse Ariadna a esperasse Vossa Alteza, por se acaso naõ tivesse ouvido bem, o que ella lhe disse? He isto verdade?

Esfuz. Verdade he, que eu estou aqui.

Taram. Logo digo eu bem, que namora a Ariadna?

Esfuz. Isso he mentira.

Taram. Como póde ser verdade, e mentira ao mesmo tempo?

Esfuz. Porque neste tempo tudo saõ mentiras, e verdades.

Taram. Se isso he conceito, naõ o entendo.

Esfuz. Pois eu era taõ descortez, que dissesse conceitos na tua presença?

Taram. E para mais prova, diga, que fazia

zia debaixo da meſa eſcondido, ſendo hum Principe?

Esfuz. Eſtava para fazer certa prova.

Taram. Prova? De que?

Esfuz. Da tua falſidade, pois foſte taõ linguatriz, que diſſeſte a Lidoro, que eu eſtava vivo. Dize, tyranna, aſſim deſempenhas a catarata do teu nome? Se es Taramella, porque te naõ fechas? Mas ſe es Taramella devaſſa, por iſſo te abriſte, deſenterrando mortos, para enterrar vivos: que dizes agora?

Taram. Digo, que fiz muito bem; pois já que eu o naõ hey de lograr, naõ quero que me logre tambem; já que eu choro o ſeu deſvio, ſinta Ariadna o que eu padeço; mas diga-me: porventura quando ſe meteo debaixo da meſa, já ſabia o que eu havia de dizer a Lidoro?

Esfuz. Cal-te, tolla, mecanica, naõ ſabes, que nós os Principes temos o dom de adevinhar? E para que o vejas, eſſa joya, que trazes no peito, te deu Lidoro, naõ he verdade?

Taram. He verdade, pois que temos?

Esfuz. Temos embargos a iſſo: dize-me, inſolente, leviana, fragil, pois tu aceitas joyas de Lidoro, eſtando para caſar com hum Principe de Athenas?

Taram.

Taram. Elle naõ ma deu por mal.

Esfuz. Pois eu por mal a tomo; lar- *Tira a* ga essa joya, indigna futura Prin- *joya.* ceza, que naõ he decente à minha honra, que adorne teu peito falso diamantes finos. He boa graça! Estou ardendo! E quando nada, saquey a joya por bom modo. *à part.*

Taram. Com que Vossa Alteza me leva a joya, ainda em cima de me ser desleal?

Esfuz. Olha, filha, aqui ninguem nos ouve; eu bem sey, que Lidoro te naõ deu por mal essa joya; mas naõ he brio meu, que tu tragas diches desse sevandija.

Taram. Senhor, estava muito bem, se Vossa Alteza naõ amasse a Ariadna?

Esfuz. Olha, permitta Deos, que se eu casar com Ariadna, que berrando vá a minha alma parar aos quintos infernos a fazer filhozes com Plutaõ.

Taram. Quanto mais jura, mais mente.

Esfuz. Que por amor de meu amo perca eu esta tolâ! Ora vem cá, minha Taramella, façamos as pazes, tem lastima deste amante coraçaõ, que por ti chora pelas barbas abaixo como huma criança. Naõ te compadecem os soluços de hum Principe, que assoando o monco da magoa no lenço da ingratidaõ, des-

tila

tila o nariz da fineza o eſtylicido do ſoffrimento? Digo alguma couſa?

Taram. Ay, deixe-me, naõ ſeja importuno, antes que lhe perca o reſpeito.

Esfuz. Perde-o muito embora, que niſſo pouco ſe perde.

Taram. Pois já que me dá licença, ouça com o devido reſpeito.

Canta Taramella a ſeguinte

ARIA.

Que tremulo marres,
Que eſtatico morras,
Que eſtitico mirres,
Que morras, que marres, que mirres,
E a mim que ſe me dá?
Por mais que em teus males
Em ancias te eſtales
E em prantos te eſtiles,
De balde ſerá.

Quer irſe, e ſahe Sanguixuga.

Sang. Esfuz. Eſpera, aonde vás, Taramella?

Taram. Deixe-me, que vou deſeſperada.

Esfuz. Oh quanto folgo, que vieſſe tua tia!

Sang. He poſſivel, rapariga, que me faças vir tropeçando por eſſes Labyrinthos, vendo que nelle entraſte a eſtas ho-

horas? Que loucura foy essa?

Taram. He vir segunda vez verificar os meus zelos, para que com duas testimunhas de vista sentencee a este falso Principe a perpetuo desterro de meus carinhos.

Esfuz. Bem folgo eu, Senhora tia, que viesse vossa Sanguixuguisse, só para ver a insolencia, com que sua sobrinha trata ao segundo filho primogenito delRey de Athenas, só porque a Infanta se afeiçoou de mim; e veja, tia, que culpa tenho eu de ser querido?

Sang. Senhor, se minha sobrinha lhe naõ tivesse amor, naõ teria zelos: que fará se ella soubesse, que Fedra tambem o namora? *à part.*

Esfuz. E foy taõ insolente, que em vilipendio da minha pessoa aceitou huma joya do Principe Lidoro.

Sang. Ay Senhor, naõ seja ciumento, que em Palacio he estylo darem os Principes joyas às criadas do Paço. Olhe, esta, que aqui vê, ma deu o Principe de Chypre.

Esfuz. Inda mais essa temos? Venha, tia, essa joya muito depressa.

Sang. Ay! A minha joya? Para que?

Esfuz. Para que sim, senaõ *à fortiori* lha

vou

vou tirando. Arre lá, a tia vindoura de hum Principe de Athenas ha de trazer joyas do Principe de Chifre! Isso naõ; naõ, Senhora, em quanto eu tiver o olho aberto. Já temos duas joyas. *à p.*

Sang. De-me a minha joya, Senhor.

Esfuz. Nada, nada, naõ tem que se canҫar. Que dirá o Embaixador, que he zeloso como os diabos, se lhe vir essa joya? Naõ queira pelo pouco perder muito.

Sang. Eu entendo, que isso do Embaixador he palhada, pois ha muito, que o naõ vejo.

Esfuz. Como recusava o teu matrimonio, mandey-o degradado para a sua Patria; mas logo virá deitarse a teus pés.

Taram. Tia, naõ gastemos tempo; vamos, que he tarde.

Esfuz. Digalhe primeiro, que faça as pazes comigo; e para que naõ cuide, que amo a Ariadna, aqui mesmo neste lugar quero casar com sua sobrinha; ande, leve o diabo quem naõ quer.

Sang. Ay menina, aproveita-te da occasiaõ.

Taram. Ah falsario, naõ cuides, que me has de lograr. *à part.* Pois, Senhor Tezeo, meta-se outra vez na Vaca, e espere por mim, que eu vou buscar luzes, para celebrarmos o matrimonio com lumi-

luminarias. Tu verás como me vingo.
à part. e vai-ſe.

Sang. He poſſivel que hey de ver com eſtes olhos esbogalhados a minha ſobrinha Princeza! Senhor, ſaiba Voſſa Alteza, que por eſta obra pia de amparar huma orfã ſem mãy, haõ de os Deoſes fazello victorioſo de ſeus inimigos. *Vaiſe.*

Esfuz. Eu ſou o noivo, e levo o dote em joyas: com eſta caſta de gente ſou eu gente. Aparelha-te, Esfuziote, que hoje has he ſenhorear a melhor Deidade, que calçou cothurno. Ay, que já eſtou pulando! Ora ſem duvida, que o fazerme Principe muito me grangea na confeitaria do amor: vamo-nos eſconder na Vaca; comece a obedecer, quem principia a triunfar.

Mete-ſe Esfuziote na Vaca. Sahem Tezeo, e Dedalo.

Dedal. Eſta he a Sala dos enganos: nella naõ temas perigos, que no mayor, em que eſtiveres, te defenderey com hum certo artificio, que ſó para mim reſervey.

Tezeo. Pois naõ te apartes nunca de mim, em quanto eſpero o ſol de Ariadna, para clarificar a opáca ſombra deſte cáos; e quando naõ, o Cometa de meus zelos

los ſerá luzido farol, que me allumie.

Esfuz. Frito ſeja eu, ſe aquella voz parda naõ he de Tezo azul no ſeu ciume: alguma cancaburrada temos!

Sahe Tebandro.

Teband. Muy valente he o amor, pois deſprezando horrores, e confusões, me conduz a eſte confuſo abyſmo de enleyos, facilitando-me o caminho a eſta Sala dos enganos hum pratico deſte Labyrintho.

Sahe Ariadna pela parte de Tebandro, e Fedra pela de Tezeo.

Ariad. Naõ diſſe bem, quem affirmou, que o amor carecia de olhos, que a ſer cego, naõ me guiaria a eſta Sala dos enganos, ſó a buſcar o bem, que adoro.

Fedra. Verdade fallou, quem diſſe, que o amor era lince, (*Sahe*) que a naõ ſer, mal me conduziria a eſte pelago de horrores, a procurar a cauſa de meu tormento.

Tezeo. Paſſos ouço; ſem duvida he Ariadna.

Teband. Gente vem; mas quem ha de ſer, ſenaõ Fedra?

Tezeo. Vem, brilhante eſtrella de Venus, a influir; mas que digo? Tu naõ es a tyranna, que me offendeſte?

Esfuz.

Esfuz. Eſtrella de Venus he eſtrella Boei ra, aqui deve de haver algum touro que vem namorar a eſta Vaca.

Teband. Feliz mil vezes eu, que em anti cipadas luzes vejo confundir os rayos da Aurora com os reſplandores da Lua.

Esfuz. Se a Lua tem cornos, claro eſtá, que falla com a Vaca metaforicamente.

Fedra. Es tu acaſo aquelle ingrato, que naõ ſabe correſponder à minha fineza? *Para Tezeo.*

Tezeo. E tu, ſem ſer acaſo, naõ es aquella mudavel, que grata, e carinhoſa te oſtentaſte com Lidoro eſta tarde no jardim? *Para Fedra.*

Fedra. Vê, que te enganas.

Ariad. Oh quanto eſtimaras mais neſta occaſiaõ, que eu naõ foſſe eu, ſenaõ minha irmã, a quem como agradecido ſaberás ſer amante. *Para Tebandro.*

Teband. Tu naõ ſabes, galharda Fedra, que nunca Ariadna me mereceo hum cuidado? *Para Ariadna.*

Ariad. Tezeo cuida, que ſou Fedra: ah cruel, que mal pagas hum conſtante amor! *à part.*

Esfuz. Que diabo de ſuſſurro ouço aqui! Sem duvida iſto he algum viveiro de cuchichos!

Fedra.

Fedra. Naõ ſey, que motivos tenhas, para fabricar eſſe penſamento contra a lealdade, com que te adoro?

Tezeo. Se tu ſouberas o como te vi com Lidoro, tal vez que o naõ negaſſes; porém mal poderáõ as tuas vozes contradizer aos meus olhos?

Fedra. Já ſey, que iſſo he maxima, que inventa a tua falſidade, para que me falte o tempo de dizerte, que ſó eſtimas os favores de minha irmã; mas ſe o teu amor naõ fora cego, tal vez que ſouberas avaliar as finezas, que me deves.

Tezeo. Tu bem ſabes, Ariadna, que ſempre foſte primogenita de meu amor, ſem que lograſſe Fedra já mais as prerogativas de querida.

Fedra. Ay de mim, que Tezeo cuida, que ſou Ariadna! Oh ingrato Principe, quem nunca te conhecera! *à part.*

Esfuz. Muito tarda Taramella; eu confeſſo, que já naõ poſſo eſtar embezerrado.

Teband. Já naõ ſey, formoſa Fedra, quando me verey completamente feliz.

Ariad. Deixa-me, ingrato, traidor, que já me falta a paciencia para ouvir as tuas falſidades.

Teband. Jupiter com ſeus rayos me abra-

ze, se algum dia quiz a Ariadna; poi
só a ti formosa Fedra. . . . .

Ariad. Cala-te: ay de mim, que cada ve
me offendes mais!

Fedra. Basta, que nunca idolatraste a Fe-
dra?

Tezeo. Só tu, ingrata Ariadna, a pezar da
tuas falsidades soubeste usurpar toda a
liberdade de meu alvedrio.

Fedra. Cala-te, desagradecido, que já te
naõ posso escutar.

Tezeo. Eu nunca amey a Fedra, tu a Li-
doro sim; deixa-me, ingrata, naõ te
compadeças da minha vida.

Ruido dentro.

Dedal. Tezeo, retira-te; ahi cuido, que
está alguem.

Fedra. Retira-te por hum pouco, ingra-
to, que se me naõ engano, alli vem
gente.

Tezeo. Será illusaõ; mas com tudo por
amor de ti me retiro.

Esfuz. Ainda naõ vem esta maldita Tara-
mella; pois o verde de minha esperan-
ça se vay mudando no amarello da des-
esperaçaõ.

*Esconde-se Tezeo, e Dedalo. Sahe Lidoro com
espada na maõ, e Taramella.*

Taram. Senhor Lidoro, esta he a Sala dos
en-

enganos, buſque-o na Vaca, que elle lá eſtá eſperando pela Senhora Ariadna.

Lidor. Ah falſa cruel, hoje me vingarey de ti, e deſſe tyrano, que me offende. Mas quem eſtá aqui? Ariadna he ſem duvida.

Encontra-ſe com Fedra.

Fedra. Quem ha de ſer? Já me deſconheces? He a tua Ariadna.

Lidor. Naõ me enganou Taramella. *à p.*

Teband. Querida Fedra, cuido, que gente veyo.

Ariad. Naõ ſou Fedra, falſo, traidor amante.

Teband. Ay de mim! Quem ſerá?

Lidor. Dize, ingrata Ariadna, ainda naõ achaſte neſta eſcuridade a luz de teus olhos? *Para Fedra.*

Dedal. Eſpera, Tezeo; onde vás com eſſa eſpada?

Tezeo. A vingar injurias de meu amor: morra o traidor, que me offende.

Sahe Tezeo com eſpada, briga com Lidoro, e com a confuſaõ ſe trocaõ as Damas, ficando Fedra ao lado de Tebandro, e Ariadna ao de Lidoro.

Lidor. Morra o aleivoſo, que me opprime.

Fedra. Que deſgraça! Ampara-me, Principe.

Ariad. Que infelicidade ! Sempre a teu lado morrerey conſtante.

Dedal. Que confuſaõ !

Teband. Fedra, primeiro eſtá a tua vida; vem comigo.

Esfuz. Neſta arrenegada da confuſaõ ſahio o trunfo de eſpadas; ainda bem, que eſtando o meu Sol em Tauro eſtou metido em hum ſino.

Taram. Ay mofina de mim, que eu tive a culpa diſto ! Irey chamar quem acuda. Acudaõ todos, acudaõ a eſtorvar a mayor deſgraça, que já mais ſe vio: acudaõ, acudaõ. *Vai-ſe.*

Tezeo. Debalde reſiſtes ao vigoroſo impulſo de meu braço.

Lidor. Por iſſo ſerá mayor o meu triunfo: valente ſois !

Tezeo. Tenho amor, e tenho zelos.

Esfuz. He hum regalo ver touros de palanque.

Teband. Fedra, ſegue-me.

Fedra. Como, ſe eſtou quaſi mortal?

Ariad. Senhor, ampara a minha vida.

Dentro ElRey.

Rey. Cercay todos o Labyrintho, para que ſe inveſtigue a cauſa deſte alboroto.

Dedal. Retiremo-nos, que vem ElRey.

Tezeo,

Tezeo. Dedalo, agora he tempo para que a tua induſtria me valha.

Dedal. Anda comigo, que deſta ſorte nos naõ poderáõ ſeguir. *Retiraõ-ſe.*

Sahe ElRey, e hum criado com luz; e depois que ElRey diz: Suſpendey as armas, *vaõ-ſe Tezeo, e* Dedalo, *o qual dará huma grande pancada, e cahem as columnas, e fica em viſta de pateo.*

Rey. Suſpendey as armas. Mas ay de mim, que a Sala toda vem vindo ſobre nós! Eſtranho ſucceſſo!

Lidor. Iſto he terremoto ſem duvida!

Todos. Deoſes clemencia!

Esfuz. Senhores, que diabo ſerá iſto? Tanta bulha, e algazarra ao redor da Vaca? Sem duvida iſto he algum aſſougue!

Rey. Perplexo, e confuſo, naõ ſey o que pronuncie.

Ariad. Lidoro aqui, e Tebandro? Tezeo ſem duvida ſe retirou, antes que o viſſem. Oh quanto eſtimo, que o naõ encontraſſem! *à part.*

Fedra. Adonde eſtará Tezeo? Tal vez ſe auſentou, vendo, que vinha gente. *à p.*

Teband. Com quem brigaria Lidoro, naõ eſtando aqui mais do que eu, e elle? *à p.*

Lidor. Tebandro foy ſem duvida, o com quem briguey. *à part.*

Rey.

Rey. Ainda naõ eſtou em mim, confuſo entre tanto aſſombro. Lidoro, Tebandro, que foy iſto neſta Sala?

Lidor. Se bem reparo, Senhor, iſto naõ foy terremoto, ſeria algum artificio de Dedalo, que occulto eſtaria aqui; pois outro novo edificio ſe deixa ver, a pezar da artific?oſa ruina das columnas.

Rey. Iſſo he ſem duvida; porêm como Dedalo ainda vive encerrado no Labyrintho, delle meſmo me poderey informar; mas por ora naõ me importa ſaber iſſo tanto, como a cauſa de voſſos inſultos, inquietando o ſilencio da noite, e o ſagrado deſte Labyrintho com deſafios; e o que mais he, ver eu aqui as Infantas neſte ſitio, e a eſtas horas, e vós, Lidoro, com eſſa eſpada na maõ.

Ariad. Eu, e Fedra, Senhor, vindo-nos a divertir, e admirar, como ſempre, eſte Labyrintho, ſuccedeo anoitecernos; e perdendo o tino na cunfuſaõ da noite, e do lugar, começámos a chamar quem nos acodiſſe, e os Principes, tal vez informados das noſſas vozes, e clamores, ſe animaraõ a vir libertarnos deſte enleyo; eſta he a cauſa, Senhor, de nos achares aqui, e Voſſa Mageſtade me permitta licença, que a fadiga do ſuſto

me

me obriga, a que me recolha. *Vai-se.*

Fedra. Bem fingio Ariadna. *à part.*

Esfuz. Tambem quem quer que he, mente que trezanda.

Feband. Como Vossa Mageſtade já eſtá informado da verdade, naõ tendo mais que ſaber, naõ tenho eu mais que eſperar; mas ſim a Fedra. Ay louco amor, quando teraõ fim os meus males? *à p. e vaiſe.*

Lidor. Por cuja cauſa, Senhor, naõ havia vir deſarmado, vindo a eſte lugar. Diſfarce-mos ainda a falſidade de Ariadna. *à part.*

Rey. Já tenho dito, que quando quizerem vir ao Labyrintho, naõ venhaõ deſacompanhadas; e já que ſe fez inutil o meu preceito, agora inviolavelmente ordeno ſob pena de minhas iras, que nem vós, nem Ariadna, venhaõ mais no Labyrintho.

Fedra. Senhor, Voſſa Mageſtade. . . . eu ſe . . . .

Esfuz. Aquella finge, que eſta turbada.

Rey. Eu evitarey eſtes ſuſtos: e vós, Lidoro, já tendes viſto, que naõ ha em Creta, quem pudeſſe dançar com Ariadna; e aſſim ſatisfeito o voſſo eſcrupulo, podeis eleger, ou o irvos para Epyro, como querieis, ou caſar com Ariadna,

co-

como pertendo, por naõ fazer infructifera a vossa vinda.

Lidor. Como já sey quem foy, o que dançou com Ariadna, será justo, que eleja o irme para Epyro.

Rey. Pois que esperais, que o naõ dizeis?

Fedra. Que será isto?

Esfuz. Lá vay Tezeo com os diabos desta vez.

Rey. Vede, Lidoro, naõ seja isso delirio de vossos zelos.

Lidor. Naõ saõ delirios, saõ realidade, pois me atrevo a mostrallo neste mesmo lugar.

Esfuz. Agora isso tomara eu ver pelo buraco desta escotilha.

Rey. Neste mesmo lugar? Aonde, se aqui naõ está ninguem?

Lidor. Dentro daquella Vaca acharás, quem com Ariadna dançou.

Esfuz. Ay que elles comigo! Por aqui anda Taramella.

Fedra. Tomara já ver, quem dançou com Ariadna. *à part.*

Rey. O' lá, investigay essa Vaca, que segunda vez se conserva para a minha afronta, já que o meu descuido a naõ reduzio em cinzas, para que na minha lembrança só se conservasse esta memoria.

Che-

Chega hum Soldado a tirar Esfuziote da Vaca.

Lidor. Agora me vingarey de Ariadna. *à p.*

Soldad. Quem ahy eſtá, ſaya para fóra.

Esfuz. Vaca naõ tem ſaya.

Soldad. Vá-ſe ſahindo dahi.

Esfuz. A Vaca he de páo, e naõ póde andar.

Rey. Quebrem eſſa Vaca. *Daõ na Vaca.*

Esfuz. Querem carne de chacina? Eſperem, que eu me patentêo, antes que me metaõ os tampos dentro. Pois que he iſto cá? *Sahe.*

Lidor. Que he o que vejo! Eſte he Tezeo, que me diſſe Taramella? *à part.*

Rey. Que he iſſo Lidoro? Eſte criado he o que dançou com Ariadna? Vês, que tudo foy delirio do teu ciume?

Lidor. Naõ ſey o que reſponda: Senhor, já ſey, que o meu ciume me pode allucinar, mas naõ foy ſem fundamento: Eſtou corrido! *à part. e vaiſe.*

Esfuz. E eu parado: Senhor, ſirvo aqui de alguma couſa, ſenaõ quero buſcar minha vida?

Rey. E tu, Esfuziote, que fazias dentro deſſa Vaca? Dize?

Esfuz. He que eu ſempre fuy muito amigo de vaca.

Rey. Reſponde a propoſito.

Esfuz.

Esfuz. Senhor, como ſou Filoſofo natural, metime dentro da Vaca, por ver ſe ſe dava vaca *in rerum natura.*

Rey. Se naõ fallas a verdade, mando-te lançar ao Minotauro.

Esfuz. O Minotauro já me naõ mete medo, para dizer a verdade: ſaberá V. Real Mageſtade, que fuy criado de Tezeo, que o eſcuro Cocyto haja; quando de mim ſe apartou, me pedio de joelhos com lagrimas de quatro em quatro, que fizeſſe eu muito por lhe apanhar alguns oſſos ſeus, que ſobejaſſem ao Minotauro, e que os enviaſſe para Athenas para conſolaçaõ de ſeu pay; pois naõ queria, que quem lhe comeo a carne, lhe roeſſe os oſſos. Eu por lhe cumprir a ſua ultima vontade, entrey neſte Labyrintho, e cuidando, que a Vaca era carneiro, entrey nella, para ver ſe achava algum oſſo, a tempo que ſe armou huma briga, e veyo Voſſa Mageſtade, e acabou-ſe eſta hiſtoria.

Rey. Por ſeres fiel a teu amo, te perdoo eſte exceſſo; porém te ordêno, que naõ venhas mais ao Labyrintho, aliás te matarey.

Esfuz. Sim, Senhor, vá Voſſa Mageſtade deſcanſado.

Rey.

Rey. Folgo, que ficasse desvanecida a presumpçaõ de Lidoro: vem, Fedra. *Vaise.*

Fedra. Eu te obedeço. *Vai-se.*

Esfuz. Isto já anda muito bolido com enganos, e chismes de Taramella; irey avisar a Tezeo, que se çafe daqui para fóra, pois se ElRey me aperta mais, eu sem estar bebado, me esborracho, e lá hia quanto Ariadna fiou. *Vai-se.*

Lidor. Todos se foraõ, só comigo ficou o meu cuidado, pois ainda que o que estava escondido na Vaca, naõ era Tezeo, como me disse Taramella, com tudo póde ser, que a prevençaõ variasse o successo, pois nem Taramella me havia de enganar, nem podia desconhecer o sujeito, que dentro na Vaca se escondeo. Oh funesto Labyrintho de amor, aonde até os desenganos saõ confusões!

Canta Lidoro a seguinte Aria, e

RECITADO.

Quem será, justos Deoses,
Esse feliz amante, que escondido
De Ariadna no Idolo elevado
Victimas sacrifica?
Quem será (ay de mim!) esse gigante
Que a tanto Ceo de amor subir pertende?
Que supposto naõ veja esse incentivo
Que meus zelos fabríca,

Com

Com tudo o coraçaõ ſempre preſágo
Naõ ſey que vaticina;
Pois timido, cobarde, e penſativo,
Cada objecto, que vejo, he hum ciume,
E até do que naõ vejo, zelos formo.
Que muito ſe eu de mim, em taes deſvelos,
Por amor de Ariadna tenho zelos!

ARIA.

Qual Leoa embravecida,
Que ſe vê deſtituida
Do filhinho tenro, e caro,
Que com furias, e bramidos,
Rompe a terra, e fere o ar.
Aſſim eu em meu gemidos
Bramo, peno, ſinto, e choro,
Vendo (oh Deos!) o que eu adoro
Noutros braços deſcançar.

SCENA VI.

Labyrintho. Sahe Tezeo.

Tezeo. GRrande confuſaõ cauſaria a ſubita ruina das columnas, entre cujo horror pudemos ſahir, ſem ſermos notados de ninguem; porém que importa, que de hum ſuſto me redima, ſe de hum cuidado me naõ ſeparo? Quem ſeria (oh duras penas!) aquelle, que ap-

pellidando

pellidando de ingrata a Ariadna, quiz com instrumento de Marte vingar offensas de amor? Mas quem havia ser, senaõ Lidoro, tyranno usurpador de minha fortuna.

Sahe Ariadna.

Ariad. Tezeo, o amor, e o medo, ambos me deraõ azas para buscarte.

Tezeo. Olha, que vens enganada, pois entendo, que buscas a Lidoro.

Ariad. Deixa por ora essas loucuras, e fallemos no que mais importa.

Tezeo. Haverá cousa, que mais importe, que os meus zelos?

Ariad. Que zelos? Que Lidoro? Que delirio he esse?

Tezeo. Pergunta-o às flores do jardim, que testimunharaõ os reciprocos carinhos, com que attrahiste a Lidoro, que ao depois na Sala dos enganos, chamando-te ingrata, me intentou matar.

Ariad. Quanto ao jardim, logo verás, que mais te defendo, do que te offendo; e quanto à Sala dos enganos, ha mais que arguir na tua inconstancia, que na minha firmeza; pois cuidando tu, que eu era Fedra, por quem tal vez esperavas, me disseste, que nunca Ariadna te mereceo

receceo hum ſó cuidado. Vê agora ſe ach
deſculpa a eſte delicto?

Tezeo. Ariadna, a lingua naõ tem mais v
zes, que as que lhe dicta o coraçaõ, aon
de ſe conſerva eterno o original de tu
belleza, melhor que a tua copia no pe
to de Lidoro; e aſſim naõ intentes re
compenſar huma fingida offenſa co
hum aggravo verdadeiro.

Ariad. Para que naõ formes eſſe conceit
contra a minha lealdade: ſaberás, qu
como a Lidoro aborreço a pezar de ſeu
extremos, me diſſe hum dia, que a cau
ſa de meus deſvios era, porque eu t
adorava, pois ſabia, que tinhas triun
fado do Minotauro. Conſidera tu, qu
ſuſtos eſtes para hum coraçaõ amante
E para que zeloſo o naõ communicaſſe
ElRey, fuy mantendo a ſua eſperanç
com fingidos carinhos, até que te vieſſe
aviſar, para que com a fuga nos iſen-
taſſemos deſte imminente perigo, que
nos eſpera. Vê agora ſe póde ſer desleal,
quem taõ finamente ſabe ſer amante?
Mas como vejo, que ſó Fedra te mere-
ce cuidados, já naõ he licito, que eu
te acompanhe, mas ſim aviſarte do pe-
rigo, por naõ faltar ao juramento, que
dey de defender a tua vida, em remu-
neraçaõ

neraçaõ da que me déste no bosque.

Quer irse.

Tezeo. Espera, Ariadna, que naõ he justo, que ao mesmo tempo, que me deixas agradecido, te ausentes queixosa. Já sey o extremo do teu amor; naõ te persuadas, que Fedra, sendo capaz para a minha veneraçaõ, o possa ser para a minha fineza; tu só, bellissima Ariadna, occupas ditosamente todo o meu coraçaõ; de sórte, que nelle naõ ha lugar, que possa accommodar outro objecto.

Ariad. Mal te posso acreditar, quando esta noite te ouvi differentes expressões. Deixa-me, ingraeo, que esses affectos só saõ para Fedra.

Tezeo. Farás com que desespere na incredulidade de meus extremos.

Cantaõ Tezeo, e Ariadna a seguinte

ARIA A DUO.

Tezeo. Tanto te adoro, tanto,
Que em ondas de meu pranto
Fluctûa o meu amor.

Ariad. Tu dizes, que me adoras,
Que gemes, e que choras,
Eu naõ te creyo, naõ.

Tezeo. Pois, cruel, para que me creas,
Rompe o peito, abre esta alma,
Verás nelle o meu ardor.

Ariad.

Ariad. Na tua alma, e no teu peito,
Que de enganos acharey?
Tezeo. Sómente firmezas,
Ariad. Nenhumas finezas
Ambos. Neste peito encontrarás.
Tezeo. Oh quem mostrar pudera!
Ariad. Oh quem te conhecera!
Ambos. Ingrat$\frac{o}{a}$, mas tal vez
Que as chammas, que desprezas
Em cinza, acharás. *Quer irse Ariad.*

Tezeo. Ariadna, naõ augmentes a minha desgraça com a tua semrazaõ.

Ariad. Ay que lá vem Fedra! Considera, ingrato, se ha motivos para a minha queixa.

Tezeo. Se Fedra vem, naõ será, pois eu...

Ariad. Naõ he agora tempo de ouvir desculpas; só tomara esconderme, para que me naõ visse.

Tezeo. No concavo dessa columna ha hum limitado Gabinete, em que apenas cabem duas pessoas, esconde-te, já que assim o queres.

Ariad. Observarey as tuas falsidades.

Esconde-se.

Tezeo. Qual será o intento de Fedra? Queira amor naõ se encontre com o de Ariadna.

Sahe

Sabe Fedra.

Fedra. Tezeo, parece que querem os fados seja eu sempre tutelar de tuas infelicidades, a pezar de tuas ingratidões; e porque huma vez empenhada a defender a tua vida naõ era justo desistisse deste nobre intento; sabe, que já em Palacio ha claros indicios de que estás vivo; e assim, antes que ElRey o chegue a saber, trata de ausentarte com a brevidade possivel.

Tezeo. Será forçoso seguir o teu conselho.

Ariad. Naõ sey, que intenta Fedra com tantos extremos!

Fedra. E pois naõ ignoras, que eu fuy o instrumento da tua vida na morte do Minotauro, para que se naõ venha a saber, que eu dey armas contra esse monstro, e sinta a indignaçaõ delRey, será forçoso, que me leves comtigo para Athenas, se acaso o darte duas vezes a vida te póde fazer menos ingrato.

Tezeo. Notavel empenho! Que responderey a Fedra, ouvindo-me Ariadna! *à p.*

Ariad. E que viesse Fedra pôr o ultimo fim à minha desgraça! *à part.*

Fedra. Naõ me respondes? Porém nada me digas, que se eu tivera os meritos de

Ariadna, tal vez fosse venturosa a minh
supplica.

Tezeo. Naõ crimineis a Ariadna, pois ne
la nunca encontrey huma só piedade
nem creyo que huma lembrança; po
he sem duvida, que imaginará, que es
tou morto.

Ariad. Bem fez Tezeo em negallo.

Fedra. Como póde ser, que Ariadna igno
re, que tu es vivo, se na Sala dos en
ganos esta noite, aondeste disse me es
perasses, estando tu comigo? . . . .

Tezeo. Espera, que estás enganada, poi
naõ indo eu à Sala dos enganos, mal te
podia fallar. Oh que incentivos para o
zelos de Ariadna! *à part*

Ariad. Por isso o traidor me chamava Fe-
dra, cuidando, que fallava com ella.

Fedra. Se huma evidencia intentas contra-
dizer, já naõ tenho mais que te arguir;
e assim, Tezeo. . . . .

Sahe Esfuziote.

Esfuz. Senhor, esconda-me por vida sua,
que ahi vem ElRey, e se me vê, cer-
tamente me enlabyrintha para sempre.
Ay desgraçado Esfuziote!

Tezeo. Que dizes? ElRey vem ahi?

Esfuz. Sim, Senhor, ElRey em pessoa:
escondamo-nos depressa.

Fedra.

Fedra. Ay de mim, se ElRey me vê; pois tenho inviolavel preceito para naõ vir ao Labyrintho! Tezeo, esconde-me, antes que perigue a minha vida.

Ariad. Que notavel desgraça, se ElRey vir a Tezeo!

Tezeo. Este sim, que he verdadeiro Labyrintho, em que me vejo; pois naõ ha aonde esconder a Fedra, senaõ aonde está Ariadna! Que faraõ, se se encontraõ?

Fedra. Tezeo, esconde-me, e tu tambem, para que ElRey naõ nos veja.

Esfuz. Senhor, esconda-me a mim se quer.

Tezeo. Senhora, o lugar, que ha capaz para esse ministerio, apenas he sufficiente para occultar huma pessoa; e assim hum de nós ha de ficar exposto ao perigo de ElRey uos ver.

Esfuz. Senhor, veja que Dedalo da outra vez disse, que alli cabiaõ duas pessoas; e assim eu, e a Senhora Fedra bem cabemos nelle.

Fedra. Pois Tezeo, perigue a minha vida, antes que a tua; que melhor he conservar a hum morto, que livrar da morte a hum vivo.

Ariad. Oh quanto invejo aquella fineza de Fedra!

Tezeo. Naõ he razaõ, Senhora, que eu pc
falvar a minha vida, exponha a voffa a
perigo; occultay-vos, que o tropel j
vem perto. Perdoe Ariadna, que efta ac
çaõ he filha do meu brio, e naõ do me
amor. *à par*

Fedra. E fe fores vifto delRey, que fer
de ti?

Tezeo. O mais que póde fazer, he matar
me; anda, efconde-te já.

Esfuz. E eu, Senhor, aonde? he boa graça

Fedra efconde-fe aonde eftá Ariadna, e fahe efta

Ariad. Pois naõ ha de fer affim, que Teze
naõ ha de ficar expofto ao rigor delRey
Tezeo, fe tu por falvar a Fedra ex
pões a tua vida; eu por redemir a tu
offereço a minha: anda, efconde-te aon
de eu eftava, que ifto he faber conferva
a tua vida.

Tezeo. Ariadna, effe exceffo tranfcend
aos limites da mayor fineza; torna a ef
conderte, fenaõ por Jupiter foberano t
juro, que ambos aqui ficaremos.

Esfuz. Melhor ferá, que neffe lugar m
efcondaõ a mim.

Ariad. Primeiro eftá a tua vida.

Tezeo. A tua eftá primeiro.

Fedra. Aquella he Ariadna; quem vio ma

yo

yor confusaõ? Ah traidor Tezeo!

Tezeo. Occulta-te, Ariadna, que eu buscarey iudustrias, que me defendaõ.

Esfuz. Senhor, que diabo he isto? Naõ ouvem a estropeada já nessa casa visinha?

Ariad. Como te naõ queres occultar, quero conservar a minha vida, para defender a tua.

Esconde-se Ariadna. Sahe ElRey sem olhar para Tezeo.

Esfuz. E agora, Senhor Tezeo?

Tezeo. Poem-te atraz de mim, e segue os meus movimentos.

Rey. Já parece, que he tempo de perdoar a Dedalo o delicto de fabricar a Vaca para Pazife, pois bastante castigo he a dilatada, e horrorosa prizaõ, em que está, e com o motivo de sua liberdade podermeha declarar todos os artificios deste Labyrintho, que muitos ignoro, como o de cahirem as columas na Sala dos enganos.

Tezeo. Em grande perigo estou! Valha-me todo o meu valor, e toda a minha industria.

Esfuz. Eu estou aqui taõ agarrado como piolho ladro em sovaco de almocreve.

Vai-se ElRey voltando para Tezeo.

Rey. Eu me resolvo; eu vou a libertar a De-

Dedalo. Mas ay de mim! Que he o qu
vejo? Parece, que ſe me figura naque
la errada ſombra a imagem de Tezeo
Ay infeliz, que os cabellos ſe me eri
ção!

Tezeo. ElRey ſe aſſuſtou de verme; poi
o ſeu engano me valha. *à part*

Esfuz. Ah Senhor, já que me leva ao re
boque, naõ haja por ora vento em po
pa.

Rey. Palida ſombra, vago horror da fan
taſia, que pretendes de mim?

Tezeo. Barbaro Rey, eſta, que vês em cor
porea fórma, he a alma de Tezeo, qu
errante por eſto Labyrintho vem a no
ticiarte da parte de Plutaõ, ſupremo
Juiz do Cocyto, a tua malevolencia,
injuſtiça, com que tyrannamente m
uſurpaſte a vida, para que vivas na cer-
teza, que haõ de os Deoſes vingar a mi-
nha morte com o eterno ſupplicio, qu
te eſpera.

Esfuz. Ninguem faz papel de defunto co-
mo meu amo! Andar, ſe naõ ſomos dua
almas em hum corpo, ao menos ſomo
dous corpos em huma alma.

Rey. Naõ me horrorizes mais, funeſto eſ-
pectaculo; já ſey, que fuy cruel para
comtigo.

Esfuz.

Esfuz. Ay que nos vamos ſubmergindo! Naõ ſerá a primeira vez, que os amos levem comſigo os criados ao Inferno.

Tezeo com paſſos vagaroſos ſe meterá na mina com Esfuziote, de ſorte, que a eſte naõ veja ElRey.

Ariad. Com bella induſtria ſe livrou Tezeo!

Fedra. Notavel idéa por certo!

Rey. Quaſi que naõ tenho alentos para reſpirar. O' lá da minha guarda, acudaõ todos.

Sahe Tebandro, e Soldados.

Teband. Senhor, que te ſuccedeo? Que tens, que taõ palido o teu ſemblante nos informa de algum extraordinario ſucceſſo?

Rey. Naõ ſey, ſe poderey dizer, o que vi, que o ſuſto me privou do uſo de todos os ſentidos.

Teband. Conta-me, Senhor, a cauſa de tanto exceſſo.

Rey. Tebandro, eu vi diſtinctamente neſte lugar huma agigantada, disforme, e horroroſa viſaõ, que caminhando para mim com paſſos lentos, e vagaroſos, me diſſe com voz irada, e rouca, ſer o eſpirito de Tezeo, que da parte de Plutaõ me vinha notificar, que pela injuſta mor-

morte, que lhe dey; se me esper
hum eterno tormento; e com isto, abr
do-se a terra com espantoso bramic
o sepultou em suas entranhas.
Ariad. Sempre o medo representa may
res os objectos.
Teband. He caso verdadeiramente notav
Vem, Senhor, a prevenir algum rem
dio a esse susto.
Rey. Vamos, Tebandro; e vós outros c
ray as portas deste Labyrintho com t
vessas, àlem das guardas, para que
que inhabitavel para sempre este cac
falso, aonde ouvi a sentença de min
condemnação.
Teband. Senhor, e Dedalo, e o Minota
ro?
Rey. Morra Dedalo, pereça o Minotaur
pois hum, e outro, foraõ instrume
tos de meu precipício. *Vaõ-*
Sahem da columna Ariad, e Fedra.
Ariad. ElRey (ay desgraçada!) man
fechar o Labyrintho; como sahirem
daqui?
Fedra. A que fim, Ariadna, vieste ao L
byrintho?
Ariad. A reposta, que tu me havias de da
se eu o mesmo te preguntara, servi
para a tua pregunta; mas agora naõ
ten

tempo de averiguar zelos, quando mayor causa nos afflige.

Fedra. Nunca me enganey, que Tezeo amava a Ariadna. *à part.*

Ariad. Que dizes, Fedra, da nossa desgraça?

Fedra. Deixa-me, que o coraçaõ dividido a sentir tantos golpes, naõ sabe distinguir os sentimentos.

Ariad. Aonde estará Tezeo? Tezeo?

Sahem da mina Tezeo, e Esfuziote.

Tezeo. Apenas sayo de hum perigo, quando logo me vejo em outro mayor!

Esfuz. Naõ ha cousa como servir a Principes, que ainda depois de mortos amparaõ os criados.

Ariad. Naõ cuides, Tezeo, que quero arguirte de tuas falsidades, vendo aqui a Fedra; só quero dizerte, que ElRey mandou fechar o Labyrintho: vê como havemos daqui sahir, com tal brevidade, que ElRey nos naõ ache menos em Palacio; e quando por mim o naõ faças, faze-o por Fedra, que tanto te merece.

Esfuz. Ainda mais essa temos? Em boa me vim eu meter!

Fedra. Naõ te perturbes, Tezeo, nem o meu respeito te obrigue a ser menos extremoso

tremoſo para com Ariadna, de cuja vi
da compadecido, vê como has de li
vralla, que pelo meſmo caminho, qu
a libertares, me ſalvarey à ſua ſombra
ſó por te naõ merecer algum favor eſ-
pecial.

Tezeo. Que farey em taõ precipitado em-
penho?

Esfuz. Senhores, Voſſas Altas Potencias
deixem por ora couſas, que naõ vaõ,
nem vem; cuidemos em materias de vir,
e ir daqui para fóra, naõ tanto pelas Se-
nhoras Infantas, quanto por mim, que
tenho occupaçaõ no Paço, e naõ ſerá
razaõ, que falte às obrigações delRey
meu amo.

Ariad. e *Fed.* Que dizes, Tezeo?

Esfuz. Senhor, diga alguma couſa, pois
já ſe naõ póde livrar das ballas deſta In-
fantaria.

Tezeo. Senhoras, naõ vos afflijais, que tu-
do terá remedio. Dedalo, Dedalo, pó-
des ſubir ſem ſuſto.

Sahe Dedalo da mina.

Dedal. Que me ordenas? Mas que vejo!
Aqui voſſas Altezas?

Ariad. Dedalo, ſabe que tambem viemos
a ſer companheiras na tua deſgraça.

Fedra. Quem te diſſera, que para noſſo eſ-
trago

trago fabricavas eſte Labyrintho!

Dedal. Saõ altas diſpoſições dos Deoſes, que ſe naõ podem evitar.

Tezeo. Dedalo, por ſucceſſos de amor, e fortuna, ſe achaõ aqui hoje as Infantas; o Labyrintho por ordem delRey eſtá fechado, vê por onde havemos de ſahir?

Dedal. Por aquella mina, que vay ter às ribeiras do mar, como ſabes, pois naõ ha outro caminho.

Tezeo. Bem advertiſte.

Dedal. Oh quanto me peza haver fabricado eſte Labyrintho!

Esfuz. O certo he, que eſte Labyrintho, em que eſtamos, naõ o fabricou o Senhor Dedalo.

Ariad. Pois quem foy?

Esfuz. Foy o amor, que he mayor architecto, que quantos Dedalos ha no Mundo; e ſe o querem ſaber, demme attençaõ a eſte Soneto.

SONETO.

Ser Labyrintho amor, ninguem duvida,
Que eſte rapaz cruel, cego frecheiro,
Fabricou, como quiz, meſtre pedreiro,
Dẽtro de huma alma hũ beco ſem ſahida:
O magano tomou bem a medida;
Valha-te o diabo amor, q́ es marralheiro,
Pois por dar cos narizes num ſedeiro

No

No altuje de hum rigor lança huma vida !
Anda neſte palacio , o mais diffuſo ,
O triſte coraçaõ num corropio ,
Porque todo o querer he parafuſo :
E por mais que da idéa arda o pavio ,
Em torcicolos mil ſe vê confuſo ,
Pois ſempre no melhor ſe quebra o fio.

Ariad. Na tua toſca fraze diſſeſte verdades puras.

Esfuz. Que me faça bom proveito.

Tezeo. E pois eſtá determinado o fugirmos pela mina , e para nos tranſportarmos para Athenas, ſerá preciſo , que vá Esfuziote logo com joyas a fretar huma náo , e que junto à mina tenha eſcaleres promptos para o embarque, ſem que declare as peſſoas , que haõ de ir nella, e te eſperemos na boca da meſma mina, ao dares ſenha , que ſerá eſta : *Venhaõ Senhores* : e já que até o preſente tens ſido fiel, eſpero, que com eſta acçaõ coroes a tua fidelidade.

Esfuz. Eſtá muito bem, mas ſaibamos por onde hey de ir eu?

Tezeo. Por aquella mina , que vay dar ao mar.

Esfuz. Qual mina ? Aquella aonde cahio ſemivivo o Senhor Minotauro? De burro, que eu tal vá!

Tezeo. Tu bem viste, que o Minotauro cahio morto, e já naõ pódes ter medo, pois Dedalo, eu, e tu, estivemos agora nesta mina.

Esfuz. Eu com o medo naõ sey aonde me meti, e era eu capaz naquella hora de meterme pelo fundo de huma agulha, que taõ pequeno me reduzio o pavor; com que, Senhor, eu naõ vou pela mina, que o mesmo será lembrarme no caminho o Minotauro, que ficar tolhido sem poder dar hum passo.

Dedal. O' Esfuziote, parece mal dizer hum homem, que tem medo.

Esfuz. Pois os homens saõ os que tem medo, que quanto os animaes, esses investem como brutos.

Fedra. Pois como ha de ser, que cada vez se difficulta mais a nossa liberdade?

Dedal. Eu darey o remedio: como Esfuziote recusa ir pela mina, irá pelo ar com humas azas, que lhe hey de pôr, e com ellas voará taõ seguro, como qualquer ave.

Tezeo. Agora naõ tens desculpa; que dizes, Esfuziote?

Esfuz. Isso tem que cuidar: vamos, que entendo, que para isto de voar naõ serey desazado: venha, Senhor Dedalo. *Vai-se.*

Dedal.

Dedal. Tu verás o meu artificio. *Vai-ſ*

Fedra. Tezeo, eſpero de ti, que em Athenas ſaibas agradecer as finezas, que m deves. *à part. vai-ſe*

Tezeo. Tu verás a minha conſtancia. *à p para Fedra*

Ariad. Em fim me levas a mim, e a Fedra? Já ſey, que vou experimentar ingrato, as tuas inconſtancias. *Vai-ſe*

Tezeo. Naõ temas variedades no meu amor Oh Deoſes ſoberanos, ſe for ingrato a Fedra, naõ me crimineis; pois naõ podendo ſer eſpoſo de ambas, e a ambas devendo iguaes finezas, razaõ ſerá, que fique iſenta a vontade para preferir a Ariadna. *Vai-ſe.*

SCENA VII.

Boſque, e marinha, como no principio, e a meſma gruta, mas desfeita; e dizem dentro o ſeguinte.

Dentr. Rey. BUſquemos todos as Infantas, naõ fique penha, ou tronco, por mais inculto, que o noſſo cuidado naõ inveſtigue.

Dentr. Lid. Ariadna, aonde te eſcondem os teus deſvios?

Dentr.

Dentr. Teb. Querida Fedra, quem te aparta dos meus olhos?

Dentr. Todos. Buſquemos as Infantas, que naõ apparecem.

Sahe Sanguixuga, e Taramella.

Sang. Ay deſgraçada, que Fedra amolou as palanganas!

Taram. Que ſerá de voſſa merce, minha tia?

Sang. Que ſerá de ti, minha ſobrinha?

Ambas. Que ſerá de nós?

Taram. E o peyor he, que o Senhor Tezeo entendo fugiria com Ariadna, e irá caſar com ella. Ah cruel Tezeo, que me deixaſte burlada!

Sang. Antes cuido, qui irá caſar com Fedra, que por mim em certa occaſiaõ lhe mandou huma banda.

Taram. Ou caſe com huma, ou com outra, eu fiquey chuchando no dedo.

Sang. E eu ſem Embaixador por meus peccados!

Taram. E ſobre naõ caſar comigo, levarme a joya, que me deu Lidoro, que nella tinha o meu dote!

Sang. E a mim a joya, que me deu Tebandro!

Taram. Oh Principe de huma balla, os diabos te levem.

Sang. Oh Principe de huma figa, má r
yos te partaõ.

Taram. Eu ſem Ariadna, e ſem joya!

Sang. Eu ſem joya, e ſem Fedra!

Ambas. Que ſerá de mim?

Vai-ſe Sanguixuga; e apparece Esfuziote co
as azas voando.

Æsfuz. Nenhum alcoviteiro ſe vio até
preſente em mayores alturas! Iſto he
que he ſobir de hum pullo! Agora n
da me dá cuidado com ter tantas pen
pois nunca me vi taõ deſempennado
como agora, que me vejo com azas
eu em minha conſciencia, ſe quizer
daqui poſſo mijar no Mundo.

Taram. Cada vez, que cuido naquelle in
ſolente, naõ ſey como naõ deſeſpero

Esfuz. Ora olhemos agora cá para baixo
Muito grande he o mundo! Ay que l
eſtá Taramella feita mulher do Mundo
Pois eu quero debicar hum pouco con
ella: trás. *Chegando-ſe ao ouvido de Taram*

Taram. Ay! Que bizouro me anda pelo
ouvidos?

Esfuz. Trás, trís.

Taram. Xó daqui, maldito bizouro.

Esfuz. A Deos Taramella, trás.

Taram. Quem me falla ao ouvido, ſe aqu
naõ eſtá ninguem?

Esfuz

Esfuz. Taramella, Tezeo querte muito, mas he aqui para trás.

Taram. Quem he, que me falla? Isto he encanto.

Esfuz. Amor, que tem azas, he o que falla.

Taram. Aonde estás?

Esfuz. Aqui atrás.

Taram. Que he o que vejo? Naõ es tu, fingido ingrato Tezeo, a quem sem duvida os Deoses, por castigó da tua falsidade, em ave te converteraõ? Anda cá pará baixo, que eu te abaterey os voos.

Esfuz. A quem naõ attrahiráõ aquelles doces reclamos? *Desce.* Ay Taramella, que já preza a minha liberdade no visgo dos teus olhos, deixo por elles o Ceo de Venus, em que me vi, pela esféra de tua belleza, em que me abrazo.

Taram. Agora, que cahio no laço, naõ me escapará. *à part.*

Esfuz. Vés, tyranna, que as tuas falsidades me fazem aerio?

Taram. Quem deu essas azas a Vossa Alteza?

Esfuz. Das penas, que me dás, nasceraõ as azas, que me vês.

Taram. Bem ſey, que penas lhe cauſo, e Ariadna lhe dá glorias.

Esfuz. Naõ queiras, traidora, com eſ fingimento encobrir o engano de me ma dares meter na Vaca, para tomar dego ladouros na eſpada de Lidoro, a que duas vezes mixiriqueira intentaſte entr garme; vay-te, que já comtigo na quero nada, pois para fugir de ti, tenho azas.

Taram. Quem me dera, que vieſſe a guem, para o agarrar, e entregallo ElRey; porém eu o deterey com ca rinhos. *à part.* Meu Senhor, meu e poſo, meu bem, meu, meu. . . .

Esfuz. Calte, calte Taramella, que eſtá taramellando?

Taram. Eu . . . porque foy o meu amor . . . porque os zelos . . . mas eu prometto . .

Esfuz. Nada, nada, naõ admitto logra ações; já ſou paſſaro çafaro, que na cayo com eſſa facilidade.

Tram. Olhe, verá que nunca mais, nun ca mais.

Canta Esfuziote a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Deixa-me, fucinhuda Taramella,
Que eu naõ quero cahir neſſa eſparrella
Tu falſa, tu cruel, tu aleivoſa,

Com

Com fucinho de gata langanhofa,
Querias em taes penas
Que ficaffe fem filho ElRey de Athenas?
Pois hum chuço amolado, que te paffe,
Huma faca flamenga, que te efpiche,
E huma bomba de fogo, que te efguiche.

A R I A.

Naõ ha coufa como ver
Huma deftas prefumida,
Muy lambida, e deslambida,
Com mil chularias,
Com caras de monos,
Com unhas de arpias,
Chupando-me o fangue,
Roendo-me os offos,
Deixando-me em pelle,
E depois de chuchado, roido, e lãbido,
Me prega hum gatafio:
Ifto he amor? Arrelá!
Hey de amarte? Iffo naõ.

Sabe Sanguixuga.

Sang. Ay rapariga, que quanto mais bufcaõ as Infantas, menos fe achaõ.

Taram. Tia, agora he tempo de recuperarmos as noffas joyas; ajude-me a pegar nefte traidor: venhaõ, Senhores.

Pegaõ em Esfuziote, e lhe tiraõ as azas.

Esfuz. Deffa me rio eu, pois tenho azas *ad volandum.*

Taram. Arranquemos-lhe as azas, pará
que naõ fuja.

Sang. Agora pagará tudo junto: venhaõ
todos.

Esfuz. Naõ me agarres, Sanguixuga; olha,
que deito ſangue.

Taram. Venhaõ, Senhores.

Esfuz. Calte, tolla, naõ digas taõ alto:
venhaõ Senhores.

Dentr. Tez. Alli diſſe Esfuziote, venhaõ
Senhores, vamos ſahindo.

*Sahem ElRey, e Tebandro por huma parte, e
pela gruta iraõ ſahindo diante Dedalo, Fe-
dra, e Ariadna, que ficará com as coſtas na
gruta.*

Rey. Teb. Que he iſto aqui?

Taram. Eis-aqui quem te póde dar conta
das Infantas.

Ariad. Ay de mim, que Esfuziote nos en-
tregou! *à part.*

Fedra. Fujamos outra vez.

Dedal. Oh que deſgraça!

Esfuz. Deſta ninguem ſe livra. *à part.*

Rey. Traidoras, aleivoſas, viboras mal
naſcidas, eomo atropellando a minha
authoridade, e o voſſo decoro, deſta ſór-
te. . . . Porém a minha vingança ſu-
prirá as minhas vozes. *Vay para ambas.*

Fed. Ariad. Naõ ha quem me ampare?

Teband.

Teband. Senhor, Vossa Magestade advirta.
Tezeo. Anda, Ariadna, desvia-te da boca da mina; deixa-me sahir.
Ariad. Espera hum pouco.
Rey. E tu, aleivoso Dedalo, como te atreves a ver a face do Sol, e a minha, quando a tua insolencia . . . *Tambores dentro.*
Dentro. Arma, arma, guerra, guerra.
Sahe Lidoro.
Lidor. Senhor, estamos perdidos, pois de improviso nos vemos cercados de huma poderosa armada de Athenas, e já muita parte dos Soldados tem desembarcado.
Rey. Pois vamos a resistirlhes: ay de mim, quantos golpes penetraõ este afflicto coraçaõ!
Esfuz. Quanto folgo!
Dentr. Lic. Naõ fique pedra sobre pedra, que naõ prostrem as nossas armas.
Lidor. Senhor, he já quasi impossivel a defensa, pois os esquadrões tudo vem desbaratando.
Tezeo. Que he o que ouço? Desvia-te Ariadna.
Ariad. Espera, naõ te sobresaltes.
Teband. Vamos, Senhor, que o meu valor saberá castigar aos Athenienses.

Ao querer entrar, ſahem Licas, e Soldados,
tocaõ tambores.

Licas. Dá-te à prizáõ, barbaro Rey; poi
já te naõ pódes livrar de noſſo furor.

Rey. Oh tyranna ſórte! Para iſto me di-
lataſte a vida, ſupremo Jove?

Licas. Para que vejas, tyranno Rey, qu
Athenas ſabe vingar a morte de ſeu Prin-
cipe Tezeo, já que cruel, ſem attende-
res a ſeu regio ſangue, o fizeſte reo d
mais affrontoſa morte, em cuja vingan-
ça, deſtruido o teu Reino, ſerás com
toda a tua familia levado para Athenas
a ſeres deſpojo de noſſas armas.

Teb. Lid. Que deſgraça!

Ariad. Fed. Que deſventura!

Esfuz. Que requias folganças!

Rey. Oh quem tivera a Tezeo vivo! Ma
em vaõ ſaõ os meus deſejos.

Taram. Senhor, naõ ſe amofine, que Te-
zeo eſtá vivo, que he eſte, que aqui eſ-
tá disfarçado em Esfuziote.

Sang. Sim, Senhor, eu, e minha ſobrinh
ſó ſabiamos eſte ſegredo.

Rey. Deixay-me, tontas.

Esfuz. Calem-ſe, cavalgaduras.

Licas. Anda, Minos.

Sahe Tezeo.

Tezeo. Eſpera, Licas, que ainda ſou vi-
vo,

vo, pela piedade de huns generosos affectos, que constantes me redimiraõ, livrando-me do Labyrintho, e matando o Minotauro, cessando a ruina da nossa Patria na extincçaõ desse monstro.

Licas. Deixa-me, Senhor, prostrarme a teus pés: que feliz nova para ElRey teu pay, que já te julgava morto aos impulsos dessa féra!

Lid. Teb. Que extraordinaria maravilha!

Rey. Tezeo, a teus pés rendido te peço perdaõ da inhumanidade, que usey comtigo; e pois das tuas armas me vejo hoje prisioneiro, peço-te, te compadeças de huma desgraçada velhice.

Esfuz. Vejaõ como desandou a roda; e o que vay de moer a ser moido, pois Minos de author veyo a ser reo!

Fed. Ariad. E se acaso, Senhor, as nossas lagrimas tem algum valimento na tua piedade, por ellas perdoa a nosso pay.

Tezeo. Senhoras, basta Minos ser vosso progenitor, para que naõ só lhe restitua a liberdade, mas tambem o Reino; e para completar a minha, e a sua fortuna, Ariadna ha de ser hoje minha esposa, em premio das finezas, que lhe devo, e por naõ faltar ao juramento, que lhe dey.

Ariad. Ditoso amor, que de tantos impossiveis se vê já triunfante!

Fedr.

Fedra. Infeliz eu, que malogrey tantas f
nezas! *à par*
Rey. Venturosa bonança depois de tan
tormenta! E agora em Tezeo, que r
putado por morto matou o Minotauro
se verifica o Oraculo de Venus, po
Tezeo foy o vivo morto na extinçaõ d
Minotauro.
Lidor. Ah cruel Ariadna, que para ver
tua falsidade sustentaste de enganos
minha esperança! Logra tu esse Hym
nêo, que eu irey sentir a minha sórte in
feliz.
Teband. Senhor, nesta occasiaõ he justo
que os favores de Fedra premeem as m
nhas firmezas.
Rey. Fedra, reconhece a Tebandro p
teu esposo.
Fedra. Naõ posso resistir ao teu imperio
obedeçamos aos fados. *à par*
Licas. Oh quanto estimo esta concordia
Tezeo. E tu, Dedalo, vem comigo pa
Athenas a receber o premio de tua lea
dade.
Dedal. Naõ quero mais premio, que a tu
felicidade.
Sang. E que ficasse eu lograda sem joyas
e sem Embaíxador!
Taram. Basta, Esfuziote, que me engana
to

te, dizendo-me que eras Tezeo, para que tantas vezes enganaſſe a Lidoro?

Esfuz. Naõ ſe perdeo mais, que o feitio; porém poſſo affirmarte, que te naõ enganey; pois quem duvída, que quando eu era menino, era infante? porém ſe ſó he Principe, quem faz acções generoſas, eu quero fazer huma eſtupenda, que he caſar comtigo; porque em ſua caſa cada hum he Rey, e ſenhor de ſeus narizes; venha a maõ, Taramella, com licença dos Senhores.

Taram. Do mal o menos, vá feito.

Rey. Repitaõ todos os vivas deſta ſoberana gloria.

Tezeo. Eſperay, que primeiro Lidoro me ha de dar hum retrato de Ariadna, que fingidamente lhe deu.

Lidor. Razaõ tendes; tomay-o, que naõ he bem, que conſerve a verdadeira copia de hum falſo original. *Dá o retrato.*

Tezeo. Agora ſim, publiquem todos o mayor triunfo de Cupido, confeſſando, que ſó o amor he o verdadeiro Labyrintho.

Esfuz. Vá de feſta, e folía, celebrandoſe eſte deſpoſorio com armonioſas vózes.

CO-

CORO.

Num-a alma inflammada
De amor abrazada
Cruel Labyrintho
Fabríca o amor.
  Porém quem eſpera
O bem de huma féra,
Acertos de hum cego,
De hum monſtro favor?

FIM.

GUERRAS
DO
ALECRIM,
E
MANGERONA,

OPERA JOCOSERIA,

Que ſe repreſentou no Theatro do Bairro Alto de Liſboa, no Carneval de 1737.

INTERLOCUTORES.

D. Gilvaz.
D. Fuas.
D. Tiburcio.
D. Lanſerote, *Velho.*
D. Cloris. } *Sobrinhas de D. Lanſarote.*
D. Nize. }
Sevadilha, *Gracioſa*, *Criada.*
Fagundes, *Velha*, *Criada.*
Simiçupio, *Gracioſo*, *Criado de D. Gilvaz.*

SCE-

SCENAS DA I. PARTE.

I. *Prado, com casaria no fim.*
II. *Camera.*
III. *Praça.*
IV. *Gabinete.*

SCENAS DA II. PARTE.

I. *Praça.*
II. *Sala.*
III. *Camera.*
IV. *Praça.*
V. *Camera.*
VI. *Jardim.*
VII. *Sala.*

PAR-

PARTE I.

SCENA I.

Prado . com caſaria no fim. Sahem D. Cloris , D. Nize , e Sevadilha com os roſtos cubertos ; e D. Fuas , D. Gil , e Simicupio , ſeguindo-as.

D. G. DIana deſtes boſques , ceſſem os acelerados deſvios deſſe rigor , pois quando remora me ſuſpendeis , ſois iman , que me attrahis. *Para D. Clor.*

D. F. Flora deſtes prados , ſuſpendey a fatigada porfia de voſſo deſdem , que eſſa diſcorde fuga , com que me deſenganais, he armonioſa attracçaõ de meus carinhos; pois nos paſſos deſſes retiros fórma compaſſos o meu amor. *Para D. Nize.*

Simic. E tu , que vens atraz , ſerás a Syringa deſtas brenhas ; e para o ſeres com mais propriedade , deixa-te ficar mais atraz, pois a pezar dos eſguichos de teu rigor , hey de ſer conglutinado raboleva das tuas coſtas. *Para Sevad.*

D. Clor. Cavalhero , ſe he que o ſois , peçovos,

çovos, me naõ ſigais, que mal ſabeis
perigo, a que me expoem a voſſa po
fia. *Para D. C*
D. G. Galhardo impoſſivel, em cujas nu
bladas esféras ardem occultos dous ſoes
e ſe abraza patente hum coraçaõ, pe
mitti, que eſta vez ſeja fineza a deſobe
diencia; porque ſeria aggravo de voſſo
reflexos negarlhe o inteiro culto na vi
ſualidade deſſe eſplendor; porque aſſim
formoſa Ninfa, ou hey de vervos, o
ſeguirvos, porque conheça, já que naõ
o ſol deſſe oriente, ao menos o orien
te deſſe ſol.
D. Clor. Que ſerá de mim, ſe eſte homem
me ſeguir? *à part.*
D. Niz. Já parece teima eſſa porfia: ve-
de, Senhor, que ſe me ſeguis, que im-
poſſibilitais o meyo, para verme outra
vez.
D. F. Para que ſaõ, belliſſimo encanto,
eſſes avaros melindres do repudio? Se
já comecey a querervos, como poſſo
deixar de ſeguirvos? Pois até naõ ſa-
ber, ou quem ſois, ou aonde habitais,
ſerey eterno gyraſol de voſſas luzes.
Sevad. Ora baſta já de porfia, ſenaõ vou
revirando. *Para Simicupio.*
Simic. Tem maõ, Sargeta encantadora,
que

que com embiocadas denguiſſes, feita papaõ das almas, encobres olho, e meyo, para matares gente de meyo olho: ſaõ eſcuſados eſſes eſconderelos, pois pela unha deſſe melindre conheço o leaõ deſſa cara.

D. Clor. Iſſo já parece teima.

D. G. Iſto he querervos.

D. Niz. Iſſo he porfia.

D. F. He adorarvos.

Sevad. Iſſo he empurraçaõ.

Simic. A'gora, iſto he bichancrear, pouco mais, ou menos.

D. G. Senhoras, para que nos canſamos? Ainda que pareça groſſaria naõ obedecer, entendey, que a noſſa curioſidade, e amor naõ permittirá, que vos auſenteis, ſem ao menos com a certeza de vos tornarmos a ver, dandonos tambem o ſeguro de onde morais, para que poſſa o noſſo amor multiplicar os votos na peregrinaçaõ deſſes animados templos da formoſura.

D. F. Eis-alli, Senhora, o que queremos.

Sevad. Em termos, ſem tirar, nem pôr.

D. Clor. Pois, Senhor, ſe ſó por iſſo eſperais, baſtará, que eſſe criado nos ſiga; porque de outra ſórte deſtruís o meſmo, que edificais.

D. G.

D. G. E admittireis a minha fineza?

D. Clor. Sendo verdadeira, porque naõ?

D. F. Admittireis os repetidos facrificio de meu amor?

D. Niz. Sim, fe for amor conftante.

D. G. e *D. F.* Quem effa dita me abona?

D. Niz. Efte ramo de Mangerona. *Para D. F*

D. F. Na minha alma o difporey, para qu fempre em virentes pompas fe oftent troféo da Primavera.

D. G. Mereça eu igual favor para fegurança da voffa palavra.

D. Clor. Efte ramo de Alecrim, que tem as raizes no meu coraçaõ, feja o fiador, que me abone.

D. C. Por unico na minha eftimaçaõ ferá efte Alecrim o Fenix das plantas, que abrazando-fe nos incendios de meu peito, fe eternizará no feu mefmo ardor.

Simic. Iffo he bom, fegurar o barco; mas a tacita hypotheca naõ me cheira muito, digaõ o que quizerem os Jardineiros.

D. Clor. Cada huma de nós eftima tanto qualquer deffas plantas, que mais facil ferá perder a vida, do que ellas percaõ o credito de verdadeiras.

Simic. Ay! Bafta, bafta, já aqui naõ eftá quem fallou: voffas merces perdoem, que eu naõ fabia, que eraõ do rancho do

Alc-

Alecrim, e Mangerona: reſta-me tambem, que tu coſinheiraſinha vivas arranchada com alguma ervinha, que me dês por prenda, pois tambem me quero ſegurar.

Sevad. Eis-ahi tem eſſe malmequer, que eſte he o meu rancho; eſtime-o bem, naõ o deixe murchar.

Simic. Ditoſo ſeria eu, ſe o téu malmequer ſe murchaſſe.

D. Clor. Pois, Senhor, como eſtais ſatisfeito, deſejarey eſtimaſſeis eſſe ramo, naõ tanto como prenda minha, mas por ſer de Alecrim.

D. Niz. O meſmo vos recomendo da Mangerona.

D. Glor. Advertindo, que aquelle, que mais extremos fizer a noſſo reſpeito, coroará de triunfos a Mangerona, ou Alecrim, para que ſe veja qual deſtas duas plantas tem mais poderoſos influxos para vencer impoſſiveis.

D. Niz. Deſejara, que triunfaſſe a Mangerona. *Vai-ſe.*

D. Clor. E eu o Alecrim. *Vai-ſe.*

Sevad. Cuidado no malmequer. *Vai-ſe.*

Simic. Cuidado no bemmequer.

D. G. O' Simicupio, vay ſeguindo-as, pa-

ra ſabermos aonde moraõ; anda, naõ a
percas de viſta.

Simic. Ellas já la vaõ a perder de viſta
mas eu pelo faro as encontrarey, qu
ſou lindo perdigueiro para eſtas caçadas

Vai-ſ

D. F. Quem ſeraõ, amigo D. Gilvaz, eſſa
duas mulheres?

D. G. Eſſa pregunta naõ tem repoſta, po
bem viſtes o cuidado, com que venda
raõ o roſto, para ferir os corações co
mo Cupido; mas pelo bom tratamento
e aceyo, indicaõ ſer gente abaſtada.

D. F. Oxalá, que aſſim fora; porque en
tal caſo, admittindo os meus carinhos
poderey com a fortuna de eſpoſo ſe
meeiro no cabedal.

D. G. Ay, amigo D. Fuas, que direy eu
que ando pingando, pois já naõ morr
de fome, por naõ ter ſobre que cahi
morto?

D. F. Ellas foraõ atordidas com palanfro
rios.

D. G. Já que do mais ſomos famintos, a
menos ſejamos fartos de palavras.

Sahe Simicupio.

Simic. Já fica aſſinalada na carta de marea
toda a Coſta de Leſte a Oeſte, con
ſeus cachopos, e baixios.

D. G

D. *G.* Aonde moraõ?

Simic. Saõ as noſſas viſinhas, ſobrinhas de D. Lanſerote, aquelle mineiro velho, que veyo das minas o anno paſſado.

D. *F.* Baſta que ſaõ eſſas? Por iſſo ellas cobriraõ o roſto.

Simic. Iſſo tem ellas, que naõ ſaõ deſcaradas; antes ſaõ taõ ſizudas, que nunca encararaõ para ninguem.

D. *G.* Huma dellas ſey eu, que ſe chama D. Cloris.

Simic. E a outra D. Nize, iſto ſabia eu ha muito tempo.

D. *F.* E como ſaberey eu, qual dellas he a da Mangerona?

Simic. Iſſo he facil, em ſabendo-ſe qual he a do Alecrim, logo ſe ſabe qual he a da Mangerona?

D. *F.* Grande ſubtileza! Vamos D. Gil.

Simic. Já que ſe vaõ, advirtaõ de caminho, que ſegundo as noticías, que tenho, bem pódem deſiſtir da empreza; porque o velho he taõ cioſo das ſobrinhas, como do dinheiro; a caſa he hum recolhimento; as portas de bronze; as janellas de encerado; as freſtas ſaõ oculos de ver ao longe, que nem ao perto ſe vem; as trapeiras ſaõ zimborios taõ altos, que nem as nuvens lhe paſſaõ por alto; as pare-

des do jardim saõ mestras, e as chave
das portas discipulas, porque ainda na
sabem abrir; mas só hum bem ha, e he
que tendo tudo taõ forte, só o telhad
he de vidro; com que, Senhores meus
outro officio, contentem-se com chei
rar a sua Mangerona, e o seu Alecrim
que entra pelo nariz, naõ he bem qu
chegue ao coraçaõ.

D. G. Simicupio, naõ temo impossiveis
tendo da minha parte a tua industria
que espero de ti apures toda a força d
teu engenho para os combates dessa mu-
ralha.

Simic. Ah Senhor D. Gilvaz, o meu Arie-
te já se acha muy cansado com tanto vai-
vém, pois nem todo o artificio de mi-
nhas maquinas póde abrir brecha nessa
diamantina bolsa, que taõ cerrada se dif-
ficulta aos meus merecimentos.

D. G. Simicupio amigo, tem animo, que
se montamos a burra de D. Lanserote,
saltaremos de contentes.

Simic. Tal he a minha desgraça, e sua mi-
seria, que ainda com essa burra me da-
rá dous couces.

D. G. D. Fuas, ficaivos embora, que me
vou armar de esperanças, para que nos
combates de amor triunfe o Alecrim.

D. F.

D. *F.* D. Gil, vamos a forro, e a partido pois que Simicupio he taõ déſtro na materia.

D. *G.* Por ora naõ póde ainda ſer; deixayme primeiro tentar o váo, que vós tambem navegareis no mar de Cupido.

D. *F.* Iſſo naõ merece a noſſa amiſade.

D. *G.* Se vós ſois do rancho da Mangerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, ſeguindo eu a parcialidade do Alecrim; e como nas guerras deſtas plantas havemos os dous ſer contrarios, mal poderey ſoccorrervos; e aſſim, ficayvos embora, D. Fuas, e viva o Alecrim. *Vay-ſe.*

Simic. E viva o malmequer. *Vay-ſe.*

D. *F.* Vivirá a Mangerona a pezar do mais intenſivo ardor de oppoſtos Planetas.

Sahe Fagundes com manto, e capello.

Fag. He bom ſumiço! Adonde eſtaráõ eſtas meninas, que ha mais de quatro horas, que foraõ à Miſſa, e ainda naõ ha fumo dellas? Meu Senhor, voſſa mercê acaſo veria por aqui duas mulheres com huma criada?

D. *F.* Que ſinaes tinhaõ?

Fag. Tinha huma dellas huns ſinaes pretos no roſto, e a outra huns ſinaes de bexigas.

D. F.

D. *F.* E que mais?

Fag. Huma dellas tem os olhos verdes cor de pimentaõ, que naõ eſtá maduro e a outra olhos pardos, como raiz d Oliveira; huma tem cova na barba, a outra barba na cova; huma tem a eſ pinhela cahida, e a outra hum leiſenſ num braço.

D. F. Com eſſes ſinaes, nunca vi mulhe neſta vida.

Fag. Meu Senhor, huma dellas trazia hum ramo de Alecrim no peito, e a outr de Mangerona.

D. F. Vi muito bem, que ſaõ as ſobrinha de D. Lanſerote.

Fag. Eſſas meſmas ſaõ: ora diga-me aon de as vio?

D. F. Promette voſſa merce fazerme quan to lhe eu pedir?

F*ag.* Ay, que couſa me pedirá voſſa mer ce, que lhe naõ faça, dizendo-me aon de eſtaõ as minhas meninas?

D. F. Pois deſcanſe, que ellas aqui eſtive raõ, e agora foraõ para caſa.

F*ag.* Ay, boas novas tenha.

D. F. Ora pois em alviçaras deſſa boa no va quero me diga, como ſe chama....

Fag. Eu? Ambroſia Fagundes para ſervi a voſſa merce.

D. F.

D.F. Digo como ſe chama a que trazia a Mangerona no peito?

Fag. Chhama-ſe D. Nize.

D.F. Pois, Senhora Ambroſia Fagundes, ſaiba, que eu adoro taõ exceſſivamente a D. Nize, que em prremio do meu extremo me franqueou eſte ramo de Mangerona.

Fag. He verdade, que pelo cheiro o conheço, que he o meſmo.

D.F. E como me dizem os impoſſiveis, que ha de a poder communicar, quizera deverlhe a galantaria de ſer minha proctetora neſta amoroſa pertençaõ; e fie de mim, que o premio ha de ſer igual ao meu deſejo.

Fag. Meu Senhor, difficil empreza toma voſſa merce; porque àlem da exceſſiva cautella do tio, que niſſo naõ ſe falla, huma dellas eſtá para caſar com hum primo, que hoje ſe eſpera de fóra da terra, e a outra qualquer dia vay a ſer freira; com que, meu Senhor, deſenganaſe, que alli naõ ha que arranhar.

D.F. E qual dellas he a que caſa?

Fag. Ainda ſe naõ ſabe; porque o noivo vem à eſcolha daquella, que lhe mais agradar.

D.F. Como o vencer impoſſiveis he pro-

prio

prio de hum verdadeiro amante, nós ha-
vemos intentar esta empreza, saya o que
sahir; que a diligencia he mãy de boa
ventura; favoreça-me vossa merce, Se-
nhora Fagundes, com o seu voto, que
eu terey bom despacho no tribunal de
Cupido; tenho dinheiro, e resoluçaõ,
e tendo a vossa merce da minha parte,
certo tenho o triunfo da Mangerona.

Fag. Pois por mim naõ se desmanche a fes-
ta, que eu naõ sou desmancha prazeres;
esta noite o espero debaixo da janella da
cosinha; sabe aonde he?

D.F. Bem sey.

Fag. Pois espere-me ahi, que eu lhe direy
o que ha na materia.

D.F. Deixe-me beijarlhe os pés, ò insig-
ne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

Fag. Ay! Levante-se, Senhor, naõ me
beije os pés, que os tenho agora muy
suados, e hum tanto fétidos; descanse,
Senhor, que D. Nize ha de ser sua a pe-
zar das cantellas do tio, e das caricias do
noivo.

D.F. Se tal consigo, naõ tenho mais, que
desejar.

Can-

Canta D. Fuas a ſeguinte

A R I A.

Se chego a vencer
De Nize o rigor,
De goſto morrer
Voſſé me verá.
  Porém ſe hum favor
Alenta o viver,
Quem morre de amor
Mais vída terá. *Vay-ſe.*

Fag. Eſtes homens, tanto que ſaõ amantes, logo ſaõ muſicos; e eu neſte entendo terey boa melgueira; e mais eu que ſou abelha meſtra, que hey de chupar o mel da Mangerona, e do Alecrim.

S C E N A II.

Camera. Sahem D. Nize, D. Cloris, e Sevadilha.

Sevad. AY, Senhora, que ainda naõ creyo, que eſtamos em caſa, pois ſe vimos mais tarde, naõ nos acha o Senhor velho!

D. Clor. Em boa nos metemos!

D. Niz. Nunca tal nos ſuccedeo: que te parece, D. Cloris, a porfia daquelles ho-

homens em nos querer conhecer?

Sevad. Sim, Senhora, como ſe nós foſſemos ſuas conhecidas.

D. Clor. E a facilidade, com que ſe namoraõ logo eſtes homens, he o que mais me admira!

Sevad. Pois o maldito do criado, que tanto ſe meteo comigo, como piolho por coſtura!

D. Clor. Que te veyo dizendo?

Sevad. Mil deſpropoſitos miſturados com varias finezas esfarrapadas.

Sahe Fagundes com manto apanhado no braço.

Fag. Ainda eſſes Alecrins, e Mangeronas haõ de dar nos narizes a muita gente.

D. Niz. Que diz, Fagundes?

Fag. Digo, que bem eſcuſados eraõ eſtes ſuſtos; ora digaõ-me, Senhoras, ſe ſeu tio vieſſe, e as naõ achaſſe em caſa, que ſeria de mim?

D. Clor. Naõ fallemos niſſo, que ainda eſtou a tremer.

Fag. Apoſtemos, que iſſo foraõ conſelhos deſta Senhora, que aqui eſtá?

Sevad. Apello eu, que teſtemunho! Olhe o diabo da mulher, parece, que me tem tomado à ſua conta!

Fag. Coitada, como ſe deſconjura!

Sevad.

Sevad. Ainda por amor della me hey de hir desta casa.

Sahe D. Lanserote.

D. L. Fagundes, depressa vá deitar mais hum ovo nos espinafres, que ahi vem meu sobrinho D. Tiburcio, já que sou taõ desgraçado, que por mais meya hora naõ chega depois de jantar.

Fag. Eu vou, meu Senhor; mas cuido, que o noivo a estas horas comerá novilho. *Vay-se.*

D. L. Agora, minhas sobrinhas, he chegado o vosso esposo; naõ tenho, que encomendarvos o modo, com que o haveis de tratar.

D. Clor. Já vem tarde. *à part.*

D. Niz. Veremos a cara a este noivo. *à p.*

Sevad. Pois dizem, que he hum galante lapuz, *à part.*

Sahe D. Tiburcio com botas vestido ridiculamente.

D. L. Amado sobrinho, dá-me os braços: he possivel, que vejo a hum filho de meu irmaõ!

D. T. Sim, Senhor; mas primeiro mande vossa mercê ter cuidado naquellas choiriças, que vem no alforje, naõ as dizime o Arrieiro, que tem em cada maõ cinco aguias rapantes.

D. L.

D. L. Isso me parece bem, seres poupado ; eu vou a isso. *Vay-se.*

D. Clor. Que te parece, Nize, a discriçaõ do noivo ?

D. Niz. Muito bom principio leva.

Sevad. Parece, que o seu genio mais se casa com o Alforje. *à part.*

D. T. As primas naõ saõ más ; porém a moça me toa mais. *à part.*

Sahe D. Lanserote.

D. L. Socegay, sobrinho, que já tudo está arrecadado.

D. T. Agora sim ; amado tio meu, por cujos humanos aqueductos circula em nacarados licores o sangue de meu progenitor, permitti, que os meus sequiosos labios calculem esses pés, dedo por dedo.

D. L. Levantay-vos ; sois discreto, meu sobrinho : pois vosso pay era hum pedaço d'asno, Deos lhe perdoe.

D. *T.* Naõ está mais na minha maõ, em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

D. L. Fallay a vossas primas, e minhas sobrinhas, D. Nize, e D. Cloris.

D. T. Eu vou a isso.

SO-

SONETO.

Primas, que na guitarra da conſtancia
Taõ iguaes retinís no contraponto,
Que naõ ha contraprima neſſe ponto,
Nem nos porpontos noto diſſonancia:
Oh falſas naõ ſejais neſta jactancia;
Pois quando attento os numeros vos cõto,
Neſſa belleza armonica remonto
Ao plectro da Phebina conſonancia:
Já que primas me ſois, ſede terceiras
De meu amor, por mais que vos agaſte
Ouvir de hum cavalete as frioleiras;
Se encordoais de ouvirme, ò primas, baſte
De dar à eſcaravelha em taes aſneiras,
Que é fim iſto de amor he hũ lindo traſte.

D. L. Tambem ſois Poeta, meu ſobrinho?

D. T. Tambem temos noſſo entuziaſmo, Senhor tio; iſto cá he vêa capilar, e natural.

D. L. Oh quanto me peza, que ſejais Poeta, pois por força haveis de ſer pobre.

D. T. A'gora, Senhor, eu ſou hum rico Poeta; pois, primas, que dizeis da minha eloquencia? Naõ me reſpondeis?

D. Clor. Os Anjos lhe reſpondaõ.

D. Niz. Ahi naõ ha mais que dizer.

D. T. Ah Senhor tio, eſta rapariga he cá da obrigaçaõ de caſa?

D. L.

D. *L.* He moça da almofada.

D. *T.* Naõ he mal eſtreada; e que olhos que tem! Benza-te Deos!

Sevàd. Quer Deos, que trago hum cor- ninho por amor do quebranto.

D. *L.* Eu cuido, ſobrinho, que mais vos agrada a criada, do que a noiva.

D. *T.* Tudo, o que he deſta caſa, me agrada muito.

D. *L.* Agora vamos ao intento: ſabereis, minhas ſobrinhas, que voſſo primo D. Tiburcio, filho de meu irmaõ D. Trifonio, e de Dona Pantaleoa Reboldan, o qual tambem era irmaõ de voſſo pay, e meu irmaõ D. Blianís, vem a eleger huma de vós outras para eſpoſa, pela mercê, que me faz; que a ſer poſſivel caſar com ambas, o fizera ſem ceremonia, que para mais he o ſeu primor.

D. *T.* Por certo que ſim; e naõ ſó com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, deſejo meter no coraçaõ tudo o que for deſta caſa.

D. *L.* Eu o creyo, meu ſobrinho: niſſo ſahis a voſſo pay.

D. *Clor.* Naõ vi mayor aſno! *à part.*

D. *Niz.* Nem eu mayor ſimplez! *à part.*

Diz dentro Simicupio.

Simic. Quem merca o Alecrim?

D. *Clor.*

D. *Clor.* O' Sevadilha, chama a esse homem do Alecrim; anda depressa.

Sevad. Entrou no tadario! *à part.*

D. *L.* Sobrinho, naõ estranheis este excesso de minha sobrinha; porque haveis de saber, que ha nesta terra dous ranchos, hum do Alecrim, outro da Mangerona, e fazem taes excessos por estas duas plantas, que se mataráõ humas às outras.

D. *T.* E vossa mercê consente, que minhas primas sigaõ essas parcialidades?

D. *L.* Naõ vedes, que he móda, e como naõ custa dinheiro, bem se póde permittir?

D. *T.* Bem sey, que isso saõ verduras da mocidade, mas com tudo naõ approvo.

D. *L.* E a razaõ?

D. *T.* Naõ sey.

D. *Clor.* Vossa mercê como vem com os abusos do monte, por isso estranha os estylos da Corte.

D. *Niz.* Callay-vos, mana, que elle ha de ser o mayor apaixonado, que ha de ter o Alecrim, e a Mangerona.

D. *T.* Se eu enlouquecer, naõ duvido.

Sahe Simicupio com hum molho de Alecrim ao hombro.

Simic. Quem quer o Alecrim?

D. *Clor.* Anda para cá : tem maõ , naõ o ponhas no chaõ.

Simic. Pois aonde o hey de pôr?

D. *Clor.* Aqui no meu colo ; ay , no chaõ o meu Alecrim? Iſſo naõ.

Simic. Pois naõ ſó o ponha no colo , mas no peſcoço.

D. *Clor.* A quanto he o mólho.

Simic. A real e meyo , por ſer para voſſa mercê.

D. *Clor.* Poem ahi cincoenta mólhos.

Simic. Pelo que vejo , eſta he D. Cloris. *à part.* Eisahi tem todos os mólhos , reparta lá com a Senhora, que ſupponho tambem quererá o ſeu raminho.

D. *Niz.* Ay , tira-te para lá , homem , com eſſe máo cheiro.

Simic. Já ſey , que eſta he a da Mangerona de D. Fuas. *à part.*

D. *T.* Bem haja minha prima , que naõ he deſtas invenções.

D. *L.* Porque he da Mangerona , por iſſo aborrece o Alecrim.

D. *T.* Reſta-me , que voſſa merce tambem tenha algum rancho.

D. *L.* Olhay vós , naõ deixo cá de mim para mim de ter minha parcialidade.

Simic. Ora demos principio à tramoya. *à p.* Ay Senhores, quem me acode?

D. *L.*

D. *L.* Que tens, hemem?

Simic. Ay, ay, confiſſaõ.

Cahe Simicupio eſtrabuxando, fingindo hum accidente.

D. *Clor.* Coitado do homem! Que tens? Que te deu?

D. *Niz.* Taõ venenoſo he o teu Alecrim, que mata a quem o traz?

D. *L.* Olá, tragaõ agua.

Sahe Fagundes, e Sevadilha com huma quarta.

Sevad. Ay, Senhores, que iſto he accidente de gota coral!

Simic. O coral de teus labios, que accidentes naõ fará? *à part.*

D. *L.* A unha de graõ beſta he boa para iſto.

D. *T.* Puxem-lhe pelos dedos, que tambem he bom remedio.

D. Lanſerote D. Tiburcio, Sevadilha, e Fagundes pegaõ em Simicupio, e eſte com o eſtrabuxamento fará cahir a todos.

D. *L.* Moſtra cá o dedo.

Simic. Agradeço o anel. *à part.*

D. *T.* E a força que tem o ſalvaje!

Sevad. Eu naõ poſſo com elle.

Simic. Lá vay o dedo polegar cos diabos! Eu eſtou capaz de tornar a mim, antes que me deixem deſpedaçado.

D. *L.* Borrifa-o Fagundes.

Fag. Ora deixem-no comigo. *Borrifa-o*

Simic. Pó diabo! E o que fedem os bor-rifos da velha! A maldita parece, que tem apostema no bofe.

D. *Niz.* Naõ se cansem, que elle naõ tor-na a si taõ cedo.

Simic. Essa he a verdade.

Fag. Mas pelo sim pelo naõ, eu lhe vazo esta quarta; que quando Deos quer, agua fria he mésinha.

Simic. Valha-te o diabo, que me deitaste agua na fervura! Eu naõ tenho mais remedio, que aquietarme, senaõ virá como remedio algum páo santo sobre mim. *à part.*

Fag. Senhores, elle está mais socegado depois da gua; venhaõ jantar, que a mesa está posta.

D. *L.* Vay buscar o meu capote, e co-bre-o, que está tremendo o miseravel.

Simic. He maravilha, que hum miseravel cubra outro. *à part.*

D. *T.* Aquillo saõ convulsões, mas bom he cobrillo por amor do ar.

Sahe Fagundes com hum capote.

Fag. Eis-ahi o capote; se elle o babar, ba-bado ficará.

Simic. Anda, tolla, que naõ me babo. *à p.*

D. *L.* Tu, Sevadilha, tem sentido neste

ho-

homem, em quanto jantamos: vinde, Sobrinho. *Vay-se.*

D. *T.* Vamos, que tenho huma fome horrenda. *Vay-se.*

D. *Niz.* He galante figura o tal meu primo! *Vay-se.*

D. *Clor.* Fagundes, agazalha esse alecrim.

Fag. Tanto me importa; se fora Mangerona, ainda ainda. *Vay-se.*

Sevad. Só isto me faltava, ficar eu guardando a este defunto!

Simic. Vejamos quem he esta Sevadilha, que ficou por minha enfermeira; ay, que supponho, que he a menina do malmequer, que lá traz hum no cabello! Vamo-nos erguendo, por ver se nos quer bem. *Vay-se erguendo.*

Sevad. Deite-se, deite-se; ay, que o homem tem frenesis! Acudaõ cá.

Simic. Calte, Sevadilha, naõ perturbes esta primeira occasiaõ de meu amor.

Sevad. Deixe-se estar cuberto.

Simic. Bem sey, que o calafrio de meu amor he taõ grande, que se póde cobrir diante delRey; mas confesso-te, que já naõ posso aturar o gravamen deste capote.

Sevad. Ay, que o homem está louco, e furioso!

Simic. A furia, com que te ausentas,
faz enlouquecer: naõ fujas, Sevadill
que eu sou aquelle sujeito do malm
quer, e taõ sujeito aos teus imperi
que sou hum criado de vossa mercê.
Sovad. Eu te arrenego, maldito home
Tu es o desta manhã?
Simic. Cuidavas, que naõ havia saber b
car modo para verte?
Sevad. Queres, que vá chamar a D. C
ris, ou D. Nize?
Simic. Logo irás chamar a D. Cloris; n
primeiro attende à chamma de meu amo
que se o fogo tem linguas, e as pa
des tem ouvidos, bem póde a dura p
rede de teu rigor escutar a lavareda, e
que me abraso: muita cousinha te p
dera eu dizer; porém a occasiaõ naõ
para isso.
Sevad. Nem eu estou para essoutro.
Simic. Eu o dissera, que o teu malmequ
naõ he para menos.
Sevad. Nem a tua pessoà he para mais.
Simic. Pois isso he de veras? Olha, q
desconfio.
Sevad. Bem avinda estou eu! Bom ama
te tenho! Bonito eras tu para atur
vinte annos de desprezos, como ha mu
tos que aturaõ, levando com as janell
nc

nos narizes, dormindo pelas eſcadas, aturando calmas, ſoffrendo geadas, apurando-ſe em Romances, dando deſcantes, feitos eſtatuas de amor no templo de Venus, e com tudo eſtaõ muy contentes da ſua vida; e aſſim para que me buſcas?

Simic. Para que me deſenganes, ſe me queres, ou naõ.

Sevad. Pregunta-o ao malmequer, que elle to dirá.

Simic. Se eu o tivera aqui, fizera eſſa experiencia.

Sevad. E aonde eſtá, o que eu te dey?

Simic. Lá o tenho empapelado, que cuido que o ar mo leva.

Sevad. Aſſim te leve o diabo.

Simic. Levará que he muito capaz diſſo. Pois em que ficamos? Bem me queres, ou mal me queres?

Sevad. Apanha aquelle malmequer, que eſtá junto àquella porta, e pergunta-lho, que elle to dirá.

Simic. Pois acaſo nas folhas do malmequer eſtaõ eſcritos os teus amores, ou os teus deſdens?

Sevad. Da meſma ſórte que a buena dicha na palma da maõ.

Simic. Eu vou apanhar o dito malmequer. *Vay-ſe.*

Sevad.

Sevad. Quem me dera, que ficaſſe em mal-mequer, para o fazer andar à pratica!

Sahe Simicupio com hum malmequer.

Simic. Eis-aqui o malmequer; ora vamos a iſſo; que ſe ha flores, que ſaõ deſengano da vida, eſta o ſerá do amor. Sevadilha, toma ſentido, vê ſe fica no bemmequer.

Sevad. Iſto he como huma ſórte.

Simic. Queira Deos naõ ſe converta o mal-mequer em azar. Tem ſentido, Sevadilha: amor, ſe ſahe a couſa como eu quero, eu te prometto hum arco de pipa, e huma venda nos Romolares em que ganhes muito dinheiro.

Canta Simicupio a ſeguinte

ARIA.

Oraculo de amor
Propicio me reſponde
Nas ancias deſte ardor
Bem me queres, mal me queres
Bem me queres, mal me queres,
Mal me queres, diſſe a flor.
Ay de mim, que me quer mal
Teu ingrato malmequer!
Acabou-ſe o meu cuidado,
Que mais tenho, que eſperar?
Vou-me agora a regalar
Levar boa vida, comer, e beber.

Sahe

Sahe D. Cloris.

).*Clor.* Oh quanto folgo, que já eſtejas bom!

imic. E taõ bom, que parece que nunca tive nada.

).*Clor.* Com que ſaraſte?

imic Com o meſmo mal; porque tambem ha males, que vem por bem.

).*Clor.* Que dizes, que te naõ entendo? Eſtás louco?

imic. Meu amo ainda o eſtá mais, do que eu, deſde que te vio aſſim por mayor, eſta manhã; e aſſim para ſignificarte a tremendiſſima efficacia de ſeu amor, aquí me manda a teus pés, minto aos teus atomos, para que com os diſfarces do Alecrim poſſa merecer os teus agrados.

.*Clor.* Sevadilha, poem-te a eſpreitar naõ venha alguem.

evad. Sim, Senhora. Arrelá com o ardil do homem! *Vay-ſe.*

.*Clor.* E quem he eſſe teu amo, que tanto me adora?

mic. He o Senhor D. Gilvaz, cavalheiro de taõ lindas prendas, como *verbi gratia* Londres, e Pariz.

.*Clor.* Que officio tem?

mic. Ha de ter hum de defuntos, quando morrer.

D. *Clor.*

D. *Clor.* E em quanto vivo, em que se oc-
cupa?

Simic. Em morrer por vossa merce.

D. *Clor.* Falla a proposito.

Simic. Senhora, meu amo naõ necessita de
officios para manter os seus estados, por-
que tem varias propriedades comsigo
muito boas; além disso tem huma quin-
ta na semana, que fica entre a quarta,
e a sesta, taõ grande, que he necessa-
rio vinte e quatro horas, para se correr
toda.

D. *Clor.* Quanto fará toda de renda?

Simic. Naõ se póde saber ao certo; sey
que tem varias rendas em Flandes, e ou-
tras em Peniche, e estas bem grossas;
tambem tem hum foro de fidalgo, e
hum juro de nobreza.

D. *Clor.* Basta que he fidalgo?

Simic. Como as estrellas, que as vê ao
meyo dia, e a essas horas naõ vê outra
cousa; e certamente lhe posso dizer
que he taõ antiga a sua descendencia, que
diz muita gente, que descende de Adaõ.

D. *Clor.* Se isso he assim, tal vez, que me
incline a querello para meu esposo.

Simic. Venha a reposta, Senhora, que meu
amo está esperando com lingua de palmo.

D. *Clor.* Pois ouve o que lhe has de dizer

Can

Canta D. Cloris a ſeguinte

A R I A.

Dirás ao meu bem,
Que naõ deſconfie,
Que adore, que eſpere,
Que naõ deſeſpere,
Que á ſua firmeza
Conſtante ſerey.
Que firme eu tambem
A tanta fineza
Amante, conſtante
Extremos farey. *Vay-ſe.*

Simic. Vencido eſtá o negocio; mas o capote do velho cá naõ ha de ficar por vida de Simicupio; que ſe a occaſiaõ faz o ladraõ, hey de ſello por naõ perder a occaſiaõ. *Vay-ſe com o capote.*

Sahe Sevadilha.

Sevad. Eſpera, homem, onde levas o capote? E foy-ſe como hum ceſto roſto! Ay mofina deſgraçada, que ha de ſer de mim, ſe meu amo naõ achar o ſeu rico capote?

Sahe D. Lanſerote.

D. *L.* Já ſarou o homem, Sevadilha?

Sevad. Sim Senhor.

D. *L.* Já ſe foy?

Sevad. Sim Senhor.

D. *L.* Guardaſte o capote?

Sevad.

Sevad. Ahi he ella. *à part*

D. *L.* Naõ ouves? Guardaste o capote?

Sevad. Qual capote?

D. *L.* O meu.

Sevad. Qual meu?

D. *L.* O meu de C,aragoça.

Sevad. Ah sim, o capote do homem do Alecrim?

D. *L.* Qual homem?

Sevad. O do accidente.

D. *L.* Tu zombas?

Sevad. Zombaria fóra, o homem levou o capote.

D. *L.* O meu capote?

Sevad. Eu naõ sey, se elle era de vossa merce; o que sey he, que o homem do Alecrim levou hum capote, com que estava cuberto.

D. *L.* E como o levou?

Sevad. Nos hombros.

D. *L.* O meu capote furtado?

Sevad. Pois nunca se vio furtar hum capote?

D. *L.* Naõ, bribantona, que era hum capote aquelle, que nunca ninguem o furtou. Oh dia infeliz, dia aziago, dia indigno de que o Sol te visite com os seus rayos!

Sevad. Santa Barbara!

D. L. Tu, deſcuidada, has de pôr para alli o meu capote, ou do corpo to hey de tirar.

Sevad. Como mo ha de tirar do corpo, ſe eu o naõ tenho?

D. L. Deſta ſórte.

Cantaõ D. *Lanſerote, e Sevadilha a ſeguinte.*

ARIA A DUO.

D. L. Moça tonta, deſcuidada,
Sevad. Ha mulher mais deſgraçada
Neſte Mundo? Naõ, naõ ha.
D. L. Se naõ dás o meu capote,
Tua capa hey de raſgar.
Sevad. Naõ me raſgue a minha capa.
D. L. Dá-me, moça, o meu capote
Sevad. Minha capa.
D. L. Meu capote.
Ambos. Trata logo de pagar.
D. L. Meu capote aſſim furtado!
Sevad. Meu adorno aſſim raſgado!
Ambos. Que deſgraça!
D. L. Contra a moça
Sevad. Contra o velho
Ambos. A juſtiça hey de chamar:
Meu capote donde eſtá? *Vaõ-ſe.*

SCE-

SCENA III.

Praça : no fim haverá huma janella. Sa
D. Gil embuçado.

D G. DIsse a Simicupio , que aqui
esperava ; mas tarda tanto , q
entendo o apanharaõ na empreza. M
se será aquelle , que alli vem ? Naõ
Simicupio , que elle naõ tem capot
quem será ?

Sahe Simicupio embuçado com hum capote.

Simic. Lá está hum vulto embuçado n
meyo do caminho ; queira Deos naõ m
cheguem ao vulto ; naõ sey se torn
para traz , mas peyor he mostrar coba
dia ; eu faço das tripas coraçaõ ; vo
chegando , mas sempre de longe.

D. G. Elle se vem chegando , e eu con
fesso , que naõ estou todo trigo.

Simic. Este homem naõ está aqui para bon
fim ; eu finjo-me valente : afaste-se lá
deixe-me passar , aliás o passarey.

D. G. Vossa merce póde passar.

Simic. Ay , que he D. Gil ! Pois agora fa-
rey , com que me tenha por valeroso
Quem está ahi ? Falle , quando naõ des-
peça-se desta vida , que o mando para a
outra. *D. G.*

D.G. Primeiro perderá a ſua, quem me intentá reconhecer.

Simic. Tenha maõ, Senhor D. Gilvaz, que ſou Simicupio.

D.G. Se naõ fallas, talvez que a graça te ſahiſſe cara.

Simic. Igual voſſa merce, que ſe o naõ conheco pela voz, ſem duvida, Senhor D. Gilvaz, lhe prego com o ſeu nome na cara.

D.G. Deixemos iſſo, dá-me novas de Dona Cloris; dize, podeſte darlhe o recado?

Simic. Naõ ſabe, que ſou o Ceſar dos alcoviteiros? Fuy, vi, e venci.

D.G. Dá-me hum abraço, meu Simicupio.

Simic. Naõ quero abraços, venhaõ as alviceras, ſenaõ emmudeci como Oraculo.

D.G. Em caſa tas darey: conta-me primeiro, que fazia Dona Cloris?

Simic. Iſſo ſaõ contos largos, eſtava toda rodeada de brazeiros de Alecrim, com hum grande mólho delle no peito, cheirando a Rainha de Hungria, maſcando Alecrim, como quem maſca tabaco de fumo; e como acabava de jantar, vinha palitando com hum palito de Alecrim; e finalmente, Senhor, com o Alecrim anda toda taõ verde, como ſe tivera tirícia.

D.G.

D.G. E do mais, que paſſaſte?

Simic. Iſſo he para mais de vagar, baſta qu
ſaiba por ora, que apenas lancey o an
zol no mar da ſimplicidade de Dona Clo
ris, picando logo na minhoca do enga
no, ficou engaſgalhada com o engodo d
mil patranhas, que lhe encaixey à ma
tente.

D.G. Incriveis ſaõ as tuas habilidades:
que capote he eſſe?

Simic. Eſte he o deſpojo de meu triunfo
joguey com o velho os centos, e ganhey
lhe eſte capote; e ſe voſſa merce ſou
bera a virtude, que elle tem, paſma
ria.

D.G. Que virtude tem?

Simic. He hum grande remedio para ſara
accidentes de gota coral.

D.G. Conta-me iſſo.

Sahe D. Fuas embuçado.

Simic. Fallemos de manſo, que ahi vem
hum homem.

D.F. Eſta he a janella da coſinha de Do-
na Nize, que a pezar da eſcuridade da
noite, a conhece o meu inſtincto pelos
effluvios odoriferos, que exhala a Pan-
caya daquella Fenix.

D.G. Simicupio, hum homem ao pé da
janella de Dona Cloris? Iſto naõ me chei-
ra bem. *Simic.*

imic. Como lhe ha de cheirar bem, ſe iſto aqui he hum monturo?

Apparece Fagundes à janella.

ag. Cé, he voſſa merce meſmo?

). F. Sou eu meſmo, e naõ outro, que impaciente eſpero novas de meu bem.

). G. Naõ ouviſte aquillo, Simicupio?

imic. Aquillo he, que naõ cheira bem, Senhor D. Gilvaz.

ag. Naõ baſta que voſſa merce diga, que he meſmo neceſſario a ſenha, e a contraſenha.

). G. Pois attenda.

Canta D. Fuas o ſeguinte

MINUETE.

Já que a fortuna.
Hoje me abona,
A Mangerona
Quero exaltar.
  No ſeu triunfo
Que a fama entoa,
Palma, e coroa
Ha de levar.
  Ha de por certo,
Que a ſua rama
Na voz da fama
Sempre andará.

. G. Eſte he D. Fuas, pela ſenha da Mangerona; que te parece, Simicupio, o quan-

quanto tem adiantado o ſeu amor?

Simic. *Quidquid ſit*, o primeiro milho h
dos paſſaros, o ſegundo he cá para o
melros.

Fag. Suba por eſſa eſcada. *Lança a eſcada*

D. F. Segure bem. *Sobe*

Simic. Senhor D. Gil, agora he tempo d
ſubir tambem, pois eſtamos em era d
atrepar; naõ perca a occaſiaõ.

D. G. Vem tu tambem. *Sobe*

Simic. Eu tambem vou a render à eſcal
viſta eſſe caſtello de Cupido.

Fag. Tenha maõ, Senhor, que he o qu
quer?

D. G. Mangerona.

Fag. Voſſa merce, fidalgo, quem procu
ra?

Simic. Tambem Mangerona em lugar d
Sevadilha, que tudo faz bom tabaco.

Fag. Iſto cá eſtá por eſtanque, naõ entra
quem quer.

Simic. Se naõ entra quem quer, entrará
quem naõ quer.

Fag. Vá-ſe dahi, que naõ conheço Fra-
mengos à meya noite.

Simic. Tem maõ, naõ me empurres.

Fag. Naõ ha de entrar.

Simic. O' mulher, naõ me precipites, que
ſou capaz de te eſcallar.

Fag.

ag. Vá-ſe cos diabos, ſeja quem for.

Empurra a eſcada, e cahe com Simicupio.

imic. Ay, que me derreaſte, bruxa infernal! Tu me pagarás o ſimicupio, que me fizeſte tomar. Eſtes ſaõ os oſſos do officio; mas para que tudo naõ ſejaõ oſſos, vamos levando eſta eſcada, que ſempre valerá alguma couſa; ao menos ſe naõ morri da quéda, vou para caſa em huma eſcada.

Vay-ſe Simicupio, e leva a eſcada.

SCENA IV.

abinete. Sahe Fagundes trazendo pela maõ a D. Fuas, e de traz virá D. Gil embuçado.

ag. PIze de manſinho; que ſe acorda, ſerá para nos enforcar.

.F. Recontou a Dona Nize os extremos, com que a idolatro?

ag. Naõ me ficou nada no tinteiro; meu Senhor, neſſa materia tenho tanta elegancia, que ſou outra Marca Tulia Cicerona.

.F. Ay Fagundes, ſe caſará Dona Nize com o primo! Mas quem eſtá aqui atraz de nós?

.G. Naõ quero darme a conhecer a D.

Fuas , por ver ſe com os zelos deſi
da empreza , para que ſó triunfe o Al
crim. *à pa*
D. *F.* Cavalhero , vós daqui naõ haveis
paſſar , ou ambos ficaremos aqui mo
tos , ſem dizerme primeiro , o que bu
cais neſta caſa?
D. G. O meſmo , que vós buſcais.
D. F. O que eu buſco, naõ vos póde pe
tencer.
D. G. Nem o que me pertence , pod
vós buſcar.
Fag. Senhores meus, accommodem-ſe, q
póde acordar o Senhor D. Lanſerote ,
o damno ſerá de todos.
D. F. Queres que me calle à vida dos me
zelos ?
Sahe D. Nize.
D. Niz. Que ruido he eſte, Fagundes?
D. F. Sinto, Senhora Dona Nize , que
primeira vez, que me facilitais eſta fo
tuna , me hoſpedeis com zelos.
D. Niz. Naõ ſey , que motivo haja pa
os haver.
D. F. Eſte Senhor embuçado , que aq
me vem ſeguindo , e diz , que procu
o meſmo, que eu buſco.
D. Niz. Sabe elle por ventura, o que v
procurais?
D..

). *F.* Elle, que diz que ſim, certo he, que o ſabe.

). *Niz.* Senhor, vos acaſo vindes aqui a meu reſpeito? *Para D. Gil.*

). *G.* Nada hey de reſponder. *à part.*

). *F.* Quem calla conſente: naõ averiguemos mais, Senhora Dona Nize, ſó ſinto, que a ſuas Mangerona admitta enxertos de outras planta.

). *Niz.* Eſſe he o pago, que me dais, de admittir a voſſa correſpondencia, de obrar eſte exceſſo a voſſo reſpeito, e de me expor a eſte perigo por voſſa cauſa?

). *F.* Melhor fora deſenganarme, que eſſa era a melhor fineza, que vos podia merecer.

). *Niz.* Pois eu digo-vos, que eſtou innocente, que naõ conheço eſte homem; e me parece, que baſta dizello, para me acreditares.

). *F.* E baſtava ver eu o contrario, para naõ acreditar eſſas deſculpas.

). *Niz.* Pois viſto iſſo, fiquemos como dantes.

). *F.* De que ſórte?

). *Niz.* Deſta ſórte.

Canta D. Nize a ſeguinte

ARIA.

Supponha, Senhor,
Que nunca me vio,
E que he o ſeu amor
Aſſim como a flor,
Que apenas naſceo,
E logo murchou.
Pois tanto me dá
De ſeu pertender,
Que firme ſupponho
Seria algum ſonho,
Que pouco durou. *Vay-*

D. F. Nize cruel, iſſo ainda he mayor
rannia; eſcuta-me. *Vay-*

Fag. Vá lá darlhe ſatisfações, que ella
bonita para eſſas graças. E voſſa me
Senhor rebuçado, a que fim quiz p
fanar o ſagrado deſta caſa?

D. G. A ver o bem, que adoro.

Fag. Voſſa merce eſtá zombando? A
naõ ha quem poſſa ſer amante de vo
merce; pois bem vê o recato, e ho
deſta caſa.

D. G. Eu bem vejo o recato, e honra d
ta caſa. Que? Aquillo de ſubir hu
homem por huma janella, e hirſe p
dentro atraz de huma mulher, naõ he n
da? *F*

ng. Aquelle homem he primo carnal da Senhora D. Nize.

.G. Pois eu tambem quero ſer muito conjunto da Senhora D. Cloris : ora faça-me o favor de a hir chamar.

ag. Que diz? A Senhora D. Cloris? Olha tu lá D. Cloris naõ te enganes ; ſim, a outra, que anda cuberta de cilicios, jejuando a paõ, e agua ; tire dahi o ſentido, meu Senhor.

.G. Se a naõ fores chamar, a hirey eu buſcar.

ng. Ay Senhor, voſſa merce tem alguma legiaõ de diabos no corpo? E que remedio tenho, ſenaõ chamalla, antes que o homem faça alguma aſneira, que elle tem cara de arremeter. *Vaiſe.*

.G. Venha logo, que eu naõ poſſo eſperar muito tempo. A velha queria corretaje : baſta, que lha dê D. Fuas.

Sahe D. Cloris.

. Clor. Senhor, voſſa merce, que pertende com tantos exceſſos? A quem procura?

.G. Eu, Senhora D. Cloris, ſou D. Gilvaz, aquelle impaciente amante, que atropellando impoſſiveis vem, qual Salamandra de amor, a abrazarſe nas chammas do ſeu Alecrim, como victima da meſma chamma. *D.*

D. Clor. Senhor D. Gilvaz, como ent
do o ſeu amor ſó ſe encaminha ao li
to fim de ſer meu eſpoſo, por iſſo
facilito os meus agrados, mas naõ
francamente, que primeiro naõ haja
experimentar no criſol da conſtancia
rayos do ſeu amor.

D. G. Muy pouco conceito fazeis da vo
belleza; pois ſe antes de admirar eſſa f
moſura em occultas ſympathias ſoub
tes attrahir todos os meus affectos, c
mo depois de admirar o mayor porte
to de perfeiçaõ, poderia haver em m
outro cuidado mais, que o de adorarv
com taõ immovel conſtancia, que p
meiro ſe moveráõ as eſtrellas fixas, q
ſejaõ errantes as minhas adorações?

D. *Clor.* Iſſo he de veras, Senhor D. G

D. *G.* Se eu morro de veras, como hey
fallar zombando?

SONETO.

Tanto te quero, ò Clori, tanto, tanto;
E tenho neſte tanto tanto tento,
Que em cuidar, q̃ te perco, me eſpavent
E em cuidar, que me deixas, me atarant
Se naõ ſabes (ay Clori!) o quanto o quan
Te idolatra rendido o penſamento,
Digaõ-to os meus ſuſpiros cento a cent
Soletra-o nos meus olhos pranto a prant

C

Oh quem pudera agora encarecerte
Os exquisitos modos de adorarte
Que amor soube inventar para quererte!
Ouve, Clori; mas naõ, que hey de assustarte;
Porque he tal o meu incendio, q́ ao dizerte
Ficarás no perigo de abrazarte.

D. *Clor*. Senhor D. Gil, as suas finezas por encarecidas perdem a estimaçaõ de verdadeiras; que quem tem a lingua taõ solta para os encarecimentos, terá preza a vontade para os extremos.

D. *G*. Como ha de haver experiencias na minha constancia, seraõ os successos de minhas finezas os chronistas de meu amor.

Canta D. Gil a seguinte

A R I A.

Viste, ò Clori, a flor gigante,
Que procura firme, amante,
Seguir sempre a luz do Sol?
Dessa sorte, sem desmayos,
Sol, que gyra, saõ teus rayos,
E meu peito gyrasol.
Mas ay, Clori, que a luz pura
De teus rayos mais se apura
De meu peito no crisol.

D. *Clor*. Cessa, meu bem de encarecerme o teu amor; já sey saõ verdadeiras as tuas

tuas expreſsões. Oh ſe eu tivera a fortu
na, que eſſas vozes as naõ levaſſe o ven
to, para augmentar com ellas a força d
ſua inconſtancia!

Sahe Sevadilha.

Sevad. He bem feito! He bem empregado
D. Clor. O que, Sevadilha?
Sevad. O Senhor, que eſtá acordado.
D. Clor. Naõ póde ſer a eſtas horas; na
te creyo, que es huma medroſa.
Sevad. Fallo verdade, e naõ minto.

Canta Sevadilha ſeguinte

A R I A.

Senhora, que o velho,
Se quer levantar!
Mofina de mim,
Que ouvi eſcarrar,
Fallar, e toſſir!
Senhor, vá-ſe embora, *Para D. C*
Vá já para fóra,
Senaõ o papaõ
Nos ha de engolir.

Fag. Uy Senhores, iſto he couſa de brin
co? O Senhor ſeu tio eſtá com tama
nho olho aberto, que parece hum leaõ
que eſtá dormindo; deite fóra eſſe ho
mem, e venha-ſe agazalhar, que já ven
amanhecendo.

D. Clor

D. *Clor.* Pois deitem fóra a D. Gil : meu bem, eſtimarey, que as ſuas obras correſpondaõ às ſuas palavras. *Vay-ſe.*

Sahe D. *Niz. e* D. *Fuas.*

D. *Niz.* Fagundes, encaminha a D. Fuas, que meu tio eſtá acordado.

D. *F.* Ainda o embuçado aqui eſtá ? He para ver ! Ah cruel ! *à part.*

D. *Niz.* Anda, Fagundes.

Fag. Senhora, que naõ ha eſcada, para deſcerem.

D. *Niz.* E aquella por donde ſubio, aonde eſtá ?

Fag. Empurrey-a com hum homem, que tambem queria ſubir.

D. *G.* Devia ſer Simicupio. *a part.*

D. *F.* Pois como ha de ſer ?

Sevad. Naõ ha mais remedio que ſaltar pela janella.

Fag. Mas vejaõ, naõ cayaõ no alfuje.

D. *G.* Em boa eſtou metido ! *à part.*

D. *F.* Donde eſtá a chave da porta ?

Sevad. A chave tem guardas, e eſtá agazalhada no traveſſeiro do velho, por naõ dormir n'uma porta.

D*entr.* D. *L.* Fagundes, venha abrir eſta janella, que já vem amanhecendo.

Fag. Eis-aqui voſſas mercês o que quizeraõ !

D*entr.*

Dentr. D. L. Fagundes, que faz, que naõ vem?
Fag. Eſtou enxotando o gato da viſinha çape gato; Senhores, eſcondaõ-ſe aonde for.
D. Niz. Ay, que deſgraça!
Dentr. D. L. Sevadilha que he iſſo lá?
Dentr. Sevad. He o grato da viſinha: çape gato.
Dentr. Simic. Abraõ a porta, que ſe queima a caſa: fogo, fogo.
Fag. Ay, que ha fogo na caſa! Saõ Marçal.
D. Niz. Eu eſtou morta!
D. Clor. Ay, que ſe queima a caſa, que deſgraça! *Sabe*
D. F. Peyor he eſta!
D. *G.* Ha horas minguadas!
D*entr. Simic.* Abraõ a porta, que ha fogo, fogo.
Sevad. Mofina de mim, que lá vaõ os meus tarecos!
D*entr. Simic.* Naõ ouvem? Pois la vay a porta pela porta fóra.

Sahe Simicupio, com huma quarta às coſtas, e ao meſmo tempo ſahe D. *Lanſerote em fralda de camiza, e* D. *Tiburcio embrulhado em hum lançòl, com huma candeya de garavato na maõ.*

Simic. Fogo, fogo.

Fag. Adonde he, meu Senhor.

D. *T.* Que he iſto cá?

D. *L.* Fogo aonde, ſe eu naõ vejo fumo?

Simic. Como ha de ver o fumo, ſe o fumo faz naõ ver?

D. *T.* Aqui me cheira a Alecrim queimado.

D. *L.* Dizes bem: Cloris, accendeſte algum Alecrim?

D. Clor. Eu, Senhor, naõ ..... foy ..... porque ſempre .....

D. L. Calte, que eu porey o Alecrim com dono; ha mais mofino homem! Lá vay o ſuor de tantos annos.

Simic. Com elle podià voſſa merce apagar eſte fogo.

D. *G.* Eſtou admirado de ver a traça de Simicupio! *à part.*

D. *T.* Senhores, acudamos a iſto, que ſe acaba a torcida.

D. *L.* Vede, ſobrinho, ainda aſſim naõ ſe entorne o azeite.

D. *Niz.* Ay os meus craveiros de Mangerona!

D. *Clor.*

D. *Clor.* Ay os meus olhos de Alecrim!
Fag. Ay a minha canaſtra!
Sevad. Ay os meus tarequinhos!
D. *L.* Ay a minha burra!
D. *T.* Ay o meu alforje!
Simic. Ay com tanto ay! Senhores, aonde he o fogo?
D. *L.* Vejaõ voſſas mercê bem por eſſas caſas aonde ſerá.
Simic. Entremos, Senhores, antes que ſe atee o incendio.
D. *G.* e D. *F.* Vamos.
Entraõ Simicupio, D. *Fuas*, *e* D. *Gil*, *e logo tornaraõ a ſahir.*
D. *L.* Vereis vós, trampoſinha, que fim leva o Alecrim.
D. *Clor.* O Alecrim ňaõ tem fim, que nunca murcha.
Sahem os tres.
D. *G.* Naõ ſe aſſuſtem, que naõ he nada.
D. *F.* Já ſe apagou Deos louvado.
D. *L.* Aonde foy?
Simic. Foy no almofariz, que eſtava ao pé da iſca.
Sevad. Pois eu naõ fuy, o que petiſquey.
Fag. Pois eu nem no ferrolho.
Simic. Pois eu ainda eſtou em jejum.
D. *L.* Ora, meus Senhores, voſſas mercês me vivaõ muitos annos pela honra, que me fizeraõ.
D. *G.*

D. *G.* Sempre bufcarey occafiões de fervir a efta cafa. *Vay-fe.*

D. *F.* E eu naõ menos. *Vay-fe.*

Simic. Agradeça-nos a boa vontade naõ mais.

Fag. Se naõ houveffem boas almas, já o mundo eftava acabado.

D. *Clor.* Eu eftou pafmado do fucceffo! *à part.*

D. *Niz.* E eu naõ eftou em mim! *à part.*

D. *T.* Ora com licença, meus Senhores, que me vou pór em frefco. *à part.*

D. *L.* Eu todavia ainda naõ eftou focegado. Vio voffa merce bem na chaminé?

Simic. Para que voffa merce defcanfe de todo, vazarey efta quarta nos narizes daquella velha, que faõ duas chaminés.

Fag. Ay que me enfopou! Senhor, que mal lhe fiz?

Simic. He darlhe a molhadura de certa obra.

D. *L.* Que fez voffa merce?

Simic. Deixe, Senhor; ifto he para que fe lembre, e tenha cuidado no fogo, que facilmente fe póde atear por hum accidente.

Fag. Vou mudar de camifa. *Vay-fe.*

D. *Niz.* Tomara aproveitar os cacos para a minha Mangerona.

D. *L.*

D. *L.* Esta advertencia merece esta moça que he huma descuidada, que por seu desmazellos me deixou furtar hum capo

Cantaõ D. Lanserote, *Sevadilha*, *Simicupio D. Cloris*, e D. *Nize a seguinte*

ARIA A 5.

D. *L.* Tu moça, tu tonta
Sentido no fogo,
Senaõ tu verás.

Sevad. Debalde he o seu rogo,
Que fogo sem fumo
Naõ he bom sinal.

Simic. Que linda pilhaje.
Num fogo salvaje,
Que lambe voraz.

D. *Clor.* Naõ sente, quem ama.

D. *Niz.* Naõ temo essa chamma.

Ambas. Que he fogo de amor.

D. *L.* Cuidado no fogo.

Sevad. Debalde he o seu rogo.

D. *L.* e *Sev.* Que fogo sem fumo
Naõ he bom sinal.

D. *L.* Sentido, cuidado,

Simic. Que fogo salvaje

Todos excepto D. *L.* Que he fogo de amor

Todos. Cuidado, pois, cuidado,
Que algum furor vendado
Fulmina tanto ardor.

Fim da primeira parte.

PAR-

PARTE II.

SCENA I.

Praça. Sahe D. Gil, e Simicupio.

D. G. AInda naõ ſey cabalmente applaudir a tua induſtria, ò inſigne Simicupio.

Simic. Nem applaudir, nem agradecer, Senhor D. Gilvaz.

D. G. As tuas idéas ſaõ taõ impoſſiveis de applaudir, como de agradecer; pois todo o premio he diminuto, e todo o louvor limitado.

Simic. Viſto iſſo, eu meſmo tenho a culpa de naõ ſer premiado; porque ſe eu naõ ſervira taõ bem, eſtaria mais bem ſervido. Senhor meu, eu nunca fuy amigo de palanfrorios; mais obras, e menos palavras; eu quero, que me ajuſte a minha conta.

D. G. Para que?

Simic. Para porme no olho da rua, que ſerey mais bem viſto.

D. G. Simicupio, nem ſempre o diabo ha de eſtar atrás da porta.

Simic.

Simic. Sim, porque entrará para dentr
de caſa.
D. G. Calte, que ſe conſigo a Dona Clo
ris com ſeu dote, e arras, eu te promet
to, que andes n'uma boléa.
Simic. Senhor, naõ me ande com a cabe
ça à roda com eſſas promeſſas; era me
lhor, que os premios andaſſem a rodo.
Sahe Fagundes.
Fag. Lá deixo a D. Fuas metido n'um
caixa, para o introduzir com Dona N
ze em caſa ſem ſuſtos, como da outr
vez; tomara achar hum homem, qu
ma carregaſſe.
D. G. Lá vem a velha, criada de Don
Cloris.
Simic. Retire-ſe voſſa merce, e deixe-m
com ella.
D. G. Pois eu aqui te eſpero. *Vay-ſe*
Fag. O' filho, por vida voſſa quereis le
varme huma caixa?
Simic. Com que achou-me voſſa merc
com hombros de mariola?
Fag. Pois perdoe-me, que cuidey, qu
era homem de ganhar.
Simic. Todos neſta vida ſomos homens d
ganhar; porém o modo he, que deſau
toriza.
Fag. Iſto naõ era mais, que levar hum
caixa às coſtas. *Simi*

imic. Pois ſe naõ he mais do que iſſo, entendo que naõ eſtará mal à minha peſſoa.

ag. Qual mal? Antes lhe eſtará muito bem.

imic. Mas advirta, que iſto em mim naõ he officio; he huma méra curioſidade.

ag. Ora Deos lhe dê ſaude; olhe, ella peza pouco, e vem aqui para caſa de D. Lanſerote.

mic. E de quem he a caixa?

ag. He minha, que a que eu tinha, toda ſe desfaz em caruncho.

mic. Pois eſta naõ ſe livrará da traça, que intento uſar com ella. *à part.* Vamos, Senhora. *Vaiſe.*

ag. Ande, meu filho. *Vaiſe.*

Sahe D. Gil.

.G. Aonde hirá Simicupio com a velha? O maldito naõ perde occaſiaõ: com ſemelhante jardineiro naõ murchará o Alecrim de Dona Cloris; porém elle lá vem com huma caixa às coſtas.

he Simicupio com huma caixa às coſtas; e logo a poem no chaõ.

mic. Dezencontreime da velha, que andará tonta por mim.

. G. Que he iſto, Simicupio?

mic. Naõ lhe importe, vá-ſe enrolando,

que se ha de meter aqui dentro, e hey d
levar esse corpinho a casa de Dona Cl
ris.

D. G. Isso he quiméra; como posso e
caber ahi?

Simic. Isso naõ me importa a mim; aba
as presumpções, que logo caberá e
toda a parte.

D G. E como havemos abrilla, que es
fechada?

Simic. Naõ sabe, que a irmã gazúa sem
pre me acompanha? Eu a abro. *abr*

D. G. Esta tramoya he muy arriscada: qu
tem dentro?

Simic. Eu vejo huns trapos estendidos. A
de ande, que nos importa a nós.

D. G. Ora vamos a isso: ay Cloris, quan
to me custas!

Mete-se D. Gil na caixa, e a fecha Simic
pio, e logo a poem às costas, e dentro
tambem virá D. Fuas.

Simic. Naõ ha de ser má esta encaixaçaõ
Arre o que peza a criança!

D. F. Ay, que me esmagaõ os narizes!

D. G. Quem está aqui? Espera, vejamos
o que he.

Simic. O que for lá se achará.

D. G. Espera, que isto he traiçaõ.

D. F. Homem dos diabos, naõ me esbor
raches.

D. G

D. G. Aque delRey, naõ ha quem me acuda?

Simic. Calle-ſe, tamanhaõ, que para boa caſa vay. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Sala. Sahe D. Tiburcio, e Sevadilha.

D. T. SEvadilha, agora, que eſtamos ſós, quero-te pedir hum conſelho.

Sevad. Se voſſa merce acha, que lhos poſſo dar, proponha, que eu reſolverey.

D. T. Tu bem ſabes, que eu vim para caſar com huma deſtas duas primas minhas: ambas ſaõ bellas, ao que entendo; ſó me reſta ſaber as manhas de cada huma, para que eſcolha do mal o menos.

Sevad. Senhor, ambas ſaõ muy baſtantes moças, a Senhora Dona Cloris he muy perfeita, ſabe fazer os ovos moles muito bem; a Senhora Dona Nize tem melhor juizo: muito aſſento, quando naõ eſtá de levante; grande capacidade; e tanto, que ſendo taõ rapariga, já lhe naſceo o dente do ſizo; porém na condiçaõ he huma vibora aſanhada.

D. T. Naõ ſey, Sevadilha, o que faça neſte caſo.

Sevad. Naõ caſar com nenhuma.
D. *T.* Pois eu vim cá por beſta de páo?
Sevad. Eu digo o que entendo em mi nha conſciencia.
D. T. Oh ſe pudera eu caſar comtigo, Se vadilha, porque ſó tu me cahiſte em gra ça!
Sevad. Ay, que graça! Diga-me iſſo ou tra vez.
D. T. Naõ zombo, que naõ eſtá ſóra d fazer eu huma parvoiſſe.
Sevad. Naõ ſerá a primeira.
D. T. Queres tu, que fujamos? Olha que eſtou com minhas tentações de t fazer dona de minha caſa.
Sevad. Diga-me deſſas, que goſto diſſo.
D. T. Sevadilha, naõ percas eſta fortuna
Sevad. Quem he a fortuna?
D. *T.* Sou eu, que te quero.
Sevad. Se he fortuna, ſerá inconſtante.
D. T. Ay, que a moça me falla por equi vocos! Es diſcreta.
Sevad. Ora vá-ſe com a fortuna.

Sahe Simicupio com a caixa às coſtas.

Simic. Quem toma conta deſte arcaz?
D. T. Quem a manda?
Simic. Huma mulher já de dias grandes porque era baſtantemente velha.
D. T. A mim me mellem, ſe iſto naõ h

já alguma preparaçaõ para o caſamento.

Simic. Voſſa merce parece, que adevinha, pois para caſamento he, ſegundo ouvi dizer a hum terceiro.

D. T. Sabes, o que virá ahi dentro?

Simic. Cuido, que he hum veſtido.

D. T. E que tal?

Simic. Bello na verdade, bordado com huns vivos brancos, e de cores taõ vivas, que eſtaõ ſaltando.

D. T. He de mulher, ou de homem?

Simic. Tudo o que aqui vem he para mulher.

D. T. Cuidey, que era para mim.

Sevad. Aquelle he Simicupio; elle que carrega a caixa, naõ he ſem cauſa. *à p.*

Simic. Sevadilha lá me eſtá deitando huns olhos, que ſe vaõ os meus traz delles. *à part.*

D. T. Já te pagaraõ?

Simic. Naõ Senhor; mas eu eſperarey pela velha.

D. T. Pois, Sevadilha, em que ficamos? Ajuſtemos o negocio?

Sevad. He boa eſta, ouvindo-me Simicupio! *à part.*

D. T. Olha, Sevadilha, eu te quero tanto, que fecharey os olhos a tudo, ſó por caſar comtigo.

Simic.

Simic. Tome-se lá, o que estavaõ ajustan-
do os dous! Eu lho estorvarey. *à part*
D. T. Que dizes, rapariga?
Simic. Ah Senhor, pague-me o carreto d
caixa.
D. T. Espera, que logo vem a velha.
Simic. Sim pois a moça logo vay. *à part*
D. T. Tu ainda es menina, naõ sabes,
que te convem.
Sevad. Eu naõ necessito de tutores.
D. T. Olha, que eu sou Morgado na mi-
nha terra, e terás tantos, e quantos.
Simic. Senhor, pagueme o carreto da cai-
xa, que naõ posso esperar.
D. T. Logo, espera: ora, Sevadilha, isso
ha de ser, dá-me hum abraço.
Simic. Venha o carreto da caixa; he boa
essa!
Sevad. He boa teima!
D. T. Pois dá-me ao menos esse malme-
quer por prenda tua.
Simic. Ora venha já esse carreto, senaõ
tudo vay cos diabos.
D. T. Espera homem, ouve mulher.
Sevad. Vá-se dahi, mal creado, aleivoso,
maligno; he o que me faltava!

Canta Sevadilha a ſeguinte

A R I A.

Que hum tonto jarreta,
Que hum neſcio pateta,
Me falle em amor,
Ou he para rir,
Ou para chorar.
Naõ cuide em amores,
Que neſſes ardores,
Se póde fregir,,
Se póde abrazar. *Vaiſe.*

Simic. Regalou-me eſta Aria : vou dizer a Sevadilha, diga a Dona Cloris, que alli eſtá meu amo, e finjo, que me vou. Senhor, a Deos : eu virey n'outra occaſiaõ. *Vaiſe.*

Sahe D. *Lanſerote com hum caſtiçal, e vela aceza, e a porá em cima da caixa, donde ao depois ſe aſſentaráõ.*

D. *L.* Sobrinho, vós bem ſabeis, que hum hoſpede, paſſados os tres dias logo fede, como cavallo morto; iſto naõ he dizer, que fedeis, mas vos affirmo, que me naõ cheira bem eſſa voſſa irreſoluçaõ, vendo que indeciſo ainda naõ elegeſtes qual de voſſas primas ha de ſer voſſa conſorte.

D. T. Senhor as perfeições de cada huma

ma ſaõ taõ peregrinas , que vacilla
vontade na eleiçaõ dos ſugeitos ; po
quando me vejo entre Cloris , e Nize
me parece , que eſtou entre Scylla ,
Caribdis.

D. *L.* Pois, Sobrinho , reſolver , reſolver
logo , e já.

D. T. Pois, Senhor , ſe a hum enforcad
ſe daõ tres dias, eu que no caſar noto
meſma propriedade , pois bem ſe enfor
ca , quem mal ſe caſa , peço tres dia
tambem para me reſolver.

D. *L.* Tres dias peremptorios concedo ;
para que naõ hajaõ duvidas no dote
aſſentay-vos , e ſabereis o que haveis d
levar. *Aſſentaõ-ſe.*

D. T. Iſſo he ſanto , e bom , para que naõ
ſeja a noiva de contado , e o dote de pro-
mettido.

D. *L.* Eu, meu ſobrinho, ſuppoſto tenha
corrido muito mundo , com tudo me
acho alcançado.

D. T. Iſſo he bonito!

D. *L.* Primeiramente cada huma de minhas
ſobrinhas tem muito boa limpeza.

D. *T.* Sim , Senhor , ſaõ muito aſſeadas ,
niſſo naõ ha duvida.

D. *L.* A'lem diſſo : eſtay attento , meu
ſobrinho , naõ deis ſalabancos com a cai-

xa ,

xa, que isso he manha de bestas.
Bole a caixa.
D. T. Eu estou com os cinco sentidos bem quietos.
D. L. Como digo, sabereis, que todo o meu cabedal anda sobre as ondas do mar. Naõ estareis quieto? *Bole a caixa.*
D. T. Naõ sou eu por vida minha.
D. L. Naõ vedes a caixa a saltar?
D. T. He verdade; será de contente.
Cahe a caixa com os dous.
D. L. Isto agora he mais comprido.
D. T. E isto he mais estirado.
D. L. Ay, quem me acode com huma luz!
[S]ahem Dona Cloris, Dona Nize, Fagundes, e Sevadilha com luz.
[To]dos. Que succedeo?
D. T. O mayor caso, que viraõ as idades.
D. L. Eu, que na mayor idade vi o mayor caso.
D. *Niz.* Pois que foy?
D. *Clor.* Que succedeo, Senhores?
[Se]vad. Que he isto?
[Fa]g. Que foy? Que succedeo? Que he isto?
D. T. Esta caixa.
D. L. Esta arca.
D. T. Que em torcicolos.
D. L. Que em bamboleyos.
D. T.

D.T. Com pulos.

D.L. Com ſaltos.

*D.*T. Deitou-me no chaõ.

D.L. No chaõ me eſtendeo.

D.Niz. He raro caſo!

D.Clor. He caſo raro!

Sevad. He, naõ ha duvida: ay, que el torna a bolir! Fujamos, Senhores.

Fag. Valha-te o diabo, D. Fuas, que ta inquieto es! *à par*

D.L. Eſta caixa tem algum encanto, abra mo-la.

*D.*T. Diz bem; abra-ſe a caixa.

D.Niz. Ay de mim, que ſerá de D. Fuas *à par*

D.Clor. Que ſerá de D. Gil! *à par*

*D.*T. Vá o tampo dontro.

Sevad. Tenhaõ maõ, que póde vir dentr algum diamante, que nos mate aqui todos.

Fag. Ay ſanto breve da marca!

D.Niz. Senhor, ſe ſe abre a caixa, de mayamos todos aqui.

D.L. Vamo-nos, que a prudencia he me lhor, que o valor. *Vaiſ*

*D.*T. Pois ſó naõ quero ſer valente.

Vay-ſe, e leva a luz.

Sevad. Ay! Naõ ſey, que pés me haõ d levar? Ande, Senhora.

D.Clor

Clor. Fazes bem em disfarçar até ao depois. *Vaiſe.*

g. A caixa parece, que tocou a recolher.

Niz. E naõ foy o peyor o ficarmos às eſcuras, que aſſim teráõ todos medo de vir aqui: ora abre a caixa, e dize a D. Fuas, que ſaya.

g. Ay a caixa eſtá aberta! Seria com os ſalabancos: ſaya, meu Senhor, e perdoe o diſcommodo.

Abre a caixa, e ſahe D. Gil.

G. O' tu nocturna deidade, que no caliginoſo boſque deſtas ſombras brilhas carbunculo da formoſura, aqui tens ſegunda vez no Theatro de tua belleza repreſentante a minha conſtancia na Tragicomedia de meu amor.

g. Senhora, quem às eſcuras he taõ diſcreto, que fará às claras?

Niz. Já vou acreditando, meu bem, as tuas finezas; porém ....

Sahe D. Fuas da caixa.

F. Porém o teu engano, falſa, inimiga, ſegunda vez ſe repete para meu deſengano, e tua afronta.

Niz. Que he iſto, Fagundes? Que tramoyas ſaõ eſtas?

g. Eu eſtou beſta, pois ſó a D. Fuas meti na caixa! *D. Niz.*

D. Niz. Pois como ha aqui outro, fóra
Fuas?

Fag. Eu naõ, em minha consciencia,
naõ he má.

D. F. Senhora D. Nize, para que saõ e
fingimentos? Peleije agora com Fag
des, para se mostrar innocente.

D. G. Esta he Dona Nize; eu me re
lho ao vestuario, até que venha D
Cloris.

Mete-se D. Gil na caixa.

D. Niz. Já disse, Senhor D. Fuas, qu
minha constancia vive isenta dessas
lumnias.

D. F. A que delRey, Senhora, quer
que dê com a cabeça por essas pared
He possivel, que ainda intentais ne
o que taõ repetidas vezes tenho ex
rimentado?

D. Niz. Senhor, he pouca fortuna de
nha firmeza encontrar sempre com
cidentes de fallidade.

Fag. Senhor D. Fuas, naõ cuide vossa m
cê que somos cá nenhumas mulheres
cacaracá: mas alli vem gente.

D. Niz. Recolha-se outra vez, que eu
tanto aqui me retiro; anda, Fagund

Va

Fag. Senhor, nós já tornamos. *Va*

D.

F. Mais à minha conſervaçaõ, que ao teu reſpeito, obedeço.

Eſconde-ſe D. Fuas na caixa, e ſahe D. Cloris

Clor. Que ſe expozeſſe D. Gil ao perigo, de vir em huma caixa a meu reſpeito! Ora o certo he, que naõ ha mais extremoſo amante; porém os fumos de Alecrim tem a meſma virtude, que o incenſo nos pombos, que os faz tornar ao pombal. Mas adonde eſtará aqui a caixa? Eſta ſupponho que he; já meu bem pódes ſahir ſem ſuſto.

Sahe D. *Fuas da caixa.*

F. Sim, tyranna, pois já me naõ aſſuſtaõ as tuas falſidades.

Clor. Que falſidades? Que dizes? Enloqueceſte, ou ignoras com quem fallas?

F. Comtigo fallo, que com outro amante duas vezes infiel te encontrou a minha infelicidade.

Clor. Cuido, que naõ ſaõ tantos os encontros, que temos tido.

G. Aquella voz he de Dona Cloris: eſtou ardendo com zelos! *à part.*

F. Já eſtou deſenganado da tua falſidade; Já ſey, que eſt'outro amante, que vive encerrado neſſa caixa, he o que ſó merece os teus agrados.

D. G.

D. *G.* E como que o merece; pois só e
he digno desse favor; e a quem o imp
dir, lhe meterey esta espada até as gua
nições. *Vai*

D. *F.* Vês, ingrata, se he certa a min
suspeita?

D. *Clor.* Eu estou confusa, e naõ sey
quem satisfaça!

D. *G.* Ainda continúa, insolente? Naõ
be que esta Dama he cousa minha?

D. *F.* Já agora por capricho, a pezar d
suas aleivosias, hey de dar a vida por
dama.

D. *Clor.* Senhores, que desgraça!

D. *G.* Se naõ estivéra às escuras, tu seri
o alvo de minhas iras.

D. *F.* Pois se naõ fora a escuridade, eu
fizera ver o meu brio; mas ainda assim
eu vou dando, dê donde der.

D. *Clor.* Senhores, dem demanso, naõ
ouça meu tio.

Cantaõ D. *Fuas*, D. *Gil*, *e* D*ona Cloris a*
seguinte

ARIA A 3.

D. *G.* Se naõ fora por naõ sey que,
Te matara mesmo aqui.

D. *F.* Se naõ fora o velho alli,
Te fizera hum naõ sey que.

D. *Clor.* De mansinho, pouca bulha,

Cal

Calte gralha, calte grulha,
Porque o velho ha de acordar.

D. G. Pois aqui muy manſamente
Matarey eſte inſolente.

D. F. Tambem eu pela callada
Meterey a minha eſpada.

D. Clor. De vagar, naõ dem de rijo,
Porque o velho ha de acordar.

Todos. Quem pudera em tanta luta
Sua dor deſabafar!

D. F. D. G. Se naõ grito neſte caſo,
Sou capaz de rebentar.

D. Clor. Mais que eſtallem, e arrebentem,
Naõ ſe ha de aqui fallar.

Todos. Naõ ſe póde iſto aturar! *Vaõ-ſe.*

Sahe Simicupio pela maõ de Sevadilha.

Simic. Donde me levas, Sevadilha?

Sevad. Ande, naõ me faça perguntas.

Simic. Naõ ha huma candeya neſta caſa, que ſe me meta na maõ, que eſtou morrendo por te ver?

Sevad. Melhor fineza he amar por fé.

Simic. Como, ſe eu naõ dou fé de ti?

Sevad. Ande, que o amor ſe pinta cego.

Simic. Muito vay do vivo ao pintado.

Sevad. Aſſim eſtamos mais à noſſa vontade.

Simic. Andar, ſupponho, que tenho o meu amor na Noroega: mas ainda aſſim iſto

isto de estar às escuras , naõ he grand
cousa para hum homem dizer à sua Da
ma quatro hyperboles , pois se naõ ve
jo , como poderey dizerte , que es esta
tua de alabastro sobre plintos de jaspe
neve vivente , e racional sorvete , ma
só carapinhada , pois negra te conside
nesta Ethiopia : oh negregada occasiaõ
em que por falta de huma candeya na
sahe à luz a tua formosura !

Sevad. Pois o fogo de teu amor naõ bast
para allumiar esta casa ?

Simic. Se a luz excessiva faz cegar , tam-
bem a minha chamma por excessiva naõ
allumîa ; mas com tudo isto naõ nos me-
tamos no escuro ; fallemos claro : como
estamos nós daquillo , que chamamos
amor ?

Sevad. E como estamos nós do malme-
quer ; que esse he o ponto ?

Simic. Cada vez está mais viçoso com a
copiosa inundaçaõ de meu pranto.

Sevad. E teu amo com o Alecrim ?

Simic. Isso saõ contos largos , o homem an-
da doido ; tudo quanto vê , lhe parece
que he Alecrim ; est'outro dia estava tei-
moso , em que havia de cear sellada de
Alecrim , mais que o levasse o diabo.
Olha , para contarte as loucuras , que
faz ,

faz, aſſentomo-nos, que iſto ſe naõ pó-
de levar de pé.

*Aſſenta-ſe Simicupio na caixa, que eſtará com
o tampo levantado, e cahe dentro da cai-
xa, que ſe fechará com a dita quéda*

Simic. Mas ay Sevadilha, que cahi n'um
poço ſem fundo!

Sevad. Aonde eſtás, Simicupio?

Simic. Naõ ſey aonde eſtou; ſó ſey, que
eſtou aqui.

Sevad. Aonde he aqui?

Simic. He aqui.

Sevad. Aqui aonde?

Simic. He boa pergunta! Eu ſey cá don-
de ſaõ os aquis na caſa alheya? Sey, que
eſtou aqui n'um fole como criança, que
naſce implicada, mas ſem ventura.

Sevad. Pois ſahe dahi, e anda para aqui.

Simic. Iſſo he, ſe eu ſoubera ir daqui para
ahi.

Sevad. Quem te impede?

Simic. Eſtou entupido.

Sevad. Dá dous eſpirros.

Simic. Falta-me a Sevadilha, que a naõ
acho, por mais que ando ao cheiro del-
la. Ora filha, tira-me daqui, tu naõ ou-
ves?

Sevad. Eu bem ouço; porém naõ vejo
aonde eſtás.

Simic. Buſca-me fóra de mim, porque n
eſtou dentro em mim, metido neſta ſ
pultura, donde ſó campa por infeliz
minha deſventura.

Sevad. Calte, Simicupio, que ahi ve
gente com luzes; a Deos até logo. *Vaiſ*

Simic. Eſtou no mais apertado lance, q
ninguem ſe vio!

*Sahe D. Lanſerote com huma luz, e D. Ti-
burcio.*

D. L. Apuremos eſte encanto. Sobrinho
nós havemos ver, o que ſe encerra ne
caixa, ainda que o cabello ſe arripie.

D. T. Se for couſa deſta vida, ficará ſe
ella, e ſe for da outra, a mandarey p
ra o outro mundo.

D. L. Pois ſobrinho, abri eſſa caixa co
intrepido valor.

D. T. Abra voſſa merce, que he mais v
lho, e em tudo tem o primeiro lugar.

D. L. Deixay cumprimentos, que a occ
ſiaõ naõ he para ceremonias.

D. T. Por nenhum modo; naõ tem q
ſe cançar, que lhe naõ quero tirar
gloria deſta empreza.

D. L. O magano contralogrou-me; po
eu confeſſo, que eſtou tremendo de m
do. *à par*

D. T. Queria arrumarme o gigante? H
bem eſperto. *à p.* *D.*

D. *L.* Ora pois, hey de hir eu, ou haveis de hir vós?

D. T. Vá, naõ haja cumprimentos, que eu ſou de caſa.

D. *L.* Naõ ha mais remedio, que hir eu em corpo, e alma, a ver eſta alma ſem corpo, ou eſte corpo ſem alma. Deos vá comigo, Anjo do minha guarda, e todo o Flos Sanctorum me defenda.

D. T. Ande tio, naõ tenha medo, que eu eſtou aqui.

D. *L.* Pois ſe naõ fora iſſo, já eu deitava a correr. *à part.*

Simic. Ay! Que ſem duvida eſtou na caixa, em que trouxe a D. Gil, e ſegundo o que aqui ouço dizer, me intentaõ reconhecer: eu lhes tocarey a caixa.

Chega-ſe D. *Lanſerote a caixa, e tanto que a abre, deita Simicupio à cabeça de fóra, e dá hum aſſopro na véla*

D. *L.* O' tu quem quer que es, que eſtás neſta caixa: mas ay, que me apagaraõ a véla com hum aſſopro!

D. T. Aſſopra!

Simic. Muy fraca era aquella luz, pois de hum aſſopro a derribey.

D. *L.* Sobrinho, vós eſtais ahi?

D. T. Como ſe naõ eſtivera.

D. *L.* Quem ſeria o cruel, que taõ alei-

vosamente matou huma innocente luz
assopros frios?

Simic. Deos lhe perdoe, que era huma lu
a todas as luzes boa: mas eu quero ça
farme daqui, e temo marrar de narizo
com alguem; mas que remedio?

D. L. Agora vos chegais para mim, co
barde Sobrinho? Hide, que por voss
culpa naõ acabey de desencantar este en
canto.

D. T. Veja vossa merce como chama co
barde?

D. *L.* Calaivos, abobora, que degene
rais de quem sois.

D. T. A mim abobora?

Simic. Agora he boa occasiaõ de hirme
porque ainda que encontre com algum
cuidaraõ que saõ murros: lá vay o pri
meiro. Dá

D. *L.* O' mal ensinado, pondes mãos vio
lentas em vosso tio?

Simic. Eu abrirey caminho desta sórte
dando atroxe moxe. *Dá*

D. *T.* He boa essa, Senhor tio, assim s
dá n'um barbado?

D. *L.* Calaivos, maganaõ, que naõ ha
veis de casar; mas ay, que me déste
huma bofetada com a maõ aberta! A
que delRey sobre este magano de meu
sobrinho! *Vaise.* D. T

D. T. A que delRey ſobre eſte caduco de meu tio! *Vaiſe.*

Simic. A que delRey que já me deixaraõ! *Vaiſe.*

SCENA III.

Camera. Sahe D. Gil, e D. Nize.

D. *G.* SEnhora Dona Nize, ſe acaſo em voſſa piedade póde achar amparo hum deſgraçado, peço-vos, que me occulteis; pois já a rubicunda Aurora em riſonhas vozes nos aviſa da chegada do Sol, aſſim a voſſa Mangerona ſe veja coroada de louro no Capitolio do amor.

D. *Niz.* Já o Alecrim pede favores à Mangerona?

D. *G.* Se Dona Cloris naõ apparece, que quereis que faça?

D. *Niz.* Pois eſcondeivos neſſa alcova, em quanto a vou chamar.

Eſconde-ſe D. *Gil*, *e ſahe* D. *Fuas.*

D. *F.* Aonde vás, tyranna? Procuras acaſo o teu amante? Oh murcha ſeja a tua Mangerona, que como planta venenoſa me tem morto.

D. *Niz.* Homem do demonio, ou quem quer

quer que es, que em negra hora te vi
e amey, que desconfianças saõ essas
Que amante he esse, com quem me an-
das aqui apurando a paciencia, e sem
que, nem para que, descompondo a
minha Mangerona?

D. *F.* Pois quem era aquelle, que sahio
da caixa a dizerte mil colloquios?

D. *Niz.* Que sey eu quem era; salvo fos-
se . . . . mas retira-te, que ahi vem
gente.

D. *F.* Escondermehey adonde for.

Quer esconderse onde está D. Fuas.

D. *Niz.* Naõ te escondas ahi. Ay de mim,
que se D. Fuas vê a D. Gil, fará o seu
ciume verdadeiro! *à part.*

D. *F.* Naõ queres, que me esconda ahi?
Agora por isso mesmo.

D. *Niz.* Tem maõ, adverte....

D. *F.* Qual adverte? Tens ahi acaso es-
condido o teu amante?

D. *Niz.* Naõ, D. Fuas, porque só tu...

D. *F.* Que he isso? Mudas de cor?

D. *Niz.* Se a cor he accidente, estou pa-
ra desmayar, vendo a semrazaõ, com
que me criminas.

Sahe D. *Cloris.*

D. *Clor.* Nize, que alarido he esse? Que-
res, que venha o tio, e ache aqui este
estafermo? D. *Niz.*

D. *Niz.* Saõ loucuras de hum zeloſo ſem cauſa.

D. *F.* Saõ zelos de huma cauſa ſem loucura. E ſenaõ diga-me, Senhora Dona Cloris, por vida do Senhor ſeu Alecrim, naõ he para ter zelos ver repetidas vezes a hum ſujeito procurar a D. Nize com taõ repetidos extremos, que huma couſa he vello, e outra dizello; e ſupponho o tem agora eſcondido naquella alcova de donde me deſvia para eſconderme?

D. *Clor.* Iſſo verey eu, que tambem me importa eſſa averiguaçaõ.

D. *Niz.* Cloris, naõ te canſes, que naõ has de ver quem ahi eſtá. Eſtou perdida! *à part.*

D. *F.* He para que veja, Senhora, a razaõ, que tenho. Ah tyranna!

D. *Clor.* Já agora por capricho hey de ver quem ahi eſtá. Voſſa merce he, Senhor D. Gilvaz? Que he iſſo? Quer enxertar o meu Alecrim com a Mangerona de Dona Nize.

D. *G.* Ha caſo ſemelhante!

D. *F.* Falſo, traidor amigo, como ſabendo que eu pertendo a D. Nize, te expoens a embaraçar o meu emprego?

D. *G.* D. Cloris, D. Fuas, para que ſaõ

esses extremos, quando a Senhora D
Nize nem a vós vos offende, nem a mi
me corresponde?

D. F. Ninguem se esconde sem delicto.

D. Clor. Ninguem se occulta sem motiv

D. Niz. Ora agora naõ quero dar satisfa
ções, nem a huma louca, nem a hum te
merario: he muita verdade; escondi
D. Gil, porque lhe quero bem; pois qu
temos?

D. F. Que isto sofra a minha paciencia
Ah ingrata!

D. Clor. Que isto tolerem os meus zelos
Ah falso amante!

D. G. A Senhora D. Nize está zomban-
do, e aquillo nella he galantaria.

D. Niz. Naõ he senaõ realidade, e tenh
dito. *Vaise*

D. F. Naõ se vio mais descarado rigor
Espera, cruel, e verás com teus olho
os ultrajes, que faço à tua Mangerona
Vaise.

D. Clor. Senhor D. Gil, venha depressa o
meu Alecrim.

D. G. O teu Alecrim he inseparavel de
meu peito.

D. Clor. Deixemos graças, que eu naõ
zombo.

D. *G.* Pois entendes, que D. Nize falla
de veras? *D. Clor.*

D. *Clor.* Quer fallasse deveras, quer naõ, venha, venha o meu Alecrim.

D. *G.* De que sórte queres, que te satisfaça? Ignoras acaso as firmezas de meu amor?

Canta D. *Gil a seguinte*

ARIA.

Borboleta namorada,
Que nas luzes abrazada,
Quando espira nos incendios
Solicita o mesmo ardor.
Tal, ò Clori, me imagino
Pois parece, que o destino
Quer, por mais que tu me mates,
Que apeteça o teu rigor.

Sahe Simicupio, e Sevadilha.

Simic. Senhor D. Gilvaz, nunca Simicupio se vio em calças mais pardas.

D. *G.* Porque?

Sevad. Porque o velho já ahi vem caminhando como huma centopeya.

D. *Clor.* Anda, D. Gil, para dentro, até que haja occasiaõ para sahirem.

D. *G.* Vás ainda com escrupulos na minha constancia?

D. *Clor.* Cá dentro apuraremos essas finezas. *Vaise.*

D. *G.* O' Simicupio, vê como havemos sahir

ſahir daqui, que bem ſabes, que tenh
de eſcrever hoje para o correyo. *Vaiſ*

Simic. Tomara, que o fizeſſem em po
tas, e o levaſſe barzabú às vinte.

Sevad. E ſe lhes naõ dizemos, que vinh
o velho, ainda ſe naõ hiaõ.

Simic. E hia-ſe a hiſtoria, ſem nós faze
mos noſſo papel de Alfazema por cau
ſa do Alecrim.

Sevad. Naõ me dirás, Simicupio, em qu
ha de parar toda eſta barafunda?

Simic. Em algum caſamento, iſſo já ſe ſa
be; tomara eu tambem, que me diſſeſ
ſe, em que havemos nós parar?

Sevad. Em correr, que ſe paramos aqui
talvez que nos envidem o reſto.

Simic. Naõ embaralhes o ſentido, em qu
te fallo. Ay Sevadilha, que naõ ſó m
chegaſte ao coraçaõ, mas tambem ao
narizes! E aſſim naõ ponhas por eſtan
que os teus favores: antes affavel, dá
me alguma amoſtrinha de tua inclinaçaõ

Sevad. Quem te meteo eſſes fumos na ca
beça!

Simic. O dó, que tenho de te ver taõ mata
dora.

Sevad. Vaite dahi, que tenho nojo de che
garme a ti.

Simic. Eu naõ te mereço, que me deſcom
ponha

ponhas o carinho, com que te trato. Ay Sevadilha, que ſinto aſſarme nos eſpetos quentes de teus olhos, aonde os repetidos eſpirros de meu incendio....

evad. Se me diſſeras iſſo em dous dedos de papel, ainda te crera.

imic. Naõ ſó em dous dedos, mas em toda a maõ da ſolfa, donde verás de teu Simicupio as finas clauſulas de ſuas ſimicopadas.

anta Simicupio, eſpirrando no fim de cada verſo, a ſeguinte

ARIA.

Naõ poſſo, ò Sevadî....
Dizerte, o que padê....
Que o meu amor travê....
Chegando-me aos narî....
N'um moto continuo me faz eſpirrar.
Mas ſe he tafullaria
Eſte vicio de quererte,
Toda inteira hey de ſorverte,
Por mais que me veja morrer, e eſtallar.
Vaiſe.

evad. Ora Deos o ajude com tanto eſpirrar.

Sahe D. Lanſerote, e D. Tiburcio.

D. *L.* Baſta, ſobrinho, que naõ foſtes vós, o que me derreaſtes?

D. *T.* Pois acha voſſa merce, que havia pôr

pôr as mãos violentas nas reverendas bar-
bas de vossa merce? Igual eu me podi
com mais razaõ queixar de vossa merce
que me fez em estilhas.

D. *L.* Eu, sobrinho? Isso he engano; e
havia erguer a maõ para vós, quand
só as devo levantar ao Ceo, para darlh
graças, por darme para huma de minh
sobrinhas hum noivo taõ gentil-homem

D. T. Naõ vay a dar quebranto.

Sevad. E elle, que he muy bello. *à part*

D. *T.* Pois se nenhum de nós reciproca
mente deu hum no outro, quem seria

D. *L.* Eu tambem naõ posso atinar; o qu
sey he, que a caixa para nós foy de guer-
ra.

Sevad. E para o noivo de tartaruga d
Alentejo. *à part*

D. *L.* Sevadilha, anda cá, naõ o negues
quem andará desta casa, ha hum par d
noites, que sinto grande reboliço?

Sevad. Senhor, eu tenho para mim, qu
esta casa às escuras he assombrada.

D. *L.* Tens visto alguma cousa?

Sevad. Ay Senhor, tenho visto tanta
cousas, que naõ me atrevo a dizellas.

D. *L.* Dize, rapariga.

Sevad. Só em cuidar no que vi, estou pa-
ra me desmayar.

D. *L.*

D. *L.* Era couſa do outro mundo?

Sevad. Qual do outro mundo, ſe eu a vi neſte?

D. *L.* Era fantaſma?

Sevad. O que he fantaſma?

D. *L.* He huma couſa branca, que poem os olhos em alvo.

Sevad. Senhor, eu naõ ſey o que he; ſey ſómente, que vi ſahir de huma caixa huma couſa como furacaõ de vento, que me deu muita pancada.

D. *L.* Vedes, ſobrinho? He o meſmo, que nos ſuccede em carne.

D. T. Na carne aliás.

D. *L.* Aqui naõ ha outro remedio mais, que çafares logo, e já, e levares voſſa mulher comvoſco, que eu ponho eſcritos nas caſas, e mudo-me às carreiras.

D. T. Iſſo he o verdadeiro.

D. *L.* Sevadilha, vay chamar as raparigas, que venhaõ cá depreſſa.

Sevad. Genro, e ſogro naõ os vi mais beſtas! *à part. e vaiſe.*

D. T. Para que manda voſſa merce chamar a minhas primas taõ depreſſa?

D. *L.* Logo vereis.

Sahem Dona Cloris, e D. Nize.

Ambas. Que nos ordenas, Senhor?

D. L. Sobrinho, ellas ahi eſtaõ, eſcolhey hu-

huma das duas para vossa esposa.
D. Clor. Eu fiz voto de ser freira, e assi
naõ posso casa.
D. L. Pois case D. Nize.
D. Niz. Eu menos, que quero ser donzella
D. L. Isso já naõ póde ser, que dey a mi
nha palavra, que val mais que tudo.
D. T. Eu já me resolvera a aturar a rispi
da condiçaõ de Dona Nize, mas sen
receber o dote, naõ me recebo.
D. L. Anday, que sois hum impolitico
algum homem, que tem brio, fall
em dote?
D. *T.* E algum homem, que quer dote
attenta em brio?
*Sahem D. Fuas, D. Gil, e Simicupio vesti-
dos de mulher com mantos.*
Simic. Senhor esta industria nos valha, que
para sahir, sempre foy boa huma saya.
D. G. Quem serve a Cupido, naõ he mui-
to que se afemine. *à part.*
D. F. Até nisto mostra o amor, que he
cobarde. *à part.*
D. L. Que mulheres saõ essas, que sahem
da nossa alcova?
D. Clor. Estou tremendo naõ se descubra
a tramoya. *à part.*
Simic. Senhor D. Tiburcio, as mulheres
honradas, como eu, se naõ trataõ desta
sórte. *D. T.*

D. *T.* Senhora, voſſa merce vem enganada.

D. *L.* Que he iſto, ſobrinho?

D. *T.* Eu o naõ ſey em minha conſciencia.

D. *L.* Senhoras, como entraſtes neſta caſa?

Simic. Eſte ſenhor Sobrinho de voſſa merce merecia, que lhe deſſem duas facadas, pois ſem alma, nem conſciencia; depois de o introduzir na minha caſa, para caſar com huma de minhas filhas, que voſſa merce aqui vê; teve taes ardis, que enganou a ambas, e de ambas triunfou; e para mais penas ſentir, eſta madrugada nos mandou vieſſe-mos a eſta caſa, que diſſe era ſua, e no cabo ſey, que naõ he, e eſtá para caſar com huma ſobrinha de voſſa merce. Ah traidor, ladraõ, naõ ſey como te naõ eſgadanho, e te arranco eſſas goellas.

D. *L.* He notavel caſo! Sobrinho deſalmado, que he o que fizeſtes?

D. *T.* Senhor, eu eſtou tollo de ver mentir eſta mulher!

D. *G.* Ah falſo D. Tiburcio, o Ceo me vingue de tuas falſidades.

D. *F.* Ainda nega o magano? Tal eſtou, que lhe arrancara eſſas barbas.

Simic. Deixay, filhas, deixay, que ainda

da no Ceo ha rayos, e no Inferno a c
deira de Pero Botelho para caſtigo
velhacos. Vamos, meninas. *Vaõ-*
D. Clor. Já eſtamos livres deſte ſuſto. *à*
D. Niz. O criado val hum milhaõ. *à*
D. *L.* Senhor ſobrinho, voſſa merce a te
feito como os ſeus narizes ; baſta , q
voſſa merce he uſeiro , e viſeiro a e
ganar moças ?
D. T. Senhor, eu naõ conheço taes mulh
res.
D. L. Se naõ tendes outra deſculpa , eſ
naõ me ſatisfaz, e agora vejo , que p
iſſo dilataveis o caſar com voſſas prima
fingindo irreſoluções , e regateando
dote.
D. T. Senhor, permitta Deos, que ſe eu . .
D. *L.* Naõ jureis falſo ; dizey-me , e t
veſtes atrevimento de meteres mulher
em caſa , ſem attençaõ ao decóro d
voſſas primas?
D. T. Primas do meu coraçaõ , eu eſto
para enlouquecer, pois eſtou taõ inno
cente . . . .
D. Clor. Calle-ſe, tenha juizo ; baſta , qu
com eſſe feitio nos queria lograr?
D. Niz. He o Senhor ſizudo , que naõ ap
provava os ranchos de Alecrim, e Man
gerona !

D. T

. T. Ora basta, que diga eu, que naõ conheço taes mulheres.

. *Clor.* Calle-se, tonto.

. *Niz.* Calle-se, simplez.

. *Clor.* Basbaque.

. *Niz.* Insolente.

mbas. Que? Agora casar? Aqui para traz. *Vaõ-se.*

. T. Senhor tio, deme attençaõ, senaõ desesperarey.

Canta D. Lanserote a seguinte

A R I A.

Eis-aqui: eu estou perdido,
Gasto feito, noiva prompta,
Porta aberta, e casa tonta;
Ah sobrinho! Mas que digo?
Emprestaime a vossa espada,
Que me quero degollar.
Oh prudencia desgraçada,
Pois naõ faço huma fallada
Por ninguem me ouvir gritar.

. T. Que isto a mim me succeda? Naõ ha homem mais infeliz!

SCENA IV.

Praça. Sahem D. *Gil, e Simicupio.*

D. G. HUma, e muitas vezes te co
fidero, Simicupio, prod
giofo artifice de meu amor, pois co
as tuas máquinas vás erigindo o reto
cido thalamo, que ha de fer throno
mais ditofo Hymenêo.

Simic. Já diffe a voffa merce, que ma
obras, e menos palavras: Simicupi
Senhor, já fe acha muy canfado, t
mara, que me apofentaffe com me
foldo, que efte officio de alcofa he mi
perigofo; que fuppofto tenha azas p
ra fugir, tambem as azas tem penas p
ra fentir.

D. G. Simicupio, já o peyor he paffad
acabemos de deitar efta náo ao mar, q
entaõ teremos enchentes.

Simic. E no cabo de tantas enchentes t
do nada.

D. G. Anda, naõ defmayes, que hoje h
vemos moftrar ao Mundo os trîunfos
Alecrim.

Simic. E a Mangerona todavia naõ men
viçofa com os borrifos de Fagundes.

D.

.*G.* Mas a galantaria he, que todas as ſuas idéas redundaõ em noſſo proveito.
mic. Ahi he que eſtá a filagrana do jogo, Fagundes a ſemear, e nós a colher.

Sahe Sevadilha com mantilha.

.*G.* Aquella, que lá vem, naõ he Sevadilha?
nic. Pelo cheiro aſſim me parece.
.*G.* Que novidade he eſſa, Sevadilha? Tu ſó por aqui?
vad. Que ha de ſer? A mayor deſgraça do Mundo.
.*G.* Que? Morreo o velho!
vad. Iſſo entaõ ſeria fortuna.
.*G.* Pois que foy?
vad. Foy, que D. Tiburcio com a pena de ſe ver accommettido de tres mulheres, como voſſa merce ſabe, à viſta das noivas, e do ſogro, tomou tal paixaõ, que lhe deu eſta noite huma colica, e eſtá quaſi hindo-ſe por hum fio; e aſſim eu por huma parte, Fagundes, e o galego por ambas, vamos a chamar o Medico. A Deos, que me naõ poſſo deter.
.*G.* Eſpera.
vad. Naõ poſſo, que D. Tiburcio eſtá morrendo por inſtantes.

Simic. Naõ te canſes, que já o achas m
to : ande cá , tenha feiçaõ , e faça
leſtra com os amigos.
D. *G*. Que faz Dona Cloris?
Sevad. Naõ me detenha , a Deos.
Simic. Dize-me primeiro , que tal te
reci em trages de mulher?
Sevad. Naõ eſtou para iſſo , deixe-me
que eſtou depreſſa.
Simic. Ha tal preſſa ! Como ſe eſtivera
guem para morrer?
Sevad. Naõ vê , que vou acodir a e
grande neceſſidade.
Simic. Vaite , filha ; vaite , naõ te
fras.
Sevad. Bem puderas tu pouparme e
paſſadas , e ir chamar hum Medico
carreiras.
Simic. Vay deſcanſada , que eu chama
o Medico.
D. *G*. Sim com muito goſto.
Sevad. Ora faça-me eſſe favor , e a De
Va
D. *G*. Anda depreſſa , vay chamar o M
dico.
Simic. Que Medico ? Cuide n'outra c
ſa.
D. *G*. Iſſo he zombaria ? Naõ permi
Deos , que o homem morra por n
omiſſaõ. *Sim*

nic. Vamos, que eu, e vossá mercê havemos ser os Medicos na enfermidade de D. Tiburcio.

G. Estás louco? Pois nós sabemos Medicina?

nic. Assim como ha Filosofia natural, porque naõ haverá natural Medicina?

G. E se o doente morrer por falta de remedio?

ic. Mais depressa morrerá por muitos remedios.

G. E que lhe havemos applicar?

ic. Tudo o que naõ for veneno; porque o que naõ mata, engorda.

G. Isso he temeridade.

ic. Vamos, Senhor, e Deos sobre tudo.

Sahe D. *Fuas.*

F. Espera, traidor D. Gil.

ic. Ay, que isto he alguma espera!

G. Que me quereis, D. Fuas?

F. Que metais a maõ a essa espada.

G. Para que?

ic. He boa pergunta! Para que será? He para fazer alfeloa magana.

F. Vereis, que sabe o meu valor castigar offensas de hum amigo desleal; pois sabendo vós, que Dona Nize era idolo da minha veneraçaõ, chegastes a pro-

a profanar o meu culto com os ſacri
gos votos de voſſos ſacrificios, a qu
ſuaviſaraõ os odoriferos halitos da M
gerona.
Simic. Ahi cos diabos!
D. *F.* E aſſim metey a maõ a eſſa eſpa
para que ſe conſerve Dona Nize, ou
gura no templo de meu peito, ou
de voſſo coraçaõ.
Simic. Senhor, aqui naõ he lugar de d
fios, vamos para val de cavallinho
jogar os couces.
D. *G.* D. Fuas, eſtais louco? Vede,
ſem cauſa he a voſſa queixa.
D. *F.* Naõ quero ſatisfações, vamos
xando.
Simic. Eſte homem vem puxado.
D. *G.* Pois para que vejais, que o ſatis
zervos naõ he temervos....
Sahe Fagundes com mantilha.
Fag. Cé, ah Senhor D. Fuas, huma
lavrinha depreſſa, que importa.
D. *F.* Aquella he Fagundes, que me q
rerá? Eſperay, D. Gil, em qua
fallo a eſta mulher.
Simic. Senhor, naõ conſinto, ou fall
ou brigar.
D. *G.* Deixay mulheres, e brigay,
eſtou prompto a ſatisfazervos por e
modo. *F*

ag. Senhor, venha já de depreſſa.
mic. Já vay, que quer aqui primeiro meter a eſpada pelo olho a hum amigo.
ag. Ande ſenaõ voume.
F. Eſpera, que eu vou.
G. Briguemos, D Fuas.
mic. Vamos a iſſo, antes que ſe acabe a colera.
F. D. Gil, ſe tendes brio, eſperay; que eu venho já. *Vay para Fag.*
mic. Ora vá de ſeu vagar, que eſta pendencia naõ he de ceremonia. Senhor D. Gil, abalemos com os cachimbos, que brigar com loucos he ſer mais louco. *Vaiſe.*
G. Tomo o teu conſelho. *Vaiſe.*
ag. Sim Senhor, a caſa eſtá revolta; D. Tiburcio nos articulos da morte, e quaſi moribundo; o velho banzando, e tudo banzeiro; e à viſta diſto póde voſſa merce introduzirſe em caſa o mais depreſſa, que puder, em alguma fórma, que inventar a ſua induſtria, e a Deos.
F. Ouça cá.
ag. Naõ poſſo, que vou à botica.
F. Pois eſſa ingrata de Dona Nize ainda . . . .
ag. Naõ eſtou para ouvir nada.
F. Eſpere, tome lá eſſes vintens pelo trabalho. *Fag.*

Fag. Moſtre cá depreſſa.

D. *F.* Ora diga-me, pois Dona Nize..

Fag. N'outra occaſiaõ fallaremos, ven

iſſo depreſſa.

D. *F.* Tome lá: mas diga-me, em qua

to tiro a bolſa, eſſa falſa, eſſa cruel.

Fag. Ay, moſtre cá, naõ me detenha.

D. *F.* Eſpere, que tenho o boldrié p

cima da algibeira.

Fag. Pois Senhor, ſe a ſua bolſa eſtá afe

rolhada, a minha lingua eſtá ferruge

ta. *Vaiſ*

D. *F.* Muito intereſſeira he eſta velha

Mas adonde eſtá D. Gil? D. Gil? Foy

ſe o cobarde; mas à fé de quem ſou

que as naõ ha de perder comigo; e tu

ingrata Nize, hoje hirey a verte disfar

çadado; que à viſta das tuas falſidade

he juſto, que me reviſta naõ ſó de ou

tro habito, mas tambem de outro affecto

Canta D. *Fuas a ſeguinte*

A R I A.

De hum amigo, e de huma ingrat

Offendido, e ultrajado?

Quem me dera ver vingado!

Oh naõ ſey como ainda cabe

No meu peito tanta dor?

Mas ſim cabe, porque as penas

Nos eſtragos repartidas

Pe-

Pelas bocas das feridas
Sahirá com mais vigor. *Vaiſe.*

SCENA V.

amera. Haverá huma cama, e nella eſtará D. *Tiburcio deitado, aſſiſtido de* D. *Lanſerote*, *Dona Cloris*, D. *Nize*, *e Sevadilha.*

.L. O Que tarda eſte Medico!
vad. Naõ póde tardar muito; pois me diſſe, que já vinha.
.L. Como eſtais agora, meu ſobrinho?
.T. Depois que arrotey, acho-me mais aliviado.
. Niz. Vaſo máo naõ quebra. *à part.*
. Clor. Se fora couſa boa, naõ havia de eſcapar. *à part.*
. L. Naõ ſabeis quanto folgo com a voſſa melhora, pois me eſtava dando cuidado o enterro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos ſeguro, que havia ſer luzido; vós o verieis.
. T. Outro tanto deſejo eu fazer a v. m.
ahe D. *Gil*, *e Simicupio veſtidos de Medico.*
imic. Deo gratias.
.L. Entrem, meus Senhores Doutores.
.G. Em boa me meteo Simicupio! Eu naõ

naõ ſey, o que hey de dizer. *à part*
Simic. Qual de voſſas merces he aqui
doente?
D. *L.* He eſte, que aqui eſtá de cama.
Simic. Logo me pareceo pelos ſintomas.
Sevad. Senhora, que ſaõ Simicupio,
D. Gil. *Para Dona Cloris*
D. *Clor.* Bem os vejo: Nize, que te pa-
rece?
D. *Niz.* Que faz melhor effeito o teu Ale-
crim, que a minha Mangerona.
Sahe D. Fuas, e Fagundes.
Fag. Entre Senhor Doutor, aqui vem eſ-
te Senhor, que tambem ſe entende mui-
to bem.
D. F. Neſte inſtante chego de fóra da ter-
ra, quando logo me chamou eſta mu-
lher, que vieſſe ver a hum enfermo.
D. L. Já era eſcuzado; porém entre,
ſente-ſe.
D. Clor. Nize, D. Fuas compete nas fi-
nezas com D. Gil.
D. Niz. Naõ me peza.
D. F. Aquelles ſaõ D. Gil, e Simicupio
eſtou ardendo! *à part*
Simic. Ah Senhor, naõ vês a D. Fuas tam-
bem como gente? *Para D. Gil*
D. G. Já ſey.
D. T. Ay minha barriga, que morro! Acu-
da-me, Senhor Doutor. *Si-*

Simic. Agora vou a iſſo : ora diga-me, que lhe doe?

D. T. Tenho na barriga humas dores muy finas.

Simic. Logo as engroſſaremos : e tem o ventre tumido, inchado, e pullulante?

D. T. Alguma couſa.

Simic. Voſſa merce he caſada, ou ſolteira?

D. T. Porque, Senhor Doutor?

Simic. Porque os ſinaes ſaõ de prenhe.

D. L. Naõ Senhor, que meu ſobrinho he macho.

Simic. Dianteiro, ou trazeiro?

D. L. Uy Senhor Doutor! Digo, que meu ſobrinho he varaõ.

Simic. De aço, ou de ferro?

D. L. He homem, naõ me entende?

Simic. Ora acabe com iſſo : eis-aqui como por falta de informaçaõ morrem os doentes, pois ſe eu naõ eſpeculara iſſo com miudeza, entendendo que era macho, lhe applicava huns cravos, e ſe foſſe varaõ, humas limas; e como já ſey, que he homem, logo veremos o que ſe lhe ha de fazer.

D. L. Eis-aqui como goſto de ver os Medicos aſſim eſpeculativos.

Simic. Pois o mais he aſneira : diga-me mais,

mais, ceou demaſiadamente a noite paſ-
ſada?

D.T. Tanto como a futura; porque deſ-
de que ſe me acabaraõ as chouriças, qu[e]
trouxe no alforge, me tem meu tio poſ-
to a paõ, e laranja.

D.L. Aquillo ſaõ delirios, Senhor Dou-
tor.

Simic. Aſſim deve ſer por força, ainda qu[e]
naõ queira, pois conforme ao aforiſm[o]
Cùm barriga dolet, cætera membra dolent

D.T. Naõ ſaõ delirios, Senhor Doutor,
que eu eſtou em meu juizo perfeito.

Simic. Peyor, pois quem diz, que tem
juizo, naõ o tem.

D.L. Senhor Doutor, o homem eſtá al-
lucinado, depois que huma fantaſma,
que ſahio de huma caixa, o deſancou;
e ſobre iſſo a grande pena, que tem to-
mado de humas moças, que aqui intro-
duzio em caſa, enganando-as, de cuja
inſolencia ſe me veyo aqui a mãy quei-
xar, que era mulher de bem, ao que
parecia.

Simic. Ella he muito criada de voſſa mer-
ce.

D.T. Deixemos iſſo; o caſo he, que a
minha barriga naõ eſtá boa.

Simic. Cale-ſe, que ainda ha de ter hu-
ma

ma boa barrigada : deite a lingua fóra.

D. T. Ei-la aqui.

Simic. Deite mais, mais.

D. T. Naõ ha mais.

Simic. Essa bastará : he forte linguado! Tem muy boa ponta de lingua ! Vejaõ vossas merces , Senhores Doutores.

D. G. A lingua he de prata.

D. F. Humida está bastantemente.

Simic. Venha o pulso : está intermitente, languido , e convulsivo : ò menina tomou as aguas?

Sevad. Ainda naõ veyo o aguadeiro.

Simic. Pergunto se o doente fez a mija?

D. T. Nesta casa naõ ha ourinol.

Simic. Pois tome-as , ainda que seja n'uma frigideira em todo o caso , *quia per orinis optime cognoscitur morbus.*

D. L. Ah Senhores , grande Medico!

D. Niz. E D. Fuas como está melancolico! *Para D. Cloris.*

D. Clor. Estará cuidando na receita.

Simic. Ora Senhores, capitulemos a queixa. Este Fidalgo (se he que o he , que isto naõ pertence à Medicina) teve huma colorica procedida de paixões internas ; porque o espirito agitado da representaçaõ fantasmal , e da investida feminil , retrahindo-se o sangue aos va-

sos

ſos linfaticos, deixando exhauridas a
matrizes ſanguinarias, fez huma revo
luçaõ no inteſtino recto; e como a ma
teria craſſa, e viſcoſa, que havia nu
trir o ſucco pancreatico, pela ſua tur
gencia ſe achaſſe deſtituida do vigor
por falta do appetite famelico, dege
nerou em liquidos: eſtes pela ſua vir
tude acre, e mordaz, vilicando, e pun
gindo as tunicas, e membranas do ven
triculo, exaltaraõ-ſe os ſaes fixos,
volateis, por virtude do acido alcali
no, de ſórte, que fez com que o Se
nhor andaſſe com as calças na maõ to
da eſta noite: *in calſis andatur*, *qui ven
tre evacuatur*, diſſe Galeno.

D. L. Eu naõ lhe entendi palavra.

D. T. Eu morro, ſem ſaber de que.

Simic. Conhecida a queixa, votem o re-
medio, que eu, como mais antigo
votarey em ultimo lugar.

D. G. Eu ſou de parecer, que o ſangrem.

D. F. Eu, que o purguem.

Simic. Senhores meus, a grande queixa,
grande remedio; o mais efficaz he, que
tome humas bichas nas meninas dos olhos,
para que o humor faça retroceſſo debai-
xo para cima.

D. T. Como he iſſo de bichas nas meni-
nas dos olhos? *Simic.*

Simic. He hum remedio topico; naõ ſe aſſuſte, que naõ he nada.

D. T. Voſſa merce me quer cegar?

Simic. Calle-ſe ahi; quantas meninas tomaõ bichas, e mais naõ cegaõ.

D. L. Callaivos, ſobrinho, que elle Medico he, e bem o entende.

D. T. Por vida de D. Tiburcio, que primeiro ha de levar o diabo ao Medico, e a receita, que eu em tal conſinta.

Ergue-ſe

Simic. Deite-ſe, deite-ſe: o homem eſtá maniaco, e furioſo.

D. L. Aquietaivos, ſois alguma criança?

D. Niz. Ora Senhores Doutores, já que voſſas merces aqui ſe achaõ, bem he, que os informemos, eu, e minha irmã, de varias queixas, que padecemos.

Simic. Inda mais eſſa? Ora digaõ.

D. Clor. Senhor, o noſſo achaque he taõ ſemelhante, que com huma ſó receita ſe pódem curar ambos os males.

D. Niz. Naõ ha duvida, que o meu achaque he o meſmo em carne, que o de minha irmã.

Simic. Achaque em carne pertence à Cirurgia.

D. Clor. Que como dormimos ambas, ſe nos communicou o meſmo achaque; e

aſſim,

assim, Senhor, padecemos humas
cias no coraçaõ, humas melancolias n
ma, huma inquietaçaõ nos sentidos,
ma travessura nas potencias; e finalm
te, Senhor Doutor, he tal este m
que se sente, sem se sentir; que d
sem doer; que abraza, sem queima
que alegra entristecendo, e entrist
alegrando.

Simic. Basta, já sey, isso he mal Cu
dista.

D. *L.* O que he mal Cupidista, que nu
ca tal ouvi?

Simic. He hum mal da moda.

D. *Niz.* Que remedio nos daõ vossas m
ces?

D. *F.* Eu dissera, que o oleo de Mang
rona era excellente remedio.

D. *G.* O verdadeiro para essa queixa
as fumaças do Alecrim.

D. *F.* Uy Senhor Doutor, a Manger
na he hum excellente remedio.

D. *G.* Nada chega ao Alecrim, cujas e
cellentes virtudes saõ tantas, que pa
numerallas naõ acha numero o algar
mo; e naõ faltou quem discretamen
lhe chamasse planta bemdita.

D. *F.* Se entrarmos a especular virtude
as da Mangerona saõ mais, que as
erva santa. *Simi*

mic. Daqui a polla no altar naõ vay nada.
.F. A Mangerona he planta de Venus, de cujos ramos ſe corôa Cupido; e para o mal Cupidiſta naõ póde haver melhor remedio, que huma planta de Venus; pois ſe notarmos a perfeiçaõ, com que a natureza a reveſtio da quellas mimoſas folhinhas, para que todo o anno ſejaõ jeroglifico da immortalidade, aquelle ſuaviſſimo aroma, de cuja fragrancia he hidropico o olfato, ella he a delicia de Flora; o mimo de Abril, e a eſmeralda no annel da primavera.
mic. He verdete; naõ ha duvida.
.Niz. Eſlou taõ contente! *à part.*
.G. O Alecrim, Senhor, pela ſua excellencia he titular na republica das plantas, cujas flores, depois de ſerem bella imitaçaõ dos ceruleos globos, ſaõ a doçura do Mundo nos melifluos oſculos das abelhas.
mic. Toda via a materia he de *apicibus.*
.G. Elle he a coroa dos jardins; o lenço vegetavel das lagrimas da Aurora; nas chammas he Fenix; nas aguas Rainha; e finalmente he o antidoto univerſal de todos os males, e a mais ſegura taboa da vida, quando no mar das queixas aſſopraõ os ventos inficionados; e

para prova deste systema repetirey
duzido em Portuguez hum Epigram
do Proto-Medico Avicena, Poeta A
bico.

SONETO.

Hum dia para Siques quiz amor
 Huma grinalda bella fabricar,
 E por mais que buscou, naõ pode ac
 Flor do seu gosto entre tanta flor.
Desprezou do jasmim o seu candor,
 E a rosa naõ quiz por se espinhar,
 Ao gyrasol mostrou naõ se inclinar,
 E ao jacintho deixou na sua dor.
Mas tanto que chegou Cupido a ver
 Entre virentes pompas o Alecrim,
 Hum verde ramo pretendeo colher;
Tu só me agradas, disse, pois em fim
 Por ti desprezo, só por te querer,
 Jacintho, gyrasol, rosa, e jasmim.

D. *Clor*. Viva o Senhor Doutor, eu q
 ro as fumaças do Alecrim.
D. T. E morra o Senhor doente: ay n
 nha barriga!
D. *F*. Se versos pódem servir de texto
 escute huns de hum Antegonista de
 Author a favor da Mangerona pelos m
 mos consoantes.

S

SONETO.

Para vencer as flores quiz amor
Settas da Mangerona fabricar:
Foy diſcreta eleiçaõ, pois ſoube achar
Quem ſoubeſſe vencer a toda a flor:
O jaſmim deſmayou no ſeu candor,
A roſa começou-ſe a eſpinhar,
No gyraſol foy culto o inclinar,
Ays o jacintho deu de inveja, e dor.
Entre as vencidas flores póde ver
Retirarſe fugido o Alecrim,
Que amor para vingarſe o quiz colher;
Cantou das flores o triunfo, em fim,
Nem os deſpojos quiz, por naõ querer
Jacintho, gyraſol, roſa, e jaſmim.

D. *Niz.* Viva o Senhor Doutor, eu quero o remedio da Mangerona.

D. *L.* Naõ cuidey, que a Mangerona, e Alecrim tinhaõ taes virtudes. Vejamos agora o que diz o Senhor Doutor.

D. T. Que tenho eu com iſſo? Senhores, voſſas merces me vieraõ curar a mim, ou às raparigas? Ay minhas barrigas!

Simic. Callado eſtive ouvindo a eſtes Senhores da Eſcola moderna, encarecendo a Mangerona, e Alecrim. Naõ ha duvida que *pro utraque parte* ha muy nervoſos argumentos, em que os Douto-

res Alecriniſtas, e Mangeroniſtas ſe fundaõ; o tratando Dioſcorides do Mangeroniſmo, e Alecriniſmo, aſſenta de pedra, e cal, que para o mal Cupidiſta ſaõ remedios inanes; porque tratando Ouvidio do remedio *amoris*, naõ achou outro mais genuino contra o mal Cupidiſta, que o Malmequer, por virtude ſympatica, magnetica, diaforetica, e dioretica, com a qual *curatur amorem*. Repetirey as palavras do meſmo Ovidio.

SONETO.

Eſſa, que em cacos velhos ſe produz
Mangerona miſerrima ſem flor,
Eſſe pobre Alecrim, que em ſeu ador
Todo ſe abraza por ſahir a luz:
Ainda que ſe vejaõ hoje a fluz
Desbancar nas baralhas do amor,
Cuido, que ellas o bollo haõ de repor,
Se naõ negro ſeja eu como hum lupuz:
O Malmequer, Senhores, iſſo ſim,
Que he flor, que deſengana, ſem fazer
No verde da eſperança amor ſem fim;
Deixem correr o tempo; e quem viver
Verá, que a Mangerona, e o Alecrim,
As plantas beijaráõ do Malmequer.

Sevad. Viva, e reviva o Senhor Doutor, e já

e já que he taõ bom Medico, peço-lhe me cure de humas dores taõ grandes, que parecem feitiços.
Simic. Dá cá as pulſeiras. Ah perra, que agora te agarrey! Tu eſtás maraſmodica, e impiamatica. Ah Senhor, logo, logo, antes que ſe perpetue huma febre podre, he neceſſario, que eſta rapariga tome huns Simicupios.
Sevad. Simicupios eu? He couſa, que abomino.
Simic. Eu deſencarrego a minha conſciencia, e naõ ſou mais obrigado.
D. L. Ella naõ tem querer, ha de fazer o que voſſa merce mandar.
Fag. Eu tambem ſou de carne, tenho annos, e tenho achaques.
Simic. Pois cure-ſe primeiro dos annos, logo ſe curará dos achaques.
Fag. Naõ Senhor, que eſte achaque naõ he annual, he diario.
Simic. Se fora nocturno, naõ era máo. Pois que achaque he o ſeu, Senhora velha?
Fag. Que ha de ſer? He eſta madre, que me perſegue.
Simic. Uy, voſſê com eſſes annos ainda tem madre? E o que ſerá de velha a ſenhora ſua madre! Filha, iſſo naõ he madre, he avó.
Fag.

Fag. Talvez que por isso taõ rabujenta r
perfiga. E que lhe farey, Senhor Do
tor?

Simic. A huma madre velha, que se l
ha de fazer? Andar, ponha-lhe oc
los, e muletas, e deixe-a andar.

D. L. Isto aqui he hum hospital, graça
Deos: só eu nesta casa sou saõ con
hum pero, a pezar de duas fontes, e h
ma funda.

Simic. Oh ditoso homem, que vives se
males!

D. T. Senhores, o meu mal devia ser co
tagioso; porque depois da minha doe
ça todos adoeceraõ. Ay minha barriga

D. L. Pois em que ficamos?

Simic. Senhor meu, fallando em termo
o doente sangre-se no pé; vossa merc
na bolsa; às senhoras suas sobrinhas tr
banhos; à moça Simicupios; e a vell
lancem-na às ondas, que está damnad

Fag. Ay que galante cousa!

D. Clor. Eu naõ quero mais remedio, qu
os fumos do Alecrim.

D. Niz. E eu os da Mangerona.

Simic. Naõ seja essa a duvida, ainda qu
naõ sou desse voto, com tudo cada hu
he senhor da sua vida, e se póde cura
como quizer; lá vay a receita.

Can

Canta Simicupio a ſeguinte

A R I A.

Si in medicinis
Te viſitamus,
Non aſniamus,
Sed de Alecrinis,
Et Mangeronis
Recipe quantum
Satis *aná*.
Credite mihi,
Qui ſum peritus,
Non mediquitus
De cacaracá.

D. *L.* Eſperem, Senhores, voſſas merces perdoem, lá repartaõ eſſa ninharia entre todos, que eu naõ eſtou apatelhado ſenaõ para hum.

Simic. Venha embora, que ſó eſte he o verdadeiro ſimptoma da Medicina. *Vaiſe.*

D. *G.* Ay Cloris, que quando o mal he de amor, ſó o morrer he remedio! *Vaiſe.*

D. *F.* Finjo, que me vou, por ver ſe poſſo apurar a falſidade de Dona Nize. *Vaiſe.*

D. T. Mande-me cerrar eſte miombo, que vou entrando em hum ſuor copioſo, abafem-me bem,

D. *L.* Aqui ſervia o meu capote: paciencia!

cia! vamo-nos, e deixemo-lo ſuar, nin
guem lhe falle à maõ. *Vaiſ*

D. Clor. Vamos, Nize, a moralizar os ex
tremos deſtes amantes. *Vaiſe*

D. Niz. Tanto me importa, vamos a re
gar os noſſos craveiros. *Vaiſe*

Fag. O diabo de Simicupio temo, que m
meta em hum chichello com ſeus ardís
Vaiſe

Sevad. He para ver, ſe o meu Malme
quer tambem entra em reſtea. *Vaiſe*

Sahe D. Fuas.

D. F. Já todos ſe foraõ. Quem me der
encontrar a eſta tyranna, cruel, falſa,
inimiga.

Sahe Fagundes.

Fag. D. Tiburbio fica a ſuar como hum
cavallo. Mas ay! Quem eſtá aqui?

D. F. Sou eu, Senhora Fagundes, naõ ſe
aſſuſte.

Fag. Senhor, que temeridade he eſta? Voſ-
ſa merce naõ vê, que ainda he luzque-
fuſque? Como ſem deixar anoitecer pe-
netra eſtas paredes, aonde até o Sol en-
tra às furtadellas?

D. F. Naõ reparey, que ainda era dia;
pois no abyſmo de meu ciume ſempre
eſtou às eſcuras. Aonde eſtá eſta cruel
Dona Nize?

Fag.

ag. Eſtará no jardim.

).F. Pois vamos lá, e de caminho quero me vá dizendo de meterme na caixa a mim, e a D. Gil.

ag. Vamos, que eu lhe contarey o que foy; ande por aqui com pés de lá. Ay Senhor D. Fuas quanto me deve!

SCENA VI.

iſta de quintal, em que haveraõ alguns alegretes; e huma capoeira, e vem D. Gil, e Simicupio deſcendo por huma corda.

).G. SImicupio, deixa-me deſcer eu primeiro, para que ſe naõ quebre a corda com o pezo de ambos. *Deſce.*

imic. Agarre-ſe bem à corda, deixe-ſe eſcorregar.

.G. Ora já cá eſtou; mas eu naõ paro aqui, até encontrar com Dona Cloris. *Vaiſe.*

Sahe D. Lanſerote.

.L. Eſte quintal he o meu divertimento, e encanto; hum homem aqui aſſentado, e tomando o freſco, naõ ha mayor regalo.

mic. Agora já poderey deſcer afoitamente.

D.L.

D. L. Que he isto, que cahe sobre mi
Quem me acode!

Ao descer Simicupio cahe sobre D. Lanser

Simic. Naõ he nada, escarranchey-me
velho cuidando era poyal; estou b
aviado! *à pa*

D. L. Mas que vejo? Aque delRey,
drões!

Simic. Naõ o disse eu?

D. L. Ladraõ, velhacaõ, tu descendo p
huma corda os altos muros de meu qu
tal? Pois com essa mesma corda te a
rey de pés, e mãos, até que amanheç
para entregarte à justiça.

Simic. He bem feito, já que eu mesm
dey a corda, para me enforcar.

D. L. Dá cá os braços.

Simic. Já está meu amigo? Querme abr
çar?

D. L. Anda cá, ladraõ, mostra cá os pu
sos.

Simic. Naõ tenho febre.

D. L. Anda, que atado has de ficar.

Simic. Senhor, por sua vida, que me n
ate; basta o enleyo, em que me vejo

D. L. Dize, a que vieste a este quintal?

Simic. Ora Senhor, até-me muito embor
mas naõ me aperte por isso.

D. L. Por isso he, que eu te aperto; h
de confessar a que vieste. *Sim*

nic. Eu eſtou atado, naõ ſey, o que lhe
reſponda. *à part.*

L. Qual foy o fim, que aqui te trou-
xe?

nic. A dar fim à minha vida, por dar
principio à minha morte por meyos deſ-
ta corda, que falſa me entregou nas
mãos de voſſa merce.

L. Vieſte roubarme, naõ he verdade?

nic. Sim Senhor, mas foy a roubarlhe
as attenções.

L. Anda, ladraõſinho, para a capoei-
ra donde ficarás atado.

nic. Para onde, Senhor?

L. Para a capoeira, até que venha o
Sol a ſer teſtemunha do teu latrocinio.

nic. Pois voſſa merce quer encapoeirar-
me? Graças a Deos, que naõ ſou cá ne-
nhuma gallinha, mas ſabe porque falla?
Porque me acha atado, quando naõ ha-
viamos jogar as criſtas.

L. Anda, ladraõ, que aqui ficarás até
amanhecer. *Vaiſe.*

nic. Ora criado Senhor Simicupio: já
ſabemos, que iſto he meyo caminho
andado para a forca; mas he bem feito,
que iſto a mim me ſucceda. Que tinha
eu cá com D. Gil? Pois para que elle
foſſe gallo, me vejo eu feito gallinha,
ſe

ſe bem que já podia ſer frango pelo e
frangalhado; o magano eſtará a eſtas h
ras entre glorias, e eu entre penas; el
voando na esfera de amor, e eu de a
cahida na gema dos ovos.

Sahe Fagundes.

Fag. Que mais me falta para fazer? Eu
fiz a cama a todos; já fiz a ſellada
rabos para cearmos; já temperey as ga
tas para o gallego; já aſſey o fricaſſé
já cozi hum guardanapo; agora me fa
ta deitar os arenques de molho, para f
car com as mãos lavadas. Ora ſou h
ma tonta, eſquecia-me o melhor, qu
he matar huma galinha para o doente
e mais trazia a faca na maõ para iſſo.

Simic. Eu o eſtava dizendo; grande de
graça he ſer hum homem galinha, po
até de huma mulher tem medo.

Fag. Mas confeſſo, que naõ ſou para ve
ſangue, que logo deſmayo; porém e
fecho os olhos, e meto a faca, que a
guma ficará eſpichada.

Simic. Oh mulher! Deos te tire iſſo d
penſamento.

Fag. Qual! Eu ſou muito melindroſa,
fuzilanima; naõ tenho valor para mata
huma formiga. Ora lá vay a Deos, e
ventura.

Simi

mic. Sem fallencia eu morro de mortê gallinhal : naõ ha mais remedio , que fallar à velha ; mas ſe lhe fallo , he capaz de acordar o caõ do velho , que eſtá dormindo , e encerrarme em parte mais apertada : naõ ſey o que faça ; pois tal eſtou , que ſe a velha me mata , naõ tenho no corpo pinga de ſangue para deitar.

g. Para que he cançar , eu naõ ſou ſanguinolenta.

Sahe Sevadilha.

vad. Fagundes , o Senhor eſtá deſeſperado por voſſé ; que faz ahi ?

g. Já que vieſte , matarás huma galinha , que eu naõ me atrevo. *Vaiſe.*

mic. Lá vem a Sevadilha : ora o certo he , que donde a galinha tem os ovos , ahi ſe lhe vaõ os olhos.

vad. Aborrece-me gente melindroſa ; vejaõ agora , que dó póde haver de matar hum animal ? Veraõ como eu faço iſto brincando.

mic. Naõ ſaõ bons brincos eſſes , Sevadilha ; mas ſe tu já me tens morto , para que me queres tornar a matar ?

vad. Ay que eſtamos em tempo , que fallaõ os animaes ! Eſte pela voz he Simicupio.

Simic,

Simic. Eu ſou, que te fallo de papo;
o teu Simicupio, que eſtá feito ſi
gallo.
Sevad. Quem te meteu ahi?
Simic. O velho, por eu ſer metediſſo.
Sevad. Pois como foy?
Simic. Já me naõ lembra, que eu te
memoria de gallo.
Sevad. Anda cá para fóra.
Simic. Naõ poſſo, ſem tu me enxot
daqui.
Sevad. Como naõ pódes, ſe eu ſey,
muito póde o gallo no ſeu poleiro?
Simic. Iſſo ſeria, ſe o velho me naõ c
azara.
Sevad. Naõ ſabes o bem, que me pare
neſſa capoeira! Eſtás guapo! Eſtás fr
ça!
Simic. Sim, eſtou frança, porque eſ
feito gallo.
Sevad. Pois dáme das tuas pennas para hu
regalo.
Simic. Pois tu te regalas com as minh
penas?
Sevad. Naõ, mas folgo de verte feito
ma em pena.
Simic. Que fará, ſe ſouberas, que eſt
todo coberto de penas vivas? Ora a
da, Sevadilha, tira-me de mais pen
Ca

Cantaõ Simicupio, e Sevadilha a seguinte

ARIA A DUO.

evad. Meu franguinho
Tupetudo
Como he galantinho!
Que lindo, que está!
imic. Minha bella
Malfazeja,
Cahi na esparrella,
Liberta-me já.
evad. Coitada da pila,
Pila, pila, pila,
Que te haõ de pilar.
imic. Acode-me, filha,
Que estou há meya hora
A cacarejar.
mbos. Que triste cantar
He o cacarejar!
evad. Mas naõ te agastes,
Que eu vou-te a soltar.
imic. Vem já, que naõ posso
Mais tempo penar.
mbos. Que he pena, que he magoa,
Que huma ave de pena
Naõ possa voar.

imic. Anda, deita-me pela porta fóra, ainda que seja aos coices. *Vaise.*
evad. Ora vamos. *Vaise.*

Sahe

Sahe D. Fuas.

D.F. Para efte quintal, ou jardim, ou
que for, me diffe Fagundes viera Do
Nize a regar a fua Mangerona; mas e
quanto ella naõ vem, me efconder
atrás defte canteiro de Alecrim, p
da Mangerona naõ quero auxilios, pa
encobrirme dos argentados efplendor
da Lua, que taõ clara fe oftenta e
noite, talvez avifando-me na clara i
conftancia de feus rayos a variedade
Dona Nize.
Efconde-fe da banda do Alecrim.

Sahe D. Gil.

D.G. Grande temeridade foy a minha
pois fem avifar a Dona Cloris, me e
puz a penetrar os quartos defta cafa, co
o perigo de me encontrar D. Lanferote
mas fem duvida Cloris virá a efte fe
jardim a namorar o feu Alecrim; e a
fim efcondido nas fombras deftas plan
tas . . . . . Mas ay que he Mangerona
Perdoa, Cloris, que efta acçaõ foy hu
acafo; e naõ eleiçaõ. *Efconde-fe da band
da Mangerona.*

Sa

abem Dona Nize, e Dona Cloris cada huma pela sua parte com aguadores na maõ, regando, e cantando o seguinte

D.Niz. Sois no ceo de Flora,
Mangerona bella,
Naõ só verde estrella,
Mas luzida flor.

D.Clor. Alecrim florido,
Que de Abril na esféra
Sois na primavera
Fragrante primor.

Ambas. Esta pura neve,
Que tributa Flora,
Saõ rizos da Aurora,
E lagrimas de amor.

RECITADO.

D.N. Mas q̃ vejo? (Ay de mim!) Quem ar-(rogante,
Da Mangerona usurpa o ser fragante?
D.G. Qué, ò Nize, escondido amãte espera
O Sol, q̃ adoro nesta verde esfera? *Sabe.*
D.F. Pois traidor, como assim tyrãno intẽtas,
Roubarme a Nize, q̃ meu peito adora?
Sabe.
E tu falsa inimiga. Mas ay triste,
Que mal a tanta pena a dor resiste!
D.Cl. E tu falso D. Gil, q̃ em torpe insulto

Buſcas a Mangerona amante occult
Deixa-me, fementido. . . .
D.G. Attende, ò Clori,
Que ſem cauſa fulminas teus rigore
Quando em puros ardores (abra
Nas chammas do Alecrim feliz r
D. Niz. Sem motivo, D. Fuas, me crimin
Porque eu firme. . . . .
D. G. E eu conſtante. . . . .
D. G. D. Niz. Fiel te adoro, e te buſ
amante.

ARIA A 4.

D. Gil. Attende, ò Clori, attende,
Verdades, de quem ſabe
Ser firme em te adorar.
D. Clor. Suſpende, infiel, ſuſpende
Injurias, de quem ſabe
Já mais te acreditar.
D. Fuas. Nize ingrata, infiel amigo,
Ceſſe a barbara indecencia,
Que a evidencia
Naõ ſe póde equivocar.
D.G.eD.N. Pois tu ſó querida prenda,
D.F.eD.C. Já naõ creyo os teus enganos,
D.G.eD.N. Nas purezas de meu peito
Felizmente viviràs,
D.F.eD.C. Nos rigores de meu peito
Teu caſtigo encontrarás.

Todo.

dos. Mas, ò cego amor tyranno,
Como posso em tanto damno
Teu estrago idolatrar?

Sahe Fagundes.

g. Já acabaraõ de cantar? Pois agora entrem a chorar.
Clor. Porque, Fagundes?
g. Porque o Senhor seu tio diz, que logo vem ao quintal, affirmando, que ha ladrões em casa, e diz, que se naõ ha de deitar esta noite, ainda que faça rosa divina.
G. Aonde estará Simicupio?
g. Naõ apparece; Senhores, escondaõ-se, e naõ digaõ ao depois, que duro foy, e mal se cozeu.
Niz. Metaõ-se nesta capoeira entre tanto.
G. E que remedio, já que Simicupio naõ apparece?
F. A necessidade sabe unir, a quem se deseja separar. Nize cruel, eu me escondo na capoeira, que só o lugar das penas he o centro de hum amante infeliz.

Mete-se na capoeira.

G. Quem serve a Cupido, às vezes he leaõ, às vezes gallinha. *Mete-se.*

Fag. Ah Senhores naõ me esmaguem
ovos de huma gallinha, que ahi está
choco.

Sahe D. Tiburcio, e Sevadilha.

Sevad. Senhor, naõ me persiga: olhem
diabo do homem!

D. *T.* Ahi no quintal te quero. Mas a
está Cloris, e Nize, remediarey o neg
cio. Esta moça faz zombaria de mi
deixame tu casar, que eu te porey a
minho.

D. *Clor.* Que he isso, Primo? Como
tando doente, e taõ perigoso, vem a
tas horas ao sereno?

D. *T.* Que ha de ser, se vossés naõ sab
ensinar esta rapariga, pois nada lhe
go, que naõ faça as avessas? De sort
que me fez vestir, e sahir atrás del
como desesperado das perrices, que
faz.

D. *Niz.* Tu naõ queres, Sevadilha, se
ser descortez a meu Primo?

Fag. Vossas merces naõ querem crer, q
se ha de fazer desta moça a peste, fom
e guerra.

Sevad. Para que estamos com arcas enc
radas? O Senhor D. Tiburcio anda-
ao sucario, e naõ me deixa huma ho
nem instante.

D.

T. Calte, mentirosa.

g. Isso tem ella, que levanta hum testemunho, como quem levanta huma palha.

Clor. Naõ nos importa essa averiguaçaõ, só digo Senhor D. Tiburcio, que parece muito mal estar vossa merce aqui com nosco a estas horas, e que póde vir meu Tio, e acharnos com vossa merce; que supposto seja primo, e com tentações de noivo, sempre o recato, e decencia se deve conservar; e assim lhe pedimos em cortesia se vá para o seu quarto.

vad. Ande, vá despejando o beco.

T. Nem eu quizera, que meu Tio me achasse aqui por nenhum modo; mas coitado de mim, que elle lá vem! Tomara, que me naõ visse.

ad. Pois esconda-se nessa capoeira.

T. Dizes bem.

Clor. Estás louca, Sevadilha? Meu Primo ha de se lá meter n'uma capoeira? Isso naõ.

T. Naõ importa, que para conservar o seu recato me meterey na parte mais immunda. *Entra na capoeira.*

Niz. Estamos perdidas, que lá se encontra com os dous! Que fizeste, maldita?

Sevad.

Sevad. Eu bem ſey o que fiz: veraõ, qu peça lhe prego.

D. *G.* Eſte deve ſer Simicupio. Es tu Si micupio?

D. *T.* Qual Simicupio? Sou huma Simi bala, para elle: quem eſtá aqui? O' Se vadilha, abre-me a porta, que eu que ro ſahir, corra a agua por onde correr.

Sevad. Calle-ſe, que ahi vem o velho.

D. *F.* Que tal me ſucceda!

D. *G.* Eſtou tremendo!

D. *Niz.* e D. *Clor.* Eſtamos perdidas!

Sahe D. *Lanſerote com huma luz na maõ, Simicupio veſtido de Miniſtro com vara na maõ.*

Simic. Naõ ſe aſſuſtem, minhas Senhoras que iſto naõ he mais, que huma diligen- cia.

D. *L.* Voſſa merce poupeme o trabalho de o hir procurar de-manhã para lhe en tregar hum ladraõ, que tenho prezo na quella capoeira.

Simic. A iſſo meſmo venho, que já tive quem diſſo me avizaſſe.

D. *Niz.* Que ſerá iſto? *à part*

D. *Clor.* Saõ infortunios meus. *à part*

Fag. Démos com o pé na peya. *à part*

Sevad. Folgo por amor de D. Tiburcio *à part.*

Simic.

mic. Hoje todos haõ de mamar o chaſco, que a ninguem me hey de dar a conhecer. Ora, meu Senhor, como foy eſte caſo?

.L. Supponha voſſa merce, que acabada huma junta de Medicos, que vieraõ aſſiſtir a meu ſobrinho, ſendo já quaſi noite, eſtando eu aſſentado junto daquella Mangerona, que naõ me deixará mentir, veyo deſcendo hum homem por huma corda, e cuidando, que eu era poyal, me poz o pé no cachaço.

mic. Iſſo foy o meſmo, que porlhe o pé no peſcoço: naõ ha mayor deſaforo!

.L. Aſſuſtei-me, naõ ha duvida, quando me vi daquella ſórte opprimido; mas tornando a mim, fuy ſobre elle, e conhecendo, que era ladraõ, o prendi neſſa capoeira, donde a perſpicaz diligencia de voſſa merce ſaberá melhor obrar, do que eu fallar.

mic. E como conheceo voſſa merce, que era ladraõ?

.L. Pela cara, que era a mais horrenda, que meus olhos viraõ.

mic. Eſtou já deſenganado, que ſou feyo. *à part.*

.L. Ande voſſa merce, e verá.

mic. Ah ſô ladraõ, ſayá cá para fóra.

D.F.

D. *F.* Vossa merce vem enganado; porqu
eu (*Sabe* ha mayor desgraça!) sou hu
homem bem nascido.

Simic. He D. Fuas; quem me dera ver
D. Gil, que he o que cá me traz. *à par*

D. *L.* Senhor, este naõ he o ladraõ, qu
eu encerrey.

Simic. Já se vê, que este naõ he taõ feyo
como vossa merce diz; vejamos se est
lá mais algum? Oh cá está mais outro
venite ad cam para fóram. Ay que he D
Gil! Já estou descançado. *à part*

D. *L.* Tambem naõ he este o ladraõ, qu
eu aqui encerrey.

D. *G.* Claro está, que naõ sou eu, pois e
graças a Deos naõ necessito de furtar.

D. *L.* E que faziaõ vossas merces aqui
se naõ eraõ ladrões?

Simic. Esta inquiriçaõ me pertence a mim
que sou juiz privativo desta causa;
vossa merce, meu amo, naõ se costu
me a mentir aos Ministros de vara gros
sa, dizendo-me, que o ladraõ era feyo
e horrendo, quando vemos, que este
Senhores saõ muy bem estreados.

D. *L.* Senhor Juiz, por vida minha, que
era o mais feyo homem, que vi em meu
dias.

Simic. Calle-se, naõ minta, que o hey de
manndar carregar de ferros. D. *L.*

D. L. Ora Senhor, torne vossa merce a ver a capoeira, que assim como achou dous, que eu naõ meti, talvez, que ache o que eu encerrey.

Simic. Já naõ tenho mais, que buscar.

D. L. Faça-me esse gosto, que póde lá estar ainda mais algum.

Sevad. Isso, que se perde? Veja, Senhor Doutor.

Simic. Bem sey, que vou debalde, mas eu vou: mas naõ entre vossa merce, que me naõ quero encher de piolhos; ande, que lhe dou patente de quadrilheiro.

D. L. Eu vou, que quero agora apurar este enigma. Ay, que elle aqui está! Naõ o disse eu?

Simic. Traga-o cá para fóra.

D. L. Ei-lo aqui. Mas que vejo! Naõ sois vós, meu sobrinho?

D. T. Eu sou por meus peccados.

D. L. Eu estou besta em besta.

Simic. Este sim, que he o ladraõ, que tem horrendissima cara; todos tres venhaõ comigo.

D. *Niz.* Ay D. Fuas, que estou sem alma! *à part.*

D. *Clor.* Ay D. Gil, que estou sem vida!

D. L. Senhor, advirta, que este he meu sobrinho.

Simic.

Simic. Por ser seu sobrinho, naõ póde s
ladraõ?

D. *L.* Senhor, elle mal podia descer pe
corda, pois estava doente de cama.

Simic. Pois acaso elle dorme na capoeira

D. *L.* Naõ, Senhor.

Simic. Se naõ dorme, que fazia nella fe
to *socius criminis* destes dous machacazes

D. *L.* Sobrinho, a que viestes à capoeira

D. T. Eu Senhor estando . . . . .

Simic. Chiton, naõ me usurpe a jurisdic
çaõ; já disse, que estas averiguaçõe
só a mim me pertencem: vamos andan
do *ad cagarronem.*

D. *L.* Naõ importa; ide sobrinho, qu
Deos he grande.

D. T. A minha innocencia me livrará.

D. L. Como he a sua graça, meu Senhor

Simic. O Bacharel *Petrus in cunctis*, Jui
de fóra daqui com alçada na vara até o
ar.

D. *L.* Pois Senhor Bacharel *Petrus in cun-
ctis*, saiba vossa merce de caminho, que
tambem me furtaraõ hum capote de C,a-
ragoça em muito bom uso.

Simic. Capote de C,aragoça he caso de de-
vassa: notificados vossas merces todos
para que em amanhecendo venhaõ jurar
à minha casa sobre este furto.

D. *L.*

D. *L.* E aonde mora voſſa merce?

Simic. Junto a hum D. Gilvás, que mora....

D. *L.* Já ſey, eu perguntarey.

Simic. Pois lá eſtará, quem lhe reſponda.

D. *G.* Ay, que he Simicupio! Agora reparo, já eſtou ſem ſuſto. *à part.*

Simic. Vamos: amanhã todos à minha caſa ſobpena de prizaõ. *Vaiſe.*

D. *F.* Ay Nize, que as tuas falſidades me pozeraõ neſte eſtado! *à part. e vaiſe.*

D. T. Tio, trate logo de ſoltarme. *Vaiſe.*

D. *G.* Quem naõ deve, naõ teme. *Vaiſe.*

D. *L.* Que mal ſocegarey eſta noite, indo prezo meu ſobrinho, e naõ apparecer o ladraõ, que eu prendi: naõ ha homem mais deſgraçado! *Vaiſe.*

D. *Niz.* Tal eſtou de ſentimento, que até me faltaõ as lagrimas para o alivio. *Vaiſe.*

Fag. Eis-aqui os Alecrins, e Mangeronas: couſas de ervas he para beſtas. *Vaiſe.*

Sevad. E de que eſcapou Simicupio! Tambem alguma alma boa rezou por elle. *Vaiſe.*

D. *Clor.* Ay D. Gil, que a tua deſgraça será a cauſa de minha morte! *Vaiſe.*

SCENA VII.

Sala, em que haverá hum bofete, tinteiro, papel, penna, e cadeiras; e sahem D. Gil, *e Simicupio vestido ainda de Juiz.*

D. *G.* NAõ te perdoo o susto, que me fizeste levar.

Simic. Nem eu o chasco da capoeira, que me fez soffrer.

D. *G.* E agora, que determinas com essa devassa, que queres tirar?

Simic. Logo verá.

D. *F.* E porque naõ soltas a D. Fuas, e a D. Tiburcio, que estaõ fechados naquelle quarto escuro?

Simic. Naõ poderey tambem ter meus segredos, sem que ninguem o saiba? O certo he, que como os trouxemos às escuras, entendem fixamente, que estaõ em rigorosa prizaõ. Mas ahi vem gente, e vossa mercê faça vezes de Escrivaõ.

D. *G.* Ahi parou huma sege: se seraõ ellas?

Simic. Lá está quem as ha de encaminhar; *sedete*, que ahi vem subindo a primeira testemunha.

Sahe D. Lanſerote.

D. L. Senhor, aqui eſtamos todos a ordem de voſſa merce.

Simic. Venhaõ entrando hum a hum.

D. L. Pois, Senhor, lembre-ſe do meu capote.

Simic. Eu já tenho tomado iſſo a mim; vá deſcançado, que eu puxarey bem pela juſtiça, e farey quanto ella der de ſi.

D. L. Naõ tenho mais, que dizer. *Vaiſe.*

D. G. Homem, tu me tens attonito com as tuas induſtrias!

Simic. Bem he, que as reconheças: ah Senhor, eſteja de meyo perfil, para que o naõ conheça Dona Nize, que lá vem.

Sahe Dona Nize.

D. Niz. Venho morta: nunca em tal me vi!

Simic. Huma vez he a primeira: ſente-ſe minha Senhora, deſabafe-ſe, ſupponha, que eſtá em ſua caſa.

D. Niz. Ay Senhor, naõ ſey, que reſpeito infunde a cara de hum Juiz, que faz titubear o mais valente coraçaõ!

Simic. E mais eu, que pareço hum Papiniano aſſanhado! Diga o ſeu nome; vá lá eſcrevendo, Senhor Eſcrivaõ.

D. Niz. Chamo-me D. Nize Sylvia Rufina Fabia Lizarda Laura Anarda, e . . . .

Simic.

Simic. Basta, Senhora; e póde vossa me
ce com todos esses nomes?

D. Niz. Ainda faltaõ quatorze.

Simic. Visto isso he vossa mercè à mulhe
mais nomeada, que ha no Mundo. Qu
idade tem?

D. Niz. Quinze annos escassos.

Simic. Liberal andou a natureza: em ta
poucos annos tanta perfeiçaõ! E do cos
tume?

D. Niz. Naõ entendo.

Simic. Ponha lá, que do costume jejua
Sabe quem furtou aquelle capote ao Se-
nhor seu tio?

D. Niz. Presumo, que foy hum criado d
D. Gil, que entrou disfarçado a vender
Alecrim.

Simic. Tenho largas nóticias desse criado,
e me dizem, que he ardiloso *quantum
satis*.

D. Niz. Isso he pasmar!

Simic. E sabe, se aquelles homens da ca-
poeira seriaõ ladrões?

D. Niz. Naõ, Senhor, porque hum era
D. Gil, e outro D. Fuas, que ambos...

Simic. Diga, naõ se faça rubicunda.

D. Niz. Senhor, os ditos homens vieraõ
por causa de amor; e como veyo meu
tio, se esconderaõ na capoeira.

Simic.

imic. Rapaziadas. Ora ande, vá-ſe ahi para dentro, e naõ faça outra: ſeja ſizuda, e virtuoſa, que aſſim manda o direito, *honeſtè vivere.*

.Niz. A' obediencia de voſſa merce.

Vaiſe.

.G. Homem, acabemos com iſſo, venha Dona Cloris, por quem eſtou ſuſpirando.

Sahe Fagundes.

ag. Muito bons dias, meu Senhor.

imic. Chegue-ſe para cá; olhe para mim, voſſa merce a meu ver tem cara de teſtemunha falſa, ou eu me enganarey.

ag. Serey o que voſſa merce quizer.

imic. Como ſe chama?

ag. Ambroſia Fagundes Birimboa Franchopana e Gregotil.

imic. Iſſo ſaõ nomes, ou alcunhas?

ag. Será o que voſſa merce for ſervido.

imic. Caſada, ou ſolteira?

ag. Nem caſada, nem ſolteira, aſſim, aſſim.

imic. Aſſim como?

ag. He que tenho o marido no Braſil ha quarenta e ſete annos.

imic. De que annos caſou?

ag. De quarenta juſtos, que os fuy fazer à porta da Igreja.

Simic.

Simic. Que annos tem?
Fag. Vinte e cinco bem puxados.
Simic. Naõ he nada, caſou de quaren
tem o marido no Braſil ha quarenta e
te annos, e diz que tem vinte e cir
de idade! Vá-ſe dahi bebada, falſar
que a hey de amarrar a huma eſcada,
e deitalla por eſſa janella fóra.
Fag. Eu naõ ſey contar, ſenaõ pelos
dos: ouça voſſa merce, que eu que
dar a minha quartada.
Simic. A quartada dey eu; ande, naõ c
dé, que ſe ha de lavar com huma b
checha d'agua; vá-ſe para dentro.
Fag. Eu vou rebolindo. *Vai*
D.G. Acaba já com iſſo.
Sahe Sevadilha.
Sevad. Sou criada de voſſa merce.
Simic. Ay, que já a juſtiça começa a abr
os olhos para ver a Sevadilha! Eu e
coſto a vara, que eſtou varado. Men
na, como he o ſeu nome?
Sevad. Sevadilha ſem mais nada.
Simic. Que annos tem?
Sevad. Sete muy fanados.
Simic. Só ſete? Naõ ſois má cartinha pa
ra hum ſete levar. Caſada, ou ſolteira?
Sevad. Eſtou para caſar com hum criad
daqui do ſeu viſinho D. Gil, que ain
d

da que feyo, he muy carinhoſo.

imic. Eſſe foy o que furtou o capote a ſeu amo?

evad. Elle meſmo.

imic. Logo he ladraõ?

evad. He o vicio, que tem, que ſe naõ fora iſſo, era hum moço perfeito.

imic. Ay Sevadilha, que eſſe ladraõ....

evad. Que tem, meu Senhor?

imic. Nada, nada: e por hum triz, que naõ deponho a Judicatura, e perco o juizo: aſſina-te aqui em branco, que eu eſtou pelo que diſſeres.

evad. Eu naõ ſey eſcrever.

imic. Porém ſabes muita letra: vaite ahi para dentro. A rapariga me poz a ver jurar teſtemunhas.

evad. Eu já vi huma cara, que ſe parecia com a deſte Juiz. *Vaiſe.*

imic. Entre quem falta.

. G. Reſta Dona Cloris; Simicupio, perdoa que hey de fallarlhe.

imic. Faça o que lhe digo, e naõ tenha graças comigo.

. G. Como eſtás inchado!

imic. Se queres ver o villaõ, metelhe a vara na maõ.

Sahe Dona Cloris.

. Clor. Senhor Juiz, logo declaro, que

eu de furtos naõ sey nada, e só que D.
Gil foy hum dos da capoeira, e está i
nocente, porque. . . . .

D. G. Porque foy preciso obedecerte, qu
rida Cloris. *Levanta-*

D. Clor. Que vejo! D. Gil? Cobre ale
tos o meu coraçaõ.

D. G. Naõ te admires dos successos
meu amor, que os influxos do teu Al
crim sabem triunfar dos mayores impo
siveis.

Simic. Aliás, que hum Simicupio sabe f
zer possiveis as mayores difficuldade
Ahi tem, Senhor D. Gilvás, o seu ben
de portas a dentro: tenho cumprido
minha palavra, e se naõ está bem serv
do, busque quem o faça melhor.

D. Clor. Huma vez, que me vejo em tu
casa, naõ porey mais em contingenci
a minha fortuna.

Simic. Isso mesmo; quem disse casa, cas

Sahe D. Lanserote.

D. L. Que he isto, Senhor Doutor? A
testemunhas vem, e naõ tornaõ?

Simic. Já está concluida, e sentenciad a
devassa.

D. L. Quem saõ os culpados?

Simic. As Senhoras suas sobrinhas, que sa
humas finas ladras.

D. I

D. *L.* Minhas ſobrinhas ladras? De que ſorte?

Simic. Deſta ſorte; vamos ſahindo cá para fora:

Vay Simicupio trazendo a todos para fóra, e diz o ſeguinte.

Porque viſtos eſtes ſucceſſos, conſta, que a Senhora Dona Nize furtou o coraçaõ do Senhor D. Fuas, e a Senhora Dona Cloris o de D. Gil; e aſſim he de razaõ, que lho reſtituaõ, caſando com elles; porque no matrimonio ſe entregaõ os corações com as vontades.

D. *F.* Em cumprimento da ſentença, eu a executo pela minha parte igualmente alegre, e admirado deſta rara invectiva de Simicupio.

D. *Niz.* He de juſtiça eſta acçaõ: que alegria!

D. *G.* Dona Cloris, dame o coraçaõ, que me tens na maõ, que te peço.

Simic. Iſſo he fallar com o coraçaõ nas mãos. Senhora Dona Cloris, caſe-ſe, mas naõ ſe arrependa.

D. *Clor.* Senhor D. Gil, o meu coraçaõ lhe entrego, em recompenſa do que lhe roubey, ſe acaſo he furto, o que ſe dá por vontade.

Simic. D. Tiburcio tenha paciencia, e pa-

pague as custas de permeyo com o S
nhor D. Lanserote, já que foraõ
basbaques, que se deixaraõ enganar
mim. Simicupio, tantos de tal mez, &

D. T. Senhor tio, seja-lhe para bem, q
aqui já naõ ha para onde appellar.

D. L. Nem eu me posso aggravar, qua
do o matrimonio he o ditoso fim des
excessos.

Sevad. Quem casa a tantos, porque
naõ casa a si?

Simic. Naõ me falles em remoques; já se
Sevadilha, que queres casar comigo;
pois a sentença passou em cousa julg
da, demos as mãos, e a boa vontade.

Sevad. Oh discreta maõ, que escreveo
sentença!

Fag. E que ha de ser de mim, Simicupi
que neste negocio tambem dey min
penada?

Sevad. Em vindo a frota, virá teu marid

D. G. E pois te consegui, galharda Cl
ris, publique a fama os vivas do Al
crim, que triunfou de tantos impossivei

D. F. Tende maõ, que naõ he justo, q
roubeis à Mangeroná a parte, que lh
toca no applauso, que merece; pois
sombra de suas folhas conseguistes mu
ta parte da dita, que possuis.

Fa

Fag. Isso he verdade, senaõ diga-o a escada, e a caixa.

D. T. Foy boa caixa.

D. G. Que importa, que a Mangerona abrisse os caminhos aos favores, se o Alecrim serenava as tempestades na tormenta dos enleyos?

Simic. E senaõ diga-o tambem o fogo salvaje, a Medicina, a Ministrisse, e a mãy de duas filhas.

D. T. Pois que vay, Senhor tio? He bico, ou cabeça?

D. L. Paciencia por força.

D. Clor. Naõ se póde negar, que venceo o meu Alecrim, pois elle tocou a méta, pondo fim a nossos desejos.

D. Niz. A Mangerona só merece applausos, porque deu principio a esse fim.

Simic. Entaõ, visto isso, venceo o Malmequer, pois elle foy o meyo entre o principio da Mangerona, e o fim do Alecrim.

Levad. Pois viva o Malmequer.

D. G. Tenho dito, venceo o Alecrim.

D. T. Se a efficacia das razões naõ basta a convencervos, esta espada fará confessar o triunfo da Mangerona.

Simic. Deixe estar a folha, que as da Mangerona naõ saõ o Alcoraõ de Mafoma,

para

para que se defendaõ à ponta da espad
e pois estou feito Juiz, pela authoric
de, que tenho, declaro, que ambas
plantas venceraõ o pleito, pois cada h
ma fez quanto pode; e para que se ac
bem essas guerras do Alecrim, e Ma
gerona, mando, que os dous ranch
façaõ as pazes, e se ponha perpetuo
lencio nesta materia, sobpena de sere
assumptos de minuetes, e andarem p
boca de Poetas, que he peyor que p
las bocas do mundo.

T*odos*. Pois viva o Alecrim, e viva a Ma
gerona.

Simic. E viva todo o bicho vivo.

D. L. Vivamos todos, meu sobrinho.

D. T. Essa he a verdade.

Simic. E como naõ ha triunfo sem accl
maçaõ; em quanto o Coro naõ princ
pia a festejar este applauso, coroem
esta obra, com as ramas da Mangerc
na, e Alecrim.

CORO.

D.Niz. e *D.F.* Viva a Mangerona
Perpetua no durar.
D.Clor. e *D.G.* Viva o Alecrim
Feliz no florecer.

T*odos*

Todos. Viva a Mangerona
Viva o Alecrim,
Pois que hum ſoube vencer,
E a outra triunfar.

D.Niz. e *D.F.* No templo de Cupido,
Troféo de amor ſerá.

D.Clor. e *D.F.* Nas aras da fineza
Em chammas arderá.

Todos. Viva a Mangerona,
Viva o Alecrim,
Pois que hum ſoube vencer,
E a outra triunfar.

F I M.

AS

AS VARIEDADES
DE
PROTEO
OPERA QUE SE REPRESENTOU
no Theatro do Bairro Alto de Lisboa,
no mez de Mayo de 1737.

ARGUMENTO.

SEndo Polibio cabeça de huma parcialidade que em Egypto se fulminou, sobre a depo sição de hum Monarca daquella Coroa; preva lecendo o poder contrario, foy preciso a Poli bio retirarse com huma filha unica chamada Cy rene, e chegando a Beocia, por caminhar ma occulto, deixou em huma rustica Aldea daquel le Paiz a Cyrene, até que achasse seguro port a sua errante fortuna. Chegando a Flegra, Ci dade do Archipelago, foy recebido delRey Pon to, com distinção nas estimações; mandando- outra vez a Beocia, para Conductor da filh daquelle Monarca, tambem chamada Cyrene

par

ra Efpofa de Nereo feu filho. Em Beocia fou- Polibio fer fallecida de pouco aquella Prin- za, por cujo motivo, incitado Polibio da am- çaõ de ver coroada fua filha, diffimulando a nbaixada, a conduzio a Alegra para efpofa de Tereo, affirmando fer a filha delRey de Beocia.

No mefmo tempo chegou Dorida, ou Doris, lha delRey de Egnido, para efpofa de Proteo, mbem filho delRey Ponto; porém inflamma- Proteo exceffivamente na formofura de Cy- ne, valendo-fe das variedades da fua fórma privilegio, que lhe concederaõ os Deofes) in- ntou com extremos perfuadirlhe o feu amor, ue impedindolhe Polibio na brevidade, que in- entava do Hyminêo de fua filha, Proteo o quiz natar, cujo golpe cafualmente recebeo Cyrene, rocurando impedillo; e fendo achado o punhal a maõ de Polibio, foy condemnado ao facrifi- io de Aftréa; e para moftrar a fua innocen- ia, e evitar a victima da fua vida, foy pre- ifo a Cyrene declarar, que Polibio era feu pay. Vendo Nerêo o engano, levado da altivez do eu genio, repudiou a Cyrene, a quem recebeo Proteo, eftimando como fortuna o mefmo enga- no; ficando Dorida para efpofa de Nerêo, e mbos fatisfeitos na mudança das efpofas.

Servem de Epifodio a efta obra as Va- riedades, e transformações de Proteo, pa- ra confeguir os favores de Cyrene.

IN-

INTERLOCUTORES.

Cyrene, *Reputada Princeza de Beocia deſtinada para eſpoſa de Nere*
Dorida, *Princeza de Egnido, deſtinad eſpoſa de Proteo.*
Proteo. }
Nereo. } *Filhos delRey Ponto.*
Ponto, *Monarca de todo o Archipelago*
Polibio, *Pay encuberto de Cyrene.*
Mareſia, *Criada de Dorida.*
Caranguejo, *Criado de Proteo.*

A Scena ſe repreſenta em Flegra.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Selva, e mar, com ponte.*
II. *Gabinete.*
III. *Boſque, e montanha.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Sala.*
II. *Gabinete,*

SCE-

SCENAS DO III. ACTO.

. *Jardim.*
I. *Sala.*
I. *Templo de Aſtréa.*

PARTE I.

SCENA I.

Porto de mar, em que haverá huma ponte, aon de chegarão escaleres para o desembarque d Dorida, que o fará pela ponte acompanha da de Proteo, e nella estará Ponto, Caran guejo, e mais criados; e antes disto appa recerá huma Náo à vela: e ao mesmo tem po passará hum coche pelo Proscenio do Thea tro, que será de Selva, e nelle virá Cyrene e Polibio, e recolhendo-se, sahirão os mes mos. Tudo se executará em quanto se toca a Sinfonia, e cantaõ alternadamente os Có- ros.

CORO.

1. Coro. EM hora ditosa
Venha Cyrene,
2. Coro. Em hora festiva
Dorida venha.
1. Coro. A ser de Nereo,
2. Coro. A ser de Proteo,
Ambos. Esposa feliz.
1. Coro. Os Prados com flores,
2. Coro. Com perlas os mares,

Ambos.

mbos. Os Sceptros esmaltem
De eterno matiz.

ey. Huma, e muitas vezes repitaõ as Nayades dos bosques, e as Ninfas do mar o suave Melibeo de alternados vivas, para que se eternizem os applausos no mar, e na terra, ao mesmo tempo que se multiplicaõ as felicidades em ambos os elementos. Em hora festiva, e ditosa, tornem a repetir, que sejaõ bem vindas à minha Corte de Flegra as illustres Princezas de Egnido, e Beocia, para que nas regias nupcias de meus filhos Proteo, e Nereo, se perpetue a Semidea estirpe das maritimas Deidades.

Cyren. Já que a sórte me destinou, ò excelso Ponto Monarca do Archipelago, às fortunas de esposa de Nereo, com a gloria de filha tua, naõ invejo o throno de Juno, nem os dominios de Thetis.

Nereo. Nem eu, ò Cyrene, com essa belleza o Solio de Jove, e o liquido Imperio de Neptuno.

Rey. Cyrene, quando em hum só dia se encontraõ tantas felicidades, sejaõ mudos intrepetes de meu alvoroço os internos jubilos do coraçaõ. E tu, soberana

Dori-

Dorida, vem a meus braços, em qu
to nos de Proteo te naõ enlaça amor
mais ditoſo Hymenêo.

Dorid. Os vinculos, com que amor me
laça em Proteo, primeiro ſeraõ ca
de minha eſcravidaõ, que voluntaria
fereço a Voſſa Mageſtade, a quem
reſpeito como pay, e venero como
nhor.

Proteo. Ay de mim, que ſó eu na may
ventura ſou o mais infeliz! *à pa*

Rey. Proteo, ſem duvida, que o pra
deſte dia ſe faz inexplicavel nas tuas v
zes, notando no teu ſilencio a tua ſ
penſaõ.

Proteo. Pois com effeito Dorida vem de
tinada para eſpoſa minha, e Cyrene p
ra meu irmaõ Nerêo?

Rey. Eſſa pergunta parece ocioſa, pois a
tes do tranſporte das Princezas já eſta
deſtinada Cyrene para Nereo, e Dor
da para eſpoſa tua.

Proteo. Naõ tem remedio o meu tormen
to. *à part.* Poderia ſer, Senhor, qu
mudaſſes o primeiro intento, achando
que as riquezas de Egnido ſeriaõ mai
convenientes a Nereo, como mais mo
ço; e que a mim me ſobrava o peque
no patrimonio de Beocia; que a minh
von

vontade naõ ſe rege por outro imperio, que o de teu preceito.

rang. A Deos minhas encomendas: Proteo, naõ he nada, ora eſcutemos. *à p.*

ereo. Enganas-te, Proteo, na ambiçaõ, que me ſuppoens nas riquezas de Egnido, pois eſtimo tanto a Cyrene Princeza de Beocia, que a julgo inſeparavel do ſeu eſtado; que o regio ſangue de ſeus progenitores a faz digna de mayor Imperio, e a mim me inhabilita para outro deſejo; e tanto que a ſer menos regia, e mais opulento o ſeu eſtado, a naõ recebera eſpoſa.

olibio. Que ouço! Grande arrojo foy o meu! *à part.*

arang. Proteo toda via parece, que deſeja alborcar a nõiva; pois eu naõ trocarey huma couſinha, que lá vejo, nem por quantas Princezas tem a Berberia. *à p.*

ey. Principes, a ſorte eſtá lançada: Cyrene he de Nereo, Dorida de Proteo; e Polibio, que conduzio a Cyrene, venha comigo a receber as eſtimaçóes, que ſe devem à ſua peſſoa: e pois toda a Corte impaciente nos eſpera com feſtivos applauſos, naõ dilatemos a noſſa entrada. *Vaiſe.*

Nereo. Vamos, formoſa Cyrene. *Vaiſe.*

Cyren.

Cyren. Polibio, naõ te apartes de mi
hum inſtante. *Vaiſ*
Proteo. Vamos, Dorida, vamos. Oh quer
pudera trocar a ſorte, ſe he forte, a qu
me acompanha! *à parte, e vaiſ*
Dorid. O coraçaõ preſágo naõ ſey, que m
vaticina. *à parte, e vaiſ*
M*areſ.* Vou cambaleando, pois me pare
ce, que ainda eſtou no navio. *Quer irſ*
C*arang.* Eſpere, menina; donde ſe va
meter entre a barafunda das carroças
Deixe-ſe eſtar, que em vazando a maré
ſe embarcará na ſua carruaje.
M*areſ.* A mim me faraõ lugar em toda
parte.
C*arang.* Naõ vê a encangalhaçaõ, que l
vay? Vá, mas veja, que ha de ſuar bem
para ſe meter na ſua eſtufa.
M*areſ.* Parece, que aſſim he: ora voſſ
merce viva mil annos pela advertencia
C*arang.* Como poderey viver annos mil
ſe encontro mil mortes em cada olhadu
ra de voſſa merce?
M*areſ.* Taõ máos olhos tenho eu, que dé
quebranto?
C*arang.* Naõ ſaõ máos, pelo que ſaõ em
voſſa merce; mas ſim pelo que ſinto em
mim.
M*areſ.* Pois que ſente?

C*arang*

arang. Sinto-me muy aquebrantado.

Maref. Nunca ví dar quebranto em coufa má.

Carang. Se as almas faõ coufa má, bem má coufa fou eu; naõ pelo que tenho de defalmado, mas porque toda a alma deffa formofura a tenho transferida em mim amante Pythagorico de tua belleza.

Maref. Infolente, defcomedido, que fraze he effa de fallarme?

Carang. Naõ fey frazear melhor; e fe cada hum enterra feu pay, como póde, eu refufcito o meu amor, como fey.

Maref. Para que fe lhe defvaneça effa tentaçaõ, faiba logo em continente, que tenho feito a Diana hum voto folemne de perpetua caftidade.

Carang. Naõ por meu voto.

Maref. E affim efpero, que efta feja a ultima vez, que tal coufa ouça; porque o meu voto naõ he coufa de brinco.

Carang. E quem votou niffo?

Maref. A minha devoçaõ.

Carang. Pois antes queres fer cafta, que caftiça?

Maref. Hey de fer folteira, para que em mim fe acabe a minha geraçaõ.

Carang. Vejaõ lá de que cafta he ella? Pois eu te armarey huma trempe, que tu te ve-

verás em ſayas pardas : Ora diga , e n
póde annullar eſſe voto ?

Mareſ. Eſtá revalidado com trezentos j
ramentos.

Carang. Pois , filha , ſe naõ desfazes e
voto , terás todos a froxo para te ſac
ficarem.

Tocaõ os inſtrumentos do Coro.

Mareſ. Como he iſſo ?

Carang. Naõ he tempo agora de o ſabere
pois a comitiva já ſe vay pondo em ma
cha.

Mareſ. Dize mais duas palavras ; como h
iſſo do ſacrificio ?

Carang. Tu o ſaberás , anda depreſſa pa
o teu carrinho , que em Palacio to d
rey.

Canta o Coro.

SCENA II.

Gabinete. Sahem Proteo , e Caranguejo.

Proteo. DEixa-me , naõ me perſigas
que naõ ha mayor. tormento
para hum infeliz , que a privaçaõ do re
tiro.

Carang. Senhor Proteo , que manía he eſ
ſa ? Ao meſmo tempo , que te vês pro-
pin-

pinquo a casar, te vejo proximo a enlouquecer? Naõ esperavas com alvoroços a Dorida Princeza de Egnido? Naõ dizias muitas vezes lamentando nas costas do mar: (se he que o mar tem costas) vem querida Dorida, e se por falta de aguas encalhou o teu navio, as dos meus olhos te traraõ ao reboque? Naõ andavas fazendo Sonetos a huma ausencia, e cantando minuetes a huma saudade? Pois como agora depois de possuir o que desejavas, parece que naõ desejas o que possues?

Proteo. Tudo isso assim he; porém às vezes ha incidentes taõ fortes, que destroem o mais firme pensamento.

Carang. Por ventura, ou por desgraça, naõ he Dorida muito bella, e senhora de hum Reino?

Proteo. Assim he.

Carang. Pois que mais desejas? O certo he, que dá Deos nozes a quem naõ tem dentes.

Proteo. Sabes tu o que he amor?

Carang. Oxalá que o naõ soubera tanto! Amor, ainda que mal pergunte, nos homens he o mesmo, que querer bem; nas bestas muares mormo; e nos outros animaes appetite.

Proteo. Pois como queres que naõ enlou-
queça, ſe eu tenho amor?

Carang. Para que ſaõ eſſes terremotos
quando eſtás quaſi propinquo a ter em
teus braços a Senhora Dorida?

Proteo. Ay, ſe ſouberas que . . . ma
naõ; ſepulte-ſe comigo a cauſa do meu
tormento.

Carang. Se he por iſſo, diga-mo, que em
mim ficará ſepultado eſſe ſegredo.

Proteo. Bem ſey, que naõ deſmereces a
eſtimaçaõ, que de ti faço; porém . . .

Carang. Porém que? Com que eſtamos?
Queres que to diga?

Proteo. Naõ, naõ me prives da gloria de
o pronunciar.

Carang. Iſſo he gloria do ceo da boca.

Proteo. Cyrene he a cauſa do meu tormen-
to.

Carang. Naõ o diſſe eu? Oh como he cer-
to o ditado da gallinha da minha viſinha!

Proteo. Confeſſo-te, que tal foy a violen-
cia, com que me arrebatou a ſua em
tudo peregrina belleza, que naõ tive
acordo para deſmentir a inclinaçaõ: viſ-
te aquella perfeiçaõ, que immortalizan-
do-ſe nas ſuas galhardias ſe fez adorar co-
mo Deidade? Viſte aquelles olhos, que
ſe adoptaraõ aſtros para adornar a esfe-
ra

ra da sua formosura? Viste aquella neve, que derretida de melhor estrella, soube congelar os corações? Viste aquelle ondeado epilogo de luzes, em cujos annéis preza a memoria naõ se lembra de outra igual maravilha? Viste. . . . .

Carang. Espere, Senhor, com quem falla? Isso he comigo?

Proteo. Sim, porque vejas se tem desculpa a minha loucura.

Carang. Agora vejo, que isso he loucura refinada. Eu por ventura vi nada disso, que dizes? Eu vi astros, estrellas, Deidades, nem luzes? Eu vi mais, que huma mulher, ou huma Princeza, que tudo he mulher, formosa sim, porém naõ agora lá cousa do sete estrello?

Proteo. Calte, nescio, que o teu genio grosseiro naõ sabe distinguir perfeições.

Carang. Eu cá no meu amor sigo outra filosofia mais natural; a formosura cá para mim ha de ser clara, palpavel, que todos a entendaõ, como as pastoras do tempo antigo.

Proteo. Oh quanto invejo a fortuna de Nereo, e quanto temo, que este incendio, em que me abrazo, consuma sacrilegamente os sacrificios de ambos os Hymeneos!

Carang.

Carang. E que determinas com essa desor-denada inclinaçaõ?

Proteo. Deixar a Dorida, e pertender a Cyrene a pezar de todos os impossiveis.

Carang. E Nereo teu irmaõ, que dirá nes-se caso?

Proteo. Perdoe Nereo, que eu naõ posso reger a violencia de minha inclinaçaõ; Numen superior parece que a domina.

Carang. Em quanto a Nereo, já naõ he a duvida; porém Cyrene como ha de corresponderte, se he noiva, e Prin-ceza? E o fallarlhe em amor será crime de leza magestade.

Proteo. Tudo vence o tempo.

Carang. E se faltar o tempo?

Proteo. Naõ faltaraõ os extremos, pois sou Proteo, que me saberey trasnformar em varias fórmas, para possuir os favo-res de Cyrene.

Carang. Se naõ fora Cyrene Princeza, te dissera, que te transformasses sempre em ouro, que he a melhor fórma para at-trahir.

Proteo. E naõ será desacerto participarte a mesma virtude de transformar, pelo que póde succeder.

Carang. Eu, Senhor?

Proteo. Sim, tu.

Carang. Se eu ſou capaz diſſo, já me começo a transformar na tua vontade, e me verás naõ ſó transformado, mas formado na faculdade amatoria; e ainda que ſou Caranguejo, farey muito, que ande para diande o teu amor. *Vaiſe.*

Sabe Cyrene, e eſtará Proteo voltado com as coſtas para ella.

Cyren. Principe?

Proteo. Que ordenas, ò Princeza,

Cyren. Cuidey, que era Nereo.

Proteo. Já ſey, que naõ ha mayor infelicidade, que ſer Proteo.

Cyren. Porque?

Proteo. Porque ſendo Nereo, tiyera a fortuna de merecerte eſſe cuidado.

Cyren. Nereo, em quanto Nereo, naõ merece mais, que Proteo, em quanto Proteo; a qualidade de eſpoſo, que eſtá para conſeguir, he que fórma a differença de Nereo a Proteo.

Proteo. Eſſa qualidade, ò Cyrene, he a que mais qualifica a minha deſventura.

Cyren. Se a formoſura de Dorida naõ pudeſſe fazer ditoſo ao mais deſgraçado, poderia queixarſe de infeliz a tua ſorte; mas como na ſua belleza eſtaõ vinculadas as fortunas, mal pódes appetecer as de Nereo por inferiores.

Proteo.

Proteo. Mas com tudo a ſer poſſivel, qu
os aſtros mudaſſem de aſpecto, e qu
os Planetas, que influiraõ no meu horoſ
copo, pudeſſem commutar os ſeus in
fluxos entre mim, e Nereo, eu for
mais ditoſo naõ ſendo Proteo, do que
meſmo Nereo com a dita, que goza.

Cyren. Enigmas parecem as tuas palavras

Proteo. Se Nereo ſoubera, Senhora . . .

Sahe Dorida.

Dorid. Oh quanto te agradeço, Cyrene,
que divirtas as melancolias de Proteo;
mas cuido, que ſerá eſtylo em Flegra
receberem-ſe as eſpoſas com pompa fu-
nebre.

Proteo. Sempre as cauſas intenſas produ-
zem effeitos contrarios; pois aſſim como
ha lagrimas de goſto, porque naõ ha-
verá triſteza, que ſeja alegria?

Dorid. Nem ſempre ſaõ continuos eſſes ſi-
naes no exceſſivo affecto.

Cyren. Dorida, porque o naõ ſerá o affe-
cto, ſe o amor for exceſſivo?

Dorid. Porque affecto, que naõ ſabe mu-
dar de affecto, he affectada demonſtra-
çaõ da vontade. Proteo, bem ſey que
as tuas prendas mereciaõ mais bella Prin-
ceza, e mais digna eſpoſa; a tua triſte-
za me perſuade o deſgoſto de noſſo Hy-
menêo;

menêo; e porque naõ perigue a realidade na conjectura, desengana-me (que ainda he tempo) se acaso eu motivo os teus pezares?

oteo. Tu, Dorida, tu és a causa de minhas penas.

orid. Infeliz fuy; porém . . . . .

roteo. Naõ te assuste esta expressaõ, que como na gloria do amor ha sombras de inferno, que muito me entristeça o mesmo, que me alegra? Pois quando comtigo vejo a gloria, que me eleva, vejo tambem em ti o abysmo, que me penaliza.

yren. Que bem expressado extremo!

orid. Que mal fingida fineza!

roteo. Que mal entendido affecto! *à part.*

Canta Proteo a seguinte
A R I A.

Em ti mesma considero
De meus males o motivo,
Por ti morro, por ti vivo,
Tu me matas, tu me alentas,
Pois comtigo está meu mal,
E comtigo está meu bem.
Deixa, pois, que triste viva,
Quem alegre busca a morte,
E verás, que dessa sorte

Esta

Esta vida me horrorisa,
E esta morte me convem. *Vaif*

Dorid. Que te parece, Cyrene, este no vo modo de querer?
Cyren. He que o seu amor naõ he vulga
Dorid. Achas acaso em Nereo semelhan tes expressões?
Cyren. Ainda naõ houve occasiaõ para experiencia.

Sahe Caranguejo.

Carang. Se eu desta me sayo bem, tenh muito que contar: lá estaõ as duas Prin cezas, Cyrenes, e Doridas, eu dare o recado de sorte, que Cyrene me en tenda, e Dorida fique em jejum: fin jo-me patéta, e mentecapto. Ainda qu me matem naõ hey de casar.
Cyren. Que homem he este?
Dorid. Será algum tonto, com quem o Principes se divertem.
Carang. Tenho dito: contra minha von tade naõ se cansem.
Dorid. Naõ sey, que graça achaõ neste tontos? Vaite daqui.
Cyren. Deixa-o, que gósto de o ouvir.
Carang. He boa teima! Digo que naõ quero casar. Irra! A' força me querem encaixar huma mulher à queima roupa!

Cyren.

ren. Que tens, tonto?

rang. Digo, que naõ quero, vá-ſe a noiva para a ſua terra.

rid. Que noiva?

rang. Tu, cruel, vaite com Satanás.

rid. Arrebatado no ſeu frenesí imagina, que falla com alguem.

ren. No caſar he a ſua teima.

rang. Ay adorado impoſſivel, que ſó tu me regalas eſta alma!

ren. Com quem fallas?

rang. Comtigo, comtigo hey de morrer a pés juntos: eſpera, naõ fujas, que dos braços de teu amante te arrancarey. *Vaiſe.*

rid. As palavras deſte louco naõ ſey, que ecco formaraõ na idéa, que me penetraraõ o coraçaõ.

ren. Naõ façaṡ caſo de hum ſimples.

rid. Se o coraçaõ naõ eſtivera ferido com as triſtezas de Proteo, deſprezara aquellas vagas loucuras; porém às vezes ſaõ preſagios as caſualidades; pois temo. . . . . .

yren. Que temes?

rid. Ay Cyrene, que os temores naõ ſe ſabem tanto explicar como ſentir!

Can-

Canta Dorida á seguinte

ARIA.

Naõ tenhas por delirios
Meus temores,
Que em amores
Em duvida he melhor
Temer, que confiar.
Oh credula naõ sejas
De amor no cego engano,
Que em tal damno
Dos males, o peyor
Devemos esperar. *Vaij*

Cyren. A' vista daquellas expressões de Pr
teo venho a entender, que naõ saõ se
fundamento os temores de Dorida, ne
verdadeira a simplicidade do criado. O
cego amor, que de absurdos vás fulm
nando, e que de horrores vás produzi
do!

Sahe Polibio.

Polib. Filha Cyrene, naõ sey se me pe
do engano, que tenho fabricado, tr
zendote para esposa de Nereo, em l
gar de outra Cyrene, verdadeira Pri
ceza de Beocia, querendo-me aprove
tar do seu obito, e do teu nome seme
lhante ao della; pois já com as estima
ções de verdadeira Princeza se me diffi
cul

culta o verte as vezes, que o meu paternal amor deſeja.

Cyron. Pay, e Senhor, ſenaõ houvera outro mal que temer, eſſe com facilidade ſe podia remediar.

Polib. Pois que receyas, levando taõ bom principio a noſſa induſtria?

Cyren. Temo, que ſe chegue a deſcobrir, que a verdadeira Cyrene, Princeza de Beocia, he falecida, e que tu es meu pay, e eu intruſa Princeza; e póde ſer, que ſe converta em luto toda eſta pompa feſtiva, e nupcial apparato.

Palib. As emprezas difficultoſas naõ ſe intentaõ ſem perigo, e ſem ſuſtos naõ ſe adquire huma Coroa. Bem ſey exponho a minha vida pela tua elevaçaõ; porém conſiderando a brevidade, com que ſe ha de effeituar eſte Hymenêo, e que quando ſe deſcubra o engano, te acharás Senhora do alvedrio de Nereo prezo nos laços de tua formoſura, e eſtimando como fortuna o ſeu engano, terá ditoſo fim o noſſo premeditado intento.

Cyren. Oh queiraõ os Deoſes proſperallo!

Sahe Nereo.

Nereo. Cyrene, como ſey eſtimas o exercicio da caça, por te dar eſſe alivio, tem ElRey meu pay determinado divertirte

tirte em huma caçada real, donde ve
a destreza, e valor dos nossos monteir

Cyren. Impulsos saõ da benignidade d
Rey, a quem agradeço, e a vossa A
teza o cuidado de meu divertimento.

Nereo. A taõ alta Princeza todo o exces
he devido.

Polib. Parece, Senhor, que apostaraõ
fados a fazerte ditoso, unindo na espos
que possues, a ultima perfeiçaõ da fo
mosura.

Nereo. Polibio, huma formosura naõ fa
ditoso a hum Principe: os illustres He
roes, de quem descende Cyrene, a fa
zem digna de minha veneraçaõ: a bel
leza he vulgar atractivo de hum anim
plebeo: a regia ascendencia he digna es
timaçaõ de hum Principe: a formosur
caduca com o tempo: a nobreza se im
mortaliza na posteridade. E assim, Po
libio, pódes entender, que a ser Cyre
ne menos regia, abandonara o thalamo,
e desprezara a formosura, naõ sendo
adornada da Magestade. *Vaise.*

Cyren. E que dizes agora, Senhor? Esti-
mará Nereo com a fortuna de possuir a
minha belleza o seu engano? Vês cahi-
da por terra a base, aonde erigias as tuas
maquinas? Ay de mim, Senhor, quan-

to

to melhor me fora viver occulta, como eſtava, nas ruſticas aldeas de Beocia, que verme quaſi propinqua a cahir da eminencia de hum throno no abyſmo de tua ambiçaõ!

Polib. Naõ me afflijas com eſſa ponderaçaõ: porém naõ foy pequena fortuna, poder no anticipado deſengano de Nereo buſcar o remedio deſte imminente damno; e no em tanto procura deſvanecerlhe com porfiados carinhos a violencia de ſua inclinaçaõ.

Canta Polibio a ſeguinte

A R I A.

Na onda repetida
Do Zefiro impellida
Talvez a dura penha
Amante naõ deſdenha
Seu liquido criſtal.
Se pois a clara eſpuma
Trofeo de hum monte alcança,
Bem póde haver mundança
Na inſtancia dos carinhos
Do genio ſeu fatal. *Vaiſe.*

Sahe Mareſia.

Mareſ. Dorida te eſpera, Senhora, para irem à montaria.

Cyreu. Eu vou. Oh louca ambiçaõ a quantos precipitas! *Vaiſe.*

Mareſ

Maref. Tomara, que Caranguejo me a
baſſe de explicar aquella arenga do S
crificio, que lhe naõ pude perceber co
a bulha das cantarolas; porém ſe tal h
antes hey de dar hum olho ao dem
que huma maõ ao amor.

Sahe Caranguejo.

Carang. Eu aſſim como tollo dey a ente
der a Cyrene o intento de Proteo, e e
la a meu ver me naõ deixaria de ente
der, que tem olhos de grande tubercu
la.

Maref. Senhor Caranguejo.

Carang. Senhora Mareſia minha Senhora

Maref. Ha muito, que nos naõ vemos

Carang. Que ha de ſer? Eſta occupaça
de Sota-Miniſtro de Venus naõ me de
xa huma hora livre para ter o meu rega
bofe.

Maref. Bom officio deve elle ſer.

Carang. Bom he; mas para o meu geni
naõ he muito couſa; eſta tarde ſacrifi
cámos quatro moças, como quatro tor
res, por naõ quererem caſar; e con
feſſo-te, que quando levantey a macha
dinha para deſcarregar o golpe, que m
fugio o ſangue do corpo.

Maref. Ay de mim coitada! Diga-me
Senhor Caranguejo.

Carang.

arang. O que, Senhora Caranguejola?

Iaref. Essa ley se cumpre tanto à risca, que todas, que naõ casaõ, morrem?

arang. Uy, como dous, e tres saõ nove; saiba, (se he que o naõ sabe) que toda aquella mulher, que se mostra esquiva, e desdenhosa, como v. g. aquellas que tudo me fede, se naõ abrandar a condiçaõ, ha de ser sacrificio de Venus, como Deosa dos amores.

Iaref. Naõ ha ley mais barbara do que essa, querer violentar a vontade!

arang. Bem se póde casar sem vontade, pois quantos se casaõ contra vontade?

Iaref. Casamento sem vontade naõ he casamento.

arang. A'gora naõ; olha, a vontade he cousa que se naõ vê, e vendo hum homem a noiva, naõ lhe abre o coraçaõ para lhe ver a vontade, pois basta saber, que tem as tres potencias da alma, memoria, entendimento, e vontade: porque isso de casar sempre vay na fé dos padrinhos.

Iaref. E quem seria o magano, que tal ley inventou?

arang. Calte, naõ sejas blasfemia; olha, que foy Apollo em despique do rigor de Daphne.

Maref. Bem haja ella; o mefmo fizera eu
por força? Iffo naõ, ainda que feja hu
Sol; e além diffo tenho feito voto
caftidade a Diana, que me impoffibil
ta o cafar, e hey de cumprillo, ma
que me matem.

Carang. Por mim faze o que quizeres, q
ifto naõ he mais que infinuar; que fu
pofto naõ fejas minha proxima, pois
teu carinho vivo apartado, com tud
es criada de Dorida, e tenho dó dos te
poucos annos. Coitadinha, que laftim
tenho de ti! Naõ olhes para mim, q
cada vez que te vejo, fe me parte
coraçaõ.

Maref. Naõ te compadeças de mim.

Carang. Naõ póde fer, que fou muy m
viofo; em apertando os olhos logo ch
ro.

Maref. Iffo vay de ter bom coraçaõ.

Carang. Antes vay de ter bons olhos, q
a mim nunca me chorou o coraçaõ n
corpo, como as crianças na barriga.

Maref. Pois, Senhor Caranguejo, Mare
fia naõ ha de defcer da burra, ainda qu
a leve o diabo.

Carang. Pois eu montarey a cavallo, e ire
dar parte à juftiça; e fómente por def
cargo de minha confciencia te torno
lem

lembrar a rigorosa, severa, e fulminante ley de Apollo, a qual de cabo a rabo he a seguinte *per formalia verba*, *ibi.*

DECIMA.

Toda a mulher, que naõ for
Inclinada ao matrimonio,
Ha de levalla o demonio,
Se a naõ levar o amor:
Trate logo de depôr
Seu tyranno desdenhar;
Porém se naõ abrandar
Seu rigor, deve escolher
Ou casar, por naõ morrer,
Ou morrer, por naõ casar. *Vaise.*

Mares. Ha entaladura semelhante! Naõ sey o que hey de fazer neste caso! Se caso, he matarme; se naõ caso, he morrer: oh que apertado caso! Pois se tudo he morrer, escolherey a morte, que me for mais suave.

Canta Maresia a seguinte

ARIA.

Naõ ha quem me diga
Por esta Cidade
Se devo casar,
Se naõ, ou se sim?
Porém que verdade
Me pódem dizer,

 Se

Se eu hey de morrer
Assim como assim? *Va*

SCENA III.

Bosque. Haverá hum Monte matizado de
res, e ao som de huma Sinfonia de trom
birão sahindo varios monteiros com instrum
tos venatorios, e se verão cruzar o Thea
varios animaes sylvestres, e sahirão enc
trados Cyrene, e Nereo.

Nereo. CYrene, não te empenhes t
to no seguimento dessas fér
nem por hum divertimento aventure
tua vida: espera, e verás, que app
sento nas aras de tua formosura o m
feroz javalí, que occultão estes bosqu

Cyren. Não, Principe; suspende o exc
so de teu valor, que temo em ti a t
gedia de Adonis.

Nereo. Tendo a ventura de morrer nos b
ços desta melhor Venus, ambicioso b
carey a morte.

Cyren. Se me comparas a Venus, já
será fingida essa fineza.

Nereo. Fingida, porque?

Cyren. Porque a formosura per si não
póde obrigar a nenhum excesso, n
s

ſendo animada do Regio ſangue.

ereo. Aſſim he ; mas quando à Mageſtade ſe une a belleza , ſaõ mais venerados os Idolos da formoſura : mais formoſa , ao que parece , he a Lua , mas por ſer taõ baixa a ſua esféra naõ merece tantos elogios de bella , como a minima eſtrella , pelo elevado ſolio , em que ſe oſtenta galharda maravilha dos Ceos.

yren. Viſto iſſo , a naõ ſer eu Princeza , naõ ſeria objecto de teu amor?

ereo. Naõ ſupponhas hum impoſſivel, quando alcanço a fortuna de poſſuirte Princeza , e formoſa.

yren. Pois adverte , (já que me appellidas de Venus) que como Deidade eſtimarey mais os cultos de formoſa , que os tributos de Princeza.

ereo. Para mim naõ ha mais formoſura , que a nobreza , e amando-te como Princeza , te adoro como bella.

yren. Deſſa sórte impoſſibilitas o Hymenêo , que deſejas ; e para o conſeguires , has de imaginarme ſem qualidade de Princeza , aliás . . . .

ereo. Que?

Sahe ElRey.

ey. Que te afflige , Cyrene?

yren. Achar , Senhor , hum eſpoſo , que me

me adora por politica, mas naõ por
fecto.
Quer i
Rey. Eſpera.
Sahe huma féra correndo.
Cyren. Mal poderey, até naõ vingar n
ta féra as offenſas de outra. *Va*
Rey. Que foy iſto, Nereo?
Nereo. Senhor, permitte-me, que ev
em Cyrene algum perigo no ſeguime
to daquella féra. *Va*
Rey. Eſta condiçaõ de Nereo auſtéra, e
vada, e ſoberba, ſem duvida motiv
em Cyrene algum deſgoſto; naõ he
ſim Proteo, cujo genio mais docil h
attractivo dos corações. Feliz Dori
ſerá com tal eſpoſo: mas ella alli ve
Sahe Dorida.
Rey. Dorida, eſtimarey aches alivio
divertimento da caça.
Dorid. Antes me penaliza, por naõ ach
a féra, que buſco.
Rey. Se eſconderia talvez temeroſa do t
valor.
Dorid. Antes pudera eu eſconderme tem
roſa de ſua ferocidade.
Rey. Se a temes, como a buſcas?
Dorid. Para deſenganarme da qualidade d
ſua eſpecie, pois tendo-a viſto vari
vezes, naõ ſey diſtinguir a ſua nature
za.
Re

ey. Declara-me esse enigma ; ou dize-me aonde habita essa féra?

orid. Em Palacio.

ey. Em Palacio que féra póde haver como essa que dizes?

orid. Quem ? Proteo.

ey. Proteo ? Como ? Declara-te, naõ me tenhas confuso.

orid. Proteo, Senhor, cujo genio indomito nem a politica o persuade a ser mais attento, nem a razaõ de esposo o obriga a ser mais amante.

ey. Proteo ? Naõ me persuado.

orid. Vês por ventura aqui a Proteo, ao menos para lisongearme com as assistencias de esposo ? Ao mesmo tempo, que Nereo seguindo a Cyrene, adora os seus vestigios.

ey. Naõ imagines em Proteo menos attençaõ à tua pessoa ; a casualidade de seu desvio nesta occasiaõ naõ seja argumento de seu desamor. Ah se souberas a suave indole de Proteo, verias, que naõ cabem em seu peito as ferocidades, que lhe imaginas!

orid. Ah se souberas, que ainda lhe naõ mereci hum só agrado!

ey. A naõ serem taõ dignas de fé as tuas palavras, as duvidara por incriveis. Proteo,

teo, ou mudou a natureza, ou perd
o juizo; porém, antes que se accum
lem novos incentivos à queixa, na br
vidade do Hymenêo remediarey as d
ordens da mocidade. *à pa*

Sahe Maresia.

M*aref*. Senhores, que huma féra muy f
ra vem correndo atrás de mim! Ay q
ella alli vem! Acudaõ-me todos.

Rey. Seguilla será forçoso. Dorida, ret
ra-te, que cedo darey providencia
teu sentimento. *Vai*

Dorid. Segue-me tu, que os instantes, q
aqui me dilato sem Proteo, saõ cont
nuadas offensas do meu decoro. *Vai*

M*aref*. Tomara-me já daqui cem legoa

Ao querer irse Maresia, lhe sahe ao encon
Caranguejo transformado em porco montez.

C*arang*. Naõ será facil.

M*aref*. Ay de mim, que porco taõ porco

C*arang*. Queira amor, que a faça limpa.

M*aref*. Ay, que o porco me investe! Vay
te daqui, naõ me emporcalhes.

C*arang*. Naõ fujas, que eu sou o ma
aceado porcalhaõ, que tem o Mundo.

M*aref*. Nem alentos tenho para fugir. Se-
nhor porco montez, por vida de seu
bacorinhos, que naõ fuje o seu dent
com o meu sangue.

Carang

arang. Attende primeiro a efta amante porcaria, fenaõ fico entendendo, que te naõ paſſa da garganta efta alporca.

vefle, e cahe Marefia defmayada, e torna Caranguejo na fua fórma.

ares. Ay de mim! Quem me acode, que morri?

arang. Ora eu a fiz como os meus narizes! Defmayou-fe Marefia, fem dizer aqui eftou. O' Marefia, ò rapariga, defacidenta-te, defmorre-te, olha que fou eu Caranguejo, que em efquálida fórma quiz comer a bolota de tua formofura. Mas ay de mim, que ella já eftá fria! Se eftará morta? Mas naõ, que ella mefma he huma neve; porém ella naõ refpira, morta eftá; mas naõ, que importa, que naõ refpire, fe ella he o meu alento? Mas ay, que agora me defengano, que eftá morta de todo, que já me fede o feu defdem! Anda cá para os meus braços, que te quero receber à hora da morte. (*Toma-a nos braços.*) Oh nunca tornes em ti cadaverica Deidade, pois fendo tu a defunta, eu fou o que tenho o jazigo quando te tenho!

lares. Ay de mim!

arang. Meus peccados, que fe vay acabando

bando o prazo, que amor me concede
Maref. Ay Caranguejo, que foy isto?
Carang. Foy isto mesmo.
Maref. Aonde está o porco?
Carang. Aqui torce a porca o rabo.
Maref. Ora dize, aonde está o porco, q
me queria engolir?
Carang. Ainda naõ está fóra de te papar
Maref. Mataste-o?
Carang. Morto está elle ha bem tempo
Maref. E agora donde estou eu?
Carang. Nos meus braços.
Maref. Nos teus braços? Ay de mim de
graçada mulher! Naõ sey se quebrey
voto, que fiz a Diana.
Carang. Taõ videntro he o teu voto, qu
com hum abraço se quebre?
Maref. Sou muy escrupulosa nessa materi
dize, Caranguejo, por tua vida, achas
que quebrey o voto, estando em teu
braços?
Carang. Naõ estou bem certo; deita-t
outra vez nos meus braços, para ve
com mais circunspecçaõ se quebraste
voto.
Maref. Desgraçada de mim! Eu nos bra
ços de hum homem! Que me fará Dia
na, se o souber?
Carang. E quem lho ha de dizer? Eu po
mim livre estás. *Maref*

laref. Antes o javali me emporcalhara, que verme em teus braços.

arang. Para que tanto rigor?

laref. Por naõ querer, que Diana me mate.

arang. Pois porque fugias da féra?

laref. Por naõ perder a vida.

arang. Pois tolla, ſe fugias por querer viver, porque naõ fóges da morte, que te eſpera no ſacrificio de Venus, pela rebeldia do teu deſdem?

laref. Porque aſſim como es de ſegredo, para naõ dizeres a Diana, que eſtive em teus braços, tambem o ſerás para naõ contares a Venus, que ſou deſdenhoſa.

arang. A Diana poderey ſer desleal, mas naõ a Venus, que ſou ſeu ſacerdotiſo; e aſſim, Mareſia, deixa-te deſſas loucuras; trata de buſcar marido, naõ queiras experimentar o rigoroſo golpe do ſacrificio.

laref. Pois tu, que es o verdugo, naõ has de ter dó de me matar?

arang. Dó terey, mas ha de ſer depois da tua morte. Mareſia, naõ zombemos, olha, que ſe te naõ reſolves, que eu meſmo hey de ſer o beleguim, que te leve às aras de Venus.

laref. Que tens tu, que eu morra?

Carang.

Carang. Porque quem te avisa, bem quer.

Canta Caranguejo a seguinte

ARIA.

Quando vires o duro cutello
Na tua garganta luzente vibrar,
Me dirás: basta, basta, eu me caso;
Porém sem remedio, que entaõ grogotó.
Busca amante o ditoso conjugio,
E dize a Diana, que vá bugiar,
E antes te aperte o nó do Hymenêo,
Do que na garganta te aperte outro nó

Vais

Maref. Oh desgraçada Maresia! Para ist vim eu cá acompanhando a Dorida? Na me fora melhor ser no mar alimento d hum tubaraõ, que ser em terra despoj de Caranguejo? Oh voto, quem nunc te fizera! Mas que digo? Ainda qu morra, naõ hey de casar. *Vaise*

Sahe Cyrene.

Cyren. Que loucura será esta, com qu andaõ estes criados, pois antes querem a morte do que casar? Porém para a fadiga da caça parece, que este virente monte, a quem a Aurora bordou de perolas, e Abril de flores, me está persuadindo com vegetantes linguas, que nelle descance, em quanto naõ chega a comitiva. *Sen-*

Senta-se, e reclina-se no monte.

Oh deliciosa habitaçaõ dos bosques, ditosa quem logra a tranquilidade de tua delicia, onde mais segura vive a innocencia nas pelles dos pastores, que nas purpuras dos Principes!

aise insensivelmente desfazendo o monte, em que estava Proteo transformado, em cujos braços fica Cyrene reclinada como de antes, sem ver a Proteo.

Aqui as settas do amor, tendo mais por onde voar, naõ ferem com tanta violencia.

roteo. Te enganas!, Cyrene, pois até este monte se sente abrazar em amorosas chammas.

yren. Quem he, o que me responde?

Levantaõ-se.

roteo. Quem eternamente fora monte, a naõ ficar em duvida, se as penhas sabem amar.

yren. Proteo, que arrojo he este? Mas aonde está o monte adonde me recliney?

roteo. Naõ te admires, que desappareça hum monte de flores, quando em seu lugar estás vendo hum vesuvio de fogo, donde se fraguaõ, naõ as armas de Marte, mar sim as settas de Cupido.

Cyren.

Cyren. Ainda naõ poſſo comprehender
teu inſulto.

Proteo. Qual he o amor, que naõ te
por azas o atrevimento? Se amor ſe co
tivera ſó na extenſaõ de ſeus limite
naõ ſeria exceſſivo; remontarſe à esfé
do Empyreo he timbre de ſeu poder;
aſſim naõ me crimines, Cyrene, qu
violando as leys do decóro, da politic
e do ſangue, rompa o meu amor neſt
exceſſos, que o ſobrenatural affecto, qu
em ti me arrebata, póde deſculpar
meu arrojo, e contraſtar a tua iſençaõ

Cyren. Louco Principe, que intentas co
teus extremos?

Proteo. Amarte.

Cyren. Para que, ſe ſabes, que naõ poſſ
correſponderte?

Proteo. Para quererte naõ neceſſito da tu
correſpondencia; que ſeria menos pur
a chamma de meu amor, ſe para arde
neceſſitaſſe de teus favores.

Cyren. Pois ſe amas independente, para qu
me buſcas amante?

Proteo. Para que naõ ignores o meu ſacri
ficio.

Cyren. E que importava deixar de o ſaber

Proteo. Seria uſurparte a gloria deſſe tri
unfo, occultando-te o deſpojo da vitoria

Cyren

ren. Visto isso, como estás satisfeito, fica-te embora.

oteo. Espera.

ren. Que mais queres, se satisfeito estás?

oteo. Que te lembres de meu amor.

ren. Para que, se naõ hey de premiarte?

oteo. Por naõ ser preciso tornarte a significar o quanto te adoro.

ren. Por evitar esta occasiaõ, só por isso me lembrarey.

oteo. Adverte, que se te disse, que naõ esperava favores, naõ he justo, que experimente desprezos.

ren. Naõ sey, que meyo haja entre amar, e aborrecer.

oteo. Huma inclinaçaõ, que nem he amor, nem deixa de o ser.

ren. Mas poderá ser amor.

oteo. Se o for, será benignidade tua, mas naõ que eu o espere.

ren. Oh, que se esta chamma ardesse em Nereo, sem sustos conseguiria a coroa!

nta Proteo o Recitado, que se segue, e depois cantaõ os dous a Aria a duo.

RECITADO.

lliffimo prodigio, amado encanto,
te eu dissera o quanto
amente te adoro,
garas fabulosa a realidade,

Com

Com que me abrazo amante
Maripofa de amor neffes teus olhos,
Que animadas eftrellas
Nortes luzidos faõ de hum peregrino,
Que em votivos ardores
Offerece lacrimofo em teus altares
Dous liquidos incendios em dous mares

ARIA A DUO.

Proteo. Se acafo te efqueceres
Das lagrimas, que choro,
A fé, com que te adoro,
Lembrarte faberá.

Cyren. Naõ cabe na memoria
Teu louco defvario,
Pois de teu pranto o rio
Do Averno fó ferá.

Proteo. Ah, lembra-te de mim,
Que terno te adorey.

Cyren. Efquece-te de mim,
Que tua naõ ferey.

Proteo. Mal poderey efquecerme,

Cyren. Mal poderey lembrarme,

Ambos. De taõ violento ardor.

Proteo. Porque tanta impiedade,
Cyrene infiel, porque?

Cyren. Porque faltar naõ devo
De efpofa à facra fé.

Ambos. Oh falte o meu alento,
Mas naõ o meu amor.

Fim do primeiro Acto.

ACTO II.

SCENA I.

Sala. Sahe ElRey, e Polibio.

ey. JA que as Princezas vivem eſtimuladas das deſattenções de Nereo, e Proteo, abreviar as nupcias ſerá o unico remedio, para que ceſſe o ſeu eſtimulo. Polibio, tenho determinado, que hoje ſe conclua o regio Hymenêo de meus filhos: eſpero da tua diligencia, que no exterîor apparato conheçaõ as Princezas a eſtimaçaõ, que dellas faço.

lib. A teus pés proſtrado, Senhor, te rendo as graças por taõ grande mercê, pois tambem me competem as glorias deſte dia.

ey. A ti, porque?

lib. Por ter a fortuna de ver coroada a Cyrene, já que tive a dita de ſer ſeu conductor.

ey. Com iſto ſe atalharáõ as deſordens dos Principes; que a dilaçaõ às vezes he cauſa de grandes ruínas.

Polib. Acertos ſaõ da tua prudencia : n
brevidade conſiſte a minha fortuna.

à part. Vai

Sahe Dorida.

Dorid. Voſſa Mageſtade, Senhor, me pe
mitta a licença de embarcarme para Eg
do na armada, que me trouxe infauſt
mente a Flegra, porque ſe naõ augme
te mayor injuria a minha peſſoa; p
quem antes de ſer eſpoſo me deſeſtim
que poſſo eſperar depois, quando as f
culdades de marido ignorarem totalme
te os eſtylos do carinho?

Rey. Dorida, a eſſa deſconfiança brev
mente ſatisfarey; e adverte, que Prot
he meu filho, e naõ faltará às obrig
çóes de ſeu ſangue.

Sahe Cyrene.

Cyren. Senhor, como no Principe Nere
naõ buſco honras, nem eſtados, p
eſtes, e aquellas me deu a fortuna, e
natureza, ainda que feudataria a teu va
to imperio; e como na doce uniaõ
Hymenêo deve ſó reger a vontade as le
do amor, e naõ as da razaõ de eſtad
e em Nereo tudo ſaõ politicas no ſ
amor; digo, Senhor, que quero ir
para Beocia, por naõ ſoffrer o meu g
nio, que haja de ſe amar em mim, ou

po ſt

posteridade, ou a ascendencia, ficando vacilante na divisaõ do culto a independencia do amor.

ey. Rigorosos Deoses, como assim ides trocando em pezares as minhas bem fundadas esperanças? Princezas, essas desconfianças saõ demasiados escrupulos de huma fantasia indiscreta. Em Dorida a queixa he mais bem fundada; mas em ti, Cyrene, he sem fundamento o estimulo; pois naõ posso comprehender essa metafizica de amor. Em fim, Senhoras, porque naõ suspeite o Mundo nesses regressos mayor causa do que essa, hoje se completará esse Hymenêo, e entaõ vereis desvanecidos os vossos temores.

Dorida, e Cyrene com o lenço nos olhos.

orid. Já naõ ha tempo de esperar esse desengano; e quando naõ me permittas licença, nas correntes de meu pranto navegarey para Egnido.

ren. E eu voarey para Beocia nas azas de minhas penas.

y. Haverá quem possa resistir a tantos martyrios!

Canta ElRey a seguinte

A R I A.

Refrea o pranto, Dorida,
Cyrene, naõ lamentes,
Naõ mais, naõ me atormentes,
Que póde ser que troques
As magoas em prazer.
Desterra o medo panico, *Para Cyre*
Alenta no receyo, *Para Dor*
Alenta, pois, que creyo,
Que contra o meu imperio
O mal naõ tem poder. *Vai*

Cyren. E que desgraça foy a nossa, Dorid
ou para melhor dizer a minha, pois t
nho hum esposo, que adora mais os me
progenitores, do que a mim; porq
tudo he encarecerme a minha ascende
cia, amando mais o passado, do que
presente!

Dorid. Pois eu, Cyrene, em nenhum ter
po sou amada; vê tu qual he mayor i
felicidade?

Cyren. Em Proteo será respeito esse desvi
pois me consta he extremoso amante.

Dorid. Sabes mais, do que eu.

abem Caranguejo , e Maresia , cada hum por sua parte , sem verem as Princezas , como fallando só comsigo.

Maref. Por mais que me matem , naõ hey de casar.

arang. Naõ hey de casar , ainda que me matem.

orid. Ha loucura semelhante ! O peyor he que esta criada está com o mesmo delirio ! Maresia , que tens ? Comunicoute esse simplez a tua loucura ?

arang. Aqui se descobre a patranha. *áp.*

Maref. Minha Senhora , quero embarcarme para a minha terra ; porque nesta , ou hey de morrer , ou hey de casar ; e eu nem quero casar , nem morrer.

orid. Ainda mais essa pena tenho , que sentir , vendo-te nesse estado ! Está tambem louca confirmada ! Que te parece , Cyrene ?

yren. Será força de astro , que influa neste hemisferio.

Maref. Senhora , eu me quero embarcar por naõ morrer.

orid. Ha caso igual !

arang. Senhoras , digaõ-lhe que sim , que se lhe contradizem , he capaz de se matar.

Maref. De sórte que eu fiz voto de castidade

dade a Diana; e assim . . . .
Carang. Sim, sim, o que tu quizeres.
Mares. Naõ me deixarás, Caranguejo?
Carang. Muy doidinha estás! Vay-te dah
naõ vês, que estás diante das pesso
Reaes?
Mares. Pois eu aqui naõ hey de dar a os
da, isso naõ. *Vai*
Cyren. E a ti louco, quem te ha de repr
hender?
Carang. Eu louco? He muy boa casta
louco este! Louco seria eu, se por am
de meu irmaõ me casasse contra vont
de: isso naõ; ainda que meu pay r
lançasse a maldiçaõ com a maõ dir
ta.
Dorid. Calte, nescio, que te aborreço.
Cyren. Muito se declara o fingido simple
à part. Quem he teu amo?
Carang. Eu sou huma virgula delRey Po
to, e quando estamos juntos fazem
ponto, e virgula.
Dorid. Cyrene, diverte-te com o louco
que eu vou sentir meus males. *Vai*
Cyren. Anda cá, fingido; cuidas, que na
penetro as tuas simuladas frazes?
Carang. Isso mesmo he o que eu queria.
Cyren. Quem taõ atrevidamente te indu
triou?

Caran

rang. Hum louco de amor.
ren. Quem he esse louco?
rang. He cá huma creatura, que por mais que lhe disse, Senhor Proteo, veja que a Senhora Cyrene, que assim se falla em ausencia, he esposa de seu irmaõ Nereo, e que naõ póde casar com ella; porque ainda que queiraõ os contrahentes, haõ de haver grandes impedimentos: mas elle, afferrando os dentes, bateu o pé na casa, e pondo a maõ no peito disse: ou Cyrene ha de ser minha, ou eu naõ hey de ser eu.
yren. Com que Proteo, concebeo taõ atrevido pensamento?
arang. Naõ Senhora, naõ foy Proteo, foy cá huma creatura.
yren. Adverte que a naõ querer fazer publica essa temeridade, experimentarias o castigo de teu arrojo. Vay-te daqui insolente, antes que a colera domine a prudencia.
arang. Tudo isso lhe disse eu: parece que adevinhava, pois lhe disse: olhe creatura, que a Senhora Cyrene se ha de enfadar: vay a creatura, e dizme: Bom remedio, quando vires, que se agasta, dize, que estás louco: com que, Senhora, naõ faça caso, do que diz hum lou-

louco; e assim tornando ao meu luci
intervallo, digo, que naõ hey de casa
ainda que me matem. *Vai*
Cyren. Quem se vio em mayor enley
Mas já que a ambiçaõ de meu pay f
bricou este engano, porque naõ quize
tes, injustos fados, que viesse destin
da esposa de Proteo, no qual a cegue
ra de seu amor naõ distinguiria qualid
des para amar, como em Nereo, que ..
Sahe Nereo.
Nereo. Venturoso Nereo, que ouvio pr
nunciar o seu nome nesse vivo Oracu
de Venus!
Cyren. Ay de mim! Se me ouviria? N
ouviste mais, que o teu nome?
Nereo. Essa foy a ultima clausula, que
ouvi.
Cyren. Bem estou. *à p.* Pois se naõ ouvis
mais, ouve agora, o que naõ ouviste.
Sahe Proteo ao bastidor.
Proteo. Buscando venho o prodigio, q
adoro: mas com Nereo está; ay infeliz
Nereo. Naõ dilates o venturoso discur
de quem foy assumpto à minha felicida
de.
Cyren. Dizia, pois: que seja possivel, qu
naõ encontre em Nereo hum verdade
ro amor, que deslustre o luzido da su
chamm

chamma com os fumos da politica! Que ame em mim mais o ſangue do que as veas! Que venere o pincel, e naõ eſtime a copia! Oh que indigno amor! Iſto dizia, Nereo; e ſe queres deſtruir eſte conceito, muda o ſyſtema do teu amor.

Nereo. Eſſa diviſaõ, que intentas fazer da formoſura, e da qualidade, he impraticavel na minha idéa; e ſenaõ dize-me: ſeria decente, que para eſpoſa minha eſcolheſſe outro ſujeito, menos que huma Princeza?

Cyren. Ay de mim! *à part.*

Nereo. Reſponde.

Cyren. Aſſim he.

Nereo. Reſponde-me mais: ſeria licito, que inflammado em huma vulgar formoſura, abateſſe o eſplendor da Mageſtade, antepondo o meu ardor ao meu decoro? Como ſe conſervaria a nobreza, ſe ſó o amor foſſe o director dos Hymeneos? Em fim, Cyrene, naõ imagines, que deſeſtimo a tua formoſura, por eſtimar a tua grandeza; que quando as adoro unidas, naõ ſey diſtinguir a cauſa de meu amor.

Proteo. Que ouça iſto, e que viva!

Cyren. O amor, Nereo, deve ſer diſtincto,

cto, e naõ indifferente; que quanto m
yor he a causa, donde se origina, tan
mais efficaz he o seu effeito: a qualid
de póde infundir venerações, mas na
amor; a formosura he aquelle vincu
mais forte, que prende a vontade;
como só a chamma do amor ha de ard
na sacra tea de Hymeneo, faltando-te
occasiaõ desse amor, naõ será luzido
teu Hymeneo.

Proteo. Notavel capricho de Cyrene!

Nereo. Ensina-me a fazer essa differença
para saber no que erra o meu amor.

Cyren. Has de imaginarme, naõ Princeza
porém huma particular formosura,
quem só como amante tributes adora-
ções.

Nereo. E para que he essa differença?

Cyren. Porque se algum dia perturbarem
os fados esta prosperidade, que goza-
mos; arruinado o throno, quebrado
sceptro, e murcho o laurel, naõ m
desestimes, porque já naõ sou Prince-
za.

Nereo. Quando tal aconteça, contentar-
me-hey, com que tenhas sido Princeza
e porque te naõ canses com máis expli-
cações de amor, este he o ultimo des
engano, que te dou.

Can

nta Nereo a Aria, que ſe ſegue, e o ſeguinte

RECITADO.

eixa, Cyrene, deixa eſſe exquiſito
ovo modo de amar, que em meus ardores
aõ diſtingo outro modo de quererte
eſte extremo de amarte,
lais que hum puro adorarte,
om taõ cega violencia,
ue confundo em meu peito o requiſito,
ue em enigmas propoens a meus ſentidos,
ois que eſſa formoſura me perſuade
ue belleza naõ ha ſem Mageſtade.

ARIA.

Se em Mayo oſtenta a roſa
Os timbres de formoſa,
Naõ deve à formoſura
As glorias de Princeza,
Que a Purpura, que veſte,
Lhe deu a inveſtidura
De bella Imperatriz.
Pois ſó, ſe na belleza
Amor ſe vinculára,
Que cedo ſe acabara
Do tempo nos eſtragos
A pompa dos Abrís. *Vaiſe.*

Sahe Proteo.

Proteo. Acaſo, belliſſima Cyrene, vive ainda na tua memoria aquelle efficaz extremo de meu amor?

Cyren.

Cyren. Naõ me lembres tanto, que às ve-
zes o muito lembrar faz eſquecer.
Proteo. Pois nem queres, que te lembre
minha conſtancia?
Cyren. Para que, ſe me naõ eſquece? Que
mais queres?
Proteo. Nada mais; eu me retiro. *Quer ir*
Cyren. Ouves? Naõ tornes mais a lembra-
me. *Faz que ſe va*
Proteo. Adverte, que te naõ has de eſque-
cer.
Cyren. De que?
Proteo. Que deſejara, ſe poſſivel foſſe, na
ſeres quem es.
Cyren. Para que?
Proteo. Para amarte independente da tu
grandeza, pois baſtava para fazerme fe-
liz, poſſuir a tua belleza em qualque
eſtado da fortuna.
Cyren. Que ouço? Apurarey a ſua fineza
à part. Naõ vês, que naõ eſtaria bem a
teu caracter menos eſpoſa, que huma
Princeza?
Proteo. Em hum Principe ſem amor aſſim
he; mas quando ſe ſente abrazar o co-
raçaõ na formoſura, rompem-ſe as leys
da politica, e ſe promulgaõ as de Cupi-
do.
Cyren. Pois a naõ ſer eu quem ſou, me
ado-

adoraras com o meſmo extremo?

roteo. Eu naõ adoro em ti mais, que a belleza, de cujo peregrino imperio ambicioſo dera, pelo conſeguir, quanto poſſuo: ainda he pouco, dera a liberdade: nada encareço, dera a meſma vida, ſe tudo já naõ tivera conſagrado em os tyrannos altares de teu rigor.

yren. Como ſabes ſer impoſſivel deixar de ſer quem ſou, por iſſo affectas eſſa fineza.

roteo. O' Cyrene, pelos Deoſes do imperio do mar, e do abyſmo te juro, que as expreſsões, que me ouves, naõ ſaõ fantaſticas, ſenaõ verdadeiros effeitos de meu amor.

yren. Baſta, Principe, que iſſo he mais, que lembrarme o teu querer.

Proteo. He lembrarte com as circunſtancias, com que te adoro.

yren. Mas já ſabes, que ſem a eſperança do premio.

Proteo. Baſta-me naõ viver ignorado na tua idéa, por naõ haver premio, que correſponda a meu amor, nem merecimento, que contraſte a tua iſençaõ.

SO-

SONETO.

Naõ intento favores merecerte,
Cyrene, quando chego a idolatrarte,
Que excedendo os limites só de amarte,
Nunca os principios toco de quererte:
Com razaõ poderias offenderte,
Se ambicioso chegara a desejarte,
Que para ser mais fino no adorarte,
Sem premio o sacrificio hey de incender
Amar, naõ he querer, que impura ard
A chamma de Cupido, se esperara
Frutos, adonde tudo he Primavera;
E se acaso, ò Cyrene, imaginara,
Que na tua belleza premio houvera,
Pelo premio a belleza desprezara. *Vai*

Cyren. Se direy a Proteo quem sou, pa
estabelecer melhor a minha fortuna? M
como, se Dorida, e Nereo embarac
a minha prosperidade? Em Nereo vaci
a Coroa; em Proteo tenho constan
Sceptro: oh desgraçada Cyrene! A t
felicidade te faz mais infeliz.

Sahe Polibio.

Polib. Chegou o venturoso dia, em que
haõ de coroar as nossas esperanças co
o diadema da posse; pois ordenou ElRe
que hoje se concluaõ os hymeneos d
Principes.

yren. Mas, Senhor, naõ te lembraõ as palavras de Nereo?

olib. Nem tudo o que ſe diz, ſe executa.

yren. E ſe o executar?

olib. E que remedio, ſenaõ obedecer aos fados? Que ſe todos os ſucceſſos ſe premeditaſſem, nenhuma acçaõ extraordinaria ſe intentaria. Vamos, que na brevidade conſiſte muita parte da noſſa fortuna.

yren. Eſpera, Senhor, que póde ſer, que ſem ſuſtos a conſigamos.

olib. Dize.

yren. Proteo me adora taõ exceſſivamente, que chegou a publicar entre varias expreſsões do ſeu amor, que ainda a naõ ſer eu Princeza, como ſuppoem, me faria eſpoſa ſua, e revalidou com taes juramentos, que me fez perſuadir a ſua realidade.

olib. Saberá acaſo, que tu es minha filha?

yren. Naõ Senhor: e pareciame, que ſe pudeſſe eu ſer de Proteo, e . . .

olib. Calate, naõ pronuncies tal, que para iſſo aſſim ſer, dependia do conſentimento delRey, da vontade de Nereo, e do beneplacito de Dorida; quanto mais, que pretexto decoroſo para iſſo poderia haver?

haver? Sigamos o premeditado deſigni
que os Deoſes nos ſeraõ propicios. *Va*
Cyren. Já nem eſperanças tenho de ſer
liz, pois vejo fruſtrados todos os meyo
que podiaõ fazerme ditoſa.

Canta Cyrene a ſeguinte

A R I A.

Miſera já naõ poſſo
Fugir à crueldade,
Se hum pay me perſuade
Que ſiga o vil deſtino
De hum barbaro furor.

Pareceme, que vejo
Nos braços de Nereo
A morte por trofeo
Do ſeu cruel amor. *Vai*

S C E N A II.

Gabinete adornado de cadeiras, e hum Relogi
e ſahe Mareſia.

Mareſ. SE Dorida me naõ manda para
minha terra, ſou capaz de m
enforcar pelas minhas mãos; pois ante
quero ſer eu a carraſca de mim meſma
que dar eſſe goſto a Caranguejo. Mas a
de mim, que me naõ poſſo ter em pé
que de continuo conſiderar na materia

cay

cayo com vertiges! Ay, ay, que tenho o miolo fofo! Se me naõ ſento, cayo de narizes. Que ſeria de mim, ſe naõ fora o balſamo apopletico, que me corrobora o celebro?

ſſenta-ſe em huma cadeira, que ſubitamente ſe transforma em Caranguejo, em quem ficará aſſentada Mareſia, cuidando, que eſtá na cadeira.

rang. Já que Mareſia eſtá de aſſento, verey ſe poſſo ſurrepticiamente aproveitarme de ſeus culatraes favores, já que taõ atrazado eſtou no ſeu amor.

areſ. Se naõ fora eſte voto de caſtidade, que me dera a mim de caſar?

rang. Agora, que amor navega vento em popa, verey quanto peza eſte Indiaco planeta.

areſ. Se eu tivera a certeza, que Diana ſe naõ havia enfadar, já me caſara rebolindo: mas eu peccadora, como o hey de ſaber? Bem podia Diana, vendo a barafunda, em que me acho, naõ digo cara a cara, mas dizerme ao ouvido o que neſte caſo devo obrar.

rang. Caſar.

areſ. Que ouço! Ditoſa orelha, que tal ouviſte! Logo poſſo ſem offenderte caſar?

Carang. Até rebentar.
Maref. Bem : vifto iffo o voto naõ val
nada ?
Carang. Nada.
Maref. E a promeffa val de pouco ?
Carang. Como hum coco.
Maref. Naõ tenho mais, que ouvir : v
me depreffa a dar ordem a namorar
para cafar, antes que Diana fe arrep
da.
Quer levantarfe, e a detem Caranguejo
Carang. Sufpenda.
Maref. Quem me agarra ?
Carang. A minha garra.
Maref. Es tu Caranguejo ? Ha mayor
folencia ! Eu affentada em ti ! Como
ifto ?
Carang. Eu o naõ direy : o que fey
que eftando affentado em hum tambo
te, viefte tu, e te fentafte nas min
cadeiras.
Maref. Tal eftava com as vertiges,
naõ reparey donde me affentava : e
porque te naõ defviafte ?
Carang. Eftava dormindo, e naõ te fen
Maref. Por iffo eu dizia comigo : valha
Deos, que duro he efte affento !
Carang. Por iffo eu tambem dizia : valha
amor, que molle he efta affentada !
lo

logo aſſentey comigo fazer diſſo hum aſſento no canhenho de minha memoria.

Caref. Ouvirias tambem o que eu ouvi?

Carang. Que ouviſte tu?

Caref. Naõ, dize tu primeiro.

Carang. Naõ quero, dize tu.

Caref. Eu naõ hey de dizer, ſem tu dizeres.

Carang. Com que eſtamos aqui dize tu, direy eu? O que eu ouvi foy huma voz, ou hum ecco ſuſſurante, que dizia azar, azar.

Caref. Caſar, he, que dizia.

Carang. Caſar diria, ainda que eu naõ ouvi mais, do que azar; porém caſar, e azar tudo he o meſmo.

Caref. Já ſey, que naõ foy fantaſia, nem me enganey no que ouvi.

Carang. Pois que era?

Caref. Naõ era nada: que te importa?

Carang. A mim, dous caracoes; nunca tive genio de inqueredor; o que me importa ſaber he, ſe ainda eſtás com eſtomago de ſer ſacrificada, que o tempo ſe vay acabando, e Venus já me perguntou: eſta moça caſa, ou naõ caſa? E eu fiz, que a naõ ouvia, por ouvirte o ultimo deſengano: pois que dizes?

Caref. Senhor Caranguejo, eu já eſtou reſoluta a caſar.

Carang. Eu ſempre diſſe, que tu mor
por caſar.

Mareſ. Quero caſar, que hey de fazer?

Carang. Que dizes, minha Mareſia?
cá hum abraço em alviçaras deſſa
nova.

Mareſ. Abraço? Huma balla.

Carang. Que deſaballado rigor!

Mareſ. Quero, que Venus me deva eſſa
neza.

Carang. Ella te agradecerá; porém ag
he neceſſario eſcolher marido logo, e

Mareſ. Ahi com tanta preſſa! Hey de
colher muito de meu vagar.

Carang. Qual vagar? Venus he muy e
cutiva, que ſe todas diſſeſſem, ai
naõ eſcolhi marido, com eſſe prete
nunca caſariaõ: naõ Senhora, eſcol
logo, ou psra melhor dizer, naõ eſ
lher, ſenaõ fechar os olhos, e caſar,
ja com quem for.

Mareſ. Iſſo agora he mais apertado.

Carang. Naõ tem remedio.

Mareſ. Com quem hey de caſar, ſenaõ c
nheço ninguem?

Carang. Lança os olhos por eſta caſa;
vê, ſe achas aqui, com quem te emp
gues.

Mareſ. Aqui, fóra elle, naõ eſtá ningue

Cara

rang. Pois casa com esse elle.
aref. Que? Comtigo!
rang. Comtigo naõ, comigo.
aref. Pois hey de casar comigo.
rang. Naõ, com eu.
aref. Ora isso he o que me faltava; antes morrer, que casar comtigo.
rang. Pois eu sou mais feyo, do que a morte?
aref. Sim, que pódes ser morte da morte.
rang. Naõ me mortifiques com esse elogio funebre.
aref. Era o que me faltava.
rang. Talvez que te falte, quando me buscares.
aref. Se for para isso, nunca tu appareças.

Canta Maresia a seguinte

A R I A.

Naõ vem o meu noivo
Como he galantinho?
Com esse fucinho
Queria mulher?
Que tolo, q́ simples, q̃ necio he vossê?
Bem sey naõ mereço
Taõ lindos amores;
Porém taes favores
Os lanço de mim co-a ponta do pé.

Vaise. *Carang.*

Carang. Ora, Senhores, digaõ o que q
zerem; a tal Mareſia ſe naõ ſedera,
huma galante mocetona; porque ai
que me naõ quer, diſſeme quanto qu

Sahe Cyrene.

Cyren. Louco, que fazes ahi?

Carang. Eſtava vendo eſte relogio, que
huma galante peſſa; e me diſſeraõ, q
dava horas por minuetes, que pare
gente, que canta.

Cyren. Começa com as tuas loucuras.

Carang. Naõ Senhora, agora naõ tenho
relogio deſconcertado: mas eſpere, q
elle começa a dar horas.

Canta Proteo o ſeguinte

MINUETE.

Toda a minha alma
Se abraza amante,
E a cada inſtante
Morrendo eſtá.
Mais que os minutos
Saõ meus ardores,
Nos teus rigores
Conta naõ ha.
Mas ay, tyrana,
Se a quem te adora
Foſſe eſta hora
Hora de amar!

Cyren.

yren. Isto he mais, que artificio humano! Confusa estou!

arang. Estou vendo, que ha de vir tempo, em que os relogios comaõ, e casem, e tenhaõ filhos.

yren. Quem me dera, que tornasse a repetir esta suavissima consonancia.

arang. O relogio he de repetiçaõ; se o quer tornar a ouvir, toque-lhe naquelle ferrinho, e verá.

yren. Tu, parece, que sabes o segredo deste relogio.

arang. Sim, Senhora, o segredo deste relogio só eu, e elle o sabemos.

yren. Pois faze, com que repita.

arang. Para que? Toque Vossa Alteza mesmo com o seu altissimo dedo; que tem mais galantaria a maõ de huma Senhora no mostrador de hum relogio.

yren. Pois eu toco. Mas ay de mim! Proteo, como assim . . . . .

oca Cyrene no relogio, e este se transfórma em Proteo.

roteo. Naõ te admire, Cyrene, que busque o meu amor artificios, para communicarte; que donde naõ vence a força dos carinhos, vençaõ as subtilezas da industria. Tu sabes o quanto te adoro; naõ ignoras o extremo, com que te idolatro;

latro; e quantos mais impossiveis enco
tro para possuirte, mais incentivos m
arrastaõ para quererte.

Cyren. Principe, o teu amor, ou o teu d
lirio naõ póde ter recompensa: naõ s
bes, que estou destinada esposa de te
irmaõ, e que estás eleito consorte de D
rida? Como poderá huma paixaõ ceg
vencer tantos impossiveis, e difficuld
des?

Proteo. Logo se as naõ houvera, consegu
ria a tua belleza?

Cyren. Para que, se tu amas independen
do premio?

Carang. Se dá corda ao relogio, naõ par
rá hum instante. *à par*

Proteo. Ainda que ame sem esperança, na
desmereço o premio.

Cyren. Isso mesmo he esperar o premio d
merecimento.

Proteo. Naõ, que bem posso merecer se
esperar.

Carang. Se espero que isto se acabe, te
nho bem que esperar, *à parte, e vais*

Proteo. Só huma supplica te faço.

Cyren. E he?

Proteo. Que naõ busques os braços de te
esposo, que naõ seraõ taõ firmes, com
os meus.

Sab

Sahe Polibio ao baſtidor.

lib. Que vejo! Cyrene, e Proteo! Obſervarey o que dizem.

ren. Naõ ſey ſe me declare com Proteo, que aquella fineza naõ he para deſprezar. *à part.*

oteo. Que te ſuſpendeo, Cyrene? Imaginas nos obſtaculos, que propozeſte? Pois ſabe, que tenho no mar poder, e no peito fogo para conſumir a mais forte oppoſiçaõ.

ren. Ay, Proteo, quem pudera experimentar a tua conſtancia! Mas temo declararte . . . .

lib. Ay de mim, que Cyrene ſe declara!

oteo. Naõ recees, que deſeſtime a occaſiaõ de poſſuir eſſa ventura, que me negas tyranna.

ren. Promettes, Proteo? Ay de mim! Naõ ſey o que digo! Se acaſo ſouberes... Que enleyo me embaraça?

lib. Eſtou perdido, ſe lhe declara o ſegredo!

oteo. Que receas? Naõ ſabes o meu amor?

ren. Pois, Proteo, já que o teu extremo me ſegura o receyo, ſaberás que eu....

Sahe

Sahe Polibio.

Polib. Eu lho eſtorvarey. *à part.* Senhor ElRey ordena, que venhas já, para q ſe effeitue hoje o Hymeneo.

Cyren. Ay de mim!

Proteo. Hoje meſmo?

Polib. He vontade delRey.

Proteo. Naõ póde haver dilaçaõ?

Polib. Nenhuma: vem, Senhora.

Proteo. Eſpera, Polibio, que celeridade l eſſa?

Polib. He obedecer aos imperios do Sob rano.

Proteo. Obedece, mas naõ excedas; q iſſo mais parece violencia, que obedie cia.

Polib. Mais val o exceſſo em hum vaſſallo que a deſobediencia em hum filho.

Proteo. Tu me reprehendes, barbaro, f raſteiro? Naõ te lembra, que vieſte c Beocia a mendigar favores em Flegr Se naõ fora.....

Cyren. Senhor, Polibio nos ſeus annos te a deſculpa de ſeu exceſſo.

Polib. Senhor, como ElRey manda, qu naõ vá ſem a Princeza, todo o exceſſ he louvavel. Senhora, naõ te dilates.

Cyren. Principe, he força obedecer.

Proteo. Pois vás com effeito ao Hymeneo

Polil

lib. Infallivelmente.

roteo. Naõ te pergunto a ti; com Cyrene fallo.

lib. Pois eu por ella respondo, que deixar de ir será impossivel.

roteo. E eu tambem por ella respondo, que ir naõ póde.

lib. Eu sem ella naõ hey de ir.

roteo. E eu mando, que vás sem ella.

lib. Cyrene naõ he Dorida.

roteo. E eu sou Proteo, que huma vez empenhado em impedirte, que leves a Cyrene, o naõ has de conseguir.

ren. Principe, que te perdes! Polibio, que fazes?

lib. Obedecer a ElRey.

yren. Principe, a Deos; vou sem alma! *à part.*

roteo. Espera. Ay de mim, que a vida, e o coraçaõ me levas! *à part.*

lib. Venha vossa Alteza, que assim importa.

roteo. Pois barbaro instrumento de minha morte, roubarey a tua vida, em recompensa da que me levas.

uxa Proteo hum punhal contra Polibio, e fere a Cyrene; que se mete de permeyo, e cahe desmayada.

olib. Que intentas?

Cyren.

Cyren. Sufpende, Senhor : mas ay que t
feriste, e o fangue..... ay de mim !
Proteo. Que vejo ! Cyrene (ay infeliz !
enfanguentada ! Ah cruel, que tu fof
a caufa....
Polib. A tua imprudencia ....Ha torme
to igual! Senhora? Cyrene?
Proteo. O fangue he copiofo. Mas eu v
vo, e Cyrene defmayada ! Eu me tir
rey a vida para caftigo de meu innocen
te delicto : morre, infeliz Proteo.
Ao querer ferirse Proteo, Polibio o detem, ti rando-lhe o punhal, e fica com elle na maõ.
Polib. Senhor, que fazes ? Naõ fejas ho
micida de ti mefmo.
Proteo. De que me ferve a vida, vend
fem vida a Cyrene?
Polib. Larga o punhal; naõ te mates.
Proteo. Naõ he neceffario mais inftrumen
to para a minha morte, que a minha pe
na. *Vaife*
Sahem ElRey, Nereo, Dorida, e Marefia.
Rey. Que exceffo he efte?
Nereo. Ay de mim ! Cyrene enfanguen-
tada !
Dorid. Sem alentos Cyrene!
Rey. Que foy ifto, Polibio?
Polib. Quem fe vio em mayor afflicçaõ
à part.
Rey.

ey. Emmudeces? Naõ refpondes?

ereo. Queres mais repofta, que aquelle punhal, e aquelle fangue?

ey. Retirem a Princeza, e cuide-fe exactamente na fua faude.

aref. Vamos: coitadinha! Ainda affim o fangue real he vermelho como os outros fangues. *Leva a Cyrene.*

ey. Dize, infame, temerario, que efpirito facrilego animou effe braço para tantò infulto?

ereo. Naõ perguntes, caftiga fem dilaçaõ.

olib. Senhor, que direy? Efte braço naõ fe armou contra Cyrene, porque.....

ey. Pois quem, fe effe punhal te contradiz?

ereo. Aquella ferida te condemna.

orid. E aquelle fangue te accufa.

olib. E efta vida me falte, fe eu....

ereo. Em vaõ negas, quando vemos em ti o punhal, e em Cyrene o golpe.

olib. Oh Deofes! Quem fe vio em mayor confternaçaõ? Pois fe crimino a Proteo, ha de prevalecer a fua defeza, e a minha innocencia perecerá. *à part.*

ey. Nenhuma defculpa dás?

olib. Cyrene o dirá.

ey. Pois em quanto o naõ diz, levem-no à tor-

à torre de Palacio, aonde ſe apure o ſ
delicto, e da ſua culpa o caſtigo fiq
ao arbitrio de Nereo, como parte ma
offendida.

Polib. Naõ póde haver caſtigo, aonde n
ha culpa.

Canta Polibio o ſeguinte Recitado, depois qual cantaõ ElRey, Dorida, Nereo, e o meſmo Polibio a Aria a quatro.

RECITADO.

Naõ me aſſuſta, ò Monarca, eſſe caſtigo
Que me intimas irado,
Que o ſangue de Cyrene idolatrado
Derramar naõ procura, quem o eſtima,
Qual outro pay; porém ſe a ſorte impia
Pertende aſſim, que eu morra,
Morrerey ſatisfeito; mas adverte,
Se acaſo a minha vida
A ſua duplicara hoje no throno,
Eu ſeria homicida de mim meſmo,
E já na morte exangue
Lhe ſervirá de purpura o meu ſangue.

ARIA A 4.

Polib. Sem culpa ao ſupplicio
Me leva hum rigor.

Rey. Infame, traidor,
Sem culpa naõ he.

Nereo. Naõ he; porque a culpa
Bem clara ſe vê.

Polib

lib. Teu rogo propicio *Para Dor.*
Senhora interceda
Por efte infeliz.
rid. Naõ poffo, que a culpa
Defculpa naõ tem.
lib. Naõ ha quem acuda
Por efte infeliz?
or.Rey.Ner. Naõ ha; porque a culpa
Bem clara fe vê.
lib. Que eu morro innocente
Vós Deofes fabeis.
or.Rey Ner. Da jufta vingança
O exemplo fereis.
lib. Da injufta vingança
Aos Ceos clamarey.
or.Rey.Ner. Os Deofes fulminem
Hum grave caftigo,
Que a hum barbaro dê.

Fim do fegundo acto.

ACTO

ACTO III.

SCENA I.

Jardim, em que estará sobre huma pilas hum vaso de amor perfeito, e em outra m inferior, outro de cravos amarellos, e s ElRey Ponto.

Rey. QUem me aconselhará em tan combates de duvidas, quan assaltaõ a este afflicto coraça Deixo as imprudencias dos Principes desattençaõ das Princezas, como n que póde ter remedio; mas a ferida Cyrene naõ tem cura na minha mag Que furor fulminado do cavernoso Ab mo impellio o peito de Polibio para ta to excesso? Naõ cabe na imaginaçaõ seu atrevimento.

Sahe Cyrene.

Cyren. Senhor, a teus pés....

Rey. Que excesso he este, Cyrene? C mo te vejo neste lugar ainda mal co valecida?

Cyren. A ferida naõ foy taõ grave, com

ſe imaginou, pois apenas penetrou a região da cutis; porém, ainda que fora mortal, nem por iſſo deixaria de vir a teus pés.

y. Que cauſa póde obrigarte a tanto exceſſo?

ren. A liberdade de Polibio, por quem Senhor intercedo; e ſe o meu valimento póde merecerte alguma attençaõ, eſpero da tua benignidade, ſatisfaças ao empenho do meu deſejo.

y. Quando eu cuidava, que vinhas a fomentar o ſeu caſtigo, vens interceder pela ſua liberdade?

ren. Por iſſo meſmo, porque a vingança naõ cabe em peitos generoſos.

y. E que diria o Mundo, vendo impunido hum taõ grave delicto?

ren. Melhor he, que o Mundo ignore, que houve atrevimento em hum vaſſallo para crime taõ execrando; que ha caſos as vezes, em que he melhor diſſimular a culpa, que caſtigar o delicto.

y. E naõ pódes penetrar o deſignio deſta temeridade de Polibio, ou que intereſſe buſcava na tua morte?

ren. Naõ ſey mais, que pedirte a ſua liberdade.

y. A Nereo, como parte mais offendi-

da, entreguey a culpa de Polibio; d
le depende a ſentença; a elle pódes
correr. *Va*

Cyren. Ay de mim! Que ſendo Prote
que me feriſſe, ſeja Polibio o culpad
Mas Polibio, que ſe naõ deſculpou c
Proteo, moſtrando a ſua innocencia, ſ
duvida que o quer conſervar para o f
de ſeus intentos. Ay amado pay, qu
tos extremos te devo, pois pela min
fortuna offereces a tua vida! Mas p
que neſte oceano de confusões ſaiba
norte, que devo ſeguir, lhe envia
hum aviſo occulto nas flores de hum
milhete, para que com eſta cautella
encubra o meu deſignio. Eſte am
perfeito ſeja o inſtrumento de minha fo
tuna.

Ao tirar hum ramo de amor perfeito, deſa
parece a pilaſtra, e o vaſo, ficando em P
teo, em cuja maõ ſe une a de Cyrene, c
dando que pega na flor.

Ay de mim! Que vejo? Atrevi
Proteo, ſoltame a maõ, naõ queiras co
os disfarces de flor encubrir os venen
de aſpide, que tu naõ es o amor perfe
to, que eu buſco.

Ca

Canta Proteo o ſeguinte Recitado, e Aria

RECITADO.

mor perfeito ſou, Cyrene bella,
ue inundado da copia de meu pranto
Empyreo ſe eſtende a minha rama;
ue ſó no Ceo de fogo buſco a chamma,
omo centro feliz de meu incendio;
ſe aquella ferida,
elliſſima homicida,
ugmenta teu rigor neſſa impiedade,
uma caſualidade
Ay de mim!)deſtruir naõ póde aquella
oce eſperança, que me promettias;
as ſe a innocente culpa, que naõ tenho,
eus rigores augmenta,
erás (oh impia ſórte!
uſcar na minha dor, a minha morte

ARIA.

Se Amor, ſe a Parca irada
Qualquer tirarme intenta
A vida, que me alenta;
Mais val que eu ſeja, (ó bella)
Triunfo, naõ da morte;
Deſpojo, ſim do amor.
Pois quando afflicto intento
Buſcar mayor tormento,
Morrendo ſó de amante,
Será o penar mayor. *Quer irſe.*

Cyren. Eſpera, Proteo, que naõ te cri
no, para te caſtigares: bem ſey, qu
meſma me entreguey ao golpe, qua
intentava ferir a Polibio.

Proteo. Tambem ſey, que eu, ainda
innocente, fuy o inſtrumento de
eclypſe; e ainda que no ſagrado de
belleza acha immunidade a minha cul
permitte-me, Cyrene, que a ſatis
morrendo.

Cyren. Naõ he tempo agora de ouvir fi
zas; ſabe que Polibio....

Proteo. Já ſey, que a Polibio ſe imputo
delicto de ferirte, e que prezo eſtá
torre de Palacio.

Cyren. E ſabe, que por te naõ crimin
conſentio mudamente no crime, que
lhe impoz: agora Proteo, he eſcuſ
lembrarte a obrigaçaõ, em que eſtás
o libertares, como Principe, e co
generoſo; que he razaõ te empen
em defender huma innocente vida, q
pela tua tranquilidade ſe expoem
mais funebre cadafalſo.

Proteo. Suppoſto ſeja Polibio o inſtrume
to de minha ruina na celeridade de t
Hymeneo; com tudo, como te emp
nhas na ſua liberdade, por ella expor
a minha vida; que morrer por ti, ò C

ren

rene, naõ he novidade no meu amor.

ren. Naõ he neceſſario por ora tocar o ultimo extremo da fineza; vença a induſtria primeiro, e depois a deſeſperaçaõ; e ſó eſſa acçaõ poderá perſuadirme a tua conſtancia.

oteo. Pois ainda della duvidas?

ren. Sim; pois até o preſente naõ experimentey em ti mais, que variedades na tua fórma, deixa pois o mudavel, e ſê firme na efficacia de tua fineza.

oteo. Ainda que tenha por natureza o mudavel, iſſo he quanto ao exterior, pois todas eſſas mudanças, ſaõ demonſtrativos de minha firmeza.

ren. Pois, Principe, na liberdade de Polibio a experimentarey.

oteo. Na liberdade de Polibio o verás.

irem-ſe, ſahem ao encontro Nereo a Cyrene, e Dorida a Proteo.

rid. O que ha de ver, Cyrene?

oteo. Na vida de Polibio o caſtigo de ua temeridade. *Vaiſe.*

reo. Que intentas experimentar?

ren. A tua fineza na liberdade de Polibio, a pezar dos empenhos de Proteo.

reo. Ah tyranna, que bem percebo a tua induſtria! *à part.*

ren. E aſſim, Nereo, eſpero da tua genero-

nerofidade, que libertes a Polibio; q
com efte premio lhe fatisfaço o fer
tolo inftrumento de eu poffuir a feli
dade de efpofa tua, na conducçaõ
Beocia para Flegra.

Nereo. Parece, que algum fufto, ou pe
plexidade te fez mudar a intençaõ
tua fupplica.... Ah tyranna! *à pa*

Cyren. A ancia, que tenho de libertar
Polibio, quando me afflige o coraça
naõ me perturba o acordo, para ped
te a fua liberdade.

Nereo. Para te oftentares generofa, ba
faberfe, que intercedefte por Polibi
mas eu como duas vezes offendido na
vida vingarey as minhas offenfas. *Vai*

Cyren. Que fe falte ao refpeito a huma e
pofa, e a huma Princeza! Dorida, i
tercede tambem por Polibio, que t
vez feja mais venturofa a tua fupplica.

Dorid. Pede a Proteo, que naõ deixará
fatisfazer ao teu empenho; que eu n
embarco para Egnido fem dilaçaõ, p
já conheço a caufa, donde nafcem
defvios de Proteo.

Cyren. Donde, Dorida?

Dorid. Donde naõ imaginava, Cyrene.
Vai

Cyren. Ay infeliz, que Proteo me inten
pr

precipitar com ſeus extremos, pois do ſemblante de Nereo, e das palavras de Dorida infiro os zelos, em que ſe abrazaõ! Ah Proteo, já que tu es a cauſa de todos os meus males, ſê algum dia inſtrumento de minha fortuna.

Canta Cyrene a ſeguinte

A R I A.

Fortuna, que inconſtante
Te oſtentas rigoroſa,
Quando ſerey ditoſa?
Quando ſerey feliz?
Suſpende por hum pouco
Teu moto acelerado,
Naõ ſeja ſempre o fado.
Cruel a huma infeliz. *Vaiſe.*

Sahe M*areſia.*

Mareſ. Agora me diſſe Dorida, que me preparaſſe, que nos haviamos embarcar para a noſſa terra; iſſo já havia ſer há mais tempo; e ſem dizer nada a Caranguejo, me hey de deſpedir em Grego, que inda he peyor, que em Latim; e quantos traſtes, e cacaréos tiver, tudo hey de levar comigo. E para ſacrificar a Diana Deoſa dos boſques, levarey eſte craveiro de cravos amarellos, em memoria da deſeſperaçaõ, em que me poz o ſacerdotiſo Caranguejo; e aſſim já o

vou

vou levando, ainda que ſeja ao côllo:

Ao tomar Mareſia o craveiro nos braços, transforma eſte em a figura de Caranguejo, e diz Mareſia o ſeguinte.

Mareſ. Mas ay! Que diabo he iſto?

Carang. Naõ he diabo; ſou eu meſm que ſou endiabrado.

Mareſ. Es tu? Deixa-me negro mofino

Carang. Mofina es tu, que nenhum fav me dás.

Mareſ. Larga-me, ſenaõ hey de chama que delRey.

Carang. E eu hey de chamar a que de V nus.

Mareſ. Tu naõ queres?

Carang. Quero, quero.

Mareſ. Pois toma. *Atira com elle ao cha*

Carang. Só iſſo me pódes dar; mas cahin a teus pés, naõ quero mayor fortuna.

Mareſ. He muito atrevido: com engan comigo?

Carang. Deixemos iſſo, Mareſia, que naõ eſtamos neſſes termos, pois ſó a te pés proſtrado poem a boca hum C ranguejo amante; e te pede com lag mas de ſangue, que ſe has de eſcolh marido, que ſeja eſte pobre mendigo teus favores, pois niſſo farás huma ob pia; porque ſou hum moço orfaõ ſe pay, nem mãy. *Mare*

[M]aref. Já naõ ſe me dá de Venus; porque hoje me embarco, e mais Dorida, e nos vamos deſta maldita terra.

[Sa]rang. Iſſo he fallar.

[M]aref. Quando o vires, ou quando me naõ vires, entaõ o crerás.

[Sa]rang. Naõ poderas ter feito iſſo ha mais tempo, e eſcuſara de andar dando tratos ao juizo, empenhando-me com Venus, pedindo-lhe amoratorias para te eſperar, ficando eu por teu fiador, abonando a tua peſſoa? Iſto tudo tenho obrado a teu reſpeito, e agora, que ha de ſer de mim?

[M]aref. Cada qual forra a ſua pelle.

[Sa]rang. E a minha ha de ficar cativa, para Venus me tirar do coiro a fiança?

[M]aref. Que tenho eu com iſſo?

[Sa]rang. He boa eſſa! Naõ Senhora, que eu fiquey por voſſê, que havia de caſar mais dia, menos dia; e agora quer eſcapolir? Nada: mandado de ſegurança no caſo.

[M]aref. Eu naõ vou por minha vontade, que Dorida me leva.

[S]arang. Pois caſa primeiro, antes que te vás, ainda que ſeja comigo, e vay-te depois muito embora, que iſſo baſta para eu ficar liberto no forro interno.

Maref.

Maref. Qual caſar? Se eu por amor diſſ
me vou; e comtigo muito menos.

Carang. Eſſe menos, he que he o mais.

Maref. O que poſſo fazer, he deſpedirm
de ti: ſe queres, direy que te fique
embora.

Carang. Eu ſempre ouvi dizer, que quem
ſe deſpede, ſe abraça, e ſe me has d
abraçar, deſpeçamo-nos já.

Maref. Hum abraço Francez naõ ſe neg
a ninguem. *Abraça-o*

Carang. Ora ſeja pela vida, e ſaude do Se
nhor ſeu pay: abraçada ſeja a tua alm
todos os dias da tua vida.

Cantaõ Caranguejo, e Mareſia a ſeguinte

A R I A.

Maref. Senhor Caranguejo,
A Deos, que me vou:
Carang. Lá vay o meu bem,
Meu mal me matou.
Maref. Naõ chore, barbado,
Voſſê he rapaz?
Carang. Amor he que chora,
Que amor he rapaz.
Maref. A Deos, que me vou
Carang. Naõ digas tyranna,
Ambos. A Deos, que me vou.
Maref. Oh quanto me cuſta
Deixarte ſem mim!

Carang.

rang. Oh quanto me aſſuſta
Ficarme ſem ti!
nbos. Porém paciencia,
Que na agua do pranto
Amor ſe affogou. *Vaiſe.*

SCENA II.

Sala. Sahem Nereo, e Cyrene.

yren. HE poſſivel, Nereo, que os rogos de huma eſpoſa naõ tenhaõ valimento na tua attençaõ?

Nereo. Por iſſo meſmo, que para que ſe ſaiba, o quanto eſtimo a minha eſpoſa, hey de moſtrar, o quanto ſey vingar a ſua offenſa.

yren. Se eu demitto de mim eſſa offenſa, já te naõ fica acçaõ para a caſtigar.

Nereo. As offenſas da eſpoſa ſaõ reciprocas ao eſpoſo; e ſe da tua parte demittes a injuria, da minha naõ perdoo a offenſa: ó lá, tragaõ aqui a Polibio, para que veja Cyrene no ſeu caſtigo o meu amor.

Cyren. Barbara fineza he eſſa, Nereo: quem vio mayor deſgraça! *à part.*

Sahe Polibio com cadeas, e Guardas.

Polib. A' tua preſença chega o infeliz Polibio, e taõ infeliz, que pela meſma acçaõ,

ção, que devera ser premiado, se
na consternação de perder a vida.
Cyren. Mal posso conter as lagrimas.
Nereo. Polibio, já sabes, que sou o Fisc
de tua culpa; do castigo naõ duvide
porém para que seja menos horroroso
espectaculo, quero me digas, qual fo
o fim de taõ enorme delicto?
Polib. Que delicto?
Nereo. Ainda te atreves a negar, ou im
ginas, que naõ delinquiste?
Polib. Sim, porque naõ offendi a Cyrene.
Nereo. Naõ intentes negar hum delicto
que naõ tem defeza, que quasi aos no
sos olhos foy commettido; só quero m
digas quem te impellio a tanto excesso
Polib. Senhor, eu naõ offendi a Cyrene
ella sabe a minha innocencia.
Nereo. Pois quem?
Polib. Cyrene o dirá.
Nereo. Cyrene, se queres a vida de Poli
bio, porque naõ declaras o offensor?
Cyren. Ay infeliz! Que farey entre hum
pay, e hum amante? *à part*
Nereo. Que dizes? Mas nada digas, que
o teu silencio eloquente me diz, que
foy Polibio; que se naõ fosse, quando
lhe desejas a liberdade, accusarias o de-
linquente: naõ tenho mais, que averi-
guar:

guar : ſeja Polibio conduzido ao Templo de Aſtréa, aonde no rigor da juſtiça pague com a vida o ſeu delicto.

Chegaõ os guardas a levar a Polibio.

ren. Eſperay, que Polibio naõ he o delinquente.

reo. Pois quem, Cyrene?

ren. Que direy! Oh abyſmo de confuzões! *à part.*

reo. Levay a Polibio, que Cyrene o condemna.

lib. Vamos, que hum reſpeito me crimina. *Vay andando.*

ren. Vença ao amor a natureza: ſuſpendey, que eu declaro quem foy o delinquente.

reo. Saõ eſcuſados eſſes artificios para ſuſpender a execuçaõ: levem a Polibio, que elle he o delinquente.

ren. Naõ he, Nereo; naõ he: eu he, que fuy a delinquente.

reo. De que ſórte?

ren. Deſta ſórte: como determinava El-Rey a brevidade do noſſo Hymenêo...

he Proteo com eſpada, e Soldados tambem com ellas, e Caranguejo armado.

reo. Que he iſto, Proteo?

oteo. Libertar a Polibio, para que a ſupplica de Cyrene naõ fique ſem ſatisfaçaõ decente à ſua peſſoa. *Nereo.*

Nereo. Pois tu intentas despicar as injur
de minha esposa?

Proteo. Naõ: mas as injurias de huma D
ma offendida, sim.

Cyren. Mayor damno se vay originando. *à*

Polib. Proteo obra como Principe. *à pa*

Carang. Hoje ha de ir tudo com Berzab

Nereo. Proteo, enlouqueceste? Naõ sab
o perigo a que te expoens?

Proteo. Já sey.

Nereo. Pois que intentas, se o sabes?

Proteo. Defender a Polibio.

Nereo. Como?

Proteo. Desta sórte. *Briga*

Carang. Ay que aqui está o homem! Qu
he isso lá?

Nereo. Insolente Proteo, saberey castiga
a tua temeridade.

Polib. Valha-me o valor de Proteo.

Cyren. Nereo, Proteo, que intentas? A
de mim! Polibio, retira-te.

Polib. Naõ posso, que as prizões me em
baraçaõ.

Proteo. Polibio, segue-me.

Nereo. Naõ em quanto esta espada se uni
a este braço.

Carang. Ah cobardes, hoje ha de sentir
Mundo as mordeduras deste Caranguejo

Saben

Sabem ElRey, e Dorida.

ey. Que inſulto he eſte? Que he iſſo, Principes? Suſpendey as armas.

roteo. Fruſtrou-ſe o meu intento. *à part.*

orid. Que laſtimoſa tragedia!

rang. Bom padrinho tiveraõ.

y. Nereo, que exceſſo foy eſte?

ereo. Arrojo de Proteo, que com eſta violencia intentou libertar a Polibio, por ſatisfazer aos empenhos de Cyrene.

y. Temerario Proteo, como ſem attençaõ ao decoro deſte Palacio com maõ armada aſſim o profanas?

rang. Ponto de interrogaçaõ.

oteo. Senhor, hum precipitado empenho naõ repara em attenções; que a cega paixaõ, que predomina em meu peito, naõ ſabe diſtinguir a purpura, mais que a do ſangue, que intento verter pela liberdade de Polibio.

y. Barbaro, louco, imprudente, aſſim me reſpondes? Naõ ſabes, que ſou teu pay, e teu Rey? Levem-no prezo, e junto com Polibio ſeraõ ambos victimas de Aſtréa. Quem vio mayor inſulto!

rang. Ponto de admiraçaõ.

oteo. Mais me vanglorias com eſſe caſtigo, pois quando naõ poſſo defender a Polibio, ao menos me ſervirá de deſcul-

pa

pa o naõ ter vida para libertallo.

Cyren. Eſpirou a minha eſperança, e e
com ella. *à par*

Dorid. Sem embargo das ingratidões d
Proteo, por elle ſupplico, Senhor.

Rey. Naõ peças por hum ingrato.

Dorid. Baſta-lhe ter o nome de eſpoſo meu

Rey. Deixa, Dorida; deixa, que ſe vin
guem em hum ſó caſtigo tantas offen
ſas: ſejaõ levados, como digo, ao Tem
plo da Juſtiça, aonde no ſeu ſangue ſ
purifiquem as ſuas culpas.

Polib. Naõ val a minha innocencia contr
eſſe rigor?

Cyren. Naõ póde o meu pranto abranda
eſſa dureza?

Proteo. Naõ ſe attende ao meu caracter?

Rey. Naõ póde, naõ val, naõ ſe attende
levay-os. *Vaiſe*

Carang. Aquillo he ponto final.

Cyren. Cruel eſpoſo, porque naõ te jactes
que triunfas de minhas lagrimas, naõ has
de ter o prazer, de que eu veja a exe-
cuçaõ de tua vingança: pois deſeſpera-
da buſcarey quem me vingue deſta in-
juria. *Vaiſe*

Polib. Os Ceos moſtraráõ a minha innocen-
cia. *Vay com os guardas.*

Nereo. Vá tambem eſſe tyranno irmaõ per-
tur-

turbador do ſocego de meus ſentidos.
roteo. Naõ ha de ter eſſa jactancia. *à part.*
rid. Vê Nereo, que contra hum irmaõ he indigno eſſe procedimento.
ereo. Se ſouberas, Dorida, o que eu naõ ignoro, naõ intercederas por elle.
rid. Quem nunca o ſoubera! *á part.*
rang. Saõ boa caſta de irmãos eſtes! Por elles ſe póde dizer: *quando fratres ſunt boni, ſunt bonifrates.*
ereo. Em que vós detendes, que o naõ levais?
roteo. Na fórma delRey me transformarey. *à part.*
Transforma-ſe Proteo na figura delRey.
ereo. Levay-o: naõ me obedeceis?
dad. A quem, Senhor?
ereo. A Proteo.
dad. Proteo naõ eſtá aqui.
reo. E eſſe quem he? Mas que vejo! Senhor, Voſſa Mageſtade como aqui, e Proteo? Eſtou confuſo! Que illuſaõ he eſta?
oteo. Se Proteo naõ apparece, buſquem-no, que importa naõ ficar ſem caſtigo. *Vaiſe.*
rang. Ficaraõ paſmados: o certo he, que eu, e meu amo, ſomos dous.
reo. Dorida, naõ viſte a Proteo ficar

entre os guardas, quando ſe auſentou E
Rey?

Dorid. Naõ ha duvida.

Nereo. Pois como Proteo, ſem que o vi
ſemos, deſappareceo? e ElRey eſta
entre os guardas?

Carang. He que foy preciſo fazer dous po
tos na oraçaõ.

Dorid. He caſo maravilhoſo!

Nereo. Que fugiſſe Proteo, ſem que del
pudeſſem os meus zelos vingarſe! O'
toda eſſa comitiva, que armada ve
com Proteo na ſublevaçaõ, ſeja cond
zida ao mais eſcuro carcere.

Carang. Boas noites tenhaõ voſſas mercê

Nereo. E haja particular vigilancia ne
criado.

Carang. Sempre obrigado: cá para nós n
he neceſſario ceremonias. He bem fe
to! *à par*

Dorid. Nereo, eſſe criado he louco.

Carang. He verdade; nem tal me lembr
va.

Nereo. E como ſabes, que he louco?

Dorid. Pelo ter viſto varias vezes.

Carang. Eſſa ainda he melhor! Que
Prenderme para caſar? Pois deſenganen
ſe, que ainda que me matem, naõ he
de caſar.

Dori

orid. Com aquella teima anda ſempre.
erco. Eſſe por louco ; pois o abona Dorida, fique, e levem os mais.
Levaõ os guardas, os que vieraõ com Proteo.
rang. De boa eſcapey ! Vi a morte diante dos olhos ! O certo he, que a vida dos neſcios, e loucos he mayor, que a dos entendidos ! *à parte, e vaiſe.*
orid. Nereo, naõ te afflijas com tanto exceſſo, buſcando na tua pena a tua morte, que mais importa a tua vida.
ereo. Ay Dorida, que o meu ſentimento por inexplicavel he mais ſenſivel !
orid. Aprende de meu ſoffrimento, pois ſentindo o meſmo mal, que tu padeces, procuro ſuavizallo com o retiro. *Vaiſe.*
ereo. Dorida com prudencia me deu a entender os ſeus zelos : ay infeliz, que já com duplicado indicio póde dazafogar publicamente a minha dor nos zelos de Cyrene ! Ah Princeza indigna de taõ ſoberano epitheto ! Oh Proteo aleivoſo, digno de eterna infamia nos annaes da memoria ! Huma contra as ſoberannias do caracter, outro contra as leys da lealdade, e da natureza, ſe armaraõ inſtrumentos de minha magoa no tormento de meu ciume.

Canta Nereo a ſeguinte

A R I A.

Selvatica fera
Da brenha mais toſca
Se encreſpa, ſe enroſca,
Se a cara conſorte
Nos braços encontra
De amante rival.
Se o ruſtico inſtincto
De hum bruto padece,
Deſculpa merece
Huma alma abrazada
Dos zelos no mal. *Vai*

S C E N A III.

Templo de Aſtréa, com o ſimulacro da Juſtiç
Sahe Mareſia.

Mare. COm eſtas embrulhadas de Pal
cio anda tudo taõ mexido,
remexido; que eſtou vendo como ſe
de ſahir deſta mexuda: o que mais ſi
to, he dilatarſe o noſſo embarque p
cauſa das traições do Senhor Polibi
que ſem alma, nem conſciencia, qu
tirar ſangue donde o naõ havia; po
hey de regalarme de o ver pernear.

Sa

Sabe Caranguejo.

rang. Aqui ſe pagaõ ellas : vês como o teu peccado te trouxe por teu pé ao miſerando ſupplicio no Templo de Venus?

areſ. Que dizes? Eſte he de Venus o Templo?

rang. Aſſim dizem os contemplativos.

areſ. Pois a Eſtatua de Venus he daquella ſórte?

rang. Sim Senhora; mas naõ me admira, que naõ conheça a Venus, quem naõ quer caſar.

areſ. Venus com os olhos tapados, mais me parece Cupido, do que Venus.

rang. He que a formoſura tem o amor nos olhos.

areſ. Mas ſe he mulher, porque traz eſpada?

rang. Por amor dos virotes, que dá na gente.

areſ. E as balanças, que ſignificaõ?

rang. He para pezar as finezas; mas adverte, que aquellas balanças naõ tem fiel, porque todas as Venus ſaõ falſas.

areſ. Ora muito me contas.

rang. E tu nada me dizes do caſamento?

areſ. Verdade he, que já fazia tençaõ de caſar.

Carang.

Carang. Filha, as tenções livraõ as alma
mas naõ os corpos.
Maref. Eu ſim caſara comtigo ; porém na
ſey que te diga.
Carang. Naõ ſey como a Mareſia te na
faz vomitar tudo quanto tens no bu
cho.
Maref. Naõ ſey como es ; naõ ſey , qu
te falta, para ſeres de meu goſto.
Carang. Nada me falta , porque o teu r
gor me tem acabado.
Maref. Acabado ſim, mas naõ perfeito.
Carang. E pluſquam perfeito : ora dize
leve o diabo paixões , aonde havias t
achar , quem mais te quizeſſe ? Por
ſendo muito limpo, me fiz hum porco
por ti me fiz cadeira de braços, para te
pé de te poſſuir ; e finalmente por
me amortalhey em hum craveiro de cra
vos de defuntos, para renaſcer como b
cho de ſeda no capulho de teu agrado
e ſe tudo iſto te naõ move , vê de qu
ſórte me queres , que para tudo ſou c
cera.

Canta Caranguejo a ſeguinte

A R I A.

Tomara fazerme
Em mil pedacinhos,
Por ver ſe os carinhos

T

Te posso colher:
Se queres me ver
Gigante, aqui estou: *Faz-se Gigante.*
Vê lá como sou
Assim tamanhaõ?
Se ques, que me abaixe
Serey hum Anaõ. *Faz-se Anaõ.*
Mas naõ, Anaõ naõ,
Que Anaõ he agoiro,
Serey tamanhaõ. *Faz-se Gigante.*
Se assim naõ te agrado,
Serey desgraçado,
Mas naõ feanchaõ.

Mares. Basta com tanto desengonçamento. Mas ay, espera, deixa-me esconder naquelle cantinho, que lá vem hum homem correndo a quatro pés, muito afrossurado com huma faca na maõ. *Esconde-se.*
arang. Espera, aonde te vás esconder?
Sahe Proteo com hum punhal na maõ.
roteo. Junto à ara do sacrificio de Astréa, me occultarey, e com este punhal matarey o barbaro executor da justiça, quando intente tirar a vida a Polibio.
arang. Ah caso igual! Senhor, vens-te meter na boca do lobo? Já que te transformaste em Ponto taõ pontualmente, para escapar das garras de Nereo, como lhe

lhe queres agora cahir nas unhas? Pa
que, Senhor?

Proteo. Ou para matar, ou para morre
que se hey de perder a Cyrene, que in
porta que perca a vida?

Carang. Ainda assim, aquillo de viver
bom para a saude.

Proteo. E tu como pudeste escapar, acon
panhando-me tambem?

Carang. Pelo privilegio de louco, que
muy grande, que se eu tivera entendi
mento, donde estaria a estas horas?

Proteo. E Cyrene, (ay de mim!) que diz

Carang. Ella alli vem, e Dorida.

Proteo. Occultarme quero, como diffe
Amor, se es Deidade, favorece os meu
intentos.

Esconde-se Proteo junto à Estatua da Justiça e sahem Cyrene acelerada, e Dorida detendo-a.

Dorid. Cyrene, que excesso he este? Naõ
attendes ao teu decoro? Onde caminha
precipitada?

Cyren. Dorida, naõ estou em mim, qu
queres que faça huma dezesperada, huma
afflicta, e huma infeliz?

Dorid. Retiremo-nos, antes que se horro-
rise a vista com o funesto espectaculo de
Polibio, que já caminha para este Tem-
plo de Astréa, *Cyren.*

ren. A iſto meſmo he que venho, naõ por ver a ſua tragedia, mas por impedir a ſua morte.

orid. Para que te empenhas em hum impoſſivel, quando Nereo impellido, naõ ſey de que occulto ſentimento, intenta vingarſe na ſua vida? Porém já occupados os porticos de huma immenſa turba, mal nos poderemos retirar.

Tocaõ tambores.

rang. Grande trovoada ſe vay armando!

ren. Ay que a vida ſe me vay acabando! Nem Proteo apparece para mayor pena minha! Que farey ſó, e afflicto, em tanta multidaõ de pezares?

hem ElRey Ponto, Nereo, e depois Polibio com guardas; e ſahe Mareſia donde eſtava eſcondida.

ey. Com effeito, naõ tem apparecido Proteo?

ereo. Parece que a terra o tragou por caſtigo de ſeu delicto.

ey. Ay Proteo! Quem pudera.... Mas naõ, naõ merece piedade hum filho ingrato.

ereo. Agora verá Proteo, ſe póde libertar a Polibio, que nas Aras de Aſtréa, hoje ha de ſer victima de ſeu rigor.

Canta

Canta Polibio a Aria, e o seguinte

RECITADO.

Astréa Soberana,
Sagrada filha do brilhante Olimpo,
Como assim consentes, que huma innocenc
Profane teus altares
No impuro sacrificio,
Que incender hoje intenta huma impiedad
Mas já sey, infeliz, que como es cega
Naõ verás da sentença a iniquidade;
Ouve ao menos os miseros clamores
Desta inculpavel vida,
Pois naõ pede a Justiça,
Ver no Templo de Astréa huma injustiç

ARIA.

Se o recto instrumento,
Que vibras ingente
De huma alma innocente
Castigo naõ he:
Ao duro supplicio
Impávido vou.
Naõ fujo, naõ temo
Da morte os horrores,
Que a rigida espada
Em vida inculpada
Já mais penetrou.

Querendo Polibio caminhar para a Estatua d
Astréa, o impede Cyrene.

Cyren. Aonde vás, Polibio? Espera.

Polib

olib. Quem me defende?
yren. Cyrene te ampara.
ey. Tu naõ pódes impedir a execuçaõ da justiça.
ereo. Execute-se a sentença.
arang. Embargos temos. *à part.*
yren. Naõ póde executarse a sentença; porque sendo falsa a culpa, naõ póde ser a pena verdadeira.
ereo. Se elle a naõ contradiz, que mais evidencia póde haver? Morra Polibio.
yren. Polibio está innocente; affirmo, que me naõ podia offender.
ey. Porque?
yren. Rompa-se o silencio por huma vez. *à part.* Porque he meu pay.
ereo. Rey. Teu pay Polibio? Que dizes?
olib. Cahio a machina de minha idéa. *à p.*
yren. Senhor, meu pay he Polibio, naõ o duvides.
olib. Naõ sou pay de Cyrene: naõ dilates, Senhora, com esse engano o teu Hymenêo; deixa, que eu morra; que pouco preço he huma vida, para comprar hum Reino.
ey. Que mais podia excogitar a tua industria, para libertar a Polibio?
ereo. A sentença se execute sem dilaçaõ.
yren. Soberano Monarca, naõ saõ indus-

trias

trias da idéa, ſaõ realidades da naturez[a]
Polibio he meu pay.

Rey. Como póde iſſo ſer, ſe tu es filha de
Rey de Beocia?

Cyren. Attende-me, e ſaberás: Naõ ign[o-]
ras as revoluções, e guerras, que hou[-]
ve em Egypto, aonde Polibio fo[i]
cabeça de huma parcialidade; e com[o]
eſta ficaſſe ſuperada, ſe retirou a Beoc[ia]
comigo, e ahi me deixou occulta em
ruſtica montanha de huma Aldea, pa[ra]
que o furor inimigo naõ triunfaſſe d[a]
minha innocencia: paſſou Polibio a Fle[-]
gra a ſervirte, como ſabes, a quem dé[ſ-]
te o caracter de Embaixador para Beo[-]
cia a conduzir a ſua Princeza para eſpo[-]
ſa de Nereo: chegando Polibio a Beo[-]
cia, achou ſer falecida aquella Prince[-]
za tambem chamada Cyrene; e diſſimu[-]
lando o motivo, me trouxe a mim par[a]
Nereo; querendo com eſta induſtri[a]
verme coroada Princeza.

Proteo. Se ſerá illuſaõ o que ouço? *à part[e]*

Cyren. E já que eſte impenſado acaſo deſ[-]
cobrio eſte engano, a teus pés, Senhor
eu, e Polibio, pedimos perdaõ deſta te[-]
meridade, para que hum delicto verda[-]
deiro ſeja indulto de outro, que o naõ
he.

Rey

ey. Ha caſo mais extraordinario!

ereo. Nem alentos tenho para reſpirar.

orid. Prodigioſo ſucceſſo!

areſ. Quando eu vi, que tinha o ſangue vermelho como o meu, logo duvidey, que foſſe de ſangue Real. *à part.*

arang. E o que mamou de Altezas à chucha calada! *à part.*

lib. Deſta ſórte, Senhor, conhecido quem ſou, bem ſe vê, que naõ podia intentar a morte de Cyrene.

ey. Pois como tinhas o punhal na maõ?

lib. Porque querendo matarme Proteo, Cyrene commovida do amor de filha, ſe meteo de permeyo, e caſualmente a ferio Proteo; ficando o ſeu punhal por outro ſemelhante incidente na minha maõ.

ey. Quanto deſſe crime eſtás perdoado; mas naõ ficará ſem caſtigo eſſe, que maquinaſte para coroar a Cyrene. Dize, atrevido, e infame Politico, como fabricaſte taõ pernicioſo engano em ludibrio de minha Coroa, perdendo por tua cauſa Proteo a Patria, e eu a ſua companhia?

ereo. Deixa, Senhor, que eu vingue eſſa offenſa, pois eu era o alvo de ſeu engano; e aſſim, fementido, barbaro, traidor, em meus braços....

Ao

Ao acometter Nereo a Polibio, ſahe Proteo

Polib. Naõ ha quem me ſoccorra?

Proteo. Proteo te defenderá; ſuſpende furor, Nereo.

Cyren. Oh extremoſo amante! *à par*

Rey. Proteo, es tu, ou he engano da fan taſia, o que vejo?

Nereo. Ainda intentas amparar a hum tra dor?

Cyren. Nereo, ſe acaſo aquelle apparen nome de eſpoſa póde conciliar no te peito algum affecto; rogote, que r leves os exceſſos de huma indiſcreta am biçaõ.

Nereo. Ainda te atreves, fementida, ty ranna, a lembrarme o nome de eſpoſa Por iſſo intentavas com cautellas, qu te adoraſſe como bella, e naõ como Prin ceza? Pois agora, que naõ variey de ſy tema, naõ ſendo tu quem eu imagina va, deſprezo a tua formoſura, por na ſer adornada de Mageſtade.

Carang. Eſſo miſmo quiere la mona.

Proteo. Pois na minha eſtimaçaõ tanto va a formoſura de Cyrene, como a mai egregia Princeza; e aſſim, Rey, Pay e Senhor, a teus pés proſtrado te peço me dês a Cyrene por eſpoſa, que ſup poſto naõ ſeja filha delRey de Beocia

o no-

o nobre ſangue de Polibio, e a ſua belleza, pódem compenſar hum incidente da fortuna.

ey. Que dizes, Proteo? Enlouqueceſte acaſo?

roteo. Se me negas eſta ventura, com eſte punhal me tirarey a vida; pois ſem Cyrene tudo he morrer.

ey. E a Dorida, como ſe ha de ſatisfazer?

rid. A' viſta daquelle extremo de amor, que poſſo eſperar? Logre Cyrene eſſa fortuna.

ey. Como Dorida conſente no deſejo de Proteo, e Nereo demitte a Cyrene, naõ poſſo difficultar a tua ſupplica: Cyrene he tua, Proteo.

roteo. Amada Cyrene, na tua belleza conſigo o mayor imperio.

ren. E eu no teu amor a mayor fortuna.

lib. Sempre ſe logrou o meu intento: ditoſa idéa!

ey. Dorida, ſe acaſo quizeres, que Nereo ſeja teu feliz eſpoſo, com eſſa dita ſe alcançará hum completo prazer.

orid. Naõ poſſo reſiſtir ao teu preceito.

ereo. Nem eu deixar de agradecer eſſa benevolencia, quando acho em ti a qualidade, que ſó adoro unida à tua belleza.

Carang.

Carang. Maresia, queres tu agora sacrific
te a casar comigo por descargo de
consciencia?

Mares. Mais val hum ruim concerto, c
huma boa demanda; anda, casemos, c
ao menos em hum marido tenho hu
escravo.

Carang. Pois entaõ leve o diabo paixõe
todos ficaõ acommodados, e satisfei
com as suas consortes, e Proteo m
que nenhum, pois com as suas variec
des, e mudanças, mostrou a mayor f
meza nos amores de Cyrene.

Proteo. E já que os Fados prosperaraõ
meus intentos, repita outra vez o alte
nado accento em festivos jubilos.

CORO.

1. Coro. Em hora ditosa
Venha Cyrene.
2. Coro. Em hora festiva
Dorida venha,
1. Coro. A ser de Proteo,
2. Coro. A ser de Nereo,
Ambos. Esposa feliz.
1. Coro. Os prados com flores,
2. Coro. Com perlas os mares
Ambos. Os Sceptros esmaltem
De eterno matiz.

F I M.

PRE

PRECIPICIO
DE
FAETONTE,

OPERA QUE SE REPRESENTOU no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, no mez de Janeiro de 1738.

ARGUMENTO.

TAges, irmaõ de Tirreno, Rey de Italia, usurpa este Reino, o qual pertence a Egeria, Ninfa do Eridano, e filha de Tirreno. Faetonte, filho do Sol, e reputado por filho de hum Pastor de Thessalia, vendo o retrato de Egeria, rendido lhe tributa o seu amor; para melhor o dar a conhecer a Egeria, sahe de Thessalia, e se occupa na Italia em acções do agrado desta Ninfa; por cuja causa sahe de Thessalia o Magico Fiton em seguimento de Faetonte, para o desviar deste amor, por quanto ainda neste tempo ignorava Faetonte o seu verdadeiro pay, e Fiton lhe receava a ruina, quan-

do o chegasse a conhecer. Estabelecido Faeton nos agrados de Egeria, esta para restaurar Reino pelas acções daquelles, que a pretendia para este fim usa occultamente prometter a m de esposa a Mecenas, e a Faetonte, em q consistem os mayores lances desta Historia. A bano, Principe de Liguria, pretende ser esp so de Ismene, filha de Tages. Este, quan Faetonte se declara filho do Sol, o preten para esposo de Ismene, e para o de Egeria a A bano; os quaes fingidamente se declaraõ ama tes com a ferida dos zelos. Apparece Apollo, declara a Faetonte por seu filho: este lhe pe faculdade para gyrar na carroça do Sol. R siste Apollo; porém instando Faetonte, lho co cede; e este depois à vista de Egeria se vê pr cipitado no Eridano. O mais se verá no conte to da Historia.

INTERLOCUTORES.

Faetonte, *Filho do Sol.*
Albano, *Principe de Liguria.*
Mecenas.
Tages, *Rey.*
Fiton, *Barbas*, *Magico.*
Chichisbeo, *Criado de Faetonte.*

ʒgeria, Primeira Dama, ſobrinha de Tages.

ſmene, Segunda Dama, filha de Tages.

hirinola, Criada de Egeria.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Boſque frondoſo nas Ribeiras do rio Eridano.*

II. *Sala.*

II. *Camera.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Sala.*

II. *Selva.*

III. *Gabinete bem adornado.*

IV. *Templo de Hymeneo.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Camera.*

II. *Sala.*

II. *Boſque, como no principio.*

ACTO I.

SCENA I.

Bosque frondoso nas Ribeiras do rio Eridan
Em quanto Faetonte canta o seguinte Re
citado, irá sahindo Egeria em huma con
cha tirada por dous Delfins.

RECITADO.

Faet. EGeria peregrina,
Do sagrado Eridano Ninfa bella,
Deixa o ceruleo, errante, trono vago
Em que habitas Deidade;
Que se aguas procuras em taes magoas
Vem a meus olhos, q̃ tãbem tem agoas

Canta o Coro.

Alenta, respira,
Galhardo Pastor,
Pois vês, que a teu rogo
Partido o crystal
Se abrazaõ as aguas
Em fogo de amor.

Faet. Se da Italia esféra
Tutelar Divindade te appellidas,

Am

Ampara hum peregrino,
Que a teu ſacro Eridano ſacrifica
Outro rio em ſeu prãto: oh quanto temo,
Que unido o ſacrificio à Divindade,
Se inunde o Orbe em liquida impiedade!

C O R O.

Alenta, reſpira,
Galhardo Paſtor, &c.

et. Outra vez, e mil vezes
Te buſco impaciente,
Por ver ſe o rigoroſo meu deſtino
Nos influxos brilhantes de teus rayos
Acha ſeguro aſylo, e o paſſo errante
De hum animo conſtante
Encaminha propicia, porque vejas,
Que idolatra numéra em vagos gyros
Tantos os votos, quantos os ſuſpiros.

C O R O.

Alenta, reſpira,
Galhardo Paſtor, &c.

eſta ultima clauſula do Coro, deſembarca Egeria, e canta a ſeguinte Aria, e

R E C I T A D O.

ım peregrino affecto
: occupa o coraçaõ, quando inquieto;
:m as aguas do mar, ou meus ſuſpiros,
rcando em dous mil gyros

Me

Me deixaõ reſpirar, porque em meu peit
Me abraza o cego ardor de amor perfeito

A R I A.

Naõ ſey que novo affecto
Sinto no amante peito;
Só ſey, que o ſeu effeito
Me obriga a te adorar.
Do teu doce attractivo
Já ſente o amante peito;
E à vida naõ compete
Goſto mais ſingular.

Eger. Errante peregrino, a cuja viſta com
movido o Eridano divide o cryſtal de ſua
aguas, para multiplicar a tua fórma no
ſeus eſpelhos; que incognito attractiv
occultas em ti, pois até eu, como Dei
dade deſtas aguas, te eſtou amando, ſem
ſaber a cauſa, porque te quero?

Faet. Naõ ſey, Egeria, naõ ſey; pergun
ta aos Aſtros, de cujos influxos ſe ori
ginaõ as ſympatias: ſó ſey, que haven
tres dias, que occulto me tens neſte fron
doſo boſque, verdes o beliſcos do Eri
dano, mais como foragido, que como
habitante.

Eger. Tambem ſabes, que em todo eſſ
tempo naõ mereceraõ os meus agra
dos arrancar do profundo ſilencio de te
pei

peito quem es, e a causa de tua peregrinaçaõ.
et. Naõ sey mais de mim, que ser hum Pastor, com espiritos taõ altamente nascidos, que intentaõ competir com os Deoses mais brilhantes do Firmamento.
er. Como pódem em hum Pastor caber taõ altos pensamentos?
et. Porque a alma, que me anima, ou naõ he deste corpo, ou este corpo naõ he daquella alma.
er. Dize-me ao menos teu nome, e a tua Patria?
et. Faetonte he o meu nome, e a minha....
er. Espera: Faetonte te chamas? Ay de mim! *à part.*
et. Que tens, Egeria? Assustou-te o meu nome?
er. Sim, Faetonte, pois ao ouvillo pronunciar, me senti abrazar em hum vivo incendio.
et. Em fim, Senhora, para que te obedeça em tudo, Thessalia he a minha Patria.
er. E porque della te apartaste?
et. Ay de mim! Quem pudera declararse! *à part.*
er. Emmudeces?

Faet.

Faet. Como queres se contivesse em Tho
ssalia hum coraçaõ, que naõ cabe em t
do o Mundo; pois só nas ethereas R
giões terá limite a minha ambiçaõ?

Eger. Agora entendo, Faetonte, que a
gum propicio numen te conduzio a It
lia, para seres venturoso instrumen
das minhas idéas; pois só o teu valo
e a tua ambiçaõ, poderáõ suspender
roda de minha infausta fortuna.

Faet. Pois em que te dilatas? Propoem
galharda Ninfa, que a teu respeito (
necessario for) roubarey as luzes ao So
a Neptuno o tridente, e os rayos a J
piter, para que com rayos, tridente,
luzes, possas triunfar do Sol, do Ma
e do Empyreo.

Eger. Já que a altivez de teus pensame
tos me persuade a minha ventura, sab
que eu sou a infeliz Egeria, filha d
Tirreno, Rey que foy desta Regiaõ
o qual deixando-me pupilla debaixo d
tutella de Tages, seu irmaõ, e meu tio
este tyrannamente me tem usurpado
scetro, intentando perpetuar a minh
Coroa na sua descendencia, fazendo co
que Ismene sua filha seja herdeira de m
nha fortuna, casando-a com Albano se
sobrinho, Principe da Liguria. Ah cru

A

Albano! Ah falſo amante! *à part.*
et. Que ſoffraõ os Deoſes ſemelhantes injuſtiças!
ger. Albano pois, com as armas da Liguria intenta ſegurar o throno de Iſmene; e aſſim deſvalida, e ſem amparo, conſinto eſta violencia, eſte attentado, e eſta injuria, até que o teu valor, animado de taõ altos eſpiritos, ſaiba ſegurarme o throno, que me uſurpa huma tyrannia, para que ambos conſigamos, eu a minha Coroa, e tu a minha maõ.
aet. Pois eu, Egeria, hey de ſer Rey de Italia?
ger. Cuidey, que perguntavas, ſe havias de ſer meu eſpoſo?
aet. Sem o caracter de Rey, teu eſpoſo como poderey ſer?
ger. Sim poderias, pela violencia, com que me attrahe o teu nome, e a tua peſſoa; e pois da minha parte eſtá o amor, eſteja da tua a fortuna.
aet. E para que a tua ſe eſtabeleça, diſcorramos o meyo para a conſeguires.
Eger. Naõ acho outro mais efficaz, que ſeres tu homicida de Iſmene, e eu de Albano, para que de huma vez ſe cortem as eſperanças de reverdecer o laurel

rel nas ſuas cabeças; pois extincta aſſi
a eſtirpe Real, por força me acclam
raõ Princeza hereditaria.
Faet. Naõ ſeria melhor, que Albano
caſſe ao arbitrio de minhas iras, e Iſm
ne ao das tuas, para que na igualda
dos ſexos ficaſſe ſem perigo a reſoluçaõ
Eger. Naõ; porque ſe naõ ha de preſumi
que huma mulher haja de ſer homici
de hum homem; e aſſim no mayor di
farce ſe encobrirá o mayor veneno:
pois neſta quinta viſinha ao Eridano vi
ve ElRey, a ella te encaminha, aond
eſpero introduzirte. Mas ay Faetonte
naõ ſey ſe me ſaberás correſponder!
Faet. Naõ ſabes, que a infidelidade na
cabe em meu peito? E ſe me naõ acre
ditas, ſedeme teſtimunhas vós Padre Er
dano, vós ceruleas Ninfas, que neſſe
pelagos habitais, de que já mais ſere
infiel a Egeria; e ſe o for, permitti
que ſejaõ as voſſas aguas os fiſcaes d
meu delicto.
Eger. Baſta, Faetonte; mas ſó te advirto
que has de ſer o homicida de Iſmene.
Faet. Para que me lembras eſſa circunſtan
cia?
Eger. Para que naõ aches deſculpa na ſua
formoſura.

Faet.

t. A que eu adoro, he objecto taõ peregrino, que naõ admitte hospedarse em meu peito outra qualquer belleza; e assim a de Ismene naõ poderá ser remora de meu impulso.

er. Naõ me desvaneças com affectados periodos.

et. Que mal entendes aonde se dirigem os meus suspiros! *à part.* Mas tambem adverte, que has de ser homicida de Albano.

er. Para que me ratificas o que eu sey?

et. Naõ sey o para que; só sey, que Albano he Principe, e poderoso; e tu desvalida, e sem amparo.

ger. Só no teu braço seguro a minha fortuna.

et. Pois, Egeria, a emprender.

ger. Pois, Faetonte, a conseguir: mas lembro-te outra vez, que has de ser Monarca de Italia, e que Ismene he formosa; cinge a Coroa nos olhos, para que sejas Cupido da tua ambiçaõ, e naõ do teu amor.

Cantaõ Egeria, e Faetonte a seguinte

ARIA A DUO.

ger. Se acaso a formosura
O golpe te suspende,
Na suspensaõ attende

A'

A' gloria do reinar.

Faet. A' copia, que idolatro
Tributo extremo tal,
Que ſó no original
Me poſſo retratar.

Eger. Oh peço-te naõ ſejas
A tanta fé traidor!

Faet. Oh rogo-te, que creyas
As veras deſte amor!

Ambos. Que affecto taõ conſtante
Mudavel naõ ſerá.

Eger. Na fé, que me promettes
Socega o meu cuidado

Faet. O meu amor proſtrado
Fiel ſerá comtigo.

Ambos. Pois vê com ſegurança
No bem, que amante ſigo,
A gloria, que terá. *Vaiſe Egeri*

Dentr. Por aqui foy; ſegui-o todos.

Faet. Que rumor ſerá eſte? Será conve
niente occultarme.

*Eſconde-ſe Faetonte, e ſabe Fiton com hu
livro na maõ, que ao depois o lançará n
chaõ, e ſe déſpe.*

Fiton. Aonde achará refugio hum infeliz
Deſpojarme quero deſta recopilada ſci
encia, que inutil me naõ ampara; e pa
ra que mais disfarçado poſſa eſcapar deſ
te

te barbaro furor, ſerá preciſo mudar de trage; e ainda que me prendaõ, dizendo que naõ ſou quem buſcaõ, deixarey ao menos vacilante o ſeu intento. Oh ſciencias, até quando deixareis de ſer perſeguidas!

ntr. Vamos ao Eridano.

on. Oh tu frondóſo Boſque, ſê propicio refugio de hum deſgraçado, occultando-me em teu verde labyrintho. Mas quem eſtá aqui?

hir eſconderſe, encontra-ſe com Faetonte.

et. Que vejo! Tu naõ es Fiton?

ton. Fatonte, he poſſivel, que te encontro?

et. Naõ te deixey em Theſſalia?

ton. Sim; mas como ſoube, que precipitadamente vinhas a Italia, a buſcar o original daquella copia, que caſualmente veyo às tuas mãos, foy preciſo ſeguirte, para que te naõ arruinaſſem os teus penſamentos: Oh nunca te eu diſſera, que em Italia habitava eſſa formoſura!

et. Pois já, que eſtamos em Italia, porque me naõ declaras, quem he eſſa ſoberana belleza? Para que me occultas o original de taõ bella copia, quando vês, que vagando por eſtas regiões, venho

nho louco amante , a ver ſe encontr
idolo , que adoro em ſombras , e
abraza em chammas ?

Fiton. Faetonte , convém à tua conſerv
çaõ o ignorares de quem he o retrat
pois tenho alcançado pelas minhas ſ
encias Magicas , e Aſtrologicas , qu
original deſſa copia ha de ſer a cauſa
teu precipicio ; e ſe longe do perigo te
catey o dizerto , agora que eſtás pe
do damno , como to poderey declara

Faet. Como ? Deſta ſórte : arrancando
do peito o coraçaõ , já que naõ po
o ſegredo , que me occultas.

Luta Faetonte com Fiton.

Fiton. Louco mancebo , que fazes ?

Dentr. Cercay todos eſſe boſque.

Fiton. Eſpera , naõ queiras , que amb
aqui pereçamos , pois ſey , que eſta tr
pa vem para nos prender. Com eſte e
gano eſtorvarey o ſeu furor. *à par*

Faet. Deixo-te com vida , para em m
lhor occaſiaõ ſaber a cauſa de meu pr
cipicio : anda. *Vaiſ*

Fiton. Vamos , que por mais que te em
penhes , o naõ has de ſaber. *Vaiſ*

Sahe Chichisbeo.

Chicb. Ora ſou bem aſno ! Mas naõ tenh
vergonha de o dizer : que venha eu pal
milhar

nilhando desde Thessalia até aqui atraz
le hum louco, ou de hum Faetonte,
que tudo he o mesmo! E o peyor he,
que me desencontrey delle, e ando per-
lido pelo moço! Que ha de fazer o po-
bre Chichisbeo, posto no centro de
Italia, sem saber aqui aonde saõ as ca-
sas locandas, e o que mais he, sem qua-
trini? O que me val he ser eu Chichis-
beo, que terey entrada franca em toda
a casa. Mas que he isto, que alli está?
Ora vejamos: oh, he hum vestido, que
está despido: ora sabia Deos, que já
este meu estava por hum fio; se me
chegará? Vejamos: bello! justamen-
te! Alguma alma algebista se compa-
deceo da minha piranguice. O' lá, te-
mos mais hum livro? Naõ ha duvida,
he livro; e he de razaõ que o veja: ora
bem dizem, que em Italia nascem os li-
vros, como nascem as malvas: veja-
mos, se achamos nelle alguma cousa,
pois dizem, que tudo se acha nos livros.
Assenta-se, e começa a foliar o livro.
Abramos, e vejamos o que contém: *Li-
ber astrolomagico*: irra! Magico! Passa
fóra: vejaõ lá, que materia taõ peço-
nhenta contém o tal livrinho! *Libera me*!
Ora ainda assim, salva a consciencia,
va-

vamos vendo o *Index relum notabili*
Capitulo primeiro, de *fisonomia*, *q*
est narigorum confrontatio: isto ha
ser galante. Capitulo segundo, de *N*
gromantia; isto he cousa de negros;
gra sciencia he esta! Eu naõ quero
mais, que se me vaõ arripiando os
bellos.

Vaõ sahindo por de trás de Chiebisbeo Me
nas, e os Soldados.

Mecen. Aquelle sem duvida he o Nig
mantico, que buscamos; vamos de ma
so, e levemo-lo prezo, com o rosto
pado, para que nos naõ offenda com
gum encanto.

Chich. E o diabinho me está dizendo, q
torne outra vês a abrir o livro: fó
tentaçaõ; naõ sey se consinta nella?

Chegaõ os Soldados, tapaõ o rosto a Chich
beo, e o vaõ levando.

Mecen. Levem-no depressa,

Chich. Eu o dissera! *Fugite*, encantadore
que me quereis? Naõ me fecheis
olhos, que ainda naõ estou para morre

Mecen. Calle-se ahi; levem tambem es
livro.

Chich. Desta ninguem se livra.

Mecen. Vamos, vamos.

Chich. Para onde? Para o Inferno?

Mecen

ecen. Lá o verá.

ich. Lá o verey, ſe me deſtaparem os olhos. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Sala. Sahe Albano.

ban. QUando, ò bella Aurora, has de amanhecer riſonha, e alegre a hum extremoſo amante, para que nas delicias de Iſmene ſe acabem as minhas eſperanças? Mas que diria Egeria da minha ingratidaõ? Razaõ tem; fuy-lhe ingrato; mas como podia naõ ſer, ſe amor, e ambiçaõ venceraõ a minha conſtancia, ſe he que era conſtancia, conſtancia que ſe mudou?

Sahe Egeria.

er. Dizem-me, Albano, que a maõ de Iſmente te ſublima hoje ao throno de Italia; e aſſim como mais intereſſada nos teus triunfos venho a darte os parabens de tanta fortuna.

ban. Que has de reſponder, ingrato coraçaõ? *à part.*

er. Quem já poderá reſiſtir a teu poder? Se aos dominios de Liguria unes as provincias do Eridano, que inimigo te po-

derá reſiſtir? Como ſeraõ copioſos c
teus exercitos! Trata de erigir ten
plos à tua fortuna, e altares à tua be
la eſpoſa, por naõ ſeres ingrato; por
que a ingratidaõ, ò Albano, he hu
ma mancha, que deſluſtra o peito ma
ſoberano.

Alban. Bem entendo a Egeria; vou-m
ſem reſponder-lhe. *à part.* *Quer irſ*

Eger. Que he iſſo? Te vás ſem reſponder
me? Já te deſvanece o futuro dominio
Repara ao menos, que para o reſpeito
ainda que ſou deſvalida, ſou filha d
Tirreno, Monarca que foy deſta Re
giaõ.

Alban. Egeria, em mim naõ he deſatten
çaõ eſte retiro; he compadecerme d
tua deſgraça.

Eger. Bem o moſtras, fomentando a mi
nha ruina, por enthronizar huma tyran
na: dize, ingrato, naõ prometteſt
defender a minha juſtiça, ou ao meno
fazerme Princeza de Liguria?

Alban. Aſſim he; mas naõ ſey ſe te diga
que....

Eger. Que has de dizer, ingrato? Sabe,
que já naõ neceſſito dos teus favores,
pois a piedade de Amphitrite me fez
Ninfa do Eridano, aonde eſpero triun-
fa

ſar de hum tyranno, que me uſurpa a Coroa, e de hum falſo amante, que cruel me offende.

ban. Pois, Egeria, ſe já como Deidade te vás immortalizando, naõ neceſſitarás de meus auxilios.

er. Mas tu neceſſitarás de minhas piedades.

ban. Eu de tuas piedades? De que ſórte?

Sahe ElRey Tages.

y. Albano, aqui ſe me aviſa, que Fiton, aquelle celebre Magico de Theſſalia, ſe acha neſta Provincia; dey ordem, que mo trouxeſſem de qualquer parte donde eſteja, para que delle ſaiba os occultos ſegredos, que importaõ à minha Coroa; para que aſſim com mais ſocego poſſa completar o teu Hymenêo.

ban. O teu preceito, Senhor, he a minha vontade.

er. Permittaõ os Deoſes fazer propicias as tuas idéas.

y. Sim faraõ, pois os tenho gratos com repetidas victimas.

er. A melhor victima he ſacrificar a razaõ nas aras da Juſtiça.

y. Naõ entendo.

Eger. Pois para que me entendas, me ex-
plicarey melhor: Bem ſabes, invict
Tages, que naſci hereditaria Prince
de Italia, como unica filha de Tirreno
que foy Monarca deſta meſma Italia
tu Senhor me tens uſurpado o Reino
com o pretexto de ſeres irmaõ de me
pay; couſa que nenhum direito o pe
mitte.

Rey. Egería, eu eſtou bem informado
que como irmaõ de Tirreno devo pr
ferirte, pois tenho a qualidade de v
raõ; e outra vez naõ tornes a propo
me ſemelhante idéa; que diſputar co
os Reys he crime de leſa Mageſtade.

Eger. Eſſe he o privilegio da razaõ, qu
póde entrar no mais iniquo Tribunal.

Rey. Eſtá bem.

Sahe Mecenas com Chichisbeo, e Soldados.

Chich. Ora, Senhores, baſta já de cab
cega. *Deſcobrem-n*

Mecen. Eſte que vês, Senhor, he o N
gromantico Fiton, que junto às ma
gens do Eridano o achámos, e ſegun
do as confrontações do traje Theſſalic
e eſte livro de Magica com caracter
Gregos, que na maõ tem, me perſu
de ſer o proprio, que buſcamos.

Chich. Iſto ſem duvida he algum Palac

encantado ! Esta gente será cousa fingida ? Vejaõ lá o livrinho de que casta he ! *à part.*
y. Fiton, vem a meus braços ; naõ temas, que em Italia terás melhor fortuna, que na Grecia.
ich. Assim sou eu asno, que lhe responda ; bem sey, que tudo isto he apparente. *à part.*
y. Naõ respondes ?
han. Adverte, que he ElRey.
ich. Sim, Rey por encantamento, que he o mesmo que cousa nenhuma. *à part.*
y. Se naõ respondes, te mandarey justiçar.
ich. Toda via, a Magica deve ser negra : eu lhe respondo ; porque aos Reys ainda em sombras se lhe deve respeito. *à part.*
y. Que dizes, Fiton ?
ich. Senhor, que naõ sou Fiton ; sou hum pobre Chichisbeo, criado de outro pobre, mais pobre do que eu ; pois tem obrigaçaõ de sustentarse a si, e a mim.
y. Naõ te encubras, que se por algum delicto te ausentaste de Thessalia, aqui te naõ pódem offender as suas leys ; e pois tenho a fortuna de possuirte em meu
Reino,

Reino, te eſpero honrar, como mer
ce a tua ſabedoria.
Chich. Que ſabedoria, Senhor? Eu ſo
hum idiota: Voſſa Mageſtade naõ n
quer entender? Pois acha, que ſe
fora Magico *quà* Magico, que me h
via deixar prender?
Mecen. Da ſorte, que te prendi, naõ p
dias uſar das tuas Magicas.
Chich. Poderia adevinhar, e naõ eſtar n
quelle ſitio.
Mecen. A Magica naõ adevinha o futuro.
Chich. Mas podia adevinhar iſto, que m
ſuccede de preſente.
Alban. Sempre foy proprio dos home
doutos negarem o que ſabem.
Rey. He o mayor homem do Mundo!
Chich. O certo he, que o ponto eſtá e
dizerem, que hum homem he ſabio
que à força o ha de ſer, ainda que ſe
hum padaço d'aſno. *à par*
Rey. Fiton, tem entendido, que eſto
baſtantemente capacitado de quem es
e aſſim ſaberás, que ha tres noites, qu
em ſonhos ſe me repreſenta, que hu
mancebo, filho do Sol, habita occu
to em Italia; tomara me declaraſſes
aonde eſtá, para que como filho de Apo
lo lhe conſagre os cultos, que ſe lh
devem. *Eger*

Eger. Filho do Sol ! Quem ſerá ? *a part.*

Chich. Iſſo eſtá muito bem ; mas ſe eu naõ ſou adevinhaõ, como poſſo dizer, aonde eſtá eſſe ſenhor filho do Sol ? E demais, Senhor, que tenho para mim, que iſſo foy ſonho.

Rey. Ainda aſſim, he taõ repetida eſta viſaõ, que me perſuade naõ ſer erro da fantaſia.

Chich. Pois, Senhor, naõ he erro craſſiſſimo entender, que o Sol tem filho? Bem ſey, que pela regra do *Sal*, *Sol*, *ac mugil*, que o Sol he maſculino, e nem por iſſo ſe ſegue, que tenha filho; porque *Muſa*, *Muſæ*, he feminino, e com tudo as Muſas ſaõ caſtas: *ergo* &c. naõ ſey, ſe me explico?

Rey. Já iſſo he teima: tem entendido, que mo has de dizer, aliás ſe acabará com a tua vida a tua ſciencia. *Vaiſe.*

Alban. Homem, vê lá em que te metes; trata de fazer a vontade a ElRey. *Vaiſe.*

Chich. Ha ſemelhante entaladura! Querer Sua Mageſtade à força, que eu ſeja feiticeiro! E dado caſo, que o fora, eu por ventura ſou cá a roda dos engeitados, para ſaber dos filhos alheyos? Ah Senhor, Voſſa Senhoria deſengane a ElRey, que eu diſto de Magica naõ ſey por onde ella corre. *Mecen.*

Mecen. Fiton, acho, que essa repeti
negaçaõ he já imprudencia; todos sab
mos, quem es; e pois a sórte te co
duzio a este Paiz, a tua sciencia ha
ser o meyo da nossa tranquilidade; po
que Egeria, esta Princeza, que vê
vive espoliada do throno de seu pay p
las violencias delRey, que intenta e
thronizar a filha, casando-a com Alb
no Principe de Liguria; mas isto h
escusado dizerto, pois tu como Magic
o naõ has de ignorar.
Chich. Naõ me diga nada, entaõ verá
eu sey alguma cousa.
Eger. Que intentas, Mecenas?
Mecen. Communicar a Fiton os nossos in-
tentos, para que possamos triunfar, ain-
da que seja magicamente.
Eger. E tens a certeza, que todos os Ma-
gicos saõ fieis, e leaes?
Mecen. Naõ; mas como elles tudo alcan-
çaõ pela sua sciencia, naõ ignorará
pacto, que temos celebrado, de resti-
tuirte o throno de teu pay com a for-
tuna de ser eu teu esposo.
Eger. Pois, Fiton, se a tua sciencia tu-
do alcança, peço-te, que a empenhe
toda, para que consiga a Coroa, qu
me usurpa a ambiçaõ delRey meu tio:
favo-

favorece os intentos de Mecenas ; pois conſeguindo a fortuna , que eſpero , te prometto ſer agradecida. *Vaiſe.*

Chich. Senhor Mecenas , com quem eſteve fallando agora aquella Senhora Egeria , que por nome naõ perca?

Mecen. Comtigo.

Chich. Comigo? He boa teima! Pois acha Voſſa Senhoria , que ſe eu pudera dar Coroas , que as naõ tomara para mim, por naõ eſtar às ordens de ninguem?

Mecen. Deixa loucuras : bem vês o empenho , em que eſtou de coroar a Egeria ; patrocina os meus deſignios , que do ſeu bom exito pende toda a minha fortuna ; pois te confeſſo , Fiton , que ardo em hum vivo incendio de amor , e cego intento emprender por Egeria as mayores difficuldades.

Chich. Ahi vay parar tudo : já me a mim admirava , que o trampoſo do rapaz naõ havia meter a ſua colherada!

Canta Mecenas a ſeguinte

A R I A.

Naquella Deidade
Galharda , que viſte ,
Conſiſte
De minha ventura
A gloria feliz.

Se

Se a ſorte me nega
Fortuna taõ bella,
Sem ella
Serey deſgraçado,
Serey infeliz *Vai*

Chich. Iſto já vay de foz em fóra; eu e
tendo, que iſto he realidade para,
naõ Magica ſonhada; e o peyor he
que eu ſou o que faço na oraçaõ, e cu
daõ, que ſou Magico! Em negra h
ra apanhey o tal veſtido, e o tal livr
nho! Mas ainda aſſim, devo muito a t
dos, pois hum me deſcobre o ſeu pe
to; outro me vomita o ſeu bucho;
eu com tanta couſa eſtou para rebenta

Sahem Faetonte, e Fiton.

Faet. Ainda naõ creyo, que me veja h
bitar em Palacios: quanto me agrada
eſtes marmores! Quanto me recre
eſta magnificencia! Parece, que neſt
altas torres habitaõ os meus penſame
tos; neſtes edificios ſe elevaõ os me
eſpiritos! Eſtes porfidos ſaõ polidos e
pelhos de minha ambiçaõ; eſtas colum
nas talvez ſe erigiraõ, para nellas
collocarem os meus triunfos!

Fiton. Naõ gaſtes o tempo em aereos pe
ſamentos, quando ſabes, que es filh
de hum Paſtor. *Fae*

Faet. Tambem Apollo foy Paſtor de Admeto : nada me injurias com iſſo.

Fiton. Oh quem pudera declararte quem es ! Reprime eſſe genio ; naõ buſques eſſa copia , torno-te a recommendar ; pois mal ſabes a ruina , que te eſpera, Faetonte.

Chich. Faetonte diſſe ? Ay que alli eſtá meu amo ! Pois por vida minha , que hey de magicar com elle.

Faet. Já que me naõ queres dizer o que te pergunto, recorrey a outro Magico, que me diſſe agora Egeria habitava em Palacio , e elle me informará , quem he o adorado enigma , que adoro : mas aquelle he , ſegundo os ſinaes , que me deu Egeria.

Chich. Elle comigo.

Faet. O' tu ſabio portento da Nigromancia , compadece-te de hum peregrino, que inflammado de amor , procura o original de huma copia , que . . . .

Chich. Que achaſte em Theſſalia ; que te diſſeraõ eſtava em Italia ; que vens em cata della ; naõ he iſto , Faetonte?

Faet Que ouço ! Nada ignora : Fiton, que te parece?

Fiton. Quaſi que me confundo.

Faet. Pois dizeme : de quem he eſte retrato ? *Moſtra o retrato.*

Chich.

Chich. Vidoamus; queres que to diga? M
ao depois talvez, que te arrependas.
Fiton. Naõ lho digas, ſe achas, que lh
póde ſucceder algum damno.
Faet. Deixa-me, cruel; que damno p
de cauſar a formoſura?
Chich. Que damno? Muito grande; po
que ha formoſuras damnadas: olha, hu
ma mulher formoſa por força ha de ſe
preſumida; da preſumpçaõ ſegue-ſe
ſer tolla; da tollice o fazer aſneiras; d
aſneiras o dar couces; quem dá couces
tem mataduras: com que, Senhor, quer
albardar huma formoſura, ha de atura
o ſer raivoſa, zeloſa, comichoſa, pe
dinchona, deſvanecida; pois ſe tive
accidentes da madre, ainda ſaõ outro
quinhentos.
Faet. Se tudo iſſo ſaõ effeitos da formoſu
ra, nada temo, tendo taõ ſoberana cau
ſa; dizeme, naõ me tenhas ſuſpenſo.
Chich. Com effeito queres, que te diga
de quem he o retrato?
Faet. Dize.
Chich. Ao depols naõ te arrependas.
Faet. Dize, que me naõ hey de arrepen-
der; de quem he?
Chich. He de huma mulher.
Faet. Mas que mulher he eſſa, e aond
eſtá? *Chich.*

Chich. Está pintada em cobre, naõ a vê?
Faet. Isso he a pintura.
Chich. Sim, a pintura; pois que pergunta vossa merce?
Faet. De quem he o retrato?
Chich. Parece-me, que he de Apelles, ou eu me enganarey.
Faet. Já me desesperas; dizeme, e desenganame já, qual he o original deste retrato?
Chich. Isso he outra cousa: já me retrato; e para lho dizer com mais certeza, deixe-me ver nos meus alfarrabios.

Foliando Chichisbeo o livro, canta a seguinte

ARIA.

Vagos espiritos
Do negro Cocyto,
Respondeime já
Por magica, megica, migica,
Quem he de Faetonte
A bella Fregona
Seu pay, seu avó,
Quem he, quem será?
Que a furia sómente
Do abysmo servente
De huma mulher
Saber poderá.

Fiton. Senhor, agora reparo, aquelle he o meu

o meu livro, e o meu veſtido: eſte h
mem deve ſer algum velhaco.

Faet. Aſſim me parece; já ſey, que
hum fingido ignorante.

Chich. Sabes mais do que eu.

Fiton. Quem te deu eſſe livro?

Chich. Ninguem, porque o achey.

Faet. Pois como, inſolente, me perte
dias enganar?

Chich. Venha cá; taõ lonquinho eſtá, qu
me naõ conhece? Naõ vê, que ſo
Chichisbeo?

Faet. Agora reparo: Chichisbeo, he po
ſivel, que te vejo?

Chich. O verme he o menos, que iſſo f
rá quem naõ for cego: o acharme fe
to Magico he o mais.

Faet. Como he iſſo? Conta-me.

Chich. Depois que de Theſſalia partimo
atrás do original daquelle maldito retra
to, chegamos a Italia, quando em dua
palhetadas, embrenhando-ſe voſſa me
ce pelos boſques do Eridano, o perd
de viſta, ſem que a foroa da diligenci
o podeſſe deſencovar: neſta ſoffrogici
dade andava, quando, palavras na
eraõ ditas, porque eu naõ dizia palavra
eis- que acho eſte veſtido, e eſte livro
eis-que apenas eu o abri; eis-que m
pren

prendem, e me apprefentaõ a ElRey em peffoa, affirmando, que eu era Fiton, aquelle Magico de Theffalia, que eu nunca vi; e por mais que me defempulhey, naõ foy poffivel tirarlhe dos cafcos, que eu era Fiton.

iton. Mais feguro eftou agora disfarçado em Chichisbeo. *à part.*

aet. Já que tens effa fortuna, vay vivendo com o tempo.

bich. Iffo fim; mas fe me pedirem, que faça alguma magica, como ha de fer, fe eu fou defazado para ifto de pactos?

iton. Naõ tenha medo diffo, que fará quanto quizer.

bich. Ah Senhor, quem he efte lapuz, que tambem fe quer meter em reftea magica?

aet. He hum criado, que tomey na tua falta.

bich. Pois voffê me fegura, que hey de fazer magicas?

iton. Parece-me que fim; que quem tem effe livro, faz quanto quer.

ich. Com tudo iffo naõ he poffivel adevinhar, quem he hum filho do Sol, que em Italia habita; e diz ElRey, que lho hey de dizer, porque elle o fonhou, e que fenaõ, me ha de feparar a alma do corpo.

F*aet.*

Faet. Filho do Sol?

Fiton. Como ſe altera Faetonte! *à pa*

Faet. Chichisbeo, em todo o caſo tu h de dizer a ElRey, que eu ſou o fil do Sol, para com eſſe pretexto com pletar as minhas idéas.

Fiton. Ay de mim, que Faetonte procu a ſua ruina! *à pa*

Chich. E ſe depois apparecer o verdadei filho do Sol, e me apanharem na mentir

Faet. Nunca tal ſuccederá, porque n ha filho do Sol: e ſe o ha, ſerey e pelo elevado eſpirito, que me anim

Chich. Se voſſa merce tivera os cabell louros, ainda, ainda.

Fiton. Que intentas? Naõ ſabes, que ſacrilegio appropriarte ati a dignida de filho do Sol, e que Apollo irrita póde caſtigarte, e a quem para iſ concorrer?

Chich. He verdade, que eu ſou o concu rente: naõ temos nada feito.

Faet. Deixame, infame eſtorvo de minh felicidades: que tens tu, que me a ruine? Homem dize, que eu ſou o f lho do Sol.

Chich. Se es hum filho das ervas, com queres ſer filho do Sol?

Faet. Adverte, que niſſo te faço hum gra

de favor; porque tu, ou has de dizer quem he o filho do Sol, ou te haõ de matar?

bich. Essa razaõ concluiome: vossa merce he o filho do Sol, e tenho dito: *Constituo te filium Solis.*

iton. Oh violento poder dos fados! Quem póde resistir a teus imperios? *à part.*

aet. Naõ sabes, quanto estimo esta occasiaõ, para que assim possa frequentar sem perigo este Palacio, e servir aos designios de Egeria, huma Princeza...

bich. Sim Senhor, huma Princeza, filha de quem Deos tem, esporiada do throno, naõ he assim?

aet. Muito sabes.

bich. Naõ vê, que sou Magico? Pois ainda sey mais.

aet. Dize.

bich. Naõ posso, que está *sub sigillo magicali.*

aet. Nada me importa saber mais, que o bello original deste retrato, pois quanto intento, he para ver se descubro este encanto de amor.

Canta Faetonte a seguinte

A R I A.

Nas pupilas de meus olhos
O meu bem hey de buscar,
E verey se posso achar
Entre a copia de meu pranto
Desta copia o exemplar.
Se te encontro, objecto amad
Acharás nesta alma amante
Hum morrer a cada instante,
Hum viver por te adorar. *Va*

Fiton. Vaite, errado mancebo, que algu dia te pezará do engano, que inten fabricar. *à pa*

Chich. O' vosse?

Fiton. Que diz?

Chich. Naõ diga a ninguem, que eu Magico, entendeo-me?

Fiton. Bem entendo; mas eu farey, c que te tenhaõ por Magico, exercit do na tua pessoa varios encantos, p que fiquem na certeza, de que es o ton, que buscaõ, e eu livre de cheg às mãos delRey. *Va*

Sahe Chirinola.

Chirin. Venho pé antepé a ver este Ma co, que tem alvoroçado todo este lacio, e he cousa, que nunca vi em n nha vida. *Chi*

Chich. Que eſtará eſpreitando aquella moça ? O' menina, procura alguma couſa ?

Chirin. Vinha a ver hum Magico, que eſtá em Palacio.

Chich. E para que ?

Chirin. Só por ver como he a cara de hum feiticeiro.

Chich. He como eſta, que voſſa merce eſtá vendo.

Chirin. Pois voſſa merce meſmo he o feiticeiro ?

Chich. Para ſervir ao diabo, e a voſſa merce, que tudo he hum.

Chirin. Ay, chegue-ſe para lá, que ſe me arrepiaõ os cabellos !

Chich. De que te aſſuſtas ? Que cuidas tu, que he ſer Magico ?

Chirin. Com licença de voſſa merce, dizem que he gente, que falla com o diabo.

hich. Eſſes ſaõ outros ; que eu cá naõ fallo com o diabo, o diabo he que falla comigo.

hirin. Iſſo tudo vem a ſer o meſmo.

hich. E a ti que ſe te dá diſſo ? Tomaras tu, que hum Magico deſſes te amaſſe, entaõ verias ; naõ digo nada.

hirin. Deos me livre !

Chich. Queres tu, que eu ſeja teu Chichi-
beo? Zombaria fóra.

Chirin. Para que? Naõ jure, que bem
lho creyo.

Chich. Hey de ſerte o mais fino Chichiſ-
beo, que ha de haver em toda a Italia.

Chirin. Vá-ſe dahi, que he hum feiticei-
ro.

Chich. Feiticeira es tu, que me tens enfei-
tiçado.

Chirin. Só de huma ſorte me poderá ren-
der.

Chich. Como?

Chirin. Renunciando o pacto, e depondo
a Magica.

Chich. Se niſſo conſiſte, já renuncio, naõ
ſó o pacto, mas tudo o que te poſſa dar
pena; pois ſó quero, que voe o meu
amor à esféra dos teus olhos.

Chirin. Eſtamos juſtos; porém veja lá o
que faz: agora o apurarey. *à part.* Ora
dize, como me chamo eu?

Chich. Se eu já naõ ſou feiticeiro, como
poſſo adevinhar o teu nome? Eſtá ga-
lante a Chirinola!

Chirin. Naõ temos nada feito; vá-ſe dahi,
que ainda he, quem de antes era.

Chich. Porque?

Chirin. Diſſe-lhe, que me adevinhaſſe o
no-

nome, e mo efcarrou na bochecha.

Chich. Eu o teu nome? De que forte?

Chirin. Naõ diffe Chirinola? Que mais havia de dizer?

Chich. Pois tu te chamas Chirinola?

Chirin. Sim Senhor, faça-fe de novas.

Chich. O' Chirinola, em chirinola me torne eu, fe eu fabia, que tu te chamavas Chirinola.

Chirin. Pois para que diffe Chirinola?

Chich. Nunca fe vio hum *lapfus nominis*? Se havia de dizer charamella, diffe chirinola.

Chirin. Ora admitto a defculpa, mas naõ lhe fucceda outra.

Chich. Qual outra? Eu quero mais encanto, que effa belleza, nem mais adevinhar, que os teus penfamentos, nem mais pacto, que effe Cyfne de Venus, de cujas azas formou Cupido as fuas, de cujas penas armou as fettas para ferir, e para voar? Teu Chichisbeo hey de fer, e fe o naõ for, naõ feja embora.

Chirin. Veja lá o que diz, olhe bem para mim.

Chich. Tenho dito.

Immediatamente lhe crefce o nariz a Chichisbeo com disformidade

Chirin. Ahi que nariz! Ifto atura-fe? Ha homem mais mentirofo? *Chich.*

Chich. Que fiz eu ? Que nariz ? Explic
te , naõ falles pelos narizes.

Chirin. Como queres , que te creya ,
ao meſmo tempo , que dizes naõ has c
ſer Magico , ſacas por hum nariz tama
nho como hoje , e a manhã ?

Chich. He verdade ! Creſceo-me o nariz
Ha caſo igual ! Oh Chirinola , eſte na
he o meu nariz , e niſto pódes aſſentar

Chirin. Vá-ſe dahi , embuſteiro, Magico
feiticeiro.

Chich. Filha do meu coraçaõ , eu eſto
innocente ; verdade he , que me reben
tou eſte nariz à flor da cara , mas e
naõ concorri para iſſo.

Chirin. Naõ ? Fuy eu?

Chich. Vê tu naõ ſeja iſto algum leycen
ſo.

Chirin. He nariz em nariz.

Chich. Tu tens razaõ ; he forte penca!

Chirin. Arre lá ! Com nariz mais da mar
ca ? Iſſo naõ ſe atura : ande, vá-ſe , an
tes que lhe chegue aos narizes.

Canta Chirinola a ſeguinte

A R I A.

Se quer adorarme,
Da Magica fuja;
Se quer deſprezarme,
Fará o que quizer,

Que

Que he muito ſenhor
Do ſenhor ſeu nariz.
Bem ſabe naõ goſto
De feitiçarias,
Que ſaõ rapazias,
Que eſtallaõ num trás,
E eſtaõ por hum triz. *Vaiſe.*

[C]hich. Vio-ſe nariz mais intrometido, do que eſte meu! E que por amor delle vá Chirinola ventando por ahi fóra! Iſto deve ſer contagio do tal livrinho: arre com tal nariz! Mas aonde eſtá elle? *Eſcondeſe-lhe o nariz.* Sumio-ſe? Sem duvida foy o nariz atrás de Chirinola a pedirlhe bom quartel; mas eu vou a pedirlhe as alviçaras: ò Chirinola, eſpera, que já eſtou deſnarigado. *Vaiſe.*

SCENA III.

[C]amera, em que havera hum bofete, c ſobre eſte huma véla acceſa; e haverá mais huma cadeira. Sahe Iſmene, e Albano, e eſte naõ paſſará do baſtidor.

Iſmen. BAſta até aqui, Albano.
Alban. Limitada esféra para tanto Sol.
Iſmen. He eſtylo do decoro, e da politica

pôr

pôr limites à entrada dos eſpoſos, aon
habitaõ as eſpoſas; e aſſim já ſabes, q
aqui naõ pódes eſtar, e he preciſo re
rarte.

Alban. Poderia, ſe o noſſo Hymeneo vo
ra mais accelerado.

Iſmen. Naõ baſta a certeza da poſſe, pa
ſuaviſar o martyrio da eſperança?

Alban. Naõ, Iſmene, que toda a poſ
he duvidoſa, que tem a eſperança p
fiadora.

Iſmen. Quando eu, e ElRey a abonamo
ſeguro pódes eſtar.

Alban. Pois, Senhora, já que naõ tenh
licença para me dilatar, neſte papel v
rás a cauſa de meu tormento.

Vaiſe Albano, dando hum papel a Iſmene, eſta aſſenta-ſe a lello, e ſahe ao baſtidor Ege ria, e Faetonte com hum punhal na maõ e Iſmene eſtará de ſorte, que lhe naõ vej o roſto.

Eger. Chegou o tempo da noſſa vingança
alli tens a Iſmene; a occaſiaõ he op
portuna, eſgrime o valeroſo braço, pois
para te coroares, neceſſitas da purpur
daquelle ſangue. *Vaiſe*

Faet. Eſtou immovel, pois parece eſpeci
de cobardia matar huma mulher.

Iſmen. Enigmas me parecem as cifras d

Alba-

Albano ; quero repetillas para as comprehender melhor.

Faet. Mas em que reparo , ſe muitas vezes a tyrannia he o primeiro degráo para ſubir ao throno ?

Iſmen. Senhora , (diz Albano aqui) eſte exceſſo delRey em procurar o filho do Sol me perſuade , que achando-o , quererá darlhe a gloria de teu eſpoſo , para divinizar com hum filho de Apollo a ſua deſcendencia. Quem ſerá eſte filho do Sol ?

Faet. Naõ pareça a dilaçaõ cobardia ; triunfe Egeria.

Iſmen. Diz mais : E temo , Senhora , que eſte filho do Sol , uſurpando-me a fortuna de teu Hymeneo , ſeja inſtrumento da minha morte , tirando-me a vida.

Faet. Morre , infeliz . . . *Sahe.*

Ao hir levantar o braço para ferir à Iſmene , a vê , e ſe ſuſpende , e ella ſe levanta.

Iſmen. Ay de mim ! Como , traidor , aſſim . . . .

Faet. Que he o que vejo ! Naõ he eſte o bello original da copia , que adoro ? Immovel eſtoû ! *Deixa cahir o punhal.*

Iſmen. O' lá , acudi , que hum traidor . . .

Faet. Suſpende a voz , Iſmene ; naõ digas traidor , amante ſim.

Iſmen.

Iſmen. Com hum punhal . . .

Faet. Achou a occulta cauſa de ſeu incen-
dio.

Iſmen. Intenta tirarme a vida.

Faet. Sem ella eſtou, vendo taõ infeli
acaſo; pois te affirmo, que te naõ po
dia offender.

Iſmen. Mas intentavas matarme?

Faet. Sim; mas tanto que te vi, me ſu
pendeo o braço o affecto, com que t
adoro.

Iſmen. Tu adorarme? Queres com hum
offenſa apadrinhar hum delicto? Acud
todos, antes que o traidor ſe auſente.

Faet. Senhora, que intentas?

Dentr. Accudamos ao quarto da Princez

Faet. Ay de mim, que he infallivel a mi
nha ruina! Bem o diſſe Fiton: aond
me eſconderey? *Quer eſconderſ*

Iſmen. Eſpera, traidor, que te naõ has d
auſentar; que tambem tenho valor, par
te ſuſpender.

*Iſmene pega em Faetonte, e eſte intenta, lu
tando, tirarſe das mãos della.*

Faet. Naõ me ſejas duas vezes homicida,
deixa-me ao menos auſentar.

Iſmen. Sem caſtigo naõ has de ficar.

Faet. Oh quem diſſera, que me abrac
Iſmene, e que eu fuja de ſeus braços
Deixame, Iſmene. *Dentr*

entr. Aqui ſaõ as vozes.

aet. Naõ ha mais remedio, que apagar a luz. *Apaga a luz.*

men. Que fazes?

aet. Fugir de ti, para buſcarte outra vez. *Vaiſe.*

ahem Albano, Egeria, e hum criado com luz.

lban. Que tens, Iſmene? Quem te motiva a dar vozes?

ger. Que te ſuccedeo? Ay de mim, que ſe fruſtrou o meu intento! *à part.*

men. Encontraſte acaſo hum traidor, que barbara, e aleivoſamente me quiz tirar a vida?

lban. Quem ſeria o atrevido, que concebeo taõ horrivel penſamento?

ger. Ainda naõ creyo, que eſtás com vida.

lban. E para onde fugio?

men. Naõ ſey, porque apagou a luz, para com as ſombras ſe encobrir melhor; buſca-o, Albano, que o traidor naõ poderá eſtar longe, e caſtiga a ſua temeridade.

ger. Ay infeliz Faetonte! *à part.*

lban. Eu vou a buſcallo; verás como vingo a tua offenſa.

ger. Aonde vás, ingrato? Tanta fineza te merece Iſmene, para expores a tua vida

vida à desesperaçaõ de hum infiel agr
sor.

Alban. Naõ sabes, que sou amante, e
poso? Deixa-me, Egeria.

Ismen. Vay, naõ te dilates.

Eger. E a sua vida?

Ismen. Os Deoses a defenderáõ.

Eger. Para que he buscar remedios extr
ordinarios, quando sem esse recurso
podemos evitar? Assim darey temp
para que fuja Faetonte. *à par*

Alban. Que tens com a minha vida? Na
me detenhas.

Eger. A palavra, que me déste de ser me
esposo.

Alban. Palavra de esposo?

Eger. Sim.

Alban. Ismene, Egeria delira; eu vo
castigar ao traidor.

Ismen. Espera, averiguemos isso; que
offensas da alma devem preferir às d
corpo.

Alban. Vê, que o traidor se póde ausen
tar; e para que vejas, que Egeria s
allucina, verás na minha fineza conven
cido o seu engano.

Can-

[C]anta Albano o ſeguinte Recitado, e depois com Egeria, e Iſmene a Aria a 3.

RECITADO.

[A]onde te eſconderás de meus furores,
[F]ementido traidor? Mas naõ te occultes,
[Q]ue ainda que te ſepultes
[N]as concavas cavernas deſſe abyſmo,
[E] em triſte parocyſmo
[E]ntre as ſombras do Averno te disfarces,
[L]á meſmo encontrarás o teu caſtigo,
[O]' perfido inimigo,
[P]or naõ creres com barbara impiedade
[S]er incapaz da morte a Divindade.

ARIA A 3.

[A]lban. Na minha vingança,
Iſmene, verás
Meu fino querer.

[E]ger. Eſpera, ſuſpende,
Cruel, que a mudança
Me chega a offender.

[I]ſmen. Valente, caſtiga
A maõ, que meu ſangue
Intenta verter.

[E]ger. Firmeza } te peço.
[I]ſmen. Vingança }

[A]lban. Firmeza, e vingança

[E]ger. Firmeza } em meu peito.
[I]ſmen. Vingança }

[T]odos. Sómente acharás.

Alban.

Alban. De amor inflammado,
Iſmen. De ardor abrazada,
Eger. De horror congelada,
Todos. Minha alma verás.

Fim do primeiro acto.

ACTO II.

SCENA I.

Sala. Sahe Albano.

Alban. NAõ he poſſivel apparecer traidor, ſem que tenha omit tido o meu cuidado toda a diligencia como poderia entrar eſte inimigo, e ſa hir, ſem ſer viſto de ninguem.

Sahe Chichisbeo.

Chich. Donde eſtará eſte Faetonte, qu naõ he poſſivel atinar com elle? Eis-aqu para quando hum homem havia ſer feiticeiro.

Alban. Fiton?

Chich. Que manda Voſſa Alteza muito ſe renada?

Alban. Que me declares, quem foy o traidor,

dor, que quiz offender a Iſmene eſta noite; e já neſte diamante te anticipo o premio de tua ſciencia. *Dá-lhe hum annel.*

Chich. Aceito o diamante, porque me ſerve cá para certa couſá de minha ſciencia desfeito em vinagre; pois que diz Voſſa Alteza?

Alban. Saber quem foy o traidor de Iſmene, que a quiz matar eſta noite.

Chich. A que horas?

Alban. Seriaõ dez.

Chich. Fazia luar, ou eſcuro?

Alban. Naõ reparey.

Chich. Nem eu, mas ſem eſſa circunſtancia paſſaremos; e diga-me mais, o traidor chegou a ferir a Iſmene?

Alban. Naõ; porque acodi a defendella.

Chich. Pois ſaiba Voſſa Alteza, que a naõ matou, e que viva eſtá; quer ſaber mais alguma couſa?

Alban. Quem he o traidor, he que me importa ſaber, e aonde eſtá.

Chich. Sabe Voſſa Alteza, por onde elle hiria?

Alban. Se eu o ſoubera, naõ to perguntara.

Chich. Pois tambem eu lho naõ perguntara, ſe o ſoubera.

Alban. A ti nada te he occulto, pois no volume

volume dos aſtros, lês todos os ſucce-
ſos do Mundo.

Chich. Iſſo aſſim he; mas he com ocu-
los.

Alban. Naõ me entretenhas com frivol-
deſculpas; eu eſtou empenhado a qu-
me digas o que te pergunto, quand-
naõ aqui ficarás ſepultado.

Chich. Naõ me ameace, que por mal ain-
da he peyor: olhe, Senhor, ſe que-
ſaber quem he o traidor, vá ao boſqu-
do Eridano, e o primeiro homem, qu-
ahi encontrar, eſſe he; porém ſegred-
no caſo; porque eu cá naõ ſou homem
de mexericos.

Alban. Pois, Fiton, ſe acho certo, o qu-
me dizes, ainda ſerá mayor o meu agra-
decimento. *Vaiſe.*

Chich. Vaite cos diabos; pois ſó por me
ver livre daquella ſanguixuga, lhe diſ-
ſe, que eſtava no Eridano: naõ me
lembrou dizerlhe, que eſtava nos quin-
tos Infernos, por ver ſe o hia lá buſcar.

Sahem ElRey, e Mecenas.

Rey. Fiton?

Chich. Avie-ſe: outra impurraçaõ te-
mos. *à part.*

Rey. A tua ſciencia neſta occaſiaõ ſó me
póde

póde livrar de hum empenho. Quem foy o que a Iſmene . . . .

Chich. Quiz matar eſta noite, ſeriaõ dez horas? Já diſſe a Albano, que foſſe ao Eridano, que lá o acharia.

Rey. Prodigioſo homem! Vem cá, Fiton, ſe eras taõ inſigne Magico, para que mo negavas?

Chich. Por naõ ter applauſos; pois ſou taõ inimigo de rompantes laudatorios, que por iſſo fugi de Theſſalia.

Mecen. Até niſſo moſtra, que he verdadeiro Sabio.

Rey. E como eſtamos do filho do Sol?

Chich. Já o tenho quaſi deſcoberto até o peſcoço; falta-me ſó verlhe a cara, para o conhecer.

Rey. Pois quem te impede o ſeu total conhecimento?

Chich. Os vapores craſſos da terra, que eſtaõ eſcurecendo o brilhante dos aſtros; mas a pezar de tudo hey de trazello aqui pelos cabellos, ſobpena de enforcar os livros.

Mecen. Senhor, lembro a Voſſa Mageſtade, que Albano pretendeo algum dia a Egeria eſpoſa, e naõ ſey, ſe o traidor ſeria . . . . .

Rey. Cala-te, Mecenas: bem te percebo:

Albano he Principe; e quando o na
fosse, mais interesse acharia em Ismene
que em Egeria. *Vais*

Mecen. ElRey muito confia em Albano
e as minhas idéas muito se retardaõ n
execuçaõ, por naõ achar a opportuni
dade, que desejo. Ay Egeria, que
tua infelicidade me suspende o arrojo
e me esconde a occasiaõ! Mas só tu, ó
Fiton, compadecendo-te do meu amor
pódes remediar o meu empenho; que
me respondes, Fiton? Fiton, naõ ou-
ves? Arrebatado em extasis está! Fi-
ton?

Chich. Naõ me deixará, Senhor Mecenas,
que estava agora ideando aquillo, que
Vossa Senhoria me recommendou àcer-
ca da Senhora Egeria; e o tinha já quasi
concluido, se me naõ chama?

Mecen. Até nisso sou infeliz; mas bastame
para alentar a minha esperança, saber
que te naõ esqueces da minha perten-
çaõ; mas só te digo, que desejara, que
Albano cahisse do valimento, por naõ
conseguir o Hymenêo, que pretende,
e unir mayor poder a meu contrario.

Chich. Tudo bem se fará.

Sabe

Sahe Chirinola ao baſtidor, e Mecenas a vê

Chirin. Graças a Deos, que já achey eſte Mecenas! Tomara fallarlhe ſó por ſó, ſem que me viſſe o meu Chichisbeo. Cé.

Mecen. Que me quererá aquella criada? Fiton, retira-te, que importa ficar ſó; depois fallaremos.

Chich. Tambem ſe naõ fallarmos importa pouco. Mas eu quero eſpreitar, o que iſto he. *á parte.* *Eſconde-ſe.*

Mecen. Que ha de novo, Chirinola?

Chirin. Egeria te aviſa, que Albano, e Iſmene ſe achaõ divertindo em huma caçada, nas ribeiras do Eridano; que obſerves os ſeus movimentos, que póde ſer aches alguma occaſiaõ para o intento.

Mecen. Dizelhe, que a repoſta he a obediencia, com que executo os ſeus preceitos. *Vaiſe.*

Chich. Temos a Chirinola feita alcoviteira!

Chirin. Eu naõ ſey, quando ſe aquietaráõ eſtes Senhores.

Chich. Quando naõ houverem alcoviteiras. *Sahe.*

Chirin. Falle claro, e naõ me dê remoques.

Chich. Ora naõ fiava de ti, que tiveſſes taõ baixo officio, ſendo tu a primeira terceira, que eu vi taõ deſtemperada neſſa materia!

 Chirin.

Chirin. E quem to diſſe?

Chich. He boa pergunta eſſa! A hum Magico naõ ſe pergunta, quem lho diſſe.

Chirin. Perdoe, que cuidava, que já naõ era Magico.

Chich. Ay, que me naõ lembrava da promeſſa, que te fiz! Eſtou zombando, eu naõ ſey nada.

Chirin. Logo naõ ſou alcoviteira?

Chich. Qual alcoviteira?

Chirin. Bem ſe conhece o remendo, que naõ he do meſmo panno.

Chich. Ah Chirinola, ſabe Deos as linhas, com que cada hum ſe coze: deixemos galantarias amatorias, e fallemos em couſas ſizudas.

Chirin. Pois que ha de novo?

Chich. O meu amor.

Chirin. Pois iſſo já naõ he velho?

Chich. Naõ vês, que os velhos ſaõ duas vezes meninos?

Chirin. Pois que quer o menino?

Chich. Quer nanar.

Chirin. Pois buſque quem o emballe.

Chich. Sempre me andas emballando com eſſe rigor! Naõ vês, que ſou teu Chichisbeo, a quem ſe devem os carinhos de *jure*, e porta franca os agrados?

Chirin. Ainda mais carinhos, ainda mais agra-

agrados, dos que lhe eu faço?

Chich. Isso sim; mas . . . . .

Chirin. Mas que? Diga: mas que?

Chich. A mim me tinhaõ dito, (muito se mente neste mundo!) que os Chichisbeos abraçavaõ as suas Chichisboas; que eraõ duas almas n'um corpo; o que hum queria, outro queria; que a fé amante era inviolavel; a assistencia continua; o cuidado frequente; e que estavaõ olhando hum para o outro sempre sem pestanejar, e no cabo nada disto acho em Italia: que será?

Chirin. Estás muito alheyo no caso.

Chich. A'gora, eu estou muito bem certo nas leys do Chichisbeato.

Chirin. Nada sabe, senaõ ter atrevidos pensamentos; naõ sabe, que hum Chichisbeo ha de querer com taõ casto amor, que naõ ha de passar os limites da politica?

Chich. Filha, isso de amor Platonicc he cousa ideada, que naõ existe *in rerum natur*; he huma capa, que se deita sobre os olhos de Cupido, para o cegar mais, e para cegar tambem aos circunstantes; e naõ me puxes tu pela lingua, que eu direy o que sinto nessa materia.

Chirin. Seja o que for; isto he o que cá se usa.

Chic

Chich. Vamos com a moda, que do mal o menos.

Chirin. Isso me parece bem.

Chich. Pois ouve, e verás se sou Chichisbeo de verdade.

Canta Chichisbeo a seguinte

ARIA.

Cara mia, cara, cara
Per te il mio cor trafitto
Smarrito, sbigurrito
Il dardo senti d' amor.
Moriró, má qual Fenice
Che nel fuoco suo felice
Piu bella revive allor. *Vaise.*

Chirin. He o mais galante Chichisbeo, que tenho visto! *Vaise.*

SCENA II.

Selva. Sahe Egeria, e Faetonte.

Eger. QUanto, Faetonte, sinto se malograsse taõ bem premeditada accaõ!

Faet. Bem vês, Egeria, como obedeco aos teus preceitos, e como desempenho a minha palavra; falta cumprires da tua parte com a morte de Albano.

Eger.

Eger. Ainda naõ falta o tempo : cuidemos primeiro em ſalvar a tua vida , pois he certo , que de Iſmene foſte viſto , e ſe fazem diligencias para te prenderem ; e aſſim ſerá preciſo, que ſeja outra vez eſte boſque do Eridano verde aſylo de tua peſſoa.

Faet. Ay de mim , que mais ſinto o cruel deſterro , que perder a propria vida, pois quizera que Iſmene me viſſe mil vezes traidor !

Eger. Para que he taõ inutil acçaõ ?

Faet. Para executar a minha fineza nos continuos ſacrificios à tua formoſura.

Eger. Muito te devo.

Dentr. Ao boſque , à ſelva, tó , tó.

Eger. Mas alli vem Iſmene ; poem em execuçaõ o teu intento , que eu me retiro, e occulta neſte arvoredo eſtarey obſervando o teu valor : (aſſim fingirey, que o vejo , para que ſe alente na execuçaõ, *à part.*) que huma couſa he deſejar a morte , e outra vella executar. *Vaiſe.*

Faet. Eſpera , Egeria ; mas ay de mim ! Quem ſe vio em mayor conſternaçaõ ! Pois eſperar Egeria pela morte de Iſmene , Iſmene aquelle ſoberano idolo de amor , cuja copia adorey primeiro, que o ſeu

o ſeu original! Verme Egeria agreſſor
e ver eu a Iſmene amante! Oh que in
trincado labyrintho de amor! Mas ell
já vem chegando, e eu para ſatisfaze
a ambos os empenhos, fingirey, que m
deſencontro, e no em tanto gozaráõ o
olhos por entre eſtas ramas o bello Sol
que me abraza. *Eſconde-ſe*

Sahem Iſmene com arco, e ſettas, e alguns monteiros.

Iſmen. Alli ſe moveraõ ramos, ſem duvida que alli ſe embrenhou a féra. Eſpera, veloz jeroglifico do vento, que eu com eſta ſetta te ſuſpenderey a fuga.

Atira huma ſetta, e dá em Faetonte, e cahe atraveſſado com ella aos pés de Iſmene.

Faet. Ay de mim, tyranna, que me mataſte!

Iſmen. Que vejo! Ay infeliz, que cuidey eras a féra, que vinha ſeguindo! Levantate, homem, que as minhas piedades faraõ menos horrivel a tragedia deſte acaſo. *Levanta-o*

Faet. Com taõ feliz remedio ſerá ditoſa a minha morte: perdoe Egeria, que a occaſiaõ naõ permitte attenções. *à part.*

Iſmen. Aonde foy a ferida?

Faet. No peito.

Iſmen. E he penetrante?

Faet.

aet. Chegou.me ao coraçaõ.

men. Ao coraçaõ? Se aſſim fora, naõ eſtarias com vida.

aet. Eſſe he o privilegio do teu golpe, que immortaliza a meſma morte.

men. Agora vejo, que eſtás mortal, pois que deliras; levay eſte homem, e de ſua ferida o remedio correrá por minha conta.

uer Iſmene hirſe, e Faetonte a detem, e canta a ſegninte

A R I A.

Deixa, que eu morra
Deſta ferida,
Que he melhor vida
Morrer por ti.
Se me deſejas
Da morte iſento,
Naõ te retires;
Pois ſó me alento
Com verte aqui. *Cahe.*

men. Levay, levay eſſe homem, que me horroriſa ver tanto ſangue. *Vaiſe.*

ahem por huma parte Albano, e da outra logo depois Mecenas, Fiton, e Chichisbee.

lban. Eſperay: que homem he eſſe? Quem o ferio?

Monteir.

Monteir. Iſmene com huma ſetta.

Alban. Sem duvida, que eſte he o traido
que quiz matar a Iſmene, pois he o p
meiro homem, que encontro nos bo
ques do Eridano, como me diſſe Fito
e pelo conhecer Iſmene, valeroſa
quiz vingar pelas ſuas mãos.

Faet. Ay de mim! Eſpera, naõ te vá
tyranna roubadora de minha vida, p
com a minha morte naõ extingues o a
dor, em que me abrazo. *Levantando-*

Alban. Ainda fulminas vinganças, infam
traidor? Mas ſe ſemivivo te deixou
piedade de Iſmene, a minha vingan
te acabará de huma vez.

*Puxa por hum punhal, e ſahem Mecenas, F
ton, e Chichisbeo.*

Faet. Ainda que exangue me vês, ſabe
que tenho eſpiritos, para ſuppeditar
teu arrojo: larga o punhal, e vem
meus braços.

Chich. Em grande perigo eſtá Faetonte
O engano me valha. Suſpende o braço
ſacrilego Albano: Mecenas, eſte he
filho do Sol, por quem tanto ſuſpi
ElRey.

Mecen. Que dizes?

Alban. Eſte naõ he o filho do Sol, he
tra

raidor de Ismene, e nelle quero completar o resto da vingança, que deixou smene principiada.

h. Ora naõ o saberey eu? E senaõ perguntelhe, e verá o que elle diz.

. Deixa, Fiton, pois lhe val a sua ignorancia, para que Apollo, como a sacrilego, o naõ castigue com seus rayos.

n. Naõ ha mais remedio, que obedecer aos fados, para que naõ perca Faetonte a vida; e para mayor evidencia e que elle he o filho do Sol, fará Apollo, que se movaõ estas arvores, mudando o sitio, em que habitaõ.

ovem-se as arvores de huma parte para a outra.

os. Prodigioso successo!

t. Grande Magico he Fiton! *à part.*

ch. Se eu soubera fazer disto, dava duas igas na inveja. *à part.*

cen. Que mais evidencia queremos? Vem, venerado filho do Sol, a ennobrecer esta regiaõ.

han. Fiton, Senhor, he o culpado no meu excesso, pois me disse, que o primeiro homem, que encontrasse nos bosques do Eridano, que esse era o traidor, que quiz matar a Ismene; e como foste

fofte o primeiro, que encontrey,
verte ferido por Ifmene, me perfua
que eras o traidor; e affim defculp
meu atrevimento; pois fó Fiton
enganarme merece o caftigo.

Chich. Naõ nego, que eu diffe, qu
primeiro homem, que encontraffes,
o traidor; porém Faetonte, (que af
fe chama efte Senhor filho do Sol)
he femideos: logo naõ o enganey.

Faet. E o ferirme Ifmene foy huma caf
lidade.

Mecen. Vamos, Senhores, naõ dilatemo
dar a ElRey efte prazer: vem, efcla
cido Faetonte. *Va*

Faet. Bom principio levaõ os meus inte
tos. *Va*

Alban. Vou fem alma, pois temo nefte
lho do Sol o eclypfe do meu amor. *Va*

Fiton. Oh quanto em vaõ pretende a pr
dencia humana fufpender o movimen
das eftrellas! *Vai*

Chich. Ora vejaõ as coufas defte Mun
como faõ, pois eu fendo hum afno e
peffoa, eftou feito fatrapa em carne;
Faetonte fendo hum ninguem, lá v
a fer venerado como filho do Sol!
ifto naõ parar em alguma deftampaçaõ
temos vida para cem annos.

Sa

Sahe Egeria.

r. Cuidadofa venho, fem faber fe Fae-
onte executaria o intento; mas alli eftá
'iton, elle me informará: Fiton, vem
tirarme de huma duvida.

ch. Naõ poffo, Senhora, que anda tu-
lo revolto com o novo fucceffo, que
gora aconteceo. *Vaife.*

r. Que fucceffo? Efpera: mais con-
ufa eftou! Mas quem duvida, que fe-
á a morte de Ifmene? Porém que vejo!
Alviçaras, coraçaõ; todo efte prado
eftá inundado de fangue, naõ póde ha-
ver mais feguro indicio; pois haver fan-
gue no lugar, aonde deixey a Faeton-
te, e Ifmene; dizer-me Fiton accele-
rado, que andava tudo revolto com hum
novo fucceffo, que póde fer, fenaõ o
que imagino? Oh valerofo Faetonte!
Oh extremofo amante! Só o teu valor
me podia coroar de triunfos.

Sahe Chirinola.

irin. Senhora, que ferá ifto? Todo efte
prado cheyo de fangue, e alli encon-
trar a Albano pallido, como fobrefal-
tado, e Mecenas, que levavaõ hum
homem como prezo?

ger. Vifte, que homem era?

irin. Naõ o pude diftinguir, por hir
cercado de muita gente. *Eger.*

Eger. Ay de mim, que ſerá Faetonte! S
duvida, que morta Iſmene, naõ po
ria eſcapar!

Chirin. Pois, Senhora, que ſeria iſto?

Eger. Huma felicidade, e huma deſg
ça ao meſmo tempo; aquelle, que v
hir prezo, era (ay de mim!) o m
extremoſo amante, que me adorav
chegando a tanto a ſua fineza, que c
gou a dar a morte a Iſmene, cujo ſ
gue he eſte, que matiza eſte prado.

Chirin. Ora já ſe acabaraõ os teus cui
dos à cuſta do ſangue alheyo.

Eger. As armas da juſtiça ſaõ muy poc
roſas.

Chirin. Agora, Senhora, que te vês ſe
oppoſiçaõ no throno, lembrate da m
nha lealdade.

Eger. Ainda naõ creyo eſta fortuna. C
ambiçaõ de reinar a quanto obriga
Oh cego amor a quanto te delibera

Canta Egeria a ſeguinte

A R I A.

Verdes louros do Eridano,
Só aſſim no ſolio ufano.
Deſſe ſangue matizados
Vós me haveis de coroar.
Mas ò tu ditoſo amante,

Qu

Que por mim penando vás,
A teu peito fiel conſtante
Eu prometto libertar. *Vaiſe.*

SCENA III.

Gabinete bem adornado. Sahem Faetonte, e Chichisbeo.

Chich. ORa Senhor filho do Sol, ſeja-lhe muito parabem a voſſa ſemideidade, pois que ſe vê palaciego, veneração dos grandes, adorado dos pequenos, e appetecido das Damas; agora peço-lhe, que já que o Senhor ſeu ſeu pay he o productor do ouro de vinte e quatro quilates, que reparta comigo dos ſeus mineraes; quando naõ, hey de pollo no olho da rua, como quem he.

Faet. Bem ſey, Chichisbeo, que eſſa epiquéa, com que me fallas, he huma rigoroſa critica de meu naſcimento; mas ſe o naſcer nobre he acaſo da fortuna, com o meu valor, e a tua induſtria emmendarey eſſe acaſo.

Chich. E como eſtás da ferida?

Faet. Quaſi ſaõ à força de activos remedios.

Chich.

Chich. E quem te ferio?

Faet. Iſmene caſualmente com huma ſetta, que para hum bruto a deſpedio do arco.

Chich. Andar, nunca errou o tiro.

Faet. E mais ſentira, ſe o errara.

Chich. Naõ entendo eſſa filoſofia.

Faet. Porque Iſmene he o bello original daquella copia, que de Theſſalia me trouxe em frenetico delirio.

Chich. Iſmene meſma?

Faet. Iſmene; porque aquella belleza ſó de hum animo Real poderia ſer adorno.

Chich. Caro te cuſtou o achalla, pois zombando, zombando, te hia cuſtando a vida.

Faet. Tambem o naõ achalla me cuſtaria o meſmo.

Chich. Que pretendes agora depois de filiado na caſa do Sol?

Faet. Eſcuzada pergunta, quando ſabes os extremos, que fiz por Iſmene, quando pintada; pois quem taõ finamente adorou as ſuas ſombras, como deixará de idolatrar o claro de ſuas luzes?

Chich. Eu o creyo; mas com tudo naõ falta quem diga, que huma mulher he melhor pintada, que viva; pois o pincel he como o ſolimaõ, que mata os defeitos.

Faet.

Faet. Em Iſmene tudo ſaõ perfeições.

Chich. Com que Egeria já lá vay cos diabos?

Faet. Naõ tem que ſe offender Egeria, pois primeiro adorey a Iſmene.

Chich. Na verdade, que ſe ſouberas o que ha na materia entre Egeria, e Mecenas, que ha mais tempo, que a havias ter repudiado.

Faet. Conta-me, para que poſſa cohoneſtar o meu deſvio.

Chich. Senhor, eu naõ ſou de mexericos; neſſa certeza ſaiba voſſa merce, que Egeria fez a Mecenas eſcrito de caſamento, ou couſa que o valha, e ſe lhe mete na cabeça, que ha de pôr a Egeria no throno; e naõ deixaõ de ter ſeus colloquios amatorios.

Faet. Quem to diſſe?

Chich. Eu, que o ouvi com eſtes olhos; e pretenderaõ, que eu déſſe algum ſoccorro magico na materia; com que, Senhor, iſto anda muy ſollapado, e combalido; faze o teu negocio, gema quem gemer; já eſtás feito filho do Sol, e como tal pódes caſar, aonde puzeres o dedo meminho.

Faet. Naõ ſabes, quanto eſtimo eſſa falſidade de Egeria, para que ſem eſcrupu-

los da conſtancia poſſa livremente pre
tender a Iſmene?

Chich. Sim Senhor, Iſmene, e mais I
mene, que o mais he carvaõ de ſacari

Sahe Iſmene.

Iſmen. Cuidadoſa da tua ſaude venho ex
preſſarte o quanto eſtimarey a tua m
lhora, para que no alivio da queixa
mitigue o pezar de ſer eu a cauſa da tu
moleſtia.

Faet. De melhor vontade recebera os p
rabens da ferida, que os da melhora
pois morrendo aos golpes da tuà ſetta
acharias no ſacrificio da minha vida
cultos de quem te adora como Deidad
Oh quantas vezes, Iſmene, abomino
arte, que inventou antidotos para c
rarme; pois quizera no mortal da feri
immortalizar a minha fineza!

Iſmen. Bem inſtruido eſtás nas liſonjas
Corte; mas como eſſes affectos ſaõ m
effeitos do entendimento, que da vo
tade, te agradaráõ mais os elogios, q
a correſpondencia; e pois ſatisfeita vo
vendo-te convalecido, permitte-m
que me retire. *Quer ir*

Faet. Naõ te vás, ſem que primeiro
informe de outra enfermidade mayo
que padeço; que ſe piedoſa te oſtent
co

com os males do corpo, ſerá razaõ, que propicia te encontre no mal, que minha alma padece.

Chich. Aquelle mal d'alma, como couſa occulta, ſó a mim me pertencia dizello, a quem toca revelar os ſegredos animaes; porém diga o Senhor Faetonte, que em fim mais ſabe o tollo no ſeu, que o diſcreto no alheyo.

Faet. Haverá hum anno, formoſa Iſmene, que te vi, ou para melhor dizer, queceguey de te ver; e aſſim como o Iman procura o ferro, o Eliotropio o Sol, e o fogo o ar, aſſim deſde Theſſalia, aonde te admirey, a procurarte veyo o meu affecto duas vezes peregrino: deixo de encarecerte os deſvélos, os cuidados, e os ſuſpiros, que me motivaſte, por te naõ horrorizar a tragedia do meu tormento.

Iſmen. Se nunca fuy a Theſſalia, como nella me podias ver?

Faet. Neſte retrato. *Moſtra o retrato.*

Chich. Eu ſou muito boa teſtimunha, e mais por ſinal, que o vio em jejum, e logo ficou naõ ſey como.

Iſmen. E de que ſorte veyo a teu poder?

Faet. Achando-o nas ribeiras do mar, entre os fragmentos de hum naufragio.

Chich. Ah Senhor, peça perdaõ a Sua Al
teza de achar o ſeu retrato na praya, qu
naõ he lugar decente.

Iſmen. Ay de mim, que eſte he o me
retrato, que ſe enviou ao Principe d
Rhodes, que infeliz naufragou com el
le, vindo-me receber por eſpoſa! *à par*

Faet. Te enternece ver o teu retrato, o
de ouvir os meus ſuſpiros?

Iſmen. De ambas as couſas: o retrato pe
lo ver ſem dono, e os teus ſuſpiros pc
inuteis.

Faet. Se eu poſſuo o retrato, como na
tem dono?

Chich. Iſſo aſſim he pela regra do *uſo ca*
piam, e de ſerem inuteis os ſeus ſuſpiros
tambem pudera dizer alguma couſa p
lo direito de terceiro; porém acho, qu
Voſſa Alteza naõ ha deſprezar hum f
lho do Sol legitimo, que ſó por ter p
avó de ſeus filhos ao olho do Sol, p
dera dar os olhos da cara.

Iſmen. Para que tanto te empenhas pc
Faetonte?

Chich. Porque a Apollo ſeu pay devo o qu
ſey, por ſer o Meſtre em artes Mag
cas, e Aſtrologicas.

Iſmen. Faetonte, tarde chegaraõ aos meu
ouvidos os teus ſuſpiros; pois já ſou c
Albano.

Fae

Faet. Para que me defenganas, cruel? Deixa ao menos manterte a minha efperança na vaidade de que poffo merecer os teus agrados.

Chich. Ahi vem ElRey.

Ifmen. Eftimo por atalhar os feus difcurfos. *à part.*

Sahe ElRey.

Rey. Ditofa Italia! Ditofo Monarca, que tem a fortuna de poffuir o filho do Sol nos ambitos do feu dominio! Permitte pois, que proftrado a teus pés confagre a teu refpeito repetidas venerações. *Faz que ajoelha.*

Faet. Senhor, Voffa Mageftade naõ deve eftar deffa forte; os meus braços feraõ o throno, donde melhor fe colloque a tua foberania.

Rey. Galhardo afpecto! Vês, Fiton, que o que fonhey naõ foy erro da fantafia?

Chich. He, que Voffa Mageftade fabe mais dormindo, que acordado.

Rey. Mas fempre te agradeço o feres tu o ditofo inftrumento do bem, que poffuo.

Chich. Pois na verdade, que bem me cuftou a dar com elle.

Rey. Refta agora, que me defcubras o agreffor de Ifmene.

Chich. *Paulatim*, naõ vay a eftafar.

Rey.

Rey. Supponho, Faetonte, que já terá relevado a Iſmene a caſualidade de fe-rirte no boſque; e para que com huma acçaõ ſatisfaça a dous empenhos, vem comigo ao templo de Hymeneo, donde depois de ſacrificar a Apollo, grato ao beneficio de permittir habite comigo hum filho ſeu, aſſiſtirás aos deſpoſorios de Iſmene com Albano, para que com teu influxo ſeja ſempre fauſto, ſempre ditoſo o ſeu Hymeneo.

Faet. Que ouço? Ay infeliz! *à part.*

Chich. Lá vay quanto Martha fiou! *à part.*

Rey. Vem, Faetonte.

Faet. Senhor . . . . Iſmene . . . . o Hymeneo . . . . poderia . . . . porque . . . . Naõ ſey o que digo. *à part.*

Rey. Que tens? Que te perturba?

Chich. Naõ repare Voſſa Mageſtade, que todos os filhos do Sol maſtigaõ as palavras, e engolem os conceitos: quer dizer, que ſe podia dilatar o caſamento; porque ainda ſe acha mal convalecido, e lhe tremem as pernas, que naõ póde dar huma paſſada.

Rey. Perto fica o templo; pois convem naõ dilatar, antes que outro traidor impulſo intente malograr as minhas idéas. Vem Senhor. *Vaiſe.*

Faet.

aet. He preciso obedecer: Ismene, lembra-te de mim. *Vaise.*

hich. Ande, Senhor, que honra, e proveito naõ cabe n'um sacco. *Vaise.*

men. Que tarde vieste, filho do Sol, outra vez torno a dizer, e que accelerado voas Hymeneo de Albano? A pressa de hum, e a tardança de outro, saõ hoje os incentivos da minha magoa.

hem Egeria, e Chirinola, de sorte que naõ vejaõ a Ismene.

hirin. Senhora, recolhamo-nos depressa ao teu quarto, para que se naõ suspeite em nós alguma traiçaõ; quando Faetonte confesse o delicto, daremos a nossa quartada, dizendo, que estivemos em casa.

ger. Pois anda, que até naõ saber de Faetonte, naõ socegará o meu coraçaõ; e pois já o Ceo me vingou desta tyranna, de seu sangue esmaltarey a minha Coroa Mas que he o que vejo? Ay de mim! *Vê a Ismene.*

hirin. O que? O que, Senhora? He verdade! A que delRey, naõ fuy eu; naõ fuy eu, Ismene.

ger. O alento me falta; Ismene, naõ crimines a minha innocencia, porque Fae-

Faetonte . . . mas ay de mim! *Desmaya-se*
Ismen. Que he isto? Que perturbaçaõ h
esta? Egeria, torna em ti. Dize tu, qu
foy isto? *Para Chirinola*
Chirin. Tomara-me desmayar; mas na
posso.
Ismen. Ha confusaõ semelhante! De qu
te assombras? Sou alguma fantasma?
Chirin. Espere, que já vou perdendo o me
do; pois Vossa Alteza he mesmo Voss
Alteza?
Ismen. Pois quem hey de ser?
Chiriu. Deixe-me apalpar.
Ismen. Para que?
Chirin. Com que Vossa Alteza naõ mor
reo?
Ismen. Naõ me vês?
Chirin. Bem vejo; mas naõ sey, se he al
guma cousa do outro Mundo.
Ismen. Deixa despropositos, acudamos
Egeria: Egeria? Egeria?
Eger. Perdoa-me, Ismene, que eu fuy . .
Chirin. Ay, que se declara! Senhora, Se
nhora, que naõ he morta a Senhora Is
mene, naõ a matou o javalí na caça
como disseraõ; naõ tenha susto.
Eger. Ay de mim! Que horrivel fantazia
Levanta-se
Ismen. Que foy isto, Egeria? Que enig
ma he este? *Chirin*

Chirin. He o que eu diſſe, Senhora, pois nos affirmaraõ, que hum javalí deſpedaçara a Voſſa Alteza, que Jupiter guarde, e por ſinal nos moſtraraõ o ſangue; nós eſpavoridas, inventando outra vez a moda do arripiado, viemos correndo a bom correr, para talhar hum par de choradeiras; quando de repente a vimos a Voſſa Alteza; e como ſomos medroſas, cuidámos, que era huma cadavera.

Eger. Bem remediou: *à part.* Iſmene, dáme hum abraço, que a tua morte muito me tem cuſtado; e porque o ſuſto ainda me occupa muita parte dos ſentidos, permitte, que me retire. *Vaiſe.*

Chirin. Arrelá com a mentirinha, que nos hia dando na cabeça! *Vaiſe.*

Iſmen. Que enigmas ſeraõ eſtes! Egeria aſſuſtada; imaginarme defunta; pedindo-me perdaõ, e que a naõ crimine? Naõ ſey o que conjecture! Mas ay infeliz, que aquelles ſuſtos, e aquellas palavras, ainda que mal explicadas, dizem muito! Oh ſede de reinar, quam impia, e ſacrilega he a tua ambiçaõ! Que maquinas naõ inventas! Que tyrannias naõ executas!

Can-

Canta Ismene a seguinte

A R I A.

Ditosa Pastorinha,
Que alegre em verde prado,
Só cuida no seu gado
Ao som da melodía,
Que inspira a rude frauta
Do amante seu Pastor.
Politicas naõ usa,
Nem maximas inventa,
Ufana se contenta
Das flores, que tributa
A' fé de hum casto amor. *Vaise.*

SCENA IV.

Templo de Hymeneo, em cujo simulacro se verá huma têa incendida. Sahem Chichisbeo, e Chirinola.

Chich. ANda depressa, se queres ver o noivado, antes que se intupa o templo de gente.

Chirin. Ha de ter muito que ver, pois dizem, que o filho do Sol tambem assiste muito bizarro.

Chich. Poem-te ahi, e dahi te naõ bulas.

Chirin. Sim Senhor, mas a mim me consta, que vosse ainda he hum refinado Magico,

gico, e que anda adevinhando o feito, e o por fazer.

Chich. Se eu estivera mais de vagar, eu te dissera por onde o gato vay às filhozes.

Chirin. Eu bem sey por onde vay.

Chich. Por onde?

Chirin. Pela trapeira.

Chich. Pela tripeira has de dizer, pois tudo quanto faço he por amor da tripa: ah Chirinola, que bella occasiaõ para nos casarmos! Olha, naõ te faz cocegas ver alli o Deos dos casamentos com a sua luminaria ateada na chaminé de Cupido, em cujo fogo salvage se abrazaõ os miseraveis do jugo amatorio? Dize, naõ tenhas vergonha.

Chirin. Vossê tem a culpa, de naõ ter o que deseja, pois se naõ fora feiticeiro, casaramos agora.

Chich. Ainda crês, que sou desses?

Chirin. Eu sou alguma tolla? Naõ vês, que quem o demo toma, sempre lhe fica hum geito?

Chich. Eu naõ sey, que geito hey de dar a isto? Se lhe declaro a tratada, perdese Faetonte; se me callo, perco a Chirinola, e esta occasiaõ, que ainda he mais calva, que Chirinola. *à part.*

Chirin. Que diz? Ficou pasmado?

Chich.

Chich. Bem ſey, que quem quer bem, d
do que ſabe, dá do que tem; mas
has de guardar hum ſegredo daquelles
maço, e mona, e entaõ ſaberás couſa
ainda que ſonhadas, nunca viſtas.

Chirin. Iſſo corre por minha conta; po
que he?

Chich. He hum ſegredo.

Chirin. Dize-o.

Chich. Naõ to poſſo dizer, pois ſó eu
ſey, e mais certa peſſoa; e ſe tu o ſou
beres, já naõ he ſegredo; porque paſ
ſando de dous, acabou-ſe o ſegredo.

Chirin. Pois dize-mo, ſem ſer em ſegredo

Chich. Entaõ que fineza te faço eu, em di
zer huma couſa, que naõ he de ſegre-
do?

Chirin. Pois de que ſorte o hey de ſaber

Chich. De nenhuma, pois naõ ſabendo tu
o ſegredo, vens a ſaber, que ha ſegre-
do, que he o que te baſta.

Chirin. Vá-ſe dahi; voſſê he o que ſe pre-
za de amante? Voſſê he Chichisbeo? He
huma balla.

Canta Chirinola a ſeguinte

ARIA.

Se naõ fias de mim o ſegredo,
Eu do teu amor me naõ quero fiar;
Que ſe naõ póde dar confiança,

Em

Em quem desconfia seu peito mostrar.
Fia, pois, se naõ queres que desconfie
Do pouco que fias de mim te fiar;
Porque na fiança daquelle segredo
Fiada confio os extremos de amar.

Chich. Aballemos da qui, que para este lugar vem correndo muita gente.
Retiraõ-se a hum lado.

Sahem Faetonte, e Fiton.

Faet. Fiton, sabe que eu estou quasi desesperado. Albano, e Ismene hoje se desposaõ; e eu se tal chego a ver, morrerey infallivelmente; e se por evitar os meus precipicios tanto me recataste dizer, que era de Ismene aquelle retrato; agora, que o sey, e que o naõ ser minha me ha de custar a vida, remedea a minha magoa no infallivel de minha morte. *Vaise.*

Fiton. Dos dous males o menor se ha de eleger; e pois dizem, que o sabio domina os astros, verey se posso emmendar com hum precipicio outro precipicio. *à part.*

Chich. Anda ca tu, que ainda naõ tens nome nesta Historia; como te chamaõ?

Fiton. Chichisbeo.

Chisbeo. Chichisbeo ſou eu deſta menina.

Fiton. Pois eu o ſou de meu amo.

Chich. E elle que te queria, que te eſt ve fallando com braços, olhos, e na riz, muy afroſſurado?

Fiton. Voſſa merce como he Magico na neceſſita que lho diga.

Chich. Eu já diſſo naõ ſey nada, que eſt menina me deu anacardina, para ſó m lembrar della.

Chirin. Aquillo he galantaria.

Chich. Naõ he; que fallo em meus cinc ſentidos.

Chirin. Eſtás colhido.

Chich. Naõ eſtou colhido

Chirin. Eſtás; pois ſe dizes, que te dey anacardina, como ainda tens todos os cinco ſentidos; que ſe aſſim fora, havias perder hum delles?

Fiton. Tem razaõ.

Chich. Mas faltalhe a juſtiça, porque eu por meus peccados tinha ſeis ſentidos, naõ menos; os cinco já ſe ſabe.

Chirin. E o outro qual he?

Chich. He o que tenho em ti.

Chirin. Mas qual delles perdeſte por amor de mim?

Chich. Perdi o ver; mas tu es tal, que naõ fazes carreira a cego.

Fiton.

Fiton. Menina, o Senhor Fiton ſe eſtá diſfarçando, que elle he Magico como ninguem.

Chich. Magico ſerá elle, e ſe naõ fora.... mas elles lá vem, tu me pagarás.

Vaõ ſahindo ElRey, Faetonte, Mecenas, Iſmene, e Albano, coroados de flores.

Canta o Coro.

Na tea luzente
Do ſacro Hymeneo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sól.

Rey. Aquella ardente tea, que illumina o ſacro Hymeneo, ſeja immortalizada com as luzes de Apollo, para que ſempre clara a minha deſcendencia conſiga perpetua duraçaõ a pezar dos eſtragos do tempo.

Alban. Propicio amor, já pozeſte limite a minhas eſperanças.

Faet. Já me vay faltando a paciencia, para tolerar eſte violento rigor do fado. *á part.*

Iſmen. Faetonte naõ aparta os olhos de mim. *à part.*

Chich. Olha, aprende bem, Chirinola, as cere-

ceremónias matrimoniaes, para quand
chegar a nossa occasiaõ.

Rey. Ismene, reconhece a Albano Prin
cipe de Liguria por teu esposo, e na
quella sagrada tea de Hymeneo, que en
brilhante pyra ao Ceo se dirige, abraz
o teu coraçaõ no reverente amor con
jugal, á quem prosperem os Deoses,
felicitem os fados.

Ismen. Sem uso do alvedrio me conduz
este templo o teu preceito, como vi-
ctima de Hymeneo.

Faet. Vay-se concluindo a minha vida
mas eu morrerey mais nobremente.

a part. para Fiton.

Fiton. Espera, naõ te sobresaltes.

Chich. Casamento no meyo da galhofa nun-
ca tal vi!

Alban. Princeza, já que a sorte me desti-
nou taõ alta fortuna, firma com a tua
maõ o decreto do propicio fado, que
reverente a receberey com ambas para
mayor segurança da minha felicidade.

Quer dar a maõ.

Faet. Espera, ay de mim!

Fiton. Repara, e vê. *Apagase a luz do Hymeneo.*

Alban. Que dizes, Faetonte?

Faet. Que vejas a luz de Hymeneo, que
ao dares a maõ a Ismene, se extinguio.

Rey.

ey. Infaufto prefagio! Sufpenda-fe o Hymeneo, pois a fua Deidade, occultando a luz, nos avifa de alguma fatal ruina.

aet. He cafo nunca vifto!

Mecen. E nelle fe encerra prodigio grande.

lban. Se Hymeneo occultou a chamma, he porque fobrava a de meu amor, em cuja prefença naõ podia luzir a fua, bem como as eftrellas à vifta do Sol; e affim permitte, Senhor, que defprezado efte, que imaginas prefagio, fe effeitue o noffo Hymeneo.

ey. Sofifticos fundamentos naõ pódem prevalecer a taõ extraordinario acontecimento, até que Fiton nos declare a caufa de extinguirfe aquella luz.

aet. Diga Fiton.

hich. Sou chamado a confelho.

lban. Da tua fentença pende a minha vida. *à part. para Chichisbeo.*

ey. Dize, Fiton, porque motivo fe apagaria aquella luz?

hich. Porque fe acabou a torcida.

aet. Refponde ferio, e vê lá o que fazes. *á part. para Chichisbeo.*

lban. Fiton com aquella galantaria vem a dizer, que foy cafualidade, e naõ

myſterioſa a extincçaõ daquella luz.

Chich. Tal naõ digo, e eu naõ ſou ta
eſcuro, que neceſſite de pay velho pa
ra commentarme: reſpondi aſſim, por
que naõ quero dizer, que o Deos Apol
lo pay das luzes naõ leva a bem eſte ma
trimonio, e a razaõ diſto eu a direy
Sua Mageſtade ſó por ſó no ſeu gabine
te.

Iſmen. Ha enleyo ſemelhante!

Faet. Viva a minha eſperança. *à part*

Rey. Vês, Albano, que naõ foy ſem myſ
terio? E pois devemos obedecer, ain
da ao minimo aceno dos Deoſes, já naõ
póde Iſmene ſer tua, pois que Hyme
*n*eo eſconde a luz, para ſepultar en
ſombras o teu deſejo.

Canta Albano a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Oh infeliz, oh triſte ſem alivio,
Miſero amante, como ſem Iſmene
Vivirey? Morrerey ao duro golpe
Da ſentença cruel, que me ſepára
Aquella alma ſublime deſte corpo,
Cuja uniaõ amor ligou conſtante.
Oh Jupiter piedoſo, deſſa esféra
O triſulco furor de teu incendio
Cõtra hum peito infeliz fulmina ingente.

Qu

Que para provocar os teus furores
Incentivo naõ ha mais adequado,
Que nafcer infeliz hum defgraçado.

A R I A.

Irado, e languente,
Frenetico, e amante,
O' injufta Deidade,
Da tua impiedade
A Jove fupremo
Me quero queixar.
Se a luz me ufurpafte
Do facro Hymeneo,
Cruel te enganafte,
Que em chamma mais pura
Minha alma conftante
Se fente abrazar. *Vaife.*

Chich. Parece, que lhe ardeo a jeropiga! *à part.*

Rey. Deofes foberanos, em que póde offendervos o Hymeneo de Albano, para que me priveis da gloria defte dia? Mas quem póde comprehender as voffas altas difpofições! Vem, Faetonte, a facrificar, como diffe, a Apollo teu pay, naõ fó para gratificar a tua vinda, mas tambem para applacar a fua indignaçaõ, repetindo o mefmo Coro, para que a lembrança da culpa feja incentivo da piedade

CORO.

Na tea luzente
Do ſacro Hymeneo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sol.

Fim do ſegundo acto.

ACTO III.

SCENA I.

Camera. Sahem Faetonte, e Fiton.

Faet. VEm, Fiton, a meus braços
pois à tua ſciencia devo a vida, que reſpiro; que ſe naõ extinguias
aquella luz em Hymeneo, em cinzas me
reduziria a ſua chamma.

Fiton. Faetonte, agora, que de todo tens
ſuperado o violento furor dos fados, e
te vês neſta proſperidade iſento do grande damno, que te eſperava. te declararey, o que tantas vezes recuzey dizerte. Sabe, que tu es na realidade o
ver-

verdadeiro filho do Sol , e de Climene, aquella infausta belleza, que exposta aos rigores de Diana entre os montes habita como féra.

Faet. Ay de mim ! Que sempre has de ser cruel para comigo ! Pois ao mesmo tempo confundes a delicia de hum prazer, com o rigor de hum pezar !

Titon. E assim releva-me o naõ haverte communicado ha mais tempo este segredo ; porque como estava decretado dos fados , que a saberes tu quem eras ; essa sciencia havia de ser o teu precipicio por causa de huma formosura , por isso te occultey este desengano ; porém agora que supponho triunfas de seus decretos , razaõ he que triunfes tambem do meu silencio.

Faet. Puderas dizermo em tempo , que mais to agradecesse ; mas sempre estimo saber cujo filho sou , se bem nada me dizes de novo , pois a altivez de meus pensamentos naõ poderia ter menos progenitor : eu te relevo o roubo , que me fizeste do tempo , que ignorey a gloria de me jactar filho do Sol.

Titon. Era preciso obedecer ao influxo dos astros.

Faet. Naõ creas nessas quiméras : de meus

suc-

cessos pódes colligir o quam errada he a judiciaria especulação das estrellas, cuja sciencia tanto veneras: mas retira-te, que ahi vem Egeria.

Fiton. Eu te obedeço. *Vaise*.

Sahe Egeria.

Eger. Para que, Faetonte, me occultavas quem eras? Bem me parecia a mim, que o teu brioso alento tinha mais soberana origem.

Faet. Quiz occultarte quem era, para que o amor preferisse ao respeito na tua inclinação.

Eger. Se essa brilhante Deidade, quasi immortaliza a vida; que temes, que não acabas de executar a morte de Ismene, pois já por duas vezes deixaste burlada a minha expectativa?

Faet. Como sey, que Mecenas tem a mesma incumbencia, já não poderey executar os teus designios.

Eger. Verdade he, que Mecenas compadecido da minha desgraça intentou restituirme ao throno de meus pays; mas não sey, em que te possa offender a sua piedade.

Faet. Em ser piedade; pois he certo, que esta só reside em hum coração puramente fino.

Eger.

ger. Se da ſua parte eſtá o amor, da minha eſtará a conſtancia, com que te adoro; porém cuido, Faetonte, que eſſe affectado ciume ſe origina de algum motivo occulto.

aet. Occulto motivo he; pois ſe eu diſſera, que tambem reſervas a vida de Albano, naõ ſey para que fim, talvez naõ acharas affectado o meu ciume.

ger. Para que vejas; que naõ eſtimo a vida de Albano, mudemos de ſyſtema, como ao principio pretendias: ſê tu homicida de Albano, que eu o ſerey de Iſmene, para que na igualdade dos ſexos fique ſem perigo a reſoluçaõ; e deſſa ſorte, nem a formoſura de Iſmene te ſuſpenderá o golpe, nem a vida de Albano a zelos te incitará.

aet. Para cabal ſatisfaçaõ de meus zelos tu meſma has de ſer homicida de Albano, aliás entenderey, que a piedade te retira o braço, e o amor te ſuſpende o golpe.

ger. O meſmo poſſo eu dizer de Iſmene, para comtigo.

aet. Para deſvanecer eſſa ſuſpeita, baſta intentar o golpe duas vezes, ainda que de nenhuma ſe conſeguiſſe: e aſſim naõ tens que te eximir, que Albano fica ao arbi-

arbitrio de tuas iras. Assim segurarey
vida de Ismene. *à parte*

Sahem ElRey, e Chichisbeo.

Rey. Basta, que essa foy a causa, porqu
se extinguio a luz do Hymeneo?

Chich. Sim Senhor, que he vontade d
Apollo, que seu filho Faetonte seja gen
ro de Vossa Magestade, e a Senhora Is
mene nora, e Vossa Magestade sogr
de Faetonte, e este marido da dita Se
nhora.

Rey. Faetonte, como o obedecer aos Deo
ses he primaria obrigaçaõ de hum Mo
narca, mal poderey resistir aos mudo
preceitos de Apollo teu pay; pois h
sua vontade, que Ismene seja tua espo
sa, e naõ de Albano, por cuja caus
usurpou a luz no seu Hymeneo.

Chich. Do que naõ ha a menor duvida.
attento secreto magicali. *à part.*

Eger. Ay infeliz, que ouço!

Faet. Ay feliz, que ouvi!

Rey. E pois tu, como filho de Apollo,
estás mais obrigado a obedecerlhe, en-
tendo te sujeitarás ao seu imperio: bem
conheço que em Ismene faltaõ meritos,
para ser esposa de hum filho do Sol; po-
rém huma cega obediencia naõ repara
em qualidades.

Chich,

Chich. Pois que lhe ha de fazer, ſe he vontade do Senhor ſeu pay? Feche os olhos, e diga, que ſim, que no aceitar vay o ganho. *à part. para Faet.*

Rey. Que dizes, Faetonte?

Faet. Que hey de reſponder, ouvindo-me Egeria? *à part.*

Rey. Emmudeces?

Chich. He vergonhoſo em lhe fallando em caſar: diga, Senhor, que ſe as bellezas ſaõ Deidades, Iſmene em nada o deſmerece.

Eger. Muito me aggrava Faetonte naquelle ſilencio. *à part.*

Faet. Bem ſey, que a formoſura de Iſmene he digna do meſmo Jupiter, pois Europa, Danae, e Leda, naõ tiveraõ mais bellas prefeições: porém . . . Ha deſgraça ſemelhante! *à part.*

Chich. Porém, que? Que diabo? Eſtá balbuciente? A culpa tenho eu. *à part.*

Rey. Que reſolves, Faetonte?

Chich. Senhor, naõ tem que reſolver; porque elle neſta materia naõ tem voto: eu ſou o que hey de dar a reſoluçaõ; e aſſim digo a Voſſa Mageſtade, que elle quer, e requer, que ſe faça logo, e já o caſamento; e eu, que entro a fazer o requerimento, certo he,

que

que tenho muita razaõ para o ſaber.

Rey. Aſſim o entendo, e da boa indole d
Faetonte outra couſa ſe naõ podia eſpe
rar: e para que ſatisfaça à pretençaõ
de Egeria, ſuppondo que tem algum
dominio à herança deſta Monarquia.
quero, que caſe com Albano, pois
com o Principado de Liguria, fica (ain-
da que naõ em tudo) em parte ſatisfei-
ta a ſua queixa.

Eger. Ainda que Voſſa Mageſtade pudera
repartir os dominios de Liguria, naõ
poderá contraſtar o alvedrio de Albano,
que adorando a Iſmene, o conſidero ago-
ra ſobre amante, zeloſo.

Rey. Quando o naõ vença a razaõ, o con-
vencerá a violencia: vem, Fiton, que
importa communicarte materias de im-
portancia. *Vaiſe.*

Chich. Valha-me Deos! Tomara ſer pri-
vado de ſer privado. *Vaiſe.*

Faet. Egeria, a que mais póde aſpirar o
teu deſejo? Já conſeguiſte o Hymeneo
de Albano: ſerás Princeza de Liguria,
e com as armas de teu eſpoſo poderás
reſtaurar a tua Coroa.

Eger. Sendo tu o Monarca, e auxiliado
dos rayos de Apollo, que exercito te re-
ſiſtirá? Pois para ficar vencido baſta ter
por contrario ao Sol. *Faet.*

et. Se aſſim foſſe, eu me deixara vencer, ſó para que tu triunfaſſes.

Canta Faetonte a ſeguinte

ARIA.

Serêa encantadora
Aſſaga o navegante,
Que intrepido, e nadante
Fugindo do ſeu canto
Intenta triunfar.
Repara, que a belleza
Contém tal armonia,
Que em doce melodia
Obriga a naufragar. *Vaiſe.*

ger. Que affectadas finezas! Ah tyranno amante, que o teu genio ambicioſamente elevado te fará eſquecer do meu amor.

Sahe Albano.

lban. Quem me dera ſaber o que terá revelado Fiton àcerca da extinçaõ daquella luz de meu infeliz Hymeneo; pois pendente o coraçaõ da ſua repoſta, nem bem vivo, nem bem morto eſtá.

ger. Vês, Albano, como os Deoſes caſtigaõ a hum perjuro, a hum falſo, e a hum traidor amante?

lban. Ignoro o que dizes.

ger. Pois ſabe, para que o naõ ignores:

Decla-

Declarou Fiton, que a extincçaõ da-
quella luz era hum mudo imperio d
Apollo, insinuando ser sua vontade
que Faetonte se despozasse com Ismene
no que ElRey conveyo por naõ desobe
decer à insinuaçaõ de hum Deos.

Alban. Immortal devo de ser, pois na
rendo a vida a golpe taõ cruel.

Eger. Se soubera, que havia de ser ta
penosa para ti esta noticia, naõ ta déra
e assim escusarey de dizerte, que infalli
velmente Faetonte se desposa com Isme
ne, e que tu ficas excluido da gloria d
possuir sua belleza.

Alban. Vençaõ os acertos da prudencia a
violencias de hum pezar. *à part.* Na
sabes, Egeria, o quanto estimo ess
mudança de meu Hymeneo, para que
desenganado das inconstancias da fortu-
na, em que até agora naufraguey, pos-
sa tomar o norte, que perdi: A teus
pés, Egeria, se prostra a minha culpa;
naõ quero accumular desculpas ao deli-
cto, por naõ dificultar o perdaõ. *Ajoelha.*

Eger. Que fazes, Albano?

Alban. Revalidar o primeiro voto, que
consagrey nas aras de teu amor.

Eger. Ainda que pudera vingarme de teu
aleivoso proceder, quero ser extremo-
sa

ſa comtigo; pois ſe naõ houvera ingratidões, naõ haveriaõ finezas. Aſſim convem para os meus intentos. *à part.*

Alban. Pois, Egeria, ſe a tua piedade me ampara, eu te prometto prepararte o throno, atropellando todas as difficuldades. Morra Faetonte.

Dentr. Viva Faetonte.

Eger. Morra Faetonte, e tambem Iſmene.

Denr. Viva Iſmene.

Eger. Que encontrados eccos reſpondem às noſſas idéas?

Dentr. Viva Faetonte, viva Iſmene.

Sahe Chirinola.

Chirin. Senhora, que eſtá tudo alvoroçado com danças, córos, e bailes, applaudindo o novo eſpoſo de Iſmene, que dizem he hum filho do Sol, que eu por ſinal vi junto com Iſmene, taõ reſplandecente, que era huma couſa nunca viſta. Ay Senhora, eſpere para o ver, que elle para cá vinha caminhando.

Eger. Por iſſo meſmo irey mais depreſſa. Oh cruel pezar, naõ ſejas uſurpador de minha vida, em quanto a fortuna me naõ facilita o meyo da vingança! *Vaiſe.*

Chirin. Vamos, vamos Senhora, depreſſa. *Vaiſe.*

Alban.

Alban. Haverá homem mais infelíz? Par
que, injuſtas Deidades, vos empenhaſte
a fazerme ditoſo, ſe depois que me ele
vey ao auge de tanta ventura, me ha
vieis de deſpenhar do bem, que che
guey a poſſuir? Mas tu, ò cruel Mo
narca, ſe me uſurpaſte a ventura com
a eſpoſa injuſtamente, eu juſtament
te arrancarey com o Sceptro a ambiçaõ
porque a juſtiça de Egeria me dará ar
mas para triunfar da tua crueldade.

Sahe Iſmene.

Iſmen. Confuſa, e vacilante no procelloſ
mar de tantas variedades até me falt
norte para navegar, ſegura na perigo
ſa carreira de taõ inopinados ſucceſſos
Mas quem eſtá aqui?

Alban. Quem ha de ſer? He huma ſom-
bra de Albano, que ſe vê já privad
de toda a luz, depois que perdeo o So
de tua formoſura.

Iſmen. Pois ſe es ſombra, como naõ deſ-
appareces? Que com os reſplandore
do Sol fogem as ſombras.

Alban. Já ſey, tyranna, que como Ave
do Sol te queres eternizar nas luzes; mas
naõ he razaõ, que religioſamente ne-
gues o teu coraçaõ a Cupido, para fa-
zer delle ſacrificio a Apollo.

Iſmen.

Ismen. Que queres, Albano, que te reſponda, ſe hum pay, hum Monarca, e huma Divindade ſaõ triplicados vinculos, que me prendem o alvedrio? Suppoem, que nunca me viſte; ſupoemme a mais cruel, a mais tyranna féra das hircanas brenhas, para que troques em odio, o que foy amor.

Alban. Amor que foy, ſempre he; pois naõ tem mais que hum tempo, e por iſſo ſe pinta menino.

Sahe Faetonte.

Faet. Galharda Iſmene, naõ póde chegar a mais o exceſſo, a que ſe ſublima a minha fortuna, do que a verme coroado com as verdes ramas da eſperança de poſſuirte.

Alban. Ha tormento mais cruel! Sem duvida, Faetonte, que ainda te naõ poſſo encarecer, o quanto te venera toda a Italia.

Faet. Já ſey, Albano; porém adverte, Iſmene, que menos eſtimo naſcer filho do Sol, que renaſcer na esféra de teus braços.

Alban. Se nos meus dominios te poſſuira, verias arder toda a Liguria em mayores demonſtraçẽs de prazer.

Faet.

Faet. Eu o reconheço. Bem quizera, Iſmene, moſtrarte, que aquella ſetta, com que me atraveſſaſte o peito, te deu amor para ferirme, cuja cicatriz ſerá o mais vivo ſigillo, que eterno acredite a efficacia de meu querer.

Alban. Eu deſeſpero. *àp.* Porém, Faetonte, para reconheceres o meu affecto . . . .

Faet. Deixa-me, Albano, que eſtás importuno.

Alban. Pois calate, Faetonte, que eſtás inſupportavel.

Faet. Se te peza de ouvirme, retira-te, e deixame ſignificar à minha bella Iſmene os extremos, com que a idolatro.

Alban. Nem poſſo deixarte, nem poſſo ouvirte: bem ſey, que hum ſupremo Numen te deſtinou eſta fortuna; mas naõ ignoras, que adorey a Iſmene com attenções de eſpoſo, e o ciume he hum monſtro inſofrivel.

Faet. Pois, Albano, que remedio, ſe naõ ſacrificar a vontade ao imperio dos Deoſes? Bem ſey, que te ſobraõ motivos para a tua magoa; porém ſentirás agora o meſmo mal, que eu padeci.

Alban. O meſmo naõ; que ſe o padeceſte, foy em tempo, que naõ tinhas alcançado os favores de Iſmene; e mal póde

ſer

ser o sentimento, que hoje me penaliza, igual à aflicçaõ, que te arrastava antes de favorecido; que entaõ sentias como zeloso pretendente, e eu padeço hoje, como zeloso desesperado.

aet. Se desesperaste, já te naõ fica mais, que esperar.

lban. Enganas-te, Faetonte, que ainda me fica a esperança de saber o meu valor castigar a causa da minha desesperaçaõ.

aet. Pois tu tens ousadia, para te oppor a hum filho do Sol?

lban. Ainda contra o mesmo Sol se ha de animar a minha arrogante temeridade; porque a cegueira, com que os zelos me allucinaõ, me naõ dá lugar para ver as impossibilidades, que emprendo.

aet. Barbaro, verás no poder de meu braço o castigo, que merece a tua ousadia arrogante. *Empunhaõ as espadas.*

smen. Que intentas, Faetonte? Albano, que fazes?

lban. Perder a vida; que se em te perder fico sem alma, bem he, que quem tyrannamente me usurpa a alma, seja violento verdugo, que me tire a vida.

smen. Acudaõ todos, que se mataõ.

Dentr. No quarto da Princeza he a pen-
dencia.

Sahem ElRey, e Soldados.

Rey. Albano, Faetonte, que atrevimen-
to he efte? Affim fe ultraja o meu de-
coro? Sufpendey o furor da voffa in-
dignaçaõ.

Faet. Senhor, Albano me provocou d-
forte, que com precipitada arroganci-
cheguey a profanar a immunidade de Pa-
lacio, fem attender . . . .

Rey. Pois tu, Albano, fem attençaõ a
meu refpeito, fem temor das minha
iras, tivefte oufadia, para romper en
taõ inopinado infulto?

Alban. Huma paixaõ cega naõ póde atten-
der a refpeitos, quando fó refpeita o
defafogo, que intenta confeguir na vin-
gança; e affim . . . .

Rey. Naõ pretendas córar com apparente
defculpas o teu delicto, que nenhuma
fatisfaçaõ póde condecorar a taõ grand
culpa. Perdoe Albano, que primeiro ef-
tá a anciofa ambiçaõ, com que inten-
to divinizar a minha regia eftirpe. *à part.*

Alban. Naõ imagines, tyranno Monarca,
que pretendo accumular defculpas à te-
meridade, em que me empenhey; que
o meu intento fó fe encaminha a fignifi-
carte

carte a razaõ, que tenho, para castigar as semrazões, com que me usurpas a vida, na esposa, que me negas.

Rey. Pois tu, Albano, empenhas-te, contrariando irreligiosamente os divinos decretos?

Alban. Sim; que decretos injustos, nem saõ divinos, nem decretos; porque nenhum decreto sem justiça póde violentar a liberdade dos alvedrios. E se eu adoro a Ismene com taõ fino extremo, que sendo em nós duas as vontades, he unico o querer, como me queres tu persuadir, que os Deoses pretendem constranger duas vontades, as quaes reciprocamente unio o amor?

Canta Albano o seguinte

RECITADO.

Se me negas o bem, que fino adoro.
Aonde recorrerey,
Senaõ ao forte valor, que ha em meu peito?
Se nelle mais perfeito
Tenho o rencor seguro, e o castigo:
Porque vingue dos zelos a violencia,
Que este falso traidor, este inimigo
Origina em minha alma,
Levando-me com barbara indecencia

Em Iſmene Divina a cara vida?
Sinta pois, (ay de mim!) minha vingança,
Quem a vida me uſurpa em tal mudança.

A R I A A 4.

Alban. Os Deoſes naõ pódem
Dous finos affectos,
Que amor vinculou,
Já mais ſeparar.
Rey. Se os Deoſes o querem,
Quem o ha de eſtorvar?
Alban. Amor, que os unio,
Que os quer conſervar.
Faet. Amor he mudavel,
Tal naõ póde obrar.
Alban. Que dizes, Iſmene,
A tanto pezar?
Iſmen. A tantos decretos
Naõ poſſo faltar.
Alban. Se a vida me falta
Na tua mudança,
Que poſſo eſperar?
Alban. Se eſtou } padecendo
Todos. Soffrer } padecendo
Do fado a violencia
Dos zelos o mal.
Alban. Do injuſto decreto,
Rey. Da iniqua ſentença,
Iſmen. Da minha eſquivança,

Faet.

[...]et. Da tua mudança,
[...]dos. Aos Ceos pedirey,
Soccorro, clemencia
Em mal taõ fatal. *Vaõ-se.*

SCENA II.

Salla. Sahe Chirinola.

[C]hirin. VAlha-me amor, e a Deosa da curiosidade, (se he que ha curiosidade nos Deoses!) Que tenha eu paciencia, para supportar ha tanto tempo hum appetite disto, a que chamaõ querer saber o que se passa, e que passe sem fazer aquellas extraordinarias diligencias, que todas costumamos, para sacar assim do bucho a Fiton este segredo, que tanto me occulta! Tomara já apanhallo, que o hey de fazer vomitar logo pá pé tudo quanto sabe.

Sahe Chichisbeo.

[C]hich. He boa esta! Está Faetonte por amor de mim enthronizado, logrando de assento os agrados de Ismene, e eu por amor delle estou de aza cahida nos favores de Chirinola! He desgraça naõ poder voar a minha esperança a esféra de sua aceitaçaõ! *Chirin.*

Chirin. Elle cá vem : darey ſatisfaçaõ à minha curioſidade.

Chich. Faetonte, como digo, eſtá aſſando caſtanhas no aſſador da correſpondencia; e eu eſtou ſoffrendo os eſtouros nas brazas dos deſprezos : eſtou ardendo!

Chirin. Senhor Fiton?

Chich. Senhora Chirinola?

Chirin. Voſſa merce deve andar muy occupado com a fadiga da ſua privança; pois já ha tanto tempo, que me privou da ſua viſta?

Chich. Grandes ſaõ os negocios, que eu, e ElRey temos por ora entre mãos; porém nunca eſtes ſeraõ baſtantes, para eu dar de maõ à lambuge dos teus favores; e para que vejas, que naõ he a privança, a que me faz eſquecer de ti, já naõ quero ſer privado delRey, mas ſó teu, minha Chirinola.

Chirin. Meu porque?

Chich. Porque na minha eſtimaçaõ es a mais celebre privada para hum privado.

Chirin. Guarde-ſe para lá, que naõ creyo palavras liſongeiras : naõ venha zombar da gente.

Chich. Se eu amo de veras, como poſſo fallar zombando?

irin. Pois ſe ama de veras, digame por
onde andou, que ha tanto tempo, que
me naõ vê? He Chichisbeo, e falta às
condições da Chichisbetice?

ich. Naõ foy por minha culpa.

irin. Pois de quem?

ich. De ElRey, que andamos conſul-
tando varios negocios pertencentes às
razões de eſtado.

irin. Eſtado de que?

ich. Eſtado de Iſmene; naõ ſabes, que
já ſe naõ deſpoſa com Albano?

irin. Pois com quem?

ich. Com Faetonte; ſobre iſſo he que
eu empenhey a efficacia da minha ſci-
encia; e ainda que me ſuou o topete,
li no volume dos aſtros, que ella havia
de ſer ſua; porque a extinçaõ da têa de
Hymeneo naõ foy por lhe roerem os ra-
tos a torcida, ou por lhe chuparem os
morcegos o azeite.

irin. Pois que foy?

ich. Foy huma muda inſinuaçaõ, com
que o Delfico Planeta quiz moſtrar, que
o Senhor Faetonte havia de ſer o legiti-
mo marido da Senhora Iſmene, e a Se-
nhora Iſmene a legitima mulher do Se-
nhor Faetonte; mas com tal pacto, e
condiçaõ, que Sua Mageſtade havia de
dar

dar o Reino, para legitimar efte matri-
monio.

Chirin. Com que voffa merce foy, o qu
decifrou effe enigma?

Chich. Eu fuy o legitimo decifrante, por
que nas cifras deffe ceruleo globo li a
juftas caufas, que havia, para affim f
difpor; e tambem vejo as baftardas def
culpas, com que tu engeitas o me
amor, e me tens feito andar com a ca
beça a roda, confiderando na caufa do
teus repudios.

Chirin. Qual amor, nem que alforjes d
lã preta? Eu naõ quero nada com Ma
gicos.

Sahe Mecenas ao baftidor.

Mecen. Que naõ poffa eu alcançar de Fi
ton alguma infinuaçaõ, que facilitand
os meus defignios fegure as efperança
de poffuir com Egeria o Sceptro, qu
pretendo! Mas elle aqui eftá com Chi
rinola: efperarey, que fe vá. *Fica ao baftia*

Chirin. Naõ quero nada com feiticeiros.

Sahe Ifmene ao baftidor.

Ifmen. Aonde achará huma defgraçada ali
vio às fuas afflições? Mas aqui eftá Chi
rinola com Fiton: eu me retiro.

Fica ao baftidor

Chich. Chirinola, eu naõ fou feiticeiro.

Chirin

Chirin. Porque?
Chich. Pòrque naõ ſou Magico
Chirin. Senaõ he Magica, como decifrou tanto enigma?
Chich. Ahi he que eſtá enigmatica a minha deſventura.
Chirin. Declare-ſe.
Chich. Naõ poſſo.
Chirin. Porque?
Chich. Porque he ſegredo, e temo.....
Chirin. Que teme?
Chich. Que dês com a lingua nos dentes, e me tirem as ganas de comer.
Chirin. Naõ me falle por entredentes, que eu naõ entendo equivocos.
Chich. Eu vomitolhe o ſegredo aos bocadinhos, que já naõ poſſo aturar a purga dos deſprezos. *à part.*
Chirin. Naõ quer abrir a boca para fallar? Pois feche os olhos, para nunca mais me ver.
Chich. Eſpera, Chirinola; naõ vires as coſtas à minha eſperança, deixa navegar a náo de meu carinho no mar da tua correſpondencia, que eu prometto deſcarregar na falúa de teus ouvidos a commiſſaõ deſte ſegredo, ainda que beba o ſalgado trago da morte.
Chirin. Pois dize meu rico Fiton, que eu

te

te prometto dar hum bom refrefco, e fegurar o teu amor com as amarras de meus braços.

Chich. Quem naõ dará à cofta no mar daquelles braços! A Deos fegredo, boa viagem, que enjoado nas ondas dos favores vomito as tripas. Pois alto, Chichisbeo, defembucha, e padeça quem padecer; que primeiro eftá o falvamento do teu amor, do que o bom fucceffo de Faetonte: *In æquali periculo debet quis fibi prius confulere.*

Chirin. Que diz, Senhor Fiton?

Chich. Eu naõ fou Fiton, Chirinola, fou femicriado daquelle que fe quer fazer femideos: Naõ fou Magico, filha; porque nunca adevinhey mais, que os teus penfamentos.

Ifmen. Ay Albano, que naõ foraõ fem caufa as tuas defconfianças!

Mecen. Póde haver mais eftranho fucceffo!

Chirin. Para que differte, que era filho do Sol?

Chich. Para que ElRey me naõ tiraffe a vida, que ateimou em dizer, que havia defcobrir o filho do Sol.

Mecen. Naõ ouço mais; vou dar parte a ElRey, para que caftigue efte infulto.

Chirin. Para que differte da extincçaõ da luz de Hymeneo?

Chich. Porque Faetonte quiz, que atiçasse a ElRey, para se naõ apagar a luz da sua esperança; pois tambem queria accender no casamento da Senhora Ismene a sua luz.

Chirin. Faetonte naõ ama a Egeria?

Chich. Foy antes de ver a Ismene, que ao depois ficou Egeria a perder de vista.

Chirin. E quem he este Faetonte?

Chich. He hum Pastor assim chamado, filho de hum homem, que nunca ouvi nomear, e de huma mulher, que habita entre as féras de Diana.

Chirin. Vay-te embora, que es hum refinado Magico.

Chich. O' Filha, se me naõ crês, aqui com toda a solemnidade o jurarey.

Cantaõ Chichisbeo, e Chirinola a seguinte

ARIA A DUO.

Chich. Se cuidas, que posso
Da Magica usar,
Te enganas menina,
Que eu disso naõ sey.

Chirin. Naõ creyo esse engano.

Chich. Bem me pódes crer.

Chirin. Sabendo outra cousa,
Isso naõ farey.

Chich.

Chich. Eu fallo verdade.

Chirin. Naõ falla, insolente,
Vossè mente.

Chich. Naõ minto, naõ, naõ.

Chirin. Pois jure.

Chich. Eu juro,

Ambos. E trejur$\frac{e}{o}$
Que leve o diabo,
Quem Magico he.

Chirin. Se juras, já sey . . . ?

Chich. Pois crê, que jurey

Ambos. Naõ ser feiticeiro,
Quem naõ adevinha,
Bem claro se vê. *Vaise Chichisbeo.*

Sahe Ismene.

Ismen. Espera, Chirinola, que tu has de ser o ditoso instrumento das minhas felicidades.

Chirin. Eu, Senhora? De que sorte?

Sahe Albano ao bastidor.

Alban. Aonde achará hum infeliz refrigerio, para lenitivo do mal, que o penaliza, se para qualquer parte, que caminha, corre para o maltratar com accelerados passos a sua desgraça? Mas aqui está Ismene! Ah ingrata! Retiro-me, que naõ quero ver taõ cara a cara a causa das minhas afflicções.

Ismen.

Ismen. Naõ negues; já ſey, que naõ he Fiton, he Chichisbeo.

Chirin. Meus peccados! Lá vay o ſegredo cos diabos! Pois Voſſa Alteza meſmo ouvio tudo da meſma ſorte? Ay deſgraçada de mim!

Ismen. Tudo ouvi.

Chirin. Ora digame, Senhora: e que Faetonte naõ era filho do Sol?

Alban. Que ouço! Alma reſpira, que já naõ he difficultoſa a tua felicidade.

Ismen. Tambem ouvi iſſo, naõ ha duvida.

Chirin. Senhora, veja por ſua vida, ſe ouvio, que eu naõ quero ficar em má conta com Chichisbeo?

Ismen. Dize, que eu te empenho a minha Real palavra, para apadrinhar a Chichisbeo.

Chirin. Aſſim foy, Senhora, mas veja naõ me engane, que ſe o naõ ouvio, eu naõ quero faltar ao ſegredo; porque ainda que rapariga, naõ ſou cá de mexericos, iſſo naõ.

Ismen. Deſcança: Tu has de dar a ElRey eſta noticia, e a Albano, para que com taõ feliz annuncio alente a ſua amoroſa pretençaõ.

Sahe Albano.

Alban. Albano, Senhora, já a teus pés com

com reverente acatamento quer gratifi
car a felicidade de se ver favorecido n
tua lembrança.
Ismen. Vay, Chirinola, noticiar a ElRe
este desengano.
Chirin. Uy Senhora, Vossa Alteza naõ sa
be, que Chichisbeo me recommendou
tanto o segredo? E entaõ que conta pos
so eu dar de mim, se o souber ElRey
e todo o Mundo? Oh curiosidade, em
que afflicções me meteste! *Vaise*
Ismen. Vay, e naõ te dilates: Ay Alba-
no, e que pouco conheces o jubilo, que
em meu peito amante causou este feliz
desengano!
Alban. Eu o reconheço; pois sempre na
balança de minha estimaçaõ soube con-
trapezar os requintes, a que se sublima
raõ os quilates de teu fino amor; por
isso senti com taõ vehemente desgosto
o duro golpe, que com injusta violen-
cia quiz cortar o estreito vinculo, com
que Cupido nos unio os corações; mas
agora, que me considero outra vez uni-
do ao bem, de quem me suppunha se-
parado, com continuos agradecimentos
corresponderey a taõ successivos favores.
Ismen. Na minha firmeza acharás eterna a
lealdade, com que constante te adorey.
Alban.

Alban. Nella eterniza amor a gloria de ſuas felicidades.

Canta Albano a ſeguinte

A R I A.

Iſmene querida,
Meu bello portento,
Naõ mudes de intento;
Pois magoa ſeria,
Que chegue a morrer,
Quem morre de amor.
Na tua lembrança
Só viva a memoria
Da celebre gloria,
Que cauſa hum favor. *Vaiſe.*

Iſmen. Que he iſto, que por mim paſſa? Albano por hum caſual acidente ficou ſentindo o duro golpe de minha apparente mudança; Faetonte com cauteloſos enganos pretendia ſeparar os eſtreitos vinculos, com que amor nos enlaçou os affectos, ao meſmo tempo, que com reciprocas finezas ſe correſpode com Egeria! Oh queira amor naõ ſejaõ mayores os fingimentos de Faetonte, para eu naõ ter mais impoſſibilidades, que vencer no Hymeneo de Albano!

Sabe Faetonte.

Faet. Que tens, adorada Iſmene? Se Albano

bano te occasionou algum motivo de sentimento, fazeme participante da queixa, que logo com a sua morte verás satisfeita a tua pena.

Ismen. As minhas penas, Faetonte, nascem das penas que me dás; naõ voes taõ alto, que logo a minha desgraça abaterá as azas, com que ligeira corre, para difficultar as minhas felicidades.

Faet. Naõ te entendo, Ismene.

Ismen. Pois bem me entendo, Faetonte; e torno-te advertir, que o muito voar naõ he meyo efficaz para subir; mas motivo infallivel para hum ambicioso se abater. *Vaise.*

Faet. Ay de mim, que as palavras de Ismene infundiraõ em meu timido coraçaõ, naõ sey que occulto veneno, que me parece naõ cabe já dentro em meu peito, e quer de mim sahir, por naõ se achar bem comigo! Mas eu em Ismene apurarey as confusões deste enigma: espera, Ismene.

Sahe Egeria.

Eger. Que ha de esperar, falso, traidor amante? Que esquecido ao juramento, que fizeste, de defender a minha causa, sem causa, nem motivo, que possa condecorar a tua infelicidade, buscas a Ismene,

mene, para me offender ingrato.

Faet. Deixa-me, Egeria; se a desgraça cuidadosa te segue, para que me persegues tu taõ diligente, se naõ motivo as tuas infelicidades?

Eger. Já te deixo, infame; já fujo da tua vista, fementido; porque naõ quero ver nas fortunas de Ismene a occasiaõ da minha morte: e assim como Ninfa do Eridano vou já inundar a copia de suas crystallinas aguas, com as correntes de minhas enternecidas lagrimas, até que o Ceo, compadecido da minha desventura, e justiceiro à tua infidelidade, vingue com teu precipicio a minha queixa. *Vaise.*

Faet. Valha-me o Ceo! Isto he sonho, ou realidade? Ismene advertindo-me, que a ambiçaõ de subir he tropeço para me despenhar, e Egeria culpando-me de perjuro, pedindo ao Ceo justiça! Justos Deoses, que vaticinios saõ estes, que amedrentaõ este timido coraçaõ? He verdade que eu prometti a Egeria defender a sua causa, para cingir a Coroa; mas foy sem saber, que havia de comprar a Purpura à custa do sangue de Ismene: pois mal poderia tirar a vida ao original, quem primeiro entregou à co-

pia toda a alma. Ay Ifmene, que tu e
a motora das minhas defventuras! Por
que fe figo a caufa de Egeria, preciſo
me a tirarte a vida, e na precifaõ da tu
vida fico fem alma: Se deixo a Egeria
para te feguir, tenho contra mim a pe
feguiçaõ dos Deofes; pois incorro n
culpa de perjuro. Mas ay de mim
que ahi vem Ifmene com ElRey! Re
tiro-me, por naõ ver a huma ingrata.

Retira-fe ao baftidor.

Sahem ElRey, Ifmene, Albano, Mecenas e Chirinola.

Rey. Pois Faetonte he hum pobre Paftor
e naõ filho do Sol?

Faet. Ay de mim! Que ouço? Eftou fe
alma!

Alban. Affim o confeffa Chichisbeo, com
padecido do noffo engano.

Faet. Ah infiel Fiton, que tu me precip
tafte!

Mecen. e *Ifmen*. Eu o ouvi dizer a Chirinol

Chirin. Agora entro eu: queira Jupiter
que eu o diga de fórte, que fempre f
que em fegredo, por naõ faltar a Ch
chisbeo.

Rey. Chirinola, defengana-nos: Quem
diffe, que Chichisbeo era Faetonte?

Chiri

irin. Senhor, eu só o posso dizer em segredo: Se Vossa Magestade promette naõ revelar nada, eu entaõ direy, que he hum Pastor, e por final, que sua mãy he outra Pastora, que guarda as féras de huma Dona Diana, que he Senhora dos bosques.
ey. Oh como andey acelerado em admittir a Faetonte por filho do Sol, e em crer a fingidas insinuações do Magico! Perdoa, Albano, a injusta repugnancia do teu Hymeneo; mas como sabes, que a extincçaõ da luz me deu apparentes motivos, para suppor era insinuaçaõ dos Deoses a demora das nupcias, entendo, que me sobraõ fundamentos para a minha desculpa; e para que a alegria da posse suavize o desgosto da desesperaçaõ, já Ismene será tua feliz esposa a pezar dos fingimentos do enganoso Fiton, e falso Faetonte.
et. Ay de mim infeliz! Este fim, que he o meu mayor precipicio!
lban. Senhor, mal póde ser culpa o que naõ foy advertencia, pois padecemos todos o mesmo engano.
irin. Vossa Magestade naõ diga nada a ninguem; peço-lhe pela vida da Senhora Ismene; e para que o naõ diga, ha

de me prometter huma cousa.
Rey. Que he?
Chirin. Que naõ ha de fazer mal a Ch
chisbeo, porque elle naõ teve culp
nestas arengas, como sabe sua Altez
Rey. Naõ merece perdaõ taõ grande cu
pa; ambos padeceráõ o rigor de minh
iras.
Chirin. Senhora, lá se avenha, ha me d
fazer boa a palavra, que me deu.
Ismen. Senhor, eu prometti a Chirinola
vida de Chichisbeo, se ella confessasse
e assim . . . .
Rey. Basta, Princeza; eu lhe perdo-o
pois tu o padrinhas.
Alban. Pois Senhor, se eu qual Arabic
Fenix das cinzas do esquecimento rena
ço para ter nova vida na esféra de tu
lembrança; peço-te, que naõ castigu
a Faetonte; porque quero antes, qu
morra aos golpes de huma furiosa dese
peraçaõ, do que vello perder a vida a
fios de hum cutello; e assim. . . .
Rey. Bem está: fique muito embora p
decendo as violencias de huma mor
successiva nas mãos da desesperaçaõ; po
que a loucura, que o incitou a taõ i
opinado insulto, fica incapaz de tod
o mais castigo: vamos, Albano.
Alba

han. Obediente te ſigo.

Vaõ-ſe todos com ElRey

irin. Ainda que naõ guardey o ſegredo, tenho ſegura a vida de Chichisbeo, que he o que mais importa.

et. Immortal devo ſer, pois naõ perco a vida, no dia, em que perco a Iſmene! Iſmene, eſpera.

nen. Que queres, Faetonte?

et. Que te lembres de minha amoroſa conſtancia, para que aſſim mitigue com a conſideraçaõ de lembrado o duro golpe de desfavorecido; porque hum amor . . . .

nen. Que dizes, Faetonte? Ainda a tua louca temeridade preſiſte no meſmo delirio? Adverte, que ſe permitti eſſas affectuoſas expreſsões, quando te conſiderey filho do Sol, agora que conheço ſeres hum humilde Paſtor, te naõ poſſo conceder o meſmo indulto: vay-te, que em Egeria acharás propicia a fortuna, para veres premiado o teu amor.

Faz que ſe vay.

aet. Senhora . . . .

ſmen. Naõ mais, Faetonte.

aet. Adverte . . . .

ſmen. Naõ ha, que advertir.

aet. Que eu ſempre . . . .

Iſmen.

Ismen. Naõ quero ouvirte.

Faet. Rendido . . . .

Ismen. Naõ passes adiante.

Faet. Te dediquey o meu amor.

Ismen. Deixa-me, Faetonte.

Faet. Como te posso deixar, se sempre desvelada te busca a minha fé?

Ismen. Chirinola, chama quem prenda este louco.

Chirin. Eu vou, Senhora. *Vaise.*

Faet. Louco sim; mas he porque delirante o meu cuidado enferma de adorarte; e que pouco correspondes, Ismene, aos delirios deste fino amor!

Ismen. Vay-te, Faetonte; naõ queiras, que a minha indignaçaõ te precipite.

Faet. Que mais precipicio, que o da minha esperança, cahindo do ceo dessa belleza para o abysmo da minha desesperaçaõ? Ay Ismene, que me tyrannizas a alma! E para que vejas, que desestimo a vida, vou buscar a minha morte; que se morro por ti, quando te adoro; quando te perco, bem he que perca a vida. *Vaise.*

Ismen. Fortuna, pois estamos sós, responde às queixas de huma infeliz. (Se he que a huma infeliz ouvio as suas queixas a fortuna.) Se querias, que admit-

tisse

tisse a Faetonte, porque naõ anticipasse a occasiaõ de vello, para lhe dar a primazia na correspondencia? Pois se se só Albano logra as primicias de meu amor, para que me persegues com as opposições de Faetonte? Oh, suspende a roda de tuas inconstancias, para que eu segure as firmezas de minhas felicidades!

Canta Ismene a seguinte.

A R I A.

Fortuna, que inconstante
Te ostentas rigorosa,
Quando serey ditosa?
Quando sey feliz?
Suspende por hum pouco
Teu moto accelerado,
Naõ seja sempre o fado
Cruel a huma infeliz. *Vaise.*

S C E N A III.

Bosque, como ao principio. Sahem Faetonte, e Fiton.

Dentr. GUardem do louco, guardem do louco.

Faet. Vês, infiel Fiton, que já estou feito alvo da irrisaõ popular?

Fiton.

Fiton. E qual he a caufa, que move tal ludibrio?

Faet. A tua infidelidade; pois differte naõ era eu filho do Sol: e fe pela tua aleivofia chego a tal opprobrio, com a tua morte darey fatisfaçaõ às minhas iras.

Puxa por hum punhal.

Fiton. Faetonte, naõ te precipites, que eftás enganado: (primeiro eftá que tudo a minha vida) como podia eu negar, o que já tantas vezes confeffey? Tu es o verdadeiro filho do Sol; e para que te defenganes, chama a Apollo teu pay, que elle refponderá benigno às tuas vozes.

Faet. Inuteis confidero todas as porfias; que as vozes de hum infeliz, nem ainda o vento as ouve; mas fe a diligencia he progenitora da fortuna, naõ quero malograr as fortunas por omiffaõ da diligencia.

Canta Faetonte o feguinte

RECITADO.

O' tu luzida antorcha.
Que neffa etherea Sala predominas
A brilhante caterva
De todos os Planetas,
Ouve os eccos, as vozes, os clamores
de hum mifero infeliz, a quem a forte
Dá na vida o rigor da mefma fórte.

Sala

Sala Imperial do Sol, em que apparecerá Apollo, que descerá em huma nuvem, a qual trará na parte esquerda outro assento para Faetonte, e cantaõ ambos alternativamente o seguinte

RECITADO.

Apol. Quem he, que ternamente
Remette ao Deos Apollo a sua queixa?
Faet. Faetonte te busca, ò Deos luzente,
Para que a tua piedade
Lhe dê honra, nobreza, e Mageſtade:
Hũ humilde Paſtor todos me chamaõ,
E aſſim ſaber pretendo,
Qual he minha nobreza; pois preſumo,
Que a ſer filho do Sol, naõ permittira
Ver com tanta ignominia ultrajado
O regio eſplendor, que tenho herdado.
Apol. Suſpende, Faetonte, eſſa chyméra
Da tua fantazia;
Do Sol herdas os rayos, com q̃ brilhas:
E ſe queres deſterrar eſſe temor,
Pelo Lago Averno aqui te juro
De te facilitar todo o ſeguro.
Faet. Se me dás faculdade,
Apol. Para tudo ta dou.
Faet. O que te peço
Me leves ao Celeſte Firmamento,
E do carro flammante,
Em que gyras o Orbe,

Me

Me entregues o dominio.

Apol. Impoſſivel
Será de conſeguir.

Faet. Porque?

Apol. Porque temo o teu perigo.

Faet. Naõ temas, naõ recees.

Apol. Conſidera.

Faet. Nada conſidero.

Apol. Adverte, Faetonte.

Faet. Naõ ha, que advertir;
Deſſe carro flammante
Hey de governar hoje a luz brilhante,
Para que toda a esféra Orbicular
Conheça a fidalguia,
Que me aléta, ennobrece, e ſabe hõrar.

Apol. Nada valem cõtigo os meus temores?

Faet. Inuteis ſaõ, e ſem fruto eſſa porfia,
Que quẽ do Sol herdou os reſplandores
As luzes do meſmo Sol ſabe ſeguir,
Qual Aguia Imperatriz, q̃ eſſa luz pura
Segue ſẽ temor, o buſca com ventura,
E ſe nas mãos do deſprezo hey de aca-
Melhor ſerá, que morra (bar,
Honrado, e ennobrecido,
Como filho do Sol reconhecido.

Apol. Vença, pois, hoje a induſtria
A violencia dos fados,
Que inſtruido primeiro
Gyrará com ventura

Eſſe

Eſſe globo Celeſte.

Faet. Que reſpondes, Apollo?

Apol. Sóbe comigo, e vem ao Firmamento
Deſſa celeſte esféra,
Aonde cumprirás o teu intento.

Faet. Já goſtoſo te ſigo,
Pois já nobreza tenho.

Apol. Nobreza terás.

Amb. E indo Comtigo. / Comigo.
Com pompa luzida
Se ha hoje de ver
No claro farol:
A gloria ſubida,
Com que reſplandece
O filho do Sol.

Sóbe Faetonte elevado de huma columna até ſe ſentar na nuvem. Vaõ-ſe, e deſapparece a Sala, ficando em boſque como ao principio.

Fiton. Oh queira Jupiter ache Faetonte a fortuna proſpera, para ſuperar o rigor dos fados; mas como temo, que a remontada eminencia, a que a ſua ambicioſa cegueira o eleva, ſeja a meſma, que o leve cauteloſa para o mais eminente deſpenho! Mas aqui vem Chichiſbeo: retiro-me, para obſervar os ſeus movimentos.

Sabe

Sahe Chichisbeo.

Chich. Dou eu a Deos a quem tem entendimento, que de hum deſtes logo ſe fia fazer tudo com muito ſizo, como fez o meu amigo Faetonte, que para moſtrar, que naõ era de todo tollo, poz o corpo em arrecadaçaõ, e deixou a minha vida por hum fio.

Fiton. Naõ foras tu neſcio. *à part.*

Chich. Foy o caſo: Vio Faetonte o caldo entornado, e que fez? Deu às palanganas, deixando o perrexil de Chichisbeo para pratinho do deſenfado das iras del-Rey, que a eſtas horas ſupponho, que ſe come de raiva, por engolir a lograçaõ da minha Magica: e tem muita razaõ, que naõ he eſte bocado taõ ſaboroſo, que ſe poſſa tragar.

Fiten. Por tua culpa ſe vê Faetonte propinquo ao mayor precipicio. *à part.*

Chich. Ainda aſſim, era bem feito, que ElRey me pozeſſe as mãos, e a boa vontade, que eu tive a culpa de todos eſtes enredos; que ſe me naõ metera a deſcobrir o filho do Sol, naõ veria agóra poſta ao Sol a minha mentira.

Sahe Chirinola.

Chirin. Por mais, que corra, e que diſcorra, naõ poſſo encontrar a Chichiſbeo,

beo, para lhe intimar a ſua ventura, na fortuna, que teve na benignidade delRey; mas ay, que elle aqui eſtá! Deſcanſa coraçaõ. Chichisbeo?

Chich. Ainda me tu appareces, falſa Chirinola? Dize-me, embuſteira, tanto pejo te fez hum ſegredo, que no meſmo inſtante, em que o concebeſte, o vomitaſte nas bochechas delRey?

Fiton. Em boa ſecretaria o meteo, para ſe naõ revelar.

Chirin. E que havia eu de fazer, ſe Iſmene tudo ouvio?

Chich. Negar a troxe moxe.

Chirin. E que fazia com iſſo?

Chich. Pôr o caſo em duvida, porque o caſo negado nunca he bem provado; e em quanto ſe averiguava a verdade, tinha eu tempo de pôr o vulto na guardaroupa da ſegurança, e por tua culpa eſtou agora em termos de o veres pendurado no cabide da forca.

Chirin. Naõ temas tal, que Iſmene pedio a tua vida a ElRey.

Chich. Viſto iſſo naõ morro deſta tratada?

Chirin. Trata tu de te livrar de outra, que deſta eſtá livre a tua vida.

Chich. Vivas muitos annos: ſempre agradecido ao livramento da ſoltura, que me

me naõ podiaõ fazer bom cabello as ligaduras da morte.

Fiton. Vaſo máo nunca quebra.

Chich. Ora dizeme, Chirinola, que ſe diz em Palacio de Faetonte? Iſmene ſentio naõ ſer filho do Sol?

Chirin. Iſmene de nenhuma ſorte; antes parece que o eſtimou.

Chich. E Egeria, que diz à tyrannia, com que a deſprezou?

Chirin. De Egeria naõ ſey nada; ſó ſey, que impaciente ſe auſentou para as aguas do Eridano, aonde habita como Ninfa.

Chich. Hiria tomar banhos de paciencia para refrigerio do calor da deſeſperaçaõ, em que a pozeraõ as chammas dos zelos; mas tem tu maõ, que ſe me naõ engana a viſta, ella anda paſſeando a pé enxuto as aguas de Eridano: cheguemos nós para lá pé ante pé, para peſcarmos alguma couſa do que ella diz.

Deſcobre-ſe a marinha, e apparece Egeria no carro como ao principio, e canta a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

O' Deoſes ſoberanos, ſe ſois juſtos,
Como aſſim permittis injuſtamente,
Que hum traidor, fementido,
Falſo, e perjuro amante

Hum

Hum affecto conſtante
Deſpreze, ſem temor de voſſas iras?
Deixando-me ultrajada,
Afflicta, e impaciente,
Dos zelos padecendo o activo ardor
Sem alivio, ſem remedio a tanta dor?

A R I A.

Nas chammas dos zelos
Minha alma abrazada,
Com furia ardente,
Impaciente,
Delirante,
De hum falſo amante
Aos Deoſes ſupremos
Se chega a queixar.
Com juſta violencia
Vingança, caſtigo,
Contra eſte inimigo
Os Ceos me haõ de dar.

Chich. Chega-te para ella, e apáralhe os ſopapos: aquillo he deſeſperaçaõ refinada.

Apparece Faetonte no alto em hum reſplandecente carro.

Eger. Para quando, ò Deoſes ſoberanos, guardais a voſſa indignaçaõ; ſe a hum falſo amante, que tanto burlou as minhas eſperanças, deixais iſento de caſtigos?

gos? Jupiter ſupremo, para quando ſaõ os rayos, ſe naõ abrazais hum peito fementido, que taõ tibio correſpondeo aos incendios de hum fino amor? Oh venhaõ as voſſas vinganças, para que o Mundo, conhecendo o caſtigo, reconheça a equidade da voſſa juſtiça.

Faet. Agora que em luminoſo carro (como ſubſtituto de meu pay Apollo) alento os Planetas com rayos, e revolvo a Celeſtial esféra com gyros, quero gyrar a esféra Terreſtre, encaminhando o meu brilhante curſo às caudaloſas correntes do Eridano, para que Iſmene ſe aſſombre em hum epilogo de luzes, já que me ſubmergio em hum pelago de deſprezos. Verá Tages, e verá toda a Italia enthronizado em ſolio de reſplendores o meſmo, a quem confundio com abyſmos de humildades.

Fiton. Já Faetonte ſe vê no radiante carro do Sol: queira Jupiter, que as minhas ſciencias ſejaõ fabuloſas.

Faet. Já diviſo a Regiaõ de Italia; já diviſo as cryſtallinas enchentes do undoſo Eridano; pois que faço, que naõ encaminho os meus gyros aos ſeus criſtaes, para retratar nelles a grandioſa pompa de meus luzimentos? Mas ay de mim,

que

que os brutos enfurecidos correm ſem governo! Mas que muito ſe diſcorrem guiados da minha infelicidade!

Ruido dentro.

Dentr. Deoſes, piedade! Jupiter, ſoccorro!

Outros. Que me queimo! Que me abrazo!

Outros. Clemencia, Deoſes! Favor, Jupiter!

Sahiráõ todos.

Eriton. Ay infeliz Faetonte, que naõ foraõ ſem fundamento as minhas cautelas!

Faet. Inuteis ſaõ todas as porfias: ay Egeria, que os Deoſes conjurados contra mim, querem que pague com meu precipicio a culpa, que commetti, faltando ao juramento, que te dey!

Paſſa hum rayo, atraveſſando o carro, e cahe Faetonte nos braços de Egeria.

Eger. Ay de mim infeliz! Mas que vejo? Naõ es tu o fementido Faetonte, a quem os Deoſes, compadecidos da minha injuria, precipitaõ juſticeiros para caſtigo da tua infidelidade? Olhay, ſe as aguas do Eridano naõ foraõ as que te erigiraõ decente tumulo, para ſepultar a tua ingratidaõ; as correntes de meu pranto ſejaõ as que purifiquem as manchas de tua inconſtancia para que ſe patenteem os realces da tua firmeza; Mas ay! Ay que já entregou nas mãos da

morte os ultimos eſpiritos, para deixar de todo ſem alentos a minha eſperança!

Todos. Horroroſo caſtigo!

Rey. Qual ſerá a cauſa de tanta conſternaçaõ?

Fiton. He tempo de romper as prizões ao ſilencio, que perdido Faetonte já naõ ha mais que perder. *à part.* *Sabe.* Eu ſou, invicto Tages, o infeliz Fiton, que ſeguindo a Faetonte vivi disfarçado no teu Reino com o nome de Chichisbeo.

Chich. O meu nome feito capa de velhacos! Se naõ fora ElRey . . . .

Fiton. Porque a minha ſolicita diligencia quiz triunfar da tua porfiada vigilancia; pois a ſaber Faetonte quem era, eſta meſma ſciencia lhe havia de ſervir de mayor ruina por cauſa de huma formoſura. E como agora ſe faz preciſa a narraçaõ deſte taõ inopinado caſo, naõ poſſo occultarte quem ſou, nem deixar de manifeſtarte o infortunio de Faetonte.

Chich. Ouçamos, que iſto ha de ſer galante.

Fiton. Sabe, que eſte me quiz tirar a vida (reſentido das ignominias com que ſe vio ultrajado de ti, e de todos de teu Reino) ſe lhe naõ certificaſſe o illuſtre brazaõ de ſua ſoberana origem: e como elle he o verdadeiro filho do Sol, e como

mo tal ſempre das minhas ſciencias reſpeitado, intentey, para deſviar o golpe, que à minha vida ameaçava a ultima ruina, expor a ſua ao rigor dos fados.

Chich. E fez muito bem, que primeiro eſtaõ dentes, que parentes: *Charitas bene ordinata incipit a ſe ipſo.*

Titon. E aſſim lhe inſinuey o modo, com que havia de invocar a Apollo ſeu pay: eſte deſceo a recebello com pompa mageſtoſa, e com a meſma mageſtade o conduzio à celeſte Esféra, para governar o carro do Sol, do qual cahio deſpenhado para os braços de Egeria.

Chich. O certo he, que zombando ſe dizem as verdades.

Rey. Naõ foraõ illuſões, mas verdades, as que ſonhey.

Titon. Eſta, Senhor, foy a cauſa, que me incitou a viver disfarçado no teu Reino; eſte o infortunio do infeliz Faetonte, que de nenhuma ſórte puderaõ as minhas ſciencias evitar: antes me parece, que todos os principios, que intentey para reparo do precipicio, foraõ meyos infalliveis com que lhe acelerey o deſpenho.

Chich. Iſſo foy o meſmo, que errar os principios de meyo a meyo por todos os principios.

Todos. Eſtranho caſo!

Chich. He caſo, que em nenhum caſo ſe póde caſar com outros caſos.

Rey. Temo, Fiton, que Apollo reſentido do injuſto deſprezo, com que ultrajey a Faetonte, com injuſta indignaçaõ empregue em mim o poder de ſuas iras.

Fiton. Apollo, Senhor, bem conhece, que ignoravas quem era Faetonte; e como o caſtigo preſuppoem advertencia de culpa, naõ havendo em ti advertencia de culpa, deſculpa tens para te iſentares do caſtigo.

De repente deſce Apollo em huma nuvem.

RECITADO.

Sabey, que Apollo ſou o Deos flammante,
Que na esféra brilhante
Deſſe Celeſte globo,
Com luzida influencia
A todos os Planetas illumino.
A Faetonte dou por filho caro
De ſemideos a gloria ſempre excelſa,
Nova vida cobrando,
Para que reſuſcite
Novo amante de Egeria.
Iſmene ſerá de Albano eſpoſa:
E em doce Hymeneo todos unidos,
Iſmene na Liguria com Albano,
Faetonte na Italia, e Eridano,

Rei-

einaráõ ; porque fique desta sórte
geria satisfeita,
ois com pompa luzida
o seu Reino se vê restituida.

odos. Prodigioso súccesso!

Sahém Faetonte, e Egeria do mar.

hich. E mais prodigioso para Faetonte, pois para cá vem com bom successo.

ey. Naõ posso contrariar preceitos taõ justos, mayormente quando reconheço a justiça de Egeria na successaõ desta Monarquia.

hich. Isso he fazer da necessidade virtude.

aet. Feliz mil vezes, quem resuscitando vive para consagrar nas aras de tua belleza huma nova vida, e taõ nova, que se aquella por naõ viver comtigo me conduzio às mãos da morte; esta me encaminha para a vida, pois vivo já de morrer por ti.

Eger. Da morte dos desprezos passou o meu amor para a vida dos favores.

Chich. Isso he passar da morte para a vida, como quem passa da vida para a morte.

Ismen. Albano, se como Princeza fuy alvo de teus favores; agora naõ permittas, que eu seja objecto dos teus desprezos.

Alban. Enganas-te, Ismene; naõ ha mayor im-

imperio, que o da tua belleza, da qual ſempre vaſſallo ſe confeſſa o meu amor.

Chich. Chirinola, já vês, que enforquey os livros da Magica: acorda-te de mim.

Chirin. Eu ſempre ſonhey em te querer: Tua ſou.

Chich. Pois entaõ que fazes? Dá cá eſſa maõ de papel, que quero imprimir nella as cifras da minha affeiçaõ.

Mecen. Perdida Egeria, com o amor voou a eſperança de reinar.

Chich. Senhor Mecenas, contente-ſe voſſa merce neſtes caſamentos com o ſeu nome, que melhor ſe ha de caſar com o officio de padrinho.

Rey. Eſclarecido Faetonte, relevame os deſprezos paſſados; pois bem ſabes foraõ dominados de huma indiſcreta ignorancia.

Faet. Antes os devo eſtimar, por ſerem venturoſos motores de minhas felicidades: e já que do abyſmo da humildade, em que me conſiderey abatido, me acho agora enthronizado na gloria de filho de Apollo; repita o Coro com melifluas conſonancias, publicando a mageſtade ſuprema, a que me elevou a fortuna nos reſpeitos, que conſigo como filho do Sol.

CO-

CORO.

Na têa luzente
Do ſacro Hymeneo
Se accenda brilhante
O rayo flammante
Do filho do Sol.

FIM DO SEGUNDO TOMO.

PRO-

PROTESTAÇAM
DO COLLECTOR.

AS palavras *Deoſes*, *Numen*, *Fado*, *Divindade*, *Omnipotencia*, e *Soberania*, ſe devem ſómente entender no ſentido Poetico, e naõ de nenhuma outra maneira; porque ſómente ſe uſa dellas neſtas Obras, como neceſſarias para adorno da composiçaõ Dramatica, e expreſſaõ dos Epiſodios Comicos, e naõ com intençaõ de offender em couſa alguma aos dogmas da Santa Madre Igreja, a quem, como obediente filho, me ſujeito em tudo o que ella determina.